

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE INHUMAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM EDUCAÇÃO (PPGE)

MAYARA PEREIRA DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE A PERCEPÇÃO DOS  
PROFESSORES ACERCA DA FORMAÇÃO HUMANA DAS CRIANÇAS DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE INHUMAS - GOIÁS**

Inhumas

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE INHUMAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO (PPGE)

MAYARA PEREIRA DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE A PERCEPÇÃO DOS  
PROFESSORES ACERCA DA FORMAÇÃO HUMANA DAS CRIANÇAS DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE INHUMAS - GOIÁS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UEG), da Universidade Estadual de Goiás, UnU Inhumas, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre.

**Orientador:** Prof. Drº Made Júnior Miranda

**Linha de pesquisa 2:** Cultura, Escola e Formação

Inhumas

2024

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S237a SANTOS, Mayara Pereira dos  
UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE A PERCEPÇÃO DOS  
PROFESSORES ACERCA DA FORMAÇÃO HUMANA DAS CRIANÇAS DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE INHUMAS - GOIÁS  
/ Mayara Pereira dos SANTOS; orientador Made Júnior  
MIRANDA. -- Inhumas, 2024.  
312 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação  
Mestrado Acadêmico em Educação) -- Unidade de Inhumas,  
Universidade Estadual de Goiás, 2024.

1. Desenvolvimento humano da criança. 2. Educação  
infantil. 3. Teoria histórico-cultural. 4. Finalidades  
educativas. 5. Conceitos. I. MIRANDA, Made Júnior,  
orient. II. Título.



Universidade  
Estadual de Goiás



ESTADO DE GOIÁS  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIDADE UNIVERSITÁRIA INHUMAS

Ata Nº 6 da sessão de Defesa de Dissertação de **MAYARA PEREIRA DOS SANTOS** que confere o título de **Mestre em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Goiás-PPGE/UEG, na área de concentração em **Educação**.

**Aos doze dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro (12/03/2024)**, a partir das **14:30h**, nas dependências da UnU Inhumas, de forma presencial, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"Uma análise histórico-cultural sobre a percepção dos professores acerca da formação humana das crianças da educação infantil da rede municipal de Inhumas - Goiás"**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Prof. Dr. Made Júnior Miranda – UEG (Presidente); Profª. Drª. Renata Ramos da Silva Carvalho (Membro Interno); Prof. Dr. Thiago Camargo Iwamoto (Membro Externo). Durante a arguição, os integrantes da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus integrantes, condicionada à incorporação das indicações da banca e à revisão rigorosa de português e de ABNT na dissertação, dentro do prazo estabelecido. Proclamados os resultados pelo (a) Prof. Dr. Made Júnior Miranda, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos doze dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Made Júnior Miranda – UEG (Presidente)

Profª. Drª. Renata Ramos da Silva Carvalho (Membro Interno)

Prof. Dr. Thiago Camargo Iwamoto (Membro Externo)

Profª Drª Simone de Magalhães Vieira Barcelos (Suplente Interno)

Prof. Dr. Cláudio Márcio de Araújo (Suplente Externo)



Documento assinado eletronicamente por **MADE JUNIOR MIRANDA, Docente de Ensino Superior**, em 13/03/2024, às 17:16, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **RENATA RAMOS DA SILVA CARVALHO, Coordenador (a)**, em 14/03/2024, às 13:45, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **Thiago Camargo Iwamoto, Usuário Externo**, em 14/03/2024, às 15:26, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site  
[http://sei.go.gov.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=1](http://sei.go.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=1) informando o código verificador **56878030** e o código CRC **F7673EB2**.

---

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIDADE UNIVERSITÁRIA  
INHUMAS  
AVENIDA ARAGUAIA 400 Qd.14 Lt., S/C - Bairro VILA LUCIMAR - INHUMAS - GO - CEP  
75400-000 - (62)3514-1345.



Referência: Processo nº 202400020002980



SEI 56878030

Dedico este trabalho a todas as crianças da educação infantil que dependem das instituições públicas deste país.

Esta pesquisa é por vocês e para vocês.

Todas as crianças brasileiras têm o direito de terem a sua disposição instituições públicas de qualidade que tenham a criança como ponto central desse processo e que priorizem a formação e o desenvolvimento humano.

## AGRADECIMENTOS

São tantos...

*A casa nem sempre é um lugar, não é?  
(Charlie Mackesy)*

A casa são as pessoas...

Elas é que fazem um lugar, um momento e uma fase da vida ser especial ou não.

No final de tudo são elas que ficarão na nossa memória e até nos nossos corações.

Por isso são muitos os agradecimentos e para diferentes pessoas...

Mas, preciso começar agradecendo a pessoa mais importante de todo esse processo, que se não fosse ele eu jamais estaria aqui concluindo essa missão. Meus agradecimentos vão para ele, que esteve comigo desde o início e que sempre me deu suporte e força quando precisei, me motivou indicou os caminhos a seguir, meu professor querido e orientador, Drº Made Junior Miranda.

Se não fosse por ele talvez eu não tivesse tido essa oportunidade.

Receba meus sinceros agradecimentos professor!

Preciso dizer que eu corri de Vigotski por toda a minha vida acadêmica, sempre escolhia outros caminhos, que foram bons também, todavia preciso admitir que nenhum outro autor me caiu tão bem quanto Vigotski. Quando estudei o primeiro livro que o professor Made indicou, a impressão era de que tudo que eu acreditava estava sendo descrito ali, naquele livro. Talvez meu orientador me conhecesse melhor que eu mesma, me deu de presente um suporte teórico que mudou o rumo dos meus estudos e este mérito é todo dele, que me apresentou a essa teoria e que desde o início me incentivou a estudá-la. Parece que ele já compreendia melhor do que eu que a teoria histórico-cultural não serviria apenas para a minha pesquisa de mestrado, mas também para a minha vida como um todo.

Obrigada professor por me dar uma base para construir os meus alicerces de estudos. Depois de conhecer a teoria histórico-cultural carreguei a frase da Minayo para a vida,

*“[...] teorias e conceitos não são camisa de força, são camisa sim, produzida de um tecido que adequa o corpo ao ambiente e protege o pesquisador das intempéries de seus julgamentos solitários, valorizando sua contribuição”.*

Professor, externo minha admiração pelo profissional que o senhor é, mas também por ser essa pessoa grandiosa. Obrigada por ser apoio por todo esse caminho e por ter sido tão pontual nos momentos mais difíceis, quando eu recorria ao senhor como uma última instância, mas também por ter sido zeloso nos momentos de alegria. O senhor sempre cuidou de mim e do meu trabalho com muito carinho, respeito e dedicação, e isso, com certeza eu levarei por todos os dias da minha vida.

Estendo o meu agradecimento às professoras que prontamente aceitaram participar da pesquisa, que chegavam em mim já com um sorriso enorme no rosto e com uma “carinha” de esperança. Nossos diálogos foram muito especiais, preciso dizer que elas choraram em muitos momentos da entrevista, e que ao escutá-las quando fui transcrever os diálogos chorei junto. Vocês são mulheres fantásticas e desenvolvem trabalhos maravilhosos além de amarem suas crianças, preciso dizer que às vezes nosso trabalho não dá certo não é por nós, é por forças externas muito maiores que a gente. Dessa forma, eu entendo vocês e sei que fazem tudo que podem com as condições que tem disponíveis. Admirei cada uma que contribuiu com essa pesquisa e desejo que a vida retribua todo o carinho que tiveram comigo e com a minha pesquisa e resalto que vocês não estão sozinhas.

Meu agradecimento também as diretoras que me receberam muito bem nas instituições e que se dispuseram a organizar um horário para que eu pudesse realizar o meu trabalho. Vocês também foram incríveis.

Preciso avisar a vocês que precisei ser rigorosa e transparente com as análises, se alguma de vocês um dia ler este trabalho, por favor, não levem para o lado pessoal, vocês são pessoas maravilhosas e me ajudaram muito, falaram tudo que puderam, me forneceram muito material para a pesquisa, por isso as análises não são sobre vocês, mas sim do seu trabalho e acreditem existe uma mão invisível que controla o trabalho de vocês, e a análise é sobre ela, sobre um sistema que infelizmente nos deixa em condições precárias de trabalho em todos os sentidos.

Um agradecimento especial também a Claudia, que desde o nosso primeiro encontro, me recebeu tão bem que eu até estranhei, abriu as portas e me deixou tranquila para poder fazer o meu trabalho. Ela abriu as portas da Secretaria Municipal de Educação de Inhumas, me tratou com muito respeito e me ajudando sempre que podia. Você é uma pessoa maravilhosa, obrigada pela receptividade, espero ter a oportunidade de retribuir um dia. E seria ótimo se pudessemos conversar sobre esse trabalho no futuro.

Agradeço à professora Renata pelo carinho, pelo acolhimento e muitas vezes pelas palavras orientadoras desde o início desse mestrado. Preciso dizer que mesmo a senhora não sabendo, em muitos momentos foi o suporte que eu precisava e ainda me carregou para Natal,

aquele Colóquio foi uma das melhores coisas que me aconteceram durante esse mestrado, obrigada pela oportunidade. Te admiro muito, tanto como pessoa, mas também como profissional, se um dia eu tiver 10% da sua disposição e alegria com o trabalho e também do seu conhecimento eu já estarei feliz. Tenho pela senhora muito carinho e respeito e fico muito feliz por ter tido a oportunidade de encontrá-la nesse momento da vida. Obrigada por receber com carinho o pedido de estar na minha banca, mesmo sendo de outra linha de pesquisa, eu realmente quis que estivessem comigo nesse momento pessoas humanas e fico feliz que seja a senhora. Obrigada por tudo!

Meu agradecimento também ao professor Thiago que aceitou o pedido de estar nessa banca e principalmente para contribuir com o trabalho. Te admiro muito professor, e quero dizer que nosso diálogo após a qualificação foi intenso e muito significativo, o senhor me colocou para pensar e refletir em muitos momentos necessários e em diferentes aspectos. E preciso dizer que gostei muito do nosso diálogo na qualificação e depois dela também (Rs...) e já te admiro desde então. Obrigada por aceitar estar comigo por mais esse momento de formação, espero um dia poder retribuir.

Um agradecimento especial ao programa, posso dizer que eu escolhi estar no PPGE Inhumas por diversos motivos e um deles é por acreditar que a UEG é mais humana do que outras universidades e isso faz toda a diferença nesse processo árduo de estudo e pesquisa, as pessoas que compõem esse programa fazem de tudo para que seus discentes tenham o suporte necessário para que façam esse mestrado. Obrigada pela oportunidade de fazer parte disso!

Meu agradecimento a todos os professores que tive a oportunidade de conhecer no programa, alguns pude cursar suas disciplinas, mas todos contribuíram de alguma forma nesse processo formativo tão intenso. Um agradecimento especial aos professores das disciplinas que cursei durante esse processo, meus sinceros agradecimentos e sintam-se abraçados, Dr<sup>a</sup> Simone, Dr<sup>a</sup> Marlene, Dr<sup>a</sup> Valdirene, Dr<sup>a</sup> Liliane, Dr<sup>a</sup> Sylvana, Dr<sup>a</sup> Renata e também ao meu orientador Dr<sup>o</sup> Made.

Meu agradecimento as minhas amigas e companheiras de mestrado que foram suporte em diversos momentos, obrigada pelo carinho, pelo acolhimento e pela disponibilidade em escutar sempre, Lais, Ana Paula e Cassia.

As minhas amigas fora do mestrado que suportaram minha ausência e que muitas vezes me sequestravam para terem um momento comigo, seja para desabafar e até para me darem um abraço, dizer que sentiam minha falta, mas que se estivesse precisando de alguma coisa era só chamar. Vocês são especiais, obrigada pela amizade e pelo carinho, Renata, Ana Paula e Lara.

E por último, mas em hipótese alguma menos importante um agradecimento a minha família, eu não tenho nem palavras para descrever o quanto vocês foram o meu suporte durante tudo isso. Amo vocês infinitamente, seremos sempre uns pelos outros, mamãe, papai, maninho, Miloka, Davizinho e cunha, deixarei registrado a forma carinhosa como chamo cada um e não os seus nomes, não me matem (Rs...): Ohana quer dizer família, família quer dizer nunca abandonar ou esquecer. Obrigada por terem sido meu suporte nesse momento.

As palavras compartilhadas aqui mostram que casa nem sempre é um lugar, mas sim, as pessoas, e cada um de vocês que foram lembrados nesses agradecimentos foram a minha casa em diversos momentos desse processo. Vocês são especiais na minha vida!

Finalizo os agradecimentos com a impressão de que não agradei o bastante, parece que às vezes as palavras não são o suficiente para transmitir todo o carinho e admiração que sentimos. Me perdoem se não tiver sido o bastante!

Meu muito obrigada a todos que estiveram comigo até este momento e não soltaram a minha mão.

*A verdade é que todo mundo está tentando  
aprender a voar.  
(Charlie Mackesy)*

*Não existe uma estrada real para a ciência, e somente aqueles que não temem a fadiga de galgar suas trilhas escarpadas têm chance de atingir seus cumes luminosos.*

*Karl Marx*

*[...] procurar margens de reforma sistêmica na própria estrutura do sistema do capital é uma contradição em termos. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente.*

*István Mészáros*

*Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.*

*Rosa Luxemburgo*

## RESUMO

A presente dissertação se insere na linha de pesquisa Cultura, Escola e Formação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Inhumas. Intitulada, Uma análise histórico-cultural sobre a percepção dos professores acerca da formação humana das crianças da educação infantil da rede municipal de Inhumas – Goiás, esta pesquisa tem suas bases firmadas no materialismo histórico-dialético, como teoria epistemológica, parte da teoria histórico-cultural e como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos partindo das entrevistas com as professoras do município de Inhumas utilizamos os núcleos de significação de Aguiar e Ozella (2006; 2013). O objeto de estudo desta pesquisa é o “desenvolvimento humano da criança”, enquanto o tema é “uma educação infantil pública de qualidade que potencialize o desenvolvimento humano da criança ancorado na teoria histórico-cultural”. Esta pesquisa propôs como objetivo geral entender como o professor da educação infantil compreende o processo de desenvolvimento humano da criança e como ela aprende e também identificar se o professor entende a relevância do seu trabalho no processo de desenvolvimento humano da criança, tivemos como objetivos específicos: I - entender o processo de desenvolvimento humano da criança e como o professor percebe esse desenvolvimento, II - compreender a criança e a infância histórica, social e politicamente, III - analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e como documento norteador no Estado o Documento Curricular para Goiás (DC-GO) em ambas a parte específica para a educação infantil, IV – identificar se o professor tem consciência da importância, relevância e do quanto pode contribuir significativamente para o desenvolvimento humano da criança. Esses objetivos buscaram contribuir para responder a seguinte questão problematizadora: O professor da educação infantil compreende o desenvolvimento humano da criança e como ela aprende? O professor entende a relevância do seu trabalho no processo de desenvolvimento da criança? Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, foi feita inicialmente uma busca booleana para compreendermos o que se estava pesquisando dentro do tema dessa pesquisa, posteriormente foi feita uma pesquisa bibliográfica na tentativa de compreender a criança histórica, social e politicamente, buscamos também analisar os documentos nacionais e estaduais norteadores do trabalho pedagógico das professoras da educação infantil. Com o propósito de compreender a percepção das professoras acerca do desenvolvimento humano da criança foram realizadas entrevistas com roteiro parcialmente estruturado com onze professoras de quatro instituições que atendem somente educação infantil. Utilizamos como autores e obras fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa no marxismo: Marx e Engels (1999), Marx (2017), Mészáros (2008), na teoria histórico-cultural Vigotski (2017; 2018a; 2018b; 2021), Libâneo (2011; 2012; 2019; 2021), Mukhina (2022). Esse estudo mostrou que a rede municipal de educação de Inhumas tem um grande potencial pedagógico para a potencialização do desenvolvimento humano das crianças, mas precisa construir bases teóricas mais sólidas, definir conceitos fundamentais para o desenvolvimento efetivo do trabalho, ter mais clareza com os objetivos que a rede municipal de educação de Inhumas deseja para a educação infantil, elaborar um documento próprio para que a cidade tenha a identidade educacional consistente assim como finalidades educativas mais claras e promover amplo entendimento e esclarecimento do que seja desenvolvimento humano da criança e como ele acontece.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento humano da criança. Educação infantil. Teoria histórico-cultural. Finalidades educativas. Conceitos.

## ABSTRACT

This dissertation is part of the Culture, School and Training line of research of the Postgraduate Program in Education (PPGE) at the State University of Goiás – Inhumas University Unit. Entitled, A historical-cultural analysis of teachers' perception regarding the human formation of children in early childhood education in the municipal network of Inhumas - Goiás, this research has its bases rooted in historical-dialectical materialism, as an epistemological theory, part of the theory historical-cultural and as an instrument for understanding the constitution of meanings based on interviews with teachers from the municipality of Inhumas, we used the meaning cores of Aguiar and Ozella (2006; 2013). The object of study of this research is the “child's human development”, while the theme is “quality public early childhood education that enhances the child's human development anchored in historical-cultural theory”. This research proposed as a general objective the aim of understanding how the early childhood education teacher understands the child's human development process and how they learn and also identifying whether the teacher understands the relevance of their work in the child's human development process, we had as specific objectives: I - understand the child's human development process and how the teacher perceives this development, II - understand the child and childhood historically, socially and politically, III - analyze the National Curricular Guidelines (DCN) and the Common National Base Curricular (BNCC) and as a guiding document in the state the Curricular Document for Goiás (DC-GO) in both the specific part for early childhood education, IV – identify whether the teacher is aware of the importance, relevance and how much they can contribute significantly to the child's human development. These objectives sought to contribute to answering the following problematizing question: Does the early childhood education teacher understand the child's human development and how they learn? Does the teacher understand the relevance of their work in the child's development process? This research has a qualitative approach, initially a Boolean search was carried out to understand what was being researched within the theme of this research, later a bibliographical research was carried out in an attempt to understand the child historically, socially and politically, we also sought to analyze national documents and state guidelines for the pedagogical work of early childhood education teachers. With the purpose of understanding the teachers' perception of children's human development, interviews were carried out using a partially structured script with eleven teachers from four institutions that only provide early childhood education. We used as fundamental authors and works for the development of this research in Marxism: Marx and Engels (1999), Marx (2017), Mészáros (2008), in historical-cultural theory Vigotski (2017; 2018a; 2018b; 2021), Libâneo (2011; 2012; 2019; 2021), Mukhina (2022). This study showed that the municipal education network of Inhumas has great pedagogical potential for enhancing the human development of children, but it needs to build more solid theoretical bases, define fundamental concepts for the effective development of work, and be more clear about the objectives that The municipal education network of Inhumas wishes to prepare its own document for early childhood education so that the city has a consistent educational identity as well as clearer educational purposes and promote broad understanding and clarification of what a child's human development is and how it happens.

**Keywords:** Human development of the child. Child education. Historical-cultural theory. Educational purposes. Concepts.

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1: Quantidade de instituições de educação infantil do município de Inhumas.

FIGURA 2: Mapa da cidade de Inhumas.

FIGURA 3: Quantidade crianças matriculadas na educação infantil no município de Inhumas em 2020.

FIGURA 4: Número total de professores por segmento.

FIGURA 5: Total de professores por modalidade de ensino e tipo de vínculo empregatício.

FIGURA 6: Total de professores por segmento e gênero.

FIGURA 7: Total de professores por segmento e escolaridade.

FIGURA 8: Situação de Goiás em 2022 sobre o cumprimento da Meta 1A – pré-escola.

FIGURA 9: Situação de Goiás em 2022 sobre o cumprimento da Meta 1B - creche.

FIGURA 10: Documentos para nortear o trabalho do professor.

FIGURA 11: Indicadores sobre o conceito de criança das professoras da rede municipal da cidade de Inhumas.

FIGURA 12: Indicadores sobre o conceito de infância das professoras da rede municipal da cidade de Inhumas.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Publicações na BDTD.

QUADRO 2: Órgãos de cuidado da criança e da infância criados no Século XX.

QUADRO 3: Indicadores selecionados sobre qual documento normativo é utilizado.

QUADRO 4: Núcleo de significação sobre como é feito o planejamento das atividades.

QUADRO 5: Núcleo de significação “a” sobre o conceito de criança.

QUADRO 6: Núcleo de significação “b” sobre o conceito de criança.

QUADRO 7: Núcleo de significação “c” sobre o conceito de criança.

QUADRO 8: Indicadores selecionados para o conceito de infância do núcleo de significação “a”.

QUADRO 9: Indicadores selecionados para o conceito de infância do núcleo de significação “b”.

QUADRO 10: Indicadores selecionados para o conceito de infância do núcleo de significação “c”.

QUADRO 11: Indicadores selecionados para o conceito de infância do núcleo de significação “d”.

QUADRO 12: Indicadores selecionados sobre as finalidades educativas da educação escolar para o núcleo de significação “a”.

QUADRO 13: Resposta para cada aspecto da proposta neoliberal.

QUADRO 14: Indicadores selecionados sobre as finalidades educativas da educação escolar para o núcleo de significação “b”.

QUADRO 15: Indicadores selecionados sobre o desenvolvimento humano para o núcleo de significação “a”.

QUADRO 16: Indicadores selecionados sobre o desenvolvimento humano para o núcleo de significação “b”.

QUADRO 17: Indicadores selecionados sobre o desenvolvimento humano para o núcleo de significação “c”.

QUADRO 18: Indicadores selecionados sobre o desenvolvimento humano para o núcleo de significação “d”.

QUADRO 19: Indicadores selecionados sobre o fator importante para o desenvolvimento humano da criança.

QUADRO 20: Indicadores selecionados sobre como é percebido o desenvolvimento humano da criança.

QUADRO 21: Indicadores selecionados sobre o que é importante no trabalho das professoras.

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1: Identificação das linhas de concentração das pesquisas

TABELA 2: Das disposições gerais da pergunta sobre a criança.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CF - Constituição Federal
- CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- DC-GO - Documento Curricular para Goiás
- DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais
- DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
- DEPLAE - Departamento de Planejamento e Administração Escolar
- EC - Emenda Constitucional
- ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
- FACE - Faculdade de administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas
- FPS - Função psíquica superior
- GEPEDI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática Desenvolvidora e Profissionalização Docente
- GEPPE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IFG - Instituto Federal de Goiás
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC - Ministério da Educação
- PNE - Plano Nacional de Educação
- PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação
- PPP - Projeto Político Pedagógico
- PUC Campinas - Pontifícia Universidade Estadual de Campinas
- UEL - Universidade Estadual de Londrina
- UEG - Universidade Estadual de Goiás
- UEM - Universidade Estadual de Maringá
- UEPM - Unidade Escolar Pública Municipal
- UFG - Universidade Estadual de Goiás
- UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará
- UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

UNB - Universidade de Brasília

Unesp - Universidade Estadual Paulista

Unicamp - Universidade Estadual de Campinas

Unioeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

ZDI - Zona de desenvolvimento imediato

ZDP - Zona de desenvolvimento proximal

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>22</b>
1.1. O CAMINHO PERCORRIDO PELA PESQUISADORA.....	23
1.2. O ESTADO E O MUNICÍPIO QUE FAZEM PARTE DESSA PESQUISA – GOIÁS/INHUMAS .....	28
1.3. O PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	39
1.4. PROCEDIMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO .....	46
1.5. MAPEAMENTO E ANÁLISE SOBRE AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS DO TEMA DESTA PESQUISA.....	51
<b>2. A CRIANÇA COMO SUJEITO HISTÓRICO E SOCIAL.....</b>	<b>59</b>
2.1. A CRIANÇA E A INFÂNCIA: DISCUTINDO CONCEITOS .....	63
2.2. A CRIANÇA PARA A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL .....	67
2.3. A CRIANÇA NO CONTEXTO GERAL EM DIVERSOS MODOS DE VIDA .....	74
2.3.1. HISTÓRIA DA CRIANÇA NO BRASIL .....	86
2.3.2. A CRIANÇA NO ESTADO DE GOIÁS E NO MUNICÍPIO DE INHUMAS .....	97
<b>3. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>104</b>
3.1. VIRADA CIDADÃ: UM PANORAMA DA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS – A PARTIR DE 1970.....	106
3.2. POLÍTICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NO BRASIL.....	124
3.3. EDUCAÇÃO INFANTIL – BASE TEÓRICA E CONCEITOS IMPORTANTES .....	135
3.3.1. OS INTERESSES E AS CONTRADIÇÕES NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E NO DOCUMENTO CURRICULAR PARA GOIÁS (DC-GO).....	157
<b>4. CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E SEUS DESDOBRAMENTOS.....</b>	<b>171</b>

4.1. AS FINALIDADES EDUCATIVAS PARA A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	177
4.1.1. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DA CIDADE DE INHUMAS SOBRE AS FINALIDADES EDUCATIVAS ESCOLARES.....	182
4.2. UMA VISÃO A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO DA CRIANÇA E O PAPEL DA PROFESSORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	189
4.2.1. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE INHUMAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO DA CRIANÇA .....	198
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>211</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>220</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>228</b>
APÊNDICE A – QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DOS TRABALHOS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO .....	229
APÊNDICE B: QUADRO DE INFORMAÇÕES DETALHADAS DOS TRABALHOS ENCONTRADOS NA BDTD.....	235
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE...	241
APÊNDICE D - ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS .....	247
APÊNDICE E: ENTREVISTAS .....	249
<b>ANEXOS .....</b>	<b>302</b>
ANEXO A – PARECER COMITÊ DE ÉTICA (CEP) APROVADO .....	303

## 1. INTRODUÇÃO

*“Para um bom estudo da criança é condição obrigatória ter claro o objetivo que se persegue.”*

*(Valeria Mukhina)*

Este estudo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), na Unidade Universitária de Inhumas que se localiza no Estado de Goiás, na linha de pesquisa “Cultura, Escola e Formação”. Nosso tema de estudo perpassa pela criança como um sujeito nesse mundo em que vivemos, pelo seu desenvolvimento humano e pelo espaço onde precisa acontecer a educação sistematizada dessa criança, que é na educação infantil. É preciso destacar que quando falamos desenvolvimento humano, não estamos nos referindo a qualquer desenvolvimento, mas naquele que tem suas bases e é explicado pela teoria histórico-cultural.

Tem como enfoque os conceitos que dão suporte para o trabalho pedagógico desenvolvido com as crianças nas instituições de educação infantil públicas da cidade de Inhumas em Goiás, onde buscaremos fazer nossas reflexões e análises a partir da teoria histórico-cultural. Essa é a nossa teoria de apoio para que o trabalho tenha respaldo científico e que não seja solitário, vestiremos essa camisa e usaremos as lentes dessa teoria para apoiar e olhar para as crianças e para a sociedade a partir dos estudos científicos iniciados por Lev Semionovich Vigotski<sup>1</sup> (Minayo, 2021).

Compreendemos que a base teórica que se escolhe para um trabalho acadêmico, diz muito sobre a identidade da pesquisadora, suas ambições e anseios para este mundo bem como a forma como ela o lê. Pensando nisso, o interesse desse trabalho é estudar a criança, mas pelo olhar e sensibilidade das professoras, dessa maneira o nosso objeto de estudo é “o desenvolvimento humano da criança” e as diversas influências que podem interferir nesse desenvolvimento sejam históricas, sociais, políticas etc. Temos como propósito a discussão do tema “uma educação infantil pública de qualidade que potencialize o desenvolvimento humano da criança ancorado na teoria histórico-cultural”.

---

<sup>1</sup> Adotaremos para a escrita do nome deste autor tão importante para a teoria histórico-cultural desta forma, Vigotski, que é o mais utilizado nos últimos anos. Então no corpo do texto será encontrado o nome deste autor escrito assim, mas nas citações, referências e em outros trabalhos pode-se encontrar a grafia do nome deste autor de diversas formas como: Vygotski, Vygotsky e até Vigotskii.

## 1.1. O CAMINHO PERCORRIDO PELA PESQUISADORA

*“Não meça seu valor pela forma como os outros o tratam [...]. Lembre-se sempre de que você é importante [...] e traz para este mundo coisas que ninguém mais é capaz de trazer.”*

*(Charlie Mackesy)*

O interesse em estudar a criança e a educação infantil surgiu ainda na graduação, quando participei de um grupo de estudo que discutia o corpo na educação infantil. Nesse grupo fiz parte de um projeto que ministrava aulas de Educação Física em uma instituição de educação infantil filantrópica no município de Goiânia. Ao conhecer essa instituição e o trabalho desenvolvido com as crianças, decidi que o meu projeto de monografia seria desenvolvido com aquelas crianças e nesse espaço educacional. Surgindo nesse momento na pesquisadora o interesse e o brilho nos olhos pelas crianças, pelo seu desenvolvimento e pelo trabalho pedagógico desenvolvido nessas instituições, mas também despertou curiosidades e questionamentos que me acompanham desde 2009 e me fizeram ingressar no mestrado em 2022.

Ao iniciar os estudos sobre a criança e o seu desenvolvimento, isso ainda em 2009, percebi a importância do trabalho que o professor desenvolve na educação infantil para o desenvolvimento da criança e o quão significativo será para a sua vida um trabalho pedagógico que potencialize esse desenvolvimento. Contudo, ao estudar sobre o nosso modo de produção percebemos que não é de interesse do capital e do poder público que a criança proletariada, filha da classe trabalhadora, tenha o seu desenvolvimento potencializado ou que tenha possibilidade de adquirir e usufruir de suas capacidades máximas.

Compreender a forma como funciona a sociedade capitalista e perceber que ela tem como uma de suas premissas a divisão da sociedade por classes: classe dominante e classe trabalhadora, e que uma sempre precisará ser subjugada pela outra, nesse sentido a reflexão é de que nesse modo de vida não é possível ter uma sociedade justa e igualitária. Sendo assim é preciso reconhecer que as crianças da classe trabalhadora que necessitam de instituições de educação públicas, dificilmente terão as mesmas oportunidades educativas, culturais e pedagógicas que uma criança da classe dominante, pois conforme discutiremos ao longo deste trabalho não é do interesse do capital que as crianças da classe trabalhadora desenvolvam suas capacidades humanas ao máximo de seu potencial. E essa é a realidade da maior parte das

crianças brasileiras, considerando que na sua maioria as nossas crianças utilizam o ensino público, enquanto as crianças burguesas têm acesso a um outro tipo de educação.

Ressalto que não estamos dizendo que porque é público é ruim, não acreditamos nessa falácia, pois tem toda uma lógica ideológica de mercado para fazer com que a classe trabalhadora acredite nisso. Parece que, de fato, não é do interesse dos capitalistas que o setor público supere o setor privado, pois isso poderia ameaçar a estrutura de poder e a dominação exercida pelos detentores de capital sobre a maior parte da população. Dessa forma, acreditamos que a educação pública para a criança tem o potencial para ser tão boa ou até melhor do que qualquer outra, desde que sejam proporcionadas as condições necessárias pelos gestores públicos.

Essa inquietação permaneceu com a pesquisadora quando essa fez uma pós-graduação *latu senso* em psicomotricidade no ano de 2017. Nesta ocasião, o interesse era o de estudar os distanciamentos da educação infantil pública e privada, a intenção era estudar as diferenças pedagógicas dessas instituições e uma delas que chamava bastante a nossa atenção, era a presença do professor de Educação Física e a fragmentação dos conteúdos dessa área para fins de mercado. Nessa perspectiva a Educação Física vira um produto educacional, a problemática consiste na venda das práticas corporais dessa área de conhecimento, como o balé, futebol, lutas, danças, circo, psicomotricidade, como sendo promotora de uma educação de qualidade. Infelizmente não foi possível este estudo na época, mas o questionamento permanece e a busca por respostas continuam a angustiar a pesquisadora nos dias de hoje.

Já no mestrado os anseios por estudar a criança e sua apreensão de conhecimento no sistema educacional continuaram. Então, foi feito um convite por parte do orientador para que utilizássemos como base epistemológica a teoria histórico-cultural, que teve início com Lev Semionovich Vigotski no século XIX, juntamente com outros autores, como Alexander Romanovich Luria e Alexei Nikolaevich Leontiev que deram continuidade nos seus estudos mesmo após o seu falecimento (Prestes; Tunes; Nascimento, 2015).

Essa teoria foi profundamente influenciada pelos estudos sobre a economia política de Karl Marx, os quais analisam uma sociedade organizada sob o sistema de produção conhecido como capitalismo. Os estudos de Vigotski se concentram na importância das interações sociais e do contexto cultural para o desenvolvimento humano, destacando como as relações sociais e o ambiente cultural (meio) influenciam no desenvolvimento da criança (Prestes; Tunes; Nascimento, 2015).

Socialmente, esta pesquisa é importante para contestar uma percepção persistente, que ainda prevalece nos dias de hoje, de que a educação infantil é inferior em comparação com

outras etapas da educação básica, abordaremos essa discussão ao longo deste trabalho. Contudo, é relevante neste contexto contar um pouco da história da pesquisadora e suas lutas durante o mestrado, pois ajuda a destacar as dificuldades enfrentadas em um campo onde a educação infantil muitas vezes é vista pela sociedade como irrelevante e facilmente interpretada de forma errônea do ponto de vista pedagógico. Essa narrativa pessoal pode ilustrar os desafios e as barreiras enfrentadas pelos pesquisadores que buscam valorizar e promover a importância da educação infantil. Ao compartilhar suas experiências, a pesquisadora não apenas humaniza sua jornada acadêmica, mas também destaca a urgência de mudanças nas percepções e práticas educacionais em relação à criança.

Em 08 de março de 2022, o mesmo dia em que a pesquisadora se matriculou no mestrado, foi protocolado o pedido de licença para aprimoramento junto à Secretaria de Estado da Educação. Isso permitiria que ela tivesse mais tempo para se dedicar aos estudos e à pesquisa, especialmente considerando a carga horária exigente do seu trabalho na rede estadual de Goiás. Conciliar trabalho, estudo e pesquisa torna-se ainda mais desafiador quando a universidade onde se faz o mestrado é diferente daquela em que se reside e trabalha.

Passaram-se março e abril, a ansiedade, o cansaço e angústia já faziam parte do cotidiano da pesquisadora, mas continuou fazendo tudo que pôde para conciliar seu trabalho e seus estudos da melhor maneira possível. Porém, quando chegou maio a exaustão já era predominante, no dia 10 de maio 2022, saiu a resposta do pedido de licença e ela não veio da forma como esperávamos, alegaram que o projeto não era relevante para os propósitos da educação da rede estadual, por se tratar de uma pesquisa na educação infantil. Nesse momento, a indignação e a revolta ficaram latentes, mas tanto a mestranda quanto o orientador procuraram ter clareza da situação e pensaram no principal sujeito da pesquisa que mais uma vez estava sendo negligenciado, a criança.

Apesar de terem conhecimento do descaso com a criança e de estarem cientes de que a licença poderia ser negada, nunca imaginaram que receberiam como justificativa que não era de interesse da Rede Estadual de Educação que sua professora pesquisasse a criança da educação infantil, por não se tratar de uma faixa etária de responsabilidade do Estado, mas sim do Município, as palavras exatas foram: “pesquisas realizadas na educação infantil não são de interesse da Rede Estadual de Educação”. Não esperavam que o sujeito da nossa pesquisa fosse tratado com tanto descaso tão próximo deles, principalmente por uma instituição que deveria protegê-la. Perceberam então, que a própria Secretaria de Estado da Educação de Goiás, que também é responsável por parte do sistema educacional do país, não compreende a educação infantil como uma instituição educacional importante no processo de desenvolvimento humano

da criança e não consegue entender a conexão entre as etapas da educação básica. Isso os surpreendeu bastante, uma vez que o Documento Curricular para Goiás (DC-GO), que orienta o trabalho pedagógico na educação infantil, foi elaborado em colaboração entre o Estado e os municípios. É importante ressaltar que, de acordo com a legislação, o município é corresponsável pela educação infantil, em parceria com o Estado e a união.

Enfim, nesse sentido era necessária uma nova estratégia! Tinham duas opções: ajustar o projeto para obter a aprovação da licença, pois quando negaram esse direito, indicaram que se a pesquisadora fizesse alterações no projeto, sendo estas alterações relacionadas à mudança do local da pesquisa para um que estivesse sob incumbência direta da rede estadual de Goiás. Ou poderiam continuar com o projeto inicial, "Por uma educação infantil pública de qualidade" e buscar outro caminho, que consistia em lutar pelos direitos da pesquisadora através de vias judiciais. Como uma pessoa confiante na justiça brasileira, optaram pela segunda opção. Assim, os meses passaram, junho, julho, agosto, e a pesquisadora tentando conciliar, trabalho, estudo e pesquisa, embora o cansaço profundo e a exaustão já estivessem bem evidentes em seu corpo. Seguiram confiantes de que a justiça reconheceria os direitos da pesquisadora.

Em 14 de setembro de 2022, receberam o parecer da justiça que concordou com a posição da Secretaria de Estado da Educação de Goiás, mais uma vez, a criança sendo negligenciada, agora por mais uma instituição que também deveria protegê-la. Perceberam que assim como o Estado, a justiça brasileira também não compreende a conexão de uma etapa com a outra na nossa educação, além de não entender a importância e relevância da educação infantil para todas as outras etapas da educação básica e para o desenvolvimento humano da criança. Embora nossa educação seja dividida em etapas, esse processo não é separado e muito menos fragmentado, uma etapa complementa a outra e uma dá continuidade ao trabalho feito na etapa anterior, elas são na sua essência conectadas.

Observaram também que essas instituições ainda enxergam a educação infantil como irrelevante nesse processo educacional, tratando o estudo da pesquisadora como dispensável e tentando obrigá-la a fazer sua pesquisa em outra etapa da educação básica que realmente fosse de interesse do Estado. Portanto, este estudo e pesquisa se tornam ainda mais necessários para que a população, o Estado e a justiça compreendam a necessidade e a relevância de se estudar a criança, sua história e seu desenvolvimento na formação de uma sociedade para além do capital e que busque ser mais igualitária e justa. Além disso, reforça a importância da educação infantil nesse processo e enfatiza que ela é um direito da criança.

A luta por uma educação de qualidade é desafiadora, mas precisa ser contínua e com determinação, por isso foi necessário buscar alternativas para que a pesquisadora conseguisse

a concessão de sua licença, já que é um direito do professor, para que pudesse continuar seus estudos e sua pesquisa sobre a criança na educação infantil. Em março de 2023, a licença foi concedida por um ano, podendo retornar ao trabalho já no fim da pesquisa.

Em busca de melhorias na qualidade do trabalho na educação infantil e com várias inquietações sobre o tema, partimos em busca de compreender todo o contexto social, político e histórico da criança, do seu desenvolvimento e da educação infantil. Perceberam a necessidade de fazer um estudo com mais aprofundamento em determinados assuntos que interferiam diretamente na qualidade e no trabalho das professoras com as crianças. Na busca pela pergunta central desse trabalho e para compreensão de todo o contexto social da criança, continuaram participando do grupo de estudo do livro “O capital” da Universidade Federal de Santa Catarina, que recebe o nome de “Estudos Marxistas”, já que os estudos de Marx são a base da teoria dessa pesquisa. Participaram também do GEPPE, Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais, que foi importantíssimo nesse processo de construção da pergunta e de compreensão dos problemas políticos que envolvem a criança e a educação infantil.

Para compreender a criança e a educação infantil sob a perspectiva da teoria histórico-cultural, além das disciplinas obrigatórias do programa foi feita a disciplina de Teoria Histórico-Cultural e Educação no Instituto Federal de Goiás (IFG). Nessa busca participaram também de todas as exposições online do GEPEDI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática Desenvolvimental e Profissionalização Docente) em 2022, que discorre sobre o enfoque histórico-cultural com os autores russos que continuaram a estudar essa teoria após a morte de Vigotski, bem como do Fórum Virtual da Educação infantil em 2022, evento oferecido pela Universidade Federal de Goiás (UFG), assim como diversos outros eventos que tinham a criança e a educação infantil como discussão central.

Apesar de todas essas contribuições muito relevantes e significativas para o estudo, ainda tiveram vários questionamentos sobre o tema, então a busca pela pergunta norteadora do trabalho continuava. E algo era bem latente na pesquisadora e que sempre foram a sua direção, a sua preocupação com a importância de uma educação infantil pública de qualidade para a formação humana do sujeito, esse era o motivo central que a impulsionava a realizar esse estudo e essa pesquisa no mestrado.

Durante todo esse processo apareceram vários questionamentos, como: qual a importância de uma educação infantil pública de qualidade, como deverá ser uma educação infantil pública de qualidade, qual a importância da educação infantil na vida da criança, como ter uma educação infantil voltada para a formação humana e como será o trabalho do professor para que a criança alcance essa formação humana. Esses foram alguns dos questionamentos que

fizeram e que os conduziram para que chegassem na centralidade do que queriam estudar e pesquisar que é como acontece o desenvolvimento humano da criança pela teoria histórico-cultural e como as intervenções pedagógicas podem interferir para potencializar ou não o desenvolvimento humano da criança. Como já tinha o tema definido, “uma educação infantil pública de qualidade que potencialize o desenvolvimento humano da criança ancorado na teoria histórico-cultural”, assim como também o nosso objeto de estudo, “o desenvolvimento humano da criança”, chegaram às questões centrais dessa pesquisa: O professor da educação infantil compreende o desenvolvimento humano da criança e como ela aprende? O professor entende a relevância do seu trabalho no processo de desenvolvimento da criança?

## **1.2. O ESTADO E O MUNICÍPIO QUE FAZEM PARTE DESSA PESQUISA – GOIÁS/INHUMAS**

*[...] o ensino das atividades infantis [...] de forma alguma deve se converter num objetivo em si, sem relacionar-se com a formação das atividades orientadoras. Se perdermos de vista tal circunstância, o ensino das crianças pode degenerar num adestramento carente de valor formativo.*

*(Valeria Mukhina)*

Esta é uma pesquisa exploratória que para Gil (2002) “[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...] e o aprimoramento de ideias” (p. 41), tem um enfoque qualitativo, nosso instrumento de pesquisa são as entrevistas parcialmente estruturadas com as professoras da educação infantil do município de Inhumas. Acreditamos que este instrumento de coleta de dados seja o mais apropriado para responder à questão central desta pesquisa, além de ser fundamental para promover discussões e reflexões sobre o objeto de estudo deste trabalho. Para Gil (2002) as entrevistas “parcialmente estruturadas servem para explorar pontos de interesse do entrevistador, ao qual guiará as entrevistas com base nesses interesses utilizando as perguntas norteadoras, mas que não são fixas” (p. 117).

A pesquisa ocorreu no município de Inhumas, que fica no Estado de Goiás e se localiza a aproximadamente quarenta e seis quilômetros da capital, Goiânia. Inhumas tem por volta de cinquenta e dois mil habitantes (52.000), tem uma área territorial de aproximadamente seiscentos e quinze mil quilômetros quadrados (615.000 Km<sup>2</sup>) e sua densidade demográfica é de aproximadamente de oitenta e cinco habitantes por quilômetro quadrado (85/Km<sup>2</sup>) (IBGE, 2022). A cidade tem suas origens na Fazenda Cedro, na época o proprietário precisou vender parte dela, e essa parte passou a se chamar Fazenda Goiabeiras, nela surge um povoado que ao receber seus primeiros habitantes recebe o nome de Arraial de Goiabeiras, isso no final do século XIX. A região da Fazenda Goiabeira era considerada de passagem e ponto de pouso e descanso de longas jornadas, pois tinha circulação de pessoas de outras localidades distantes como Minas Gerais, São Paulo e do norte e nordeste (Moreira; Nascimento; Abdalla, 2008).

Apesar do Arraial de Goiabeiras nessa época, final do século XIX e início do XX, ser um povoado economicamente ativo, ele respondia financeiramente à Comarca de Curralinho, conhecida hoje como o município de Itaberaí. Em 1908 o povoado deixa de ser Goiabeira e passa a se chamar Inhumas e recebe esse nome devido a grande quantidade de aves de nome “ainhuma” que tinha na região, essa ave considerada uma ave-guardiã poderá ser encontrada também com o nome de inhuma. No início do século XX deu-se início ao projeto de emancipação do povoado incrementando as esferas educacional, comercial e migratória, providências bem importantes para que se concretizasse o sonho de ter o povoado independente (Moreira; Nascimento; Abdalla, 2008).

Em 1931 é assinado o documento de emancipação do povoado e nasce o município de Inhumas que segundo Moreira, Nascimento e Abdalla (2008) “atraiu grande população migrante, o que favoreceu o desenvolvimento de atividades agrícolas e pecuárias” (p. 60). O município de Inhumas recebeu imigrantes europeus e orientais que contribuíram igualmente para o desenvolvimento da cidade, entre esses tinham japoneses, sírios, libaneses, portugueses, italianos e espanhóis. Culturalmente a cidade recebeu influência desses países, além de receber influência dos negros trazidos da África, dos nascidos em solo brasileiro e das pessoas que vieram de outros Estados do Brasil como Minas Gerais, São Paulo e Bahia (Moreira, 2004; Moreira; Nascimento; Abdalla, 2008).

Segundo Miguel, Miguel e Miguel (2003) em 1900 é instalada a primeira escola de Inhumas e seu primeiro professor era conhecido do Mestre Fulgêncio. Em 1911 surge uma Lei Municipal e passa a ser necessário educacionalmente a separação de meninos e meninas e então essa escola é desmembrada. Após a emancipação chega ao município a primeira escola estadual e recebe o nome de Grupo Escolar 19 de Março, não podemos afirmar ao certo, pois

precisaríamos de uma pesquisa e de um estudo mais minucioso e aprofundado, mas pelos livros estudados ao que parece a primeira escola pública da cidade que também trabalhava com a educação infantil foi a Escola Municipal Alessandro Miguel, criada em 1991, sendo inaugurada em 1992, atendia educação infantil, ensino fundamental e educação de jovens e adultos.

Utilizamos como base para a nossa coleta de dados o site do Laboratório de dados educacionais, juntamente com a plataforma de dados educacionais. Este laboratório é de um grupo de pesquisa cadastrado no CNPQ, que é interdisciplinar e interinstitucional, que reúne professores, técnicos e discentes do Departamento de Planejamento e Administração Escolar da Universidade Federal do Paraná (DEPLAE/UFPR) e da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas da Universidade Federal de Goiás (FACE/UFG). Ele é coordenado pelos professores Dra. Adriana Dragone Silveira da DEPLAE /UFPR, Dra. Gabriela Schneider também da DEPLAE /UFPR e do Dr. Thiago Alves da FACE/UFG. Essa plataforma constrói seus dados a partir dos microdados do CENSO Escolar/INEP.

Com os dados de 2020 a nossa pesquisa foi realizada no dia 28 de fevereiro de 2024. No dia da pesquisa constatamos que a cidade de Inhumas em 2020 totalizava dezesseis instituições públicas que atendiam a educação infantil, todas são de dependência administrativa do município, conforme podemos conferir na figura a seguir:

**Figura 1:** Quantidade de instituições de educação infantil do município de Inhumas

NÚMERO DE ESCOLAS		
Educação Básica		
Número de Escolas, dependência administrativa (federal, estadual, municipal), escolas por etapa e modalidade de oferta (creche, pré escola) por Escolas por etapa e modalidade de oferta e Dependência Administrativa - INHUMAS, 2020		
Escolas por etapa e modalidade de oferta	Municipal	Total
CRE	5	5
CRE/PRE	4	4
CRE/PRE/EF-AI	1	1
PRE	1	1
PRE/EF-AI	4	4
PRE/MULTIETAPA	1	1
Total	16	16

Fonte: Elaborado pelo Laboratório de Dados Educacionais a partir dos microdados do Censo Escolar/INEP 2020

Nota: Ao selecionar etapa e modalidade de oferta em monte sua consulta, temos os seguintes significados das abreviações: CRE - creche; PRE - pré-escola; EF-AI - Ensino Fundamental - Anos Iniciais; EF-AF - Ensino Fundamental - Anos Finais; MULTIETAPA - Ed. Infantil Unificada/Multietaapa/Multissérie/Correção fluxo; EM - Ensino Médio; EJA - Educação de Jovens e Adultos; PROF - Educação Profissional; EE - Educação Especial Exclusivo.

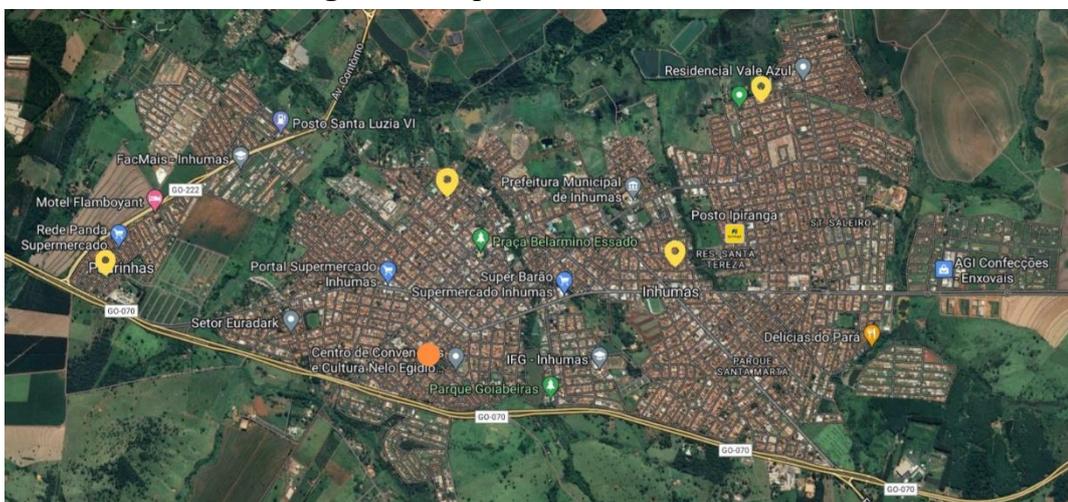
Fonte: Elaborado pelo site do Laboratório de Dados Educacionais (2020)

Na figura 1, conseguimos visualizar as instituições de educação infantil que participaram da pesquisa, elas aparecem na segunda linha e são identificadas por CRE/PRE,

sendo quatro no total. Ao fazer o pedido de autorização dessa pesquisa na Secretaria Municipal de Educação da cidade de Inhumas, apresentamos o interesse que participassem da pesquisa somente as instituições que atendiam exclusivamente a educação infantil nos dois segmentos, ou seja, creches e pré-escolas. Dentro desse critério a coordenadora da Secretaria Municipal de Educação de Inhumas nos informou que a cidade contava com quatro instituições, que são: UEPM Horas Felizes, UEPM Dentinho de Leite, UEPM Peralta e a UEPM Roberto Alcântara Bel, que no relatório do Laboratório de Dados Educacionais aparece como Escola Municipal Vila Mutirão.

Todas as professoras entrevistadas trabalhavam na pré-escola, este não foi um critério definido, mas eram as que estavam disponíveis por mais tempo para participarem da entrevista. Foram onze (11) professoras entrevistadas no total, todas do sexo feminino, sendo dez (10) efetivas e, uma (1), contrato. Com esse critério de escolha das instituições também foi possível que a pesquisa acontecesse em regiões diferentes da cidade, conforme podemos ver na figura 2:

**Figura 2:** Mapa da cidade de Inhumas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora no Google Maps em 2024

Observando o mapa da cidade de Inhumas, os pontinhos em amarela representam as quatro instituições que participaram da pesquisa. O pontinho laranja é para ajudar a localizar no mapa a UEG – Unidade Universitária de Inhumas. Na busca por compreender o nosso objeto de estudo na cidade de Inhumas, foi importante para a pesquisa quando nos deparamos com instituições públicas municipais em diferentes regiões conforme podemos observar no mapa. Para mapear a percepção das professoras acerca da formação humana na rede municipal de educação de Inhumas foi feita a entrevista com três professoras de três Unidades Educacionais

(mencionadas anteriormente) e duas de uma Unidade Educacional, totalizando onze entrevistadas. A prioridade para as entrevistas foi para com as professoras que estavam como regentes na educação infantil no ano em que foram colhidos os dados.

Em 2020 a cidade de Inhumas contava com mil quinhentas e noventa e duas (1592) crianças matriculadas na educação infantil, infelizmente não conseguimos encontrar registros nos relatórios se todas as crianças de 4 e 5 anos estavam matriculadas, já que pelo Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 apresenta que até o ano de 2016 todo o território nacional precisava atender 100% das crianças nessas instituições. Para as creches, o objetivo é que atenda 50% das crianças entre 0 e 3 anos de idade até 2024. A seguir, apresenta-se a figura 3, o número total de crianças matriculadas no ano de 2020 em cada segmento. No relatório, foram incluídos apenas os dados das instituições públicas, visto que essas são o foco central deste trabalho.

**Figura 3:** Quantidade crianças matriculadas na educação infantil no município de Inhumas em 2020

NÚMERO DE MATRÍCULAS			
Educação Básica			
Número de Matrículas, dependência administrativa (municipal), etapas e modalidades de ensino por segmento (creche, pré-escola) por Dependência Administrativa e Etapas e modalidades de ensino por segmento - INHUMAS, 2020			
Dependência Administrativa	Creche	Pré-Escola	Total
Municipal	645	947	1.592
Total	645	947	1.592

Fonte: Elaborado pelo Laboratório de Dados Educacionais a partir dos microdados do Censo Escolar/INEP 2020

Fonte: Elaborado pelo site do Laboratório de Dados Educacionais (2020)

A escolarização do município de Inhumas entre seis e quatorze anos é de 98,4% da população dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022), essa faixa etária compreende o ensino fundamental. Não foi possível encontrar esses dados referentes às crianças de zero a cinco anos de idade que é o foco dessa pesquisa, nem nos relatórios do IBGE, nem nos relatórios do PNE por cidade que inclusive no dia do fechamento desta pesquisa, dia 28 de fevereiro de 2024 o site ainda se encontrava fora do ar, mas pelos dados do Painel de Monitoramento do PNE podemos perceber até 2022 Goiás não conseguiu alcançar as metas, conforme veremos a seguir.

Este trabalho foi a campo e entrevistou as responsáveis pelas intervenções pedagógicas na educação infantil, as professoras. Utilizamos como base para as entrevistas a teoria histórico-cultural, que nos deu base para analisar as respostas e perceber as referências conceituais de

cada professora que interferem diretamente no desenvolvimento da criança. Conforme veremos na figura 4, a rede municipal de educação de Inhumas conta com a colaboração de 107 professores no total, embora tenhamos usado no filtro a dependência administrativa federal, estadual e municipal, quando os dados aparecem, temos apenas a rede municipal. Para a coleta dos dados mantivemos a base creche e pré-escola e alternamos as outras referências em tipo de vínculo (efetivo/contrato), sexo (feminino/masculino) e escolaridade docente.

**Figura 4:** Número total de professores por segmento

**NÚMERO DE DOCENTES**  
Educação Básica

Número de Docentes, dependência administrativa (federal, estadual, municipal), escolaridade docente (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio, ensino médio na modalidade normal, superior bacharelado ou tecnólogo, superior licenciatura ou complementação pedagógica, especialização com bacharelado ou tecnólogo, especialização com licenciatura, mestrado com bacharelado ou tecnólogo, mestrado com licenciatura, doutorado com bacharelado ou tecnólogo, doutorado com licenciatura), sexo (masculino, feminino), tipo de vínculo (não classificado, concursado/ efetivo/ estável, contrato temporário, contrato terceirizado, contrato clt), etapas e modalidades de ensino por segmento (creche, pré-escola) por Etapas e modalidades de ensino por segmento e Dependência Administrativa - INHUMAS, 2020

Etapas e modalidades de ensino por segmento	Municipal	Total
Creche	62	62
Pré-Escola	45	45
Total	107	107

Fonte: Elaborado pelo Laboratório de Dados Educacionais a partir dos microdados do Censo Escolar/INEP 2020  
Nota: Um docente pode ser contado mais de uma vez, se atuar em mais de uma unidade de agregação: regiões, unidades da federação, municípios, escola, etapa/modalidade, localidade e dependência administrativa.

Fonte: Elaborado pelo site do Laboratório de Dados Educacionais (2020)

Temos cento e sete (107) professores trabalhando em dezesseis (16) instituições que atendem também a educação infantil na rede municipal da cidade de Inhumas, sendo que dessas dezesseis, dez (10) atendem exclusivamente a educação infantil, creche e pré-escola, outras somente a creche e uma somente a pré-escola e seis (6) atendem a educação infantil e outra etapa da educação básica.

Destes, sessenta e dois (62) trabalham na creche e quarenta e cinco (45) trabalham na pré-escola. O número de professores trabalhando na creche é maior do que na pré-escola, acreditamos que um dos motivos pode estar ligado a demanda de trabalho da creche e pelo tipo de demanda nesse segmento, que necessita ser uma instituição menor, com um número de criança por professora reduzido (Kramer, 2006; Abramowicz; Henriques, 2018). Chegamos nessa reflexão pelos estudos que tivemos até aqui e saber que cada professora entrevistada tinha entre 20 e 25 crianças na sua sala de aula, acreditamos que o número de criança atendidas por professora nas creches sejam bem menores que isso.

Na próxima figura temos o quantitativo de professores por vínculo empregatício, se são contrato ou efetivos.

**Figura 5:** Total de professores por modalidade de ensino e tipo de vínculo empregatício

**NÚMERO DE DOCENTES** Baixar

*Educação Básica*

Número de Docentes, dependência administrativa (federal, estadual, municipal), escolaridade docente (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio, ensino médio na modalidade normal, superior bacharelado ou tecnólogo, superior licenciatura ou complementação pedagógica, especialização com bacharelado ou tecnólogo, especialização com licenciatura, mestrado com bacharelado ou tecnólogo, mestrado com licenciatura, doutorado com bacharelado ou tecnólogo, doutorado com licenciatura), sexo (masculino, feminino), tipo de vínculo (não classificado, concursado/ efetivo/ estável, contrato temporário, contrato terceirizado, contrato clt), etapas e modalidades de ensino por segmento (creche, pré-escola) por Etapas e modalidades de ensino por segmento e Tipo de Vínculo - INHUMAS, 2020

Etapas e modalidades de ensino por segmento	Concursado/ Efetivo/ Estável	Contrato temporário	Total
Creche	46	16	62
Pré-Escola	41	4	45
Total	87	20	107

Fonte: Elaborado pelo Laboratório de Dados Educacionais a partir dos microdados do Censo Escolar/INEP 2020

Nota: Um docente pode ser contado mais de uma vez, se atuar em mais de uma unidade de agregação: regiões, unidades da federação, municípios, escola, etapa/modalidade, localidade e dependência administrativa.

Fonte: Elaborado pelo site do Laboratório de Dados Educacionais (2020)

Percebemos pela figura 5 que a rede municipal de Inhumas tem mais professores efetivos do que de contratos temporários. São oitenta e sete (87) professores efetivos, o que representa 82% do total da rede, e vinte (20) professores com contrato temporário, isso representa 18% do total da rede. É importante ressaltar que o ano de base para esta pesquisa é 2020, pois são os dados mais recentes disponíveis na plataforma na data da coleta dos dados. Dos oitenta e sete (87) professores, quarenta e seis (46) trabalham na creche e quarenta e um (41) trabalham na pré-escola, dos vinte (20), dezesseis (16) trabalham na creche e quatro (4) trabalham na pré-escola.

Na figura 6 apresentamos a quantidade de professores na rede municipal de educação de Inhumas do gênero feminino e masculino.

**Figura 6:** Total de professores por segmento e gênero

**NÚMERO DE DOCENTES** Baixar

*Educação Básica*

**Número de Docentes, dependência administrativa (federal, estadual, municipal), escolaridade docente (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio, ensino médio na modalidade normal, superior bacharelado ou tecnólogo, superior licenciatura ou complementação pedagógica, especialização com bacharelado ou tecnólogo, especialização com licenciatura, mestrado com bacharelado ou tecnólogo, mestrado com licenciatura, doutorado com bacharelado ou tecnólogo, doutorado com licenciatura), sexo (masculino, feminino), tipo de vínculo (não classificado, concursado/ efetivo/ estável, contrato temporário, contrato terceirizado, contrato clt), etapas e modalidades de ensino por segmento (creche, pré-escola) por Etapas e modalidades de ensino por segmento e Sexo - INHUMAS, 2020**

Etapas e modalidades de ensino por segmento	Masculino	Feminino	Total
Creche	1	61	62
Pré-Escola	0	45	45
Total	1	106	107

Fonte: Elaborado pelo Laboratório de Dados Educacionais a partir dos microdados do Censo Escolar/INEP 2020

Nota: Um docente pode ser contado mais de uma vez, se atuar em mais de uma unidade de agregação: regiões, unidades da federação, municípios, escola, etapa/modalidade, localidade e dependência administrativa.

Fonte: Elaborado pelo site do Laboratório de Dados Educacionais (2020)

Conforme podemos perceber na figura 6, temos apenas um professor do gênero masculino trabalhando na educação infantil, em específico na creche. Historicamente na nossa sociedade o trabalho de cuidar das crianças ficou sob a responsabilidade das mulheres, isso ocorre tanto pela questão familiar como pela profissional. Por isso, encontramos poucas pessoas do gênero masculino trabalhando na educação infantil, fazendo com que essa etapa da educação básica tenha mais professoras, reproduzindo as ideias intrínsecas da nossa sociedade, colaborando para que a profissão docente nessa etapa seja confundida com a maternidade (Diniz, 1998). Discutimos mais sobre esse assunto capítulo 3, quando dialogamos sobre os dados obtidos nas entrevistas e conceitos importantes para a educação infantil.

A seguir na figura 7, especificamos a escolaridade dos professores da educação infantil da rede municipal de educação de Inhumas.

**Figura 7:** Total de professores por segmento e escolaridade.

**NÚMERO DE DOCENTES**  
Educação Básica

Número de Docentes, dependência administrativa (federal, estadual, municipal), escolaridade docente (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio, ensino médio na modalidade normal, superior bacharelado ou tecnólogo, superior licenciatura ou complementação pedagógica, especialização com bacharelado ou tecnólogo, especialização com licenciatura, mestrado com bacharelado ou tecnólogo, mestrado com licenciatura, doutorado com bacharelado ou tecnólogo, doutorado com licenciatura), sexo (masculino, feminino), tipo de vínculo (não classificado, concursado/ efetivo/ estável, contrato temporário, contrato terceirizado, contrato clt), etapas e modalidades de ensino por segmento (creche, pré-escola) por Escolaridade docente e Etapas e modalidades de ensino por segmento - INHUMAS, 2020

Escolaridade docente	Creche	Pré-Escola	Total
Ensino Médio na modalidade normal	0	1	1
Superior bacharelado ou tecnólogo	1	0	1
Superior licenciatura ou complementação pedagógica	19	6	25
Especialização com bacharelado ou tecnólogo	1	0	1
Especialização com licenciatura	41	38	79
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>45</b>	<b>107</b>

Fonte: Elaborado pelo Laboratório de Dados Educacionais a partir dos microdados do Censo Escolar/INEP 2020  
Nota: Um docente pode ser contado mais de uma vez, se atuar em mais de uma unidade de agregação: regiões, unidades da federação, municípios, escola, etapa/modalidade, localidade e dependência administrativa.

Fonte: Elaborado pelo site do Laboratório de Dados Educacionais (2020)

Na figura 7 é preciso destacar que ainda existem profissionais que não têm formação em licenciatura trabalhando na educação infantil, algo que já deveria ter se tornado proibido, mas que ainda é autorizado pelo artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394 de 1996, ao todo são três (3) que se encaixam nessa situação, sendo que dois trabalhando na creche e um trabalha na pré-escola. Têm-se dezenove (19) professores trabalhando nas creches com licenciatura ou complementação pedagógica e quarenta e um (41) professores que possuem licenciatura e especialização. Já na pré-escola temos seis (6) professores com licenciatura ou complementação pedagógica e trinta e oito (38) com licenciatura e especialização. São 104 professores com licenciatura isso representa aproximadamente 97% do total de professores, acreditamos que já deveriam ser todos, pois isso é um algo muito significativo para a qualidade da educação infantil e apenas 3 professores, aproximadamente 3% da rede não tem formação em licenciatura.

Não podemos deixar de mencionar a meta 1A do PNE 2014/2024, que se refere diretamente a qualidade da educação infantil, já que garantir o acesso faz parte dos índices de qualidade. A meta era até 2016 garantir que 100% das crianças brasileiras de 4 e 5 anos estivessem matriculadas na pré-escola, última fase da educação infantil, porém nos dados mais recentes disponíveis no painel de monitoramento, que são do ano de 2022, esse direito ainda não estava sendo garantido a todas as crianças de Goiás, como podemos perceber pela figura 8.

**Figura 8:** Situação de Goiás em 2022 sobre o cumprimento da Meta 1A – pré-escola

Gráfico		Tabela	
Total e percentual da população de 4 a 5 anos que frequentava a escola ou creche, por Brasil – 2013-2019 e 2022			
Ano	Total de Crianças	Atendidos (N)	Atendidos (%)
2022	218.716	191.892	87,7%

Fonte: Painel de monitoramento do PNE – INEP (2022)

Nos cabe a reflexão de que se em 2022 o Estado de Goiás cumpriu apenas 87,7% da Meta 1A do PNE, será que até 2024 conseguiremos garantir que todas as crianças de 4 e 5 anos tenham o seu direito garantido conforme está na nossa Constituição Federal (CF) de 1988. Ainda temos 12,3% das nossas crianças fora da pré-escola, da educação infantil, será que crianças menores merecem políticas menores, assim como um recurso financeiro inferior aos demais seguimentos da educação, discutiremos um pouco disso no capítulo 3 deste trabalho.

Vejamos agora os dados referentes à creche para que possamos ter conhecimento da situação dessa fase da educação básica. Diferente da Meta 1A, a Meta 1B é atender nas creches até 2024, 50% das crianças em idade de 0 a 3 anos.

**Figura 9:** Situação de Goiás em 2022 sobre o cumprimento da Meta 1B - creche

Gráfico	Tabela
---------	--------

Total e percentual da população de 0 a 3 anos que frequentava a escola ou creche, por Brasil – 2013-2019 e 2022

Ano	Total de Crianças	Atendidos (N)	Atendidos (%)
2013	11.726.079	3.271.734	27,9%
2014	11.863.155	3.513.164	29,6%
2015	11.551.797	3.510.835	30,4%
2016	12.104.516	3.847.515	31,8%
2017	12.051.578	4.110.611	34,1%
2018	12.120.080	4.318.434	35,6%
2019	12.003.929	4.436.178	37,0%
2022	11.744.486	4.375.413	37,3%

Fonte: Elaborada pela Direção/Inep com base em dados da Pnad/IBGE (2013-2015) e Pnad contínua/IBGE (2016-2019 e 2022).

Fonte: Painel de monitoramento do PNE – INEP (2022)

Podemos perceber que na Meta 1B até 2022 Goiás atingiu apenas 37,3, ainda faltam 12,7% da meta para serem alcançados, isso significa que muitas crianças ainda não têm o seu direito garantido, tanto na Meta 1A, quanto na Meta 1B. Aqui cabe novamente a reflexão, será que até 2024 conseguiremos atingir essa meta e garantir que 50% das crianças goianas estejam na creche, e se observarmos temos a resposta. Analisando o final da figura 9, ano de 2013, tínhamos alcançado 27,9% dessa meta, agora observando o ano de 2022, dez anos depois, alcançamos 37,3% da meta. Em dez anos conseguimos avançar apenas 9,4%, de 2022 para 2024 são dois anos, conseguiremos avançar 12,7% o que não conseguimos em dez? O Estado e os municípios tiveram tempo para planejar e executar o trabalho para que essa meta fosse alcançada, mas preferiram se calar e se omitirem do problema.

Temos conhecimento que um dos problemas é a divisão das verbas e recursos, o município fica com a menor parte da verba, mas tem como responsabilidade a maior parte da educação básica e a educação infantil tem um gasto maior, pois precisa de mais professores trabalhando, precisa de instituições menores, com menos crianças, por isso são necessárias mais instituições (Bruno; Silveira, 2023). É preciso se atentar a isso e buscar formas de resolver esse

grande impasse na distribuição dos recursos e responsabilidade financeira quanto a educação infantil.

Já conseguimos obter um panorama da situação da criança no nosso Estado e também no município de Inhumas. Primeiro negam a licença para a pesquisadora, alegando que não é de interesse do Estado que sua professora pesquise a educação infantil, agora com esses números, conseguimos ter materializado um pouco desse descaso. No próximo tópico será apresentado o percurso metodológico dessa pesquisa, explicando e dialogando sobre cada um, assim como o instrumento que foi utilizado para a coleta dos dados.

### 1.3. O PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA

*[...] método significa “caminho”. No sentido metafórico, entende-se por método o modo de investigação ou de estudo de uma parte definida da realidade;*

*(Vigotski)*

Com base no materialismo histórico-dialético para compreender a sociedade em que estamos inseridos, especialmente no modo de produção capitalista, e com raízes na teoria histórico-cultural para compreender o processo de desenvolvimento humano da criança, esta pesquisa busca explorar a interação entre esses dois enfoques teóricos. Vigotski (2018a) aponta que “o método é um caminho, um procedimento” (p. 37), é o modo de investigação, é o caminho que se percorre em busca do conhecimento, ele conduz o pesquisador à compreensão de regularidades científicas em algum campo.

Essa pesquisa se estabelece em uma abordagem qualitativa, segundo Goldenberg (2000) na pesquisa qualitativa “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização de uma instituição, de uma trajetória” (p. 14). Portanto, não é pensar o social a partir de números, mas daquilo que constitui o próprio ser humano, físico, cognitivo e emocional conforme podemos perceber na análise de Goldenberg (2000) que diz que os pesquisadores “buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado” (p. 19) e procura interpretar as experiências dos sujeitos dentro do contexto em que vivem.

Para conhecer o panorama geral do nosso objeto de estudo, foi feita uma busca booleana que consta no tópico “1.5. Mapeamento e análise sobre as produções acadêmicas do tema desta pesquisa”, essa busca foi utilizada para um reconhecimento e para identificar o que se está pesquisando sobre esse objeto, como estão essas pesquisas, quais os lugares que mais estão pesquisando esse objeto, quais áreas de conhecimento, esse foi o nosso intuito principal. Ressaltamos que não foi utilizado partes dos textos que constam nesse mapeamento para a construção deste, foi feita a análise a partir dos elementos pré-textuais como título, palavras chave e resumo.

Essa busca booleana foi feita somente com os dados encontrados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, essa escolha se deu por ser um recurso de pesquisa simples e de fácil acesso e pela nossa prioridade em um primeiro momento que foi em conhecer mais o nosso objeto de estudo, por isso escolhemos a priori pesquisar somente o banco de dados de teses e dissertações. Entretanto levando em consideração que muitos artigos que são públicos partem de uma tese ou uma dissertação, para o primeiro momento não achamos necessário buscar artigos que falassem sobre o nosso objeto, concentrando nossa busca na BDTD.

Este recurso de investigação foi utilizado neste estudo para compreender a relevância desse trabalho para a sociedade, para isso, foram realizadas três buscas distintas, visando abordar diferentes aspectos e perspectivas sobre o tema em questão. Essa busca consiste em relacionar descritores lógicos que tornaram a busca pelo assunto ou tema restrito e detalhado. Portanto, com um foco maior em localizar os descritores desejados, buscamos descobrir quais foram os últimos estudos realizados sobre o tema desta pesquisa. Ressaltamos que pela busca escolhida utilizando os descritores entre aspas e acompanhados do operador da lógica booleana “AND” que na língua portuguesa corresponde a “E”, consiste em encontrar trabalhos em que ambos os descritores pesquisados apareçam de alguma forma. Então todos os descritores escolhidos precisam aparecer de alguma forma no trabalho que surgir nessa busca.

A primeira busca consistiu em localizar trabalhos relacionados ao nosso objeto de estudo que tivessem utilizado o município de Inhumas como campo de pesquisa, então os descritores foram “educação infantil” AND “Inhumas”, para essa pesquisa inicial não selecionamos intervalo de ano, deixamos livre, o resultado poderá ser conferido no próximo tópico. Na segunda busca a intenção já foi aprofundar e localizar os trabalhos mais próximos do nosso objeto de estudo, sendo assim os descritores foram “desenvolvimento humano da criança” AND “educação infantil” AND “teoria histórico-cultural”, como não obtivemos muitos trabalhos com esses descritores foi necessária uma terceira busca, ressaltamos que os resultados estão especificados no próximo tópico. Para a terceira busca utilizamos os descritores

“desenvolvimento humano” AND “educação infantil” AND “teoria histórico-cultural”. Nesta busca selecionamos os trabalhos dos últimos cinco anos, de 2018 a 2022 e a pesquisa foi realizada no dia 23 de outubro de 2023.

Acreditamos que, por meio da busca booleana, conseguimos mapear e compreender melhor nosso tema de pesquisa. Com isso, pudemos visualizar suas diferentes abordagens e identificar nosso objeto de estudo tanto no meio acadêmico quanto no contexto espaço/temporal. Esse método de busca possibilita a localização de trabalhos que tenham mais compatibilidade com o tema estudado e proporciona uma busca mais específica com um melhor detalhamento dos descritores (Sacks, 2005).

A priori foi feita uma pesquisa bibliográfica para explorar e conhecer a base material que já foi elaborada sobre a teoria que nos dá base para esse estudo e para o nosso tema e objeto de pesquisa. Nesse momento separamos os materiais que poderiam nos fornecer bases teóricas sólidas suficientes para a construção dessa dissertação, os instrumentos que utilizamos foram, os livros, artigos publicados em revistas e periódicos. A pesquisa bibliográfica consiste em embasar teoricamente um estudo, identificar lacunas, pontos de aproximação e de distanciamento entre autores, busca primordialmente compreender o atual estado do objeto de pesquisa, mas também a compreensão desse objeto na história e na construção social. Por isso é importante ter autores de diferentes épocas históricas, em diferentes contextos, para compreender o objeto na sua totalidade (Gil, 2002).

Marconi e Lakatos (2010) analisam que:

Pesquisa alguma parte hoje da estaca zero. Mesmo que exploratória, isto é, de avaliação de uma situação concreta desconhecida, em um dado local, alguém ou um grupo, em algum lugar, já deve ter feito pesquisas iguais ou semelhantes, ou mesmo complementares de certos aspectos da pesquisa pretendida. Uma procura de tais fontes, documentais ou bibliográficas, torna-se imprescindível para a não duplicação de esforços, a não “descoberta” de ideias já expressas, a não inclusão de “lugares-comuns” no trabalho. (p. 208)

Nossa pesquisa buscou compreender nosso objeto de estudo também pela pesquisa bibliográfica, conforme percebemos nenhuma pesquisa hoje se inicia totalmente do zero, nosso objeto de estudo pode não ter sido estudado na cidade de Inhumas especificamente, porém já foi estudado em outros contextos que podem ser semelhantes ou diferentes ao do município que pesquisamos ou podem ser bem diferentes. Ambas têm a capacidade de serem usadas como fonte para contrastar ou alinhar pesquisas, além de poderem servir como suporte analítico para evitar que o pesquisador realize análises aleatórias (Marconi; Lakatos, 2010).

A pesquisa bibliográfica utiliza uma metodologia sistemática de escolha das fontes que serão utilizadas na pesquisa, para esta pesquisa fontes como Marx, Engels, Vigotski, Leontiev, Luria, seriam essenciais pois se constituem como a base da teoria que utilizamos, mas foi necessário escolher também autores mais atuais que falassem sobre o tema. Nesse caso obedecemos a um critério rigoroso de escolha e seleção dessas fontes, assim como a relevância e credibilidade das publicações desses autores que possibilitasse uma maior aproximação com o nosso objeto e com os conceitos que estávamos estudando, assim como localizar nosso objeto na história, na sociedade e na política. Foi preciso organizar essas referências bibliográficas e elaborar uma síntese das informações obtidas de forma que pudéssemos apoiar a argumentação deste trabalho (Gil, 2002).

Ressaltamos que, embora toda pesquisa passe por esse processo de pesquisa bibliográfica, é necessário um critério rigoroso para não misturar teorias e diferentes formas de se ver o mundo, nossa prioridade exceto nas questões históricas foi buscar autores que utilizavam a teoria histórico-cultural como base teórica e que discutiam a criança, a infância e/ou o desenvolvimento humano. Essa forma de pesquisa poderá ser encontrada durante todo o texto deste trabalho (Gil, 2002).

Para a coleta dos dados empíricos precisávamos de um instrumento que nos proporcionasse, segundo Goldenberg (2000),

[...] compreender as significações que os próprios indivíduos põem em prática para construir seu mundo social. Como a realidade social só aparece sob a forma de como os indivíduos vêem este mundo, o meio mais adequado para captar a realidade é aquele que propicia ao pesquisador ver o mundo através “dos olhos dos pesquisados”.  
(p. 27)

Decidimos então que utilizaríamos como instrumento para a coleta dos dados empíricos entrevistas, pois acreditamos que conseguiríamos conhecer o nosso objeto de estudo e todos os conceitos que influenciam esse objeto, pelo olhar das professoras, para que conseguíssemos captar a visão do mundo por elas. Pensamos então que seria mais interessante entrevistas com roteiro que não fosse fechado, Gil (2002) chama de parcialmente estruturada, com perguntas norteadoras, porém, deixando o entrevistado responder de maneira livre e descontraída para que o diálogo aconteça de forma mais natural possível, mas sem perder o rigor da pesquisa. Ressaltamos que as entrevistas fazem parte do texto dessa dissertação, mas em hipótese alguma os entrevistados foram citados, utilizaremos como critério de diferenciação entre uma entrevista e outra os números.

O critério de escolha de fazer essa pesquisa no município de Inhumas é porque a universidade do curso de mestrado situa-se na mesma cidade, possibilitando aproximar a universidade com as instituições de educação básica e contribuindo para a educação da cidade. Para a escolha das instituições, tivemos como critério as que ofertassem todos os segmentos da educação infantil, creche e pré-escola, sem a mistura de outras etapas da educação básica, com isso foi possível separar quatro instituições que já foram mencionadas no tópico anterior. Como critério de seleção dos entrevistados, optamos por sujeitos que atuassem na área da educação infantil, que estivessem na regência e disponíveis para participar da entrevista, com isso foi possível fazer onze entrevistas.

Outro critério importante a ser mencionado para a escolha do município de Inhumas como fonte para esta pesquisa, foi a ausência de trabalhos que abordassem o tema e o objeto de estudo na localidade. Este trabalho se apresenta como pioneiro no município, contribuindo de forma significativa para a educação infantil local e representando uma produção acadêmica inovadora para a região.

O cronograma para que essas entrevistas acontecessem foi, em março de 2023, para isso entramos em contato com a Secretaria Municipal de Educação de Inhumas para solicitar a autorização e assim dar entrada no comitê de ética, para pesquisas com humanos precisávamos da autorização deles. A aprovação do comitê de ética aconteceu no dia 22 de agosto de 2023, em setembro entramos em contato novamente com a Secretaria Municipal de Educação de Inhumas, para avisar que começaríamos a entrar em contato com as instituições. Em outubro comparecemos presencialmente nas quatro instituições que participaram da pesquisa e marcamos as entrevistas com antecedência para que eles pudessem se organizar e atrapalhássemos o mínimo possível o andamento normal das instituições.

No dia 06 de novembro de 2023, entrevistamos três professoras da Escola Municipal Dentinho de Leite, no dia 07 de novembro de 2023, entrevistamos três professoras Escola Municipal Horas Felizes, no dia 08 de novembro de 2023 entrevistamos três professoras da Escola Municipal Peralta e em 13 de novembro de 2023, entrevistamos duas professoras na Escola Municipal Roberto Alcantara ou conhecida também por Escola Municipal Vila Mutirão. O roteiro das entrevistas foi construído pensando a partir dos conceitos que entendemos ser a base para a construção do trabalho pedagógico na educação infantil, como criança, infância, desenvolvimento humano, finalidades educativas e diário de bordo.

Com as respostas obtidas nas entrevistas com as professoras, buscou responder a pergunta norteadora do trabalho e compreender com profundidade a visão das professoras sobre o projeto pedagógico da rede municipal da cidade de Inhumas e sobre a sua prática. Como

critério de escolha desse instrumento usamos Severino (2017) que diz que “o pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam” (p. 131), na busca por compreender o processo com um todo e considerando a obtenção dos dados qualitativamente e as análises também.

Para a análise dos dados obtidos com as entrevistas utilizamos como instrumento para a compreensão da constituição dos sentidos e significados o núcleo de significação sistematizado por Aguiar e Ozella (2006; 2013) que se fundamentam no materialismo histórico-dialético e na teoria histórico-cultural. Compreendemos que os significados se constituem por elementos que vão além das aparências, porém é necessária uma análise minuciosa, uma interpretação que busque ir além das palavras para encontrar o seu verdadeiro sentido (Aguiar; Ozella, 2006).

Nesse sentido, Aguiar e Ozella (2006) ressaltam que

[...] nossa reflexão metodológica sobre a apreensão dos sentidos estará pautada numa visão que tem no empírico seu ponto de partida, mas a clareza de que é necessário irmos além das aparências, não nos contentarmos com a descrição dos fatos, mas buscarmos a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo no seu processo histórico. (p. 224)

Percebemos que nessa análise o ponto de partida é a prática, porém não busca apenas a descrição da aparência, mas a apreensão da essência do sentido e do significado do objeto por parte do entrevistado, isso significa compreendê-lo histórico e socialmente através da visão de mundo da professora. Essa análise do discurso passa por três etapas, a primeira consiste em fazer uma leitura flutuante do material coletado, nessa etapa pode ser necessário a ler o material diversas vezes para compreender o pensamento do entrevistado e conseguir apreender o seu verdadeiro sentido, nessa etapa também é feita a separação dos pré-indicadores que são os pontos chaves da fala dos entrevistados, que nos permite atribuir um sentido, mas não é qualquer sentido, é aquele que aponta diretamente o pensamento do entrevistado sobre o objeto estudado (Aguiar; Ozella, 2013).

O segundo momento se constitui com a transformação dos pré-indicadores em indicadores que são os conteúdos temáticos que nos permitem fazer aglutinação dos temas por similaridade, complementaridade ou contraposição, nessa pesquisa utilizamos a aglutinação por similaridade e complementaridade, em alguns momentos os entrevistados não manifestavam os conceitos de forma completa, então foi possível fazer a análise e aglutiná-los fazendo a junção dos indicadores de forma que eles se completavam para constituir o conceito na sua totalidade (Aguiar; Ozella, 2013).

A terceira etapa consiste em construir os núcleos de significação que é a síntese do sentido e da significação de tudo que o entrevistado falou em seu discurso. Separamos as análises pelas perguntas que estavam no questionário, de forma que na primeira análise buscássemos compreender qual documento era utilizado como base para o planejamento das atividades pedagógicas das professoras, depois foram analisados o sentido e o significado atribuído a criança, posteriormente a infância. Com a construção dos núcleos de significação desta forma no capítulo 3, foi possível apreender o verdadeiro sentido que é atribuído pelas professoras a esses conceitos e analisar em qual contexto histórico elas fundamentavam a sua apreensão da realidade (Aguiar; Ozela, 2013).

No capítulo 4 foi feita a construção dos núcleos de significação dessa mesma forma, porém pensando em conceitos mais amplos e que direcionavam a construção do sentido e significado da educação e do desenvolvimento da criança, essa busca foi no intuito de apreender o verdadeiro sentido da sua prática pedagógica. Portanto, a nossa pesquisa buscou conceitos centrais ao longo da história de forma que estes nos conduziram para a apreensão dos conceitos dentro do pensamento das professoras e assim compreendemos o processo pedagógico da rede municipal da cidade de Inhumas e conseguimos perceber suas lacunas e apontamos possíveis formas de melhorar a educação da cidade.

Foi feito neste trabalho também a análise documental, que se empenhou em analisar os documentos norteadores da educação infantil do município de Inhumas, ancorando-se na ideia de Lüdke e André (2013) de que essa análise “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” além de ser uma “fonte de informações sobre o comportamento humano” (p. 44 e 45). Os documentos que foram analisados são, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e o Documento Curricular para Goiás (DC-GO).

Para Gil (2002) “os documentos constituem fonte rica e estável de dados, como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica” (46). Analisamos pontos chave nesses documentos, sobretudo os conceitos que eles atribuem aos pontos centrais dessa pesquisa, a partir disso foi possível apreender o sentido e os verdadeiro objetivo desses documentos.

Findando a parte de metodologia, buscamos explicitar nesse tópico todos os caminhos que percorremos para que fosse possível responder ao nosso problema de pesquisa e chegar ao objetivo geral deste trabalho. No próximo tópico será apresentado como este trabalho foi pensado e estruturado para que se chegasse ao objetivo final.

#### 1.4. PROCEDIMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

*[...] é nocivo deixar a criança a sós com a realidade que a rodeia, com o pretexto de conceder-lhe autonomia, obrigando-a procurar às cegas os caminhos que lhe permitam conhecer essa realidade e refletir sobre ela.*

*(Valeria Mukhina)*

Do ponto de vista científico este estudo é relevante para contribuir com as pesquisas que já estão sendo feitas sobre esse tema. Destacamos que ao fazer uma pesquisa de exploração para conhecer o que estavam pesquisando sobre esse tema, encontramos poucos estudos que discorrem sobre o desenvolvimento da criança, sobretudo o seu desenvolvimento humano ancorado na teoria histórico-cultural. Ressaltamos também que não encontramos trabalhos que realizaram entrevista com os professores que abordassem sobre a percepção deles sobre o desenvolvimento humano da criança, lembrando que o desenvolvimento que estudamos não é apenas o crescimento ou a aprendizagem dos conteúdos com a antecipação do ensino fundamental, ou ainda ensinar a ler, a escrever e a contar na educação infantil.

O que nos é de interesse é o desenvolvimento humano multidimensional da criança e ele impactará diretamente na formação integral da sua personalidade, esse pensamento tem sua base na teoria histórico-cultural. Segundo Orlando Fernández Aquino (2017), professor e pesquisador dessa teoria, para uma formação multidimensional é necessário que o professor compreenda o desenvolvimento pelo viés cognitivo, mental, físico, ético, moral, afetivo, volitivo, bem como entenda o conceito de instrução e educação para a teoria histórico-cultural além de ter muito claro no seu trabalho as finalidades educativas, explicaremos cada um desses itens no capítulo 4.

Destacamos que este estudo é socialmente relevante devido a uma luta que ocorre desde a década de 1970 em nosso país, pela promoção de uma educação pública e de qualidade para as crianças pequenas, como será explorado nos capítulos seguintes após esta introdução. Neste momento, é importante ressaltar que tivemos avanços e retrocessos ao longo do caminho percorrido até aqui. Reconhecemos que as instituições de educação infantil são essenciais para o desenvolvimento tanto da criança quanto da sociedade como um todo.

Atualmente já é um direito da criança estar na educação infantil e não apenas da família da criança para que eles possam ir trabalhar, é primordial compreender essa diferença, pois muda toda a configuração desse espaço educacional e como uma instituição relevante para o desenvolvimento humano da criança e da sociedade, abordaremos novamente esse assunto no decorrer do texto. Portanto, este estudo é relevante sob o ponto de vista social para que a população compreenda a importância da educação infantil no desenvolvimento da criança, assim como a relevância dessas instituições para a sociedade e os seus objetivos para com o desenvolvimento da criança.

Com a pergunta do problema da pesquisa pronta, passamos a pensar nos objetivos do trabalho. Pensamos em como poderíamos responder nosso problema de pesquisa e em qual caminho precisaríamos percorrer para chegar às respostas, então temos como objetivo geral do nosso trabalho: entender como o professor da educação infantil compreende o processo de desenvolvimento humano da criança e como ela aprende e também identificar se o professor entende a relevância do seu trabalho no processo de desenvolvimento humano da criança.

Como objetivos específicos temos: I - entender o processo de desenvolvimento humano da criança e como o professor percebe esse desenvolvimento, II - compreender a criança e a infância histórica, social e politicamente, III - analisar as diretrizes curriculares nacionais (DCN e BNCC) e estaduais (DC-GO) para a educação infantil, IV – identificar se o professor tem consciência da importância, relevância e do quanto pode contribuir significativamente para o desenvolvimento humano da criança.

O objeto de estudo deste trabalho é o desenvolvimento humano da criança, nessa perspectiva, compreendemos que o ser humano não nasce humano; ele se torna humano e esse processo de tornar-se humano está profundamente ligado à apropriação da cultura historicamente elaborada pela humanidade. Leontiev (2004) ressalta que as aptidões e características especificamente humanas não são transmitidas por caracteres ou pela hereditariedade biológica, mas pelo processo de apropriação da cultura no decorrer da vida, pela convivência e ensinamentos com as gerações anteriores.

Pasqualini e Eidt (2019) complementam analisando que “[...] se as capacidades verdadeiramente humanas são objetivadas e transmitidas por meio dos objetos da cultura e das práticas culturais, a verdadeira fonte do desenvolvimento humano está fora dos indivíduos, e não dentro” (p. 61). Desta maneira, as condições sobre as quais a criança irá se desenvolver serão decisivas e determinantes para o seu desenvolvimento, assim compreendemos o quão será importante as intervenções do professor nesse processo.

Na construção dos capítulos, levamos em consideração a criança como um sujeito histórico, social e político, reconhecemos que na sociedade capitalista, especialmente para a burguesia, a criança é frequentemente percebida como a-política, a-social, a-histórica e intemporal. Nossa premissa é dialogar e refletir sobre a historicidade da criança, mostrando o oposto da percepção comum, que ela é, de fato, política, social e histórica, mantendo esse pressuposto, buscamos discutir a criança em sua totalidade, considerando todas as suas dimensões e aspectos.

Portanto, no segundo capítulo, abordamos a criança sob o ponto de vista histórico e social, discutimos sobre a criança e a infância. No terceiro capítulo, tratamos a criança sob a perspectiva política que a envolve. Por fim, no quarto capítulo, discutimos alguns conceitos relevantes para o trabalho, como as finalidades educativas da educação e o desenvolvimento humano da criança pelo viés da teoria histórico-cultural também dentro do contexto em que vivemos, além de analisarmos os dados obtidos por meio das entrevistas com as professoras. Cada capítulo foi organizado de forma a estudarmos o passado, compreendendo nosso presente e impulsionando-nos a construir um futuro melhor. A proposta é desenvolver o pensamento de uma criança histórica, social e política, explorando como era a visão sobre a criança no passado e como desejamos que ela seja no futuro.

No segundo capítulo discutimos o conceito de criança e de infância para compreender que a criança é um sujeito na histórico e não um indivíduo e que a infância é uma categoria social. Depois percorremos o caminho histórico geral desde o século XIX até os dias atuais para se compreender como a criança era vista na sociedade naquele tempo e como ainda é hoje, refletindo sobre o que mudou, se não mudou, como era e como compreendemos a criança hoje. Posteriormente fizemos o caminho para buscar a concepção de criança e de infância para a nossa base teórica que é a teoria histórico-cultural, dessa maneira procuramos compreender a criança brasileira por diferentes caminhos buscando a sua totalidade.

Logo em seguida é feito o mesmo caminho, porém no Brasil, pois a nossa história tem suas particularidades que precisam ser analisadas para compreender a criança no nosso país. O último tópico desse capítulo é contar a história de um sujeito apagado desse processo, buscamos entender como é a criança goiana e inhumense, que é o local onde fizemos nossa pesquisa, isso se fez necessário para a construção de uma identidade na cidade pesquisada.

No terceiro capítulo discorremos sobre as políticas que interferem diretamente na vida e na concepção de criança na sociedade. Após, discorremos sobre a educação das crianças a partir da década de 1970, educação que girava em torno do assistencialismo e a fim de compensar as carências gerais da criança. Em seguida tratamos sobre as políticas educacionais

que interferiram na educação da criança brasileira, e assim passamos pela CF de 1988 procurando o que ela trata sobre a educação. Depois buscamos entender quais foram as interferências da Declaração de Jomtien na educação do nosso país, relatamos sobre o Estatuto da criança e do adolescente criado em 1990.

Nesse capítulo também refletimos sobre o neoliberalismo e suas implicações para a nossa educação, tratando sobre o que a LDB 9394/96 apresenta para a educação infantil. Depois discutimos sobre a Lei de complementação da LDB, 12.796/13 que antecipa a obrigatoriedade da educação básica para quatro anos, quando a educação infantil se torna obrigatória, em específico a pré-escola e, por último, o Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014 até 2024 que estabelece metas para a educação no nosso país e para a educação infantil, tratando sobre a universalização e estabelecendo um período para que ela aconteça.

O último tópico desse capítulo é sobre os documentos norteadores da educação infantil, a BNCC e o DC-GO, momento em que fizemos uma análise desses documentos buscando os conceitos de aprendizagem, desenvolvimento e criança, visto que são os documentos utilizados pela rede municipal da cidade de Inhumas para nortear os trabalhos nas instituições. No fim desse capítulo também começamos a analisar os dados obtidos com as entrevistas, então verificamos quais os documentos que as professoras utilizam como base no seu planejamento, qual o conceito que elas têm de criança e de infância.

No capítulo quatro iniciamos contando o contexto histórico em que foi elaborada a teoria histórico-cultural e um pouco da história do fundador dela: Vigotski. Discutimos conceitos centrais da teoria histórico-cultural que também são relevantes para o nosso trabalho, as finalidades educativas da educação tanto no nosso contexto brasileiro como para a teoria histórico-cultural, após essa discussão analisamos as respostas das professoras que participaram da pesquisa para avaliar com qual proposta ela se identificava. Depois analisamos o conceito de desenvolvimento humano para a teoria histórico-cultural assim como o papel do professor e as necessidades das crianças, após esse percurso analisamos as respostas das professoras para as questões sobre o desenvolvimento humano.

Com esse estudo e pesquisa busca-se também a aproximação da Universidade com as instituições de educação básica, pois compreendemos o processo de educação sempre como uma continuidade, um caminho que deve ser percorrido por todos como um direito. Assim, a educação infantil, o ensino fundamental, o ensino médio e o ensino superior, são importantes na constituição do sujeito na sociedade e no seu desenvolvimento.

Buscamos essa aproximação no intuito de promover cada vez mais a junção de toda a educação sistematizada dificultando a sua fragmentação, embora essa não seja a questão central

deste trabalho, apresentamos essa questão nesse momento para dizer que, quando professores da educação básica voltam para a universidade em busca de ampliar os seus conhecimentos, só essa ação já consiste em uma aproximação entre a esses dois campos. Além disso o professor foi formado na universidade, não entendemos completamente este distanciamento e a nossa ação sempre será de me aproximar, para que juntos consigamos lutar por uma educação de qualidade.

Procuramos também essa aproximação com a Universidade para que não se aumente ainda mais o distanciamento que nem deveria existir. Por isso se optou por fazer uma pesquisa empírica levando os conhecimentos aprendidos da universidade para a instituição de educação infantil e levando os resultados da pesquisa para serem analisados na Universidade. Ressaltamos que isso não será feito apenas para apontar problemas ou equívocos, mas também de reforçar o que já temos de bom nesses espaços como uma maneira de apontar caminhos e sugestões para que a luta por uma educação de qualidade seja de todos. Todos unidos em busca do mesmo objetivo, desta forma Ostetto (2017) ilustra perfeitamente esse desejo:

Confiança se conquista. Fiar a confiança é processo precioso para nós que trabalhamos no campo da educação, que sonhamos e lutamos diariamente por uma sociedade de plenos direitos, democrática e justa, que brigamos por políticas públicas que valorizem a profissão docente e a profissão de todos aqueles e aquelas que garantem a educação das novas gerações. E, nessa tarefa, a universidade não pode ficar na posição de quem fala para a educação básica. É urgente estar com a educação, falar com ela, seguir lado a lado, de mãos dadas, fortalecendo, no nosso caso, a educação infantil em sua existência, resistência e luta em defesa dos direitos das crianças. (p. 17)

Confiança se conquista, e percorrer o trajeto para se estabelecer uma confiança entre a Universidade e as instituições de educação básica do nosso país é de muita importância para a luta por uma educação de qualidade. Então não vamos perder essa oportunidade, precisamos estreitar esses laços para que não fique uns lutando de lá e outros de cá, porque a luta é a mesma, só é preciso juntar as forças, alinhar os debates e assim estabelecer a confiança. Buscando isso nessa dissertação, muito possivelmente ela será disponibilizada para consulta e às vezes até poderá ser entregue nas instituições que participaram da pesquisa no intuito de contribuir para a educação da cidade no intuito de estabelecer um diálogo. Foi maravilhoso conversar com as professoras, estar com contato com elas e conhecer o trabalho que desenvolvem muitas vezes em condições tão adversas. No próximo tópico buscaremos mapear a situação atual do nosso objeto, e localizá-lo dentro do mundo da pesquisa.

## **1.5. MAPEAMENTO E ANÁLISE SOBRE AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS DO TEMA DESTA PESQUISA**

No intuito de aprofundar nosso conhecimento sobre o objeto de estudo e o tema abordado nesta pesquisa, fizemos dois levantamentos bibliográficos e sistemáticos de teses e dissertações no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O objetivo foi identificar e conhecer as principais discussões que estão sendo feitas em torno do tema, entender quais são os principais assuntos relacionados ao tema estudado e qual a ênfase desses trabalhos, na criança, no seu processo de desenvolvimento humano da criança ou no professor, no trabalho docente ou na sua formação. Assim o tema desta pesquisa é: uma educação infantil pública de qualidade que potencialize o desenvolvimento humano da criança ancorado na teoria histórico-cultural.

A escolha em fazer a pesquisa de levantamento de dados somente no site da BDTD é por ser um banco de dados de fácil acesso a esses trabalhos acadêmicos e por se tratar da escrita de uma dissertação, pensamos que seria interessante saber se já existiam outras dissertações ou até teses com o mesmo tema, e considerando que muitos artigos publicados têm suas origens na escrita das dissertações e nas teses, concentramos nosso levantamento de dados nesse site.

Em um primeiro momento nosso objetivo foi descobrir quais os trabalhos acadêmicos, no caso tese e dissertação já utilizaram Inhumas como lugar de pesquisa. Utilizamos a busca avançada, não especificamos o ano de publicação, todavia a data em que foi feito o levantamento foi no dia 29 de março de 2024. Como descritores, usamos duas palavras-chave “educação infantil” AND “Inhumas”, com essa combinação encontramos três trabalhos. Todos os três trabalhos eram dissertações, todos pesquisaram a educação infantil, dois deles utilizaram Inhumas como campo de estudo e um utilizou o Estado de Goiás como campo.

Desses trabalhos que apareceram na busca booleana, um tem como tema, o estágio supervisionado na formação docente, o outro discute o curso de pedagogia e o ensino de arte. Ambos têm como base o município de Inhumas como campo de pesquisa, o trabalho que aparece discute a universalização da educação infantil com ênfase no Estado de Goiás, porém ele aparece na busca por ter sido um trabalho da UEG de Inhumas. Como podemos perceber nenhum dos trabalhos encontrados tem como ênfase o desenvolvimento humano da criança, isso reforça a importância e relevância desse trabalho para o campo educacional da cidade, bem como ponto de partida para outras pesquisas que tenham esse tema e esse objeto de estudo.

Em um segundo momento buscamos por trabalhos em regiões diferentes, foi utilizado para esse levantamento de dados a busca avançada que é disponibilizada pelo próprio site, com

o ano da defesa entre 2018 e 2022, portanto pesquisas que foram realizadas nos últimos cinco anos, levando em consideração que a data desse levantamento foi no dia 23 de outubro de 2023, quando ainda estávamos coletando os dados e não analisando. Foi utilizado o operador da lógica booleana “AND” que na língua portuguesa corresponde a “E”, esse operador de pesquisa consiste em encontrar trabalhos em que ambos os descritores pesquisados apareçam de alguma forma, utilizamos também os descritores entre aspas para sinalizar na busca que eles precisavam ser encontrados juntos e por se tratar de um nome específico como “teoria histórico-cultural”.

Como descritores utilizamos as palavras-chave dessa dissertação e que estão presentes no tema desta pesquisa. É preciso ressaltar que foi necessário fazer duas buscas, sendo que a primeira consistia em utilizar os descritores “desenvolvimento humano da criança” AND “educação infantil” AND “teoria histórico-cultural”. Porém com essa combinação encontramos apenas dois (2) trabalhos, mas uma vez podemos perceber a importância dessa pesquisa para o meio acadêmico e também para a sociedade, ficou a reflexão de que será que poucos trabalhos se preocupam com o desenvolvimento humano da criança, ou será que é porque a teoria histórico-cultural é pouco estudada no Brasil. Dificilmente nós recorreríamos a segunda opção, pois sabemos de diversos pesquisadores que têm essa teoria como base para seus estudos, acreditamos mais na hipótese da primeira opção.

Como o objetivo era conhecer o tema a ser estudado dentro do meio acadêmico, queríamos mais trabalhos. Decidimos então não especificar no primeiro descritor “desenvolvimento humano da criança”, pensando que como o trabalho é realizado na educação infantil, logo será desenvolvido com crianças, desta maneira o segundo descritor já selecionaria trabalhos desenvolvidos com elas. Então em uma segunda pesquisa utilizamos os descritores “desenvolvimento humano” AND “educação infantil” AND “teoria histórico-cultural”, com essa combinação encontramos vinte e sete (27) trabalhos, porém quando fizemos a segunda parte do trabalho que é o de identificar cada um, percebemos que dois constavam na base de dados mais de uma vez e um deles aparecia três vezes, totalizando então vinte e quatro (24) trabalhos conforme podemos ver no Quadro 1.

**Quadro 1: Publicações na BDTD**

			<b>Descritores</b>	<b>Quantidade trabalhos</b>
<b>Data da pesquisa</b>	23/10/2023	<b>PESQUISA 1</b>	"desenvolvimento humano da criança"	2
			"educação infantil"	
<b>Ano de defesa</b>	Entre 2018 e 2022	<b>PESQUISA 2</b>	teoria histórico-cultural	24
			"desenvolvimento humano"	
<b>Operador utilizado</b>	"AND"		"educação infantil"	
			teoria histórico-cultural	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

Dessa maneira, questiona-se que com a simples retirada da palavra criança do primeiro descritor apareceram mais vinte e dois (22) trabalhos. Partimos então para a próxima fase desse levantamento que é identificar todos os trabalhos encontrados. Ressaltamos que como os trabalhos que apareceram na primeira pesquisa apareceram também na segunda, não será feita um quadro de identificação para eles, mas sinalizamos que são os trabalhos de número 15 e o 24, que podem ser encontrados no apêndice A deste trabalho. Para a segunda fase desse levantamento que é identificar esses trabalhos, levaremos em consideração os seguintes dados, título do trabalho, ano de defesa, o autor, orientador do trabalho e em qual o programa de pós-graduação ele está vinculado, o quadro com os trabalhos pode ser visto no apêndice A deste trabalho.

Foram encontrados vinte e quatro trabalhos, desses, dois são teses e vinte e dois são dissertações. Constatamos que são pouquíssimas teses defendidas dentro desse tema, uma defendida em 2019 e a outra em 2022, mas levando em consideração que poucos têm a oportunidade de fazer o doutorado no Brasil e que este título ainda é um privilégio de poucos, essa pode ser uma das respostas ou pensamos também que por se tratar de um tema prático e no Brasil as condições para se fazer uma pesquisa empírica não são muito favoráveis a começar pelo comitê de ética.

Das dissertações, analisamos que em 2018, 2019 e 2021 temos quatro trabalhos em cada um desses anos, em 2020 temos dois trabalhos, ano em que tivemos uma pandemia, portanto esse número baixo pode ser em decorrência disso, mesmo que essas pessoas tenham ingressado antes da pandemia, pode ser que em algum momento da pesquisa a pandemia tenha interferido, visto que foi um período muito conturbado emocionalmente na nossa história. Em

2022 temos oito trabalhos, inclusive grande parte dos trabalhos encontrados foram defendidos recentemente, isso nos mostra que o tema está sendo mais debatido atualmente.

De dezesseis orientadores de dissertações que apareceram nesse levantamento, somente as professoras Dr<sup>a</sup> Suely Amaral Mello, Dr<sup>a</sup> Sinara Almeida da Costa, Dr<sup>a</sup> Marta Silene Ferreira e a Dr<sup>a</sup> Elieuzza Aparecida de Lima têm mais de um trabalho defendido como orientadora, sendo que as Professora Dr<sup>a</sup> Suely, Dr<sup>a</sup> Sinara e Dr<sup>a</sup> Elieuzza têm cada uma dois trabalhos e a professora Dr<sup>a</sup> Marta tem quatro trabalhos defendidos como orientadora, os demais orientadores todos têm somente um trabalho defendido com o tema dessa pesquisa. A professora Dr<sup>a</sup> Elieuzza foi orientadora das duas teses que apareceram nesta pesquisa booleana, portanto levando em consideração teses e dissertações ela orientou quatro trabalhos. Destacamos a professora Dr<sup>a</sup> Suely Amaral Mello, faz parte dos autores estudados para esta pesquisa, com trabalhos muito significativos para a área.

Um outro resultado interessante sobre os orientadores foi que vinte e três dos trabalhos foram orientados por mulheres e apenas um por homem. Destacamos que foi do programa de pós-graduação em Educação Física, isso mostra que tanto na educação quanto na psicologia, demais áreas que apareceram no levantamento, são áreas em que temos uma concentração maior de mulheres (Diniz, 1998). Entre os autores dos trabalhos o número não é muito diferente, vinte e dois dos vinte e quatro trabalhos encontrados são de nomes femininos e dois de nomes masculinos, infelizmente não conseguimos um aprofundamento nesses dados para uma maior análise, visto que o objetivo é apenas ter um panorama geral dos estudos que estão sendo feitos na área, não estudamos cada um desses trabalhos encontrados, no máximo lemos o resumo. Por isso a análise dos trabalhos não foi realizada de uma maneira mais aprofundada, o intuito é conhecer o panorama geral do tema, leríamos algum trabalho na íntegra somente se fosse necessário para o desenvolvimento deste.

Os Programas de Pós-graduação que apareceram no levantamento de dados deste estudo foram em: Educação, Educação física, Psicologia do desenvolvimento escolar, Psicologia social, Ensino e Programa de pós-graduação profissional em educação. Interessante quando encontramos somente um trabalho apresentado com esse tema de pesquisa em um mestrado profissional, pois entendemos que este é um tema mais voltado para a prática e em um mestrado profissional o objetivo é que ele seja mais voltado para isso, inclusive junto com a dissertação é preciso entregar também um produto proveniente da pesquisa que foi feita, acreditamos que esse tipo de programa apareceria mais.

Dos vinte e quatro trabalhos encontrados, dezoito são provenientes de programas de educação, inclusive as duas teses e um dos trabalhos é de um programa profissional em

educação, conforme mencionado no parágrafo anterior, isso nos mostra uma concentração dos trabalhos na área da educação, pensando que outras áreas poderiam se interessar também por esse tema. Outros quatro trabalhos são provenientes da educação, porém em áreas mais específicas como, Educação Física com um trabalho encontrado, psicologia do desenvolvimento escolar com dois trabalhos apresentados e ensino com um trabalho apresentado, foi encontrado também um trabalho específico do programa de psicologia social. Portanto, foram seis programas de pós-graduação encontrados nesse levantamento, desses somente um não é específico da educação, mostrando o interesse de outras áreas pelo tema estudado, já que é um tema da psicologia, porém percebemos que é uma base teórica que interessa muito mais os educadores do que os psicólogos.

É preciso ressaltar o trabalho do programa de Educação Física, visto que esta é a área de formação inicial da pesquisadora que vos fala, em um levantamento breve, percebemos que ele se identifica como sendo realizado no ensino fundamental, mas no corpo do texto ele aborda a transição da educação infantil para o ensino médio, por isso apareceu na base de dados.

Com esse levantamento percebemos que sobre o tema pesquisado todas as regiões apareceram com pelo menos um trabalho defendido. Todavia os trabalhos se concentram nas regiões sudeste, com treze defesas e na região sul, com seis trabalhos defendidos. Nas regiões norte e centro-oeste cada uma delas apresentou dois e na região nordeste apenas um foi realizado com o tema. Conforme percebemos nas regiões, vale um destaque para a região sudeste, o Estado que mais tem concentração de trabalho é o que pertence a essa região, São Paulo com sete e o Estado do Paraná na região sul com seis, haja vista que todos os trabalhos da região sul são no Estado do Paraná.

Percebemos que grande parte dos trabalhos da região sudeste se concentram em São Paulo, exceto um que foi produzido no Estado de Minas Gerais e todos os trabalhos da região sul foram produzidos no Estado do Paraná, portanto esse é um tema de maior interesse nas regiões sul e sudeste. O Estado do Pará e Distrito Federal apareceram no levantamento cada um com dois trabalhos realizados e Minas Gerais e Paraíba com um trabalho defendido, o Estado da Paraíba é o único da região nordeste que aparece nesse levantamento, com um trabalho apresentado.

As cidades que aparecem nesse levantamento são: Maringá, Marília, Campinas, Santarém, Uberaba, Londrina, Brasília, João Pessoa, Foz do Iguaçu, São Carlos. Um destaque para as cidades de São Paulo com sete trabalhos apresentados e Londrina com cinco apresentados, essas duas cidades contemplam a maior parte dos trabalhos encontrados. São Carlos tem três trabalhos, Campinas, Santarém e Brasília cada um com quatro trabalhos, destaque

que Brasília é a única cidade do centro-oeste que aparece nos resultados, portanto não foi encontrado trabalhos com o tema desta pesquisa no Estado de Goiás. Nas cidades Maringá, Uberaba, João Pessoa, Foz do Iguaçu, cada uma tem um trabalho apresentado.

Sobre as instituições destacamos que catorze trabalhos foram realizados em instituições Estaduais, nove em instituições Federais e apenas um em uma instituição particular. Percebemos uma concentração dos trabalhos, sendo vinte e três deles em instituições públicas, talvez porque pessoas que ingressam em universidades particulares têm áreas de interesse diferentes, é preciso fazer uma reflexão mais aprofundada sobre esses dados apresentados, o que não cabe neste momento contudo, fica o questionamento. Ressaltamos que o único trabalho que foi feito em uma instituição privado foi o de número 3, que pode ser visto no apêndice B deste trabalho.

Dos vinte e quatro trabalhos encontrados, seis deles são muito próximos desta pesquisa, ou porque apresentam os mesmos descritores como palavras-chave ou esses descritores aparecem de alguma forma no título do trabalho, em alguns não são exatamente as mesmas palavras, mas tem o mesmo sentido, são os trabalhos 1, 11, 12, 17, 20 e 24. Desses seis, três são voltados para o desenvolvimento humano da criança, portanto discutem a formação dela, são os trabalhos de número 1, 11 e 17, os outros três trabalhos se concentram na formação do professor, que são os trabalhos 12, 20 e 24, esses trabalhos podem ser encontrados no apêndice B.

É importante destacar um trabalho sobre linguagem escrita na educação infantil, visto que isso é um assunto perigoso e a teoria histórico-cultural ressalta a todo momento que não cabe na educação infantil a escolarização da criança ou a antecipação de conteúdo do ensino fundamental e compreendemos que cabe ao ensino fundamental a tarefa de alfabetização, seria interessante ver a abordagem da autora e o que ela pensa sobre essa prática, se concorda ou não, assim como a pesquisa já que sua base teórica é a teoria histórico-cultural, mas para isso precisaríamos ler o trabalho na íntegra o que não cabe nesse momento, mas talvez em um outro momento durante esse estudo, esse trabalho é o de número 8 que pode ser encontrado no apêndice B deste estudo.

**Tabela 1:** Identificação das linhas de concentração das pesquisas

<b>Linha de pesquisa</b>	<b>Quantidade de trabalhos</b>	<b>Identificação dos trabalhos</b>
<b>Formação de professores</b>	6	3 – 6 – 12 – 20 – 23 – 24
<b>Trabalho docente</b>	9	2 – 7 – 8 – 10 – 13 – 15 – 16 – 18 – 22
<b>Desenvolvimento da criança</b>	<b>6</b>	<b>4 – 5- 11 – 14 – 17 – 21</b>
<b>Recursos didáticos</b>	3	1 – 9 – 19

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

Para uma última análise separamos os trabalhos em quatro linhas de pesquisa: formação de professores, trabalho docente, desenvolvimento da criança e recursos didáticos, essa divisão foi realizada no intuito de encontrar trabalhos que sejam muito próximos da linha de pesquisa deste trabalho. É preciso destacar três trabalhos um que tem como premissa discutir tanto a formação de professores, quanto o ofício docente, temas muito relevantes, porém densos para serem discutidos dentro do mesmo trabalho, que é o trabalho de número 12, ressaltamos que seria necessário lê-lo na íntegra para identificar a sua concentração maior, o que não é possível neste momento. Outro a ser destacado é o de número 14 que traz a premissa da criança autista e a preocupação da pesquisa é com o desenvolvimento da criança, destacamos também o trabalho de número 4, que se concentra no desenvolvimento humano da criança em um contexto bem diferente do estudado nessa pesquisa, esse seria muito válido a leitura para talvez contribuir para o trabalho, eles podem ser encontrados no apêndice B deste estudo.

Depois de todo esse levantamento encontramos dois bem próximos a esta pesquisa, são eles o de número 11 e 17, que são voltados para a criança, com base teórica na teoria histórico-cultural desenvolvidos com as crianças da educação infantil, uma coincidência ou não que podemos destacar que ambos falam de afeto no título, e podem ser encontrados no apêndice B deste estudo.

Ressaltamos um ponto relevante, nenhuma das pesquisas realizadas abordou qual a percepção do professor para o desenvolvimento humano da criança, uma das premissas para esta pesquisa, destes dois trabalhos encontrados, um se refere a importância de se desenvolver um trabalho voltado para o desenvolvimento humano da criança na educação infantil, pesquisa número 17. A outra pesquisa tem como premissa identificar trabalhos que buscam o desenvolvimento humano da criança, pesquisa número 11, talvez os três trabalhos este que está sendo feito agora e os já publicados se complementem no futuro, afinal a criança brasileira que já sofreu muito merece essa integração e essa preocupação de todos os pesquisadores da área, estes trabalhos podem ser encontrados no apêndice B deste estudo.

Esse levantamento teórico foi feito no intuito de conhecer previamente o nosso tema de pesquisa, em nenhum momento utilizamos o texto dos trabalhos apresentados nesse mapeamento. Por isso não utilizamos as referências deles, mas sim os números onde eles se encontram no quadro que está no apêndice B deste trabalho. O objetivo não foi utilizar esses trabalhos encontrados nesse levantamento na construção dessa dissertação, mas apenas perceber o que está sendo dito e estudado sobre o nosso objeto de estudo, quem está pesquisando, onde se concentram a maioria das pesquisas. Diante disso, percebemos que o objetivo foi alcançado e pudemos perceber todos esses aspectos no levantamento realizado.

## 2. A CRIANÇA COMO SUJEITO HISTÓRICO E SOCIAL

*A criança é feita de cem.  
A criança tem cem mãos,  
cem pensamentos,  
cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem  
sempre, cem modos de escutar,  
de maravilhar e de amar.  
Cem alegrias para cantar e compreender. Cem  
mundos para descobrir.  
Cem mundos para inventar.  
Cem mundos para sonhar. [...]  
(Loris Malaguzzi, Ao contrário, as cem existem)*

Começamos nossa reflexão sobre o tema deste capítulo com este pequeno trecho do poema “Ao contrário, as cem existem”, pois nele é apresentada uma concepção de criança, além de também expressar e mencionar os aspectos que o autor acredita ser melhor para a educação delas. Para as crianças da educação infantil Loris Malaguzzi (2018) acredita ser necessário uma educação que preserve a infância, que respeite os seus anseios quanto a aprendizagem, bem como seus direitos. Assim, nesse pequeno fragmento do poema ele defende que a criança tem várias formas de se comunicar com o mundo e diversos mundos para conhecer, para sonhar e para criar.

Podemos perceber através da argumentação poética citada, o quanto é importante que a criança crie e recrie sua realidade em um universo onírico, formulando vários contextos e fazendo a construção do mundo em que ela gostaria de viver. Lev Semionovitch Vigotski (2018b) precursor da teoria histórico-cultural ressalta que, embora a criança tenha menos elementos que um adulto para compor a sua imaginação, ela confia e vivencia mais os seus impulsos imaginativos, e esse mesmo autor acrescenta:

Nesse sentido, a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de uma pessoa porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ela pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua própria experiência. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando a experiência histórica ou social alheias com a ajuda da imaginação. (p. 26-27)

Em um primeiro momento a imaginação depende da experiência, é ela que fornece elementos para compor a imaginação e a atividade criadora da criança, mas em um segundo momento é a experiência que se apoia na imaginação adquirindo uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano, que é a possibilidade de criar mundos novos, sonhar com diversas possibilidades e também de assimilar experiências históricas e sociais que não tenha vivenciado (Vigotski, 2018b).

Diante da análise de comparação imaginativa entre o adulto e a criança, certamente ela terá menos elementos imaginativos, assim como a sua linguagem verbal terá um repertório menor, ao passo que a linguagem corporal também não se expressará da mesma maneira que a de um adulto. Ademais, Vigotski (2018b) ressalta que é completamente compreensível que a imaginação da criança se diferencie do adulto, visto que ela adquire formas diferentes em cada período do desenvolvimento infantil ao longo da vida, tornando-se perigosa esse tipo de comparação, porque ambas estão em fases diferentes e com formações psicológicas distintas. Todavia, essa analogia já foi realizada ao longo da história e continuou contribuindo para que não tivéssemos uma visão da criança como um sujeito com necessidades próprias.

Portanto, uma criança não irá se expressar exatamente com as mesmas palavras e gestos que um adulto usaria, como é considerado também no poema apresentado, pois elas têm sua própria forma de expressar e de se comunicar, assim a sua maneira ela irá mostrar como deseja que o mundo seja, talvez ela não fale, mas se um adulto lhe contar uma história ela irá demonstrar se gostou ou não daquele mundo em que aparece na história. Como tem menos resistência para ir e permanecer no mundo da sua imaginação, facilmente ela constrói diversos mundos com a sua atividade criativa.

Vigotski (2018b) nos ajuda a pensar o quanto é importante preservar a atividade criadora da criança:

Se a atividade do homem se restringisse à mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado, adaptando-se ao futuro apenas na medida em que este reproduzisse aquele. É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente. (p. 15-16)

Neste sentido, é importante ampliar as experiências da criança e como são sentidas as suas vivências, para que ela tenha uma diversidade de elementos consistentes o bastante para constituir a sua atividade de criação. Vigotski (2018b) nos explica que o nosso “[...] cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas

situações e novo comportamento” (p. 15). Estimular a atividade criadora da criança e a sua imaginação é um dos aspectos que proporcionará para que ela alcance todo o seu potencial, pois a imaginação e a criação é uma condição totalmente necessária na vida e em toda atividade mental humana (Vigotski, 2018b).

A imaginação é que da base para a atividade mental da criança e isso fará com que ao longo da vida, ela se transforme em um ser humano que se dedique a fazer o exercício de compreender o passado através da cultura. Contudo, se esforçando para não permanecer nele ou apenas fazer uma reprodução do velho, mas sim, aperfeiçoando sua própria identidade, construindo o futuro, e vivenciando de forma mais natural o seu presente. Dessa forma, Vigotski (2018b) nos faz refletir sobre a importância de voltarmos constantemente ao passado para compreendê-lo e entender como chegamos ao presente, no nosso momento atual, para não repetir os erros cometidos historicamente. Para tanto, precisamos da nossa imaginação e da atividade criadora, esses aspectos são construídos através da diversidade de experiências e vivências que são proporcionadas na infância, Vigotski (2018b) reforça que “a criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores” (p. 44).

É fundamental que a criança seja estimulada nas suas potencialidades máxima nessa fase da vida, para apreender os elementos fundamentais para a sua formação humana e um dos estímulos que Suely Amaral Mello (2007), sob o olhar da perspectiva histórico-cultural defende, vem do processo formativo, assim ela ressalta que é de responsabilidade desse processo “organizar intencionalmente as condições adequadas para proporcionar a máxima apropriação das qualidades humanas pelas novas gerações” (p. 89).

Reforçam essa ideia os autores Andréa Maturano Longarezi e Roberto Valdés Puentes (2015), estudiosos do enfoque histórico-cultural, que explicam que precisamos buscar “[...] alternativas psicológicas e pedagógicas mais eficientes, menos cognitivistas, mais humanas e integrais que ajudem na formação de uma personalidade singular e completa, não pela metade como tem sido feito até agora” (p. 7). Nesse contexto, percebemos a preocupação e a relevância em potencializar ao máximo o desenvolvimento humano, para que a criança atinja a sua completude como ser humano, sobre isso Alexis Nikolaevich Leontiev (2004) nos alerta que

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por

assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal. (p. 301)

Percebemos que o ser humano ao nascer, necessita desenvolver e aprimorar suas capacidades verdadeiramente humanas, ou seja, se apropriar dos conhecimentos construídos ao longo do tempo para dar continuidade nos estudos, nas pesquisas e reconhecer-se integrante da humanidade por meio da cultura, da história e das grandes obras do passado. Para melhor demonstrar essa ideia, Leontiev (2004) destaca que é preciso nos apoiarmos nos ombros das gerações anteriores para desenvolver e adquirir conhecimentos diversificados e experienciados pela humanidade e também desenvolver faculdades verdadeiramente humanas.

Assim Alexander Romanovich Luria (2017a) acredita que a criança pequena já se apropriando da cultura do homem, dispõe de instrumentos próprios tanto mentais quanto físicos para dominar e resolver os problemas que são postos a ela e que o aspecto cultural, tão importante na teoria histórico-cultural é o que irá oferecer a criança ferramentas para construir esses instrumentos, é claro que isso irá acontecer da sua maneira e com os elementos que ela já adquiriu ao longo da sua breve trajetória no mundo.

Manuel Jacinto Sarmiento (2005) reforça que as crianças “[...] possuem modos diferenciados de interpretação do mundo e de simbolização do real, que são constitutivos das ‘culturas da infância’, as quais se caracterizam pela articulação complexa de modos e formas de racionalidade e de acção” (p. 371). Desta forma, compreendemos que a cultura irá ser determinante para a construção da criança como sujeito no mundo, mas é importante lembrar, como posto no poema de Malaguzzi (2018), Sarmiento (2005) e Vigotski (2018b), que a criança tem um jeito próprio de pensar, de agir, de perceber e compreender o mundo e isso é construído ao longo da sua infância com a cultura influenciando intensamente.

Para compreender o quanto é importante estudar o passado, o quão determinante será a cultura na construção da personalidade da criança, é preciso se inteirar do conceito de cultura e Leon Trotski (1981) analisa que:

Cultura é tudo aquilo que foi criado, construído, apreendido, conquistado pelo homem no curso de toda a sua História, em contraposição ao que a natureza lhe deu, compreendida aí a história natural do homem como espécie animal [...]. Mas o momento em que o homem se separou do reino animal – e isto aconteceu quando o homem segurou pela primeira vez os instrumentos primitivos de pedra e de madeira – naquele momento começou a criação e acumulação de cultura, isto é, do conhecimento e da capacidade de todos os tipos para enfrentar e subjugar a natureza (p.51).

Desde que o homem começou a transformar a natureza, ele começou a produzir e a acumular cultura, assim, esta é uma criação humana. Angel Pino (2005) ressalta que a natureza já está dada, a cultura transforma o dado natural, mas não a cria, o que o ser humano cria e produz é cultura, então o homem transforma a natureza, adaptando-a, em partes, ao objetivo de uma determinada atividade social e assim ele está produz vida social.

Utilizando das reflexões de Vigotski (2018b), fazendo esse exercício de compreender o passado, a cultura que foi produzida ao longo do tempo, para pensar o futuro modificando o nosso presente, Mello (2007) esclarece que a forma como compreendemos e pensamos a criança e a infância atualmente é o resultado de uma construção histórica e social dos últimos duzentos anos. É um conceito que vem sendo construído desde o século XIX e por isso é tão importante fazer esse percurso histórico compreendendo as mudanças pelo qual esses conceitos passaram ao longo do tempo ou poderemos perceber que não mudaram, que apenas se adequou ao modo de vida atual.

Buscaremos nesse estudo realizar reflexões acerca de uma educação pública de qualidade para as crianças da educação infantil, essas que são filhos e filhas da classe trabalhadora, pensando nisso iniciaremos essa discussão procurando apreender os conceitos de criança e de infância, como a sociedade foi construindo esses conceitos, compreendendo-os ao longo da história junto com as mudanças na forma de se viver em sociedade e nos meios de produção, ou seja, nas formas de trabalho do homem.

## 2.1. A CRIANÇA E A INFÂNCIA: DISCUTINDO CONCEITOS

Precisamos ter bastante cautela no estudo desses conceitos, pois na literatura muitas vezes este conceito de infância é atribuído como sinônimo de criança, ambas são utilizadas em alguns textos como tendo a mesma origem e significado. Interpretamos que isso pode acontecer devido a aproximação da forma como se escreve a palavra infância em português e *enfant* em francês, conforme podemos identificar tem uma grande semelhança. Em uma breve consulta no dicionário de francês/português identificamos realmente que *enfant* significa criança e que infância em francês é *enfance*, mas temos outras palavras em francês que corresponde a criança e infância também, como *child* e *l'enfance* (Rónai, 2012).

De acordo com Philippe Ariès (2022), a palavra em francês *enfant*, é o termo equivalente para criança em português, portanto, dizer *enfant* em francês é o mesmo que criança. Ele defende que desde o nascimento até os sete anos de idade aquilo que nasce é chamado de *enfant*,

o que determina o sentido dessa palavra segundo esse autor é o ser “não falante”, pois a criança ao nascer não tem a fala como a conhecemos, desenvolvida e mais elaborada, essa é uma característica típica da criança, a que ainda não fala. Deste modo *enfant* quer dizer não falante ou que ainda não consegue formar e pronunciar as palavras perfeitamente e então o autor justifica que isso se dá por uma questão biológica da formação do *enfant* (criança), nesta etapa ele ainda não tem seus dentes bem ordenados e firmes, portanto é um conceito que parte da questão biológica da criança.

Moysés Kuhlmann Junior (2015) explica que etimologicamente a palavra infância tem sua origem no latim e o seu sentido está ligado a incapacidade de falar, podemos dizer que tem o mesmo sentido da palavra *enfant* em francês para Ariès (2022), porém não podemos esquecer que esse autor traz para nós que *enfant* é o mesmo que criança e não infância. Kuhlmann Junior (2015) reforça que essa incapacidade de fala é atribuída as crianças da primeira infância, que compreende o período entre o nascimento até os sete anos de idade e acrescenta que essa fase representa a passagem para a idade da razão.

Para Julita Scarano (2010) a idade da razão seria a capacidade da criança de distinguir entre o bem e o mal, já Vigotski (2006) aprofunda um pouco mais analisando que com a crise dos sete anos, que é quando acontece um salto qualitativo devido a uma mudança no desenvolvimento da criança, nesse caso é quando ela nessa passagem de desenvolvimento inclui o fator intelectual a sua vivência, perdendo de certa maneira a sua espontaneidade passando a controlar mais os seus impulsos imaginativos, surge então a partir desse momento a orientação consciente de suas próprias vivências.

Ainda sobre a infância, Kuhlmann Junior (2015) explica que o seu significado é bem genérico e podemos dizer também abrangente, pois carrega no seu sentido as transformações sociais ocorridas no mundo, assim como as suas contradições, informa que “toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel” (p. 16). Portanto, o significado atribuído à infância depende da classe social ao qual a criança pertence e da sua função e do seu status na sociedade.

Segundo Ana Maria Mauad (2010) no século XIX é ratificada a descoberta humanista da especificidade da infância e da adolescência como fases da vida, assim acontece também com os termos criança e menino que a partir do ano de 1930 começam a aparecer nos dicionários, no caso da palavra criança, ela já aparece com o significado designado a espécie humana. No entanto, antes disso, a palavra criança significava cria da mulher, eram também chamados assim as mudas novas de uma planta e os animaizinhos que tinham acabado de nascer, seu significado abrangia outros seres vivos, como Mauad (2010) retrata

Tal significado provém da associação da criança ao ato de criação, onde criar significa amamentar, ou, como as plantas não amamentam, alimentar com sua própria seiva. Somente com a utilização generalizada do termo pelo senso comum, já nas primeiras décadas do século XIX, que os dicionários assumiram o uso reservado da palavra “criança” para a espécie humana. (p. 129)

Sobre essa conceituação no século XIX, Miriam Lifchitz Moreira Leite (1997) discorre que a palavra criança “[...] por definição, era uma derivação das crianças que eram criadas pelos que lhe deram origem, eram o que se chamava de ‘crias’ da casa, de responsabilidade (nem sempre assumida inteira ou parcialmente) da família consanguínea ou da vizinhança” (p. 20). Neste ponto, já podemos notar a ligação da criança com a sua família biológica e com a comunidade ao qual pertencia, sendo de responsabilidade da mulher, da casa, da família e até mesmo da vizinhança criar e cuidar dessas crianças.

Todavia, é importante ressaltar que no século XIX o Brasil ainda era um país escravista, dessa maneira muitas famílias, burguesas, ainda tinham suas amas de leite e suas damas de companhia que eram mulheres escravizadas e eram de sua responsabilidade criar as crianças de seus senhores. Scarano (2010), sobre a diferenciação da criança negra e da criança burguesa, diz que as famílias burguesas aceitavam as crianças negras em suas casas até os sete anos, haja vista que todas elas conviviam no mesmo ambiente, porém apenas conviviam, pois, a criança negra continuava sendo marginalizada.

Sarmiento (2005) analisa que a construção moderna da infância, isso já no século XX, corresponde a um trabalho de separação do mundo dos adultos e das crianças, estimulando a divisão entre espaços de ambos. Deste mesmo modo, ocasionou também a institucionalização da criança, prolongando o tempo que esta precisa passar na escola e antecipou os anos de escolarização dela, ou seja, acelerou a sua entrada nas instituições de educação, motivando a criação de instituições públicas para recebê-las as quais foram chamadas de creches, separando de fato o mundo infantil dos adultos (Sarmiento, 2005). Desta maneira, Sarmiento (2005) ressalta que

A infância é historicamente construída, a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade. Esse processo, para além de tenso e internamente contraditório, não se esgotou. É continuamente atualizado na prática social, nas interações entre crianças e nas interações entre crianças e adultos. Fazem parte do processo as variações demográficas, as relações económicas e os seus impactos diferenciados nos diferentes grupos etários e as políticas públicas, tanto quanto os dispositivos simbólicos, as práticas sociais e os estilos de vida de crianças e de adultos. (p. 365-366)

Percebemos que são vários os fatores que interferem no conceito de criança e de infância e mais uma vez podemos identificar que é um conceito construído historicamente, de forma lenta conforme a ideologia e normativas de cada época, todavia é um conceito atualizado na prática social e que estão em constante movimento, assim como a história. A modernidade concebe a criança como um ser inimputável e juridicamente incompetente, desta maneira ela não pode e nem sabe se defender, precisa ser submetido a processos constantes de instrução, pois não pensa adequadamente e não tem valores morais, por isso precisa ser disciplinada e conduzida moralmente (Sarmiento, 2005).

Nesse sentido, podemos dizer que a infância é concebida negativamente, retomando a discussão do início deste tópico. Trazendo Sarmiento (2005) para esse diálogo, ele analisa que a própria etimologia dessas palavras nos leva a essa negatividade, assim “[...] infância é a idade do não-falante, o que transporta simbolicamente o lugar do detentor do discurso inarticulado, desarranjado ou ilegítimo; o aluno é o sem-luz; criança é quem está em processo de criação, de dependência, de trânsito para um outro” (p. 368-369), esse pensamento tem efeitos consideráveis e ainda aparecem nos dias atuais, circundando o pensamento e a formação das pessoas quanto ao entendimento de criança e infância.

Esses conceitos precisam ser superados, atualmente não cabe mais enxergar a criança como um ser insipiente e que não pensa de maneira correta, é preciso olhar para a criança a partir da positividade, incluindo ela nas práticas sociais coletivas, quando falamos de criança não podemos considerar apenas como uma geração ou uma fase mais nova dos adultos. Para a sociologia da infância, Sarmiento (2005) ressalta que é preciso considerar a sociedade na sua multiplicidade e isso compreende pensá-la como um todo, com crianças, adultos e velhos, sem fragmentar ou separá-los por faixa etária ou biologicamente os privando de convivência social.

Pensando desta maneira, então é preciso considerá-la como um sujeito concreto nessa sociedade, que se forma como um ator social que está em desenvolvimento, mas que não é um sujeito incapaz ou até mesmo passivo. Considerando isso é importante compreender a infância como uma categoria social e não sendo a infância o sujeito, pois o sujeito desse processo é a criança que precisa viver a sua infância na sua plenitude (Sarmiento, 2005).

Apesar de toda a negatividade do conceito moderno de infância e de criança, que separa o mundo dos adultos e das crianças, que a enxerga como um ser totalmente incapaz, que não pensa e que precisa ser disciplinada constantemente. Vale ressaltar que, a partir desse conceito se tornou possível estabelecer medidas de proteção e de defesa da criança como sujeito nessa sociedade, e da infância como uma categoria social que precisa ser preservada e assegurada como um direito da criança (Sarmiento, 2005).

Compreendemos a partir dessa discussão que a criança é um sujeito nesse processo e precisa ser vista e estimulada como um ser ativo que é e que desde o seu nascimento vai aprendendo e apreendendo conhecimentos culturais do seu meio social que precisam ser levados em consideração no processo de aprendizagem. Em vista disso, a criança não é um sujeito zerado de conhecimento, mesmo que sua bagagem ainda não seja grandiosa, ainda assim ela já tem suas próprias experiências.

## **2.2. A CRIANÇA PARA A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Ao longo da história social da criança da classe trabalhadora, percebemos que ela é apagada da sociedade no sentido das suas reais necessidades, isso será discutido com maior profundidade nos próximos tópicos deste capítulo. Todavia, já podemos observar que a sociedade capitalista não enxerga a criança filha da classe trabalhadora tal como ela é, pois não vê a pobreza e a miséria como um fator desencadeante da desigualdade social e esses são os fatores em que vivem um número considerável de crianças do nosso país, nesse contexto ela é privada de vários elementos importantes para o seu desenvolvimento. Assim ao invés de resolver o problema central que é a desigualdade social, cria-se opções de amenizar, de esconder e até de culpar a classe trabalhadora por estar e permanecer nessa situação de vulnerabilidade social (Faria, 1997; Kramer, 2006).

Diante dessas condições desencadeadas pelo modo de vida determinado pelo capitalismo, a criança pobre passa a ser percebida como uma criança burguesa incompleta, por essa visão a criança é desvinculada da sua historicidade, da sua cultura e do seu contexto social, pois a criança burguesa é compreendida pela sociedade como um recipiente vazio que precisa ser preenchido (Faria, 1997; Kramer, 2006). Diferente dessa concepção de criança, a teoria histórico-cultural enxerga a criança na sua historicidade, no seu contexto social e cultural e ainda ressalta que esses elementos são importantes e necessários para potencializar o seu desenvolvimento.

Osorio (2019) alerta que o capital se fortalece no rompimento da totalidade do ser humano, fragmentando a sua existência, concebendo seres individualizados, a-históricos e intemporais, desta maneira se constitui a alienação e o trabalho alienado, que para Marilena Chauí (1980) “é aquele no qual o produtor não pode reconhecer-se no produto de seu trabalho; porque as condições desse trabalho, suas finalidades reais e seu valor não dependem do próprio trabalhador [...]” (p. 22).

Nesse mesmo sentido, Demerval Saviani (2021) complementa analisando que “[...] a alienação consiste no não reconhecimento, pelo homem, de si mesmo seja em seus produtos, seja em sua atividade, seja, ainda nos outros homens” (p. 224). Portanto, o trabalhador não se reconhece no seu trabalho, atividade que constitui a essência humana, sendo então o seu trabalho totalmente desvinculado da sua vida, isto é, ou ele produz algo que não pode comprar ou o trabalho já é tão fragmentado que ele não conhece a totalidade do produto, fruto do seu trabalho. Haja vista que esse passa a não representar mais o que ele é, a sua essência, ele desempenha essa determinada função apenas por uma questão financeira.

Assim como o trabalho dele é fragmentado, a sua vida também se constitui desta forma, quando o trabalhador não consegue se enxergar na sua totalidade perde-se o sentido da sua existência. Nesse viés, vale ressaltar que a teoria histórico-cultural traz outra concepção de vida já que ela enxerga o processo educativo e o ser humano na sua totalidade, como um ser histórico, social e cultural como veremos a seguir.

Sobre a criança Vigotski (2018a) analisa que ela não é um simples adulto de tamanho pequeno, Luria (2017b) acrescenta que psicologicamente, a criança não é um adulto em miniatura, inclusive a sua forma de interpretar o mundo é diferente. Nesse sentido, compreendemos que acreditar que a criança seja um adulto pequeno, é negar a ela suas necessidades e particularidades próprias, como também a possibilidade da infância. Acreditamos que a criança não se difere do adulto apenas no seu tamanho, mas também na sua forma de pensar, agir, enxergar o mundo e refletir sobre ele. Desta maneira o funcionamento do seu organismo e a forma como o seu psicológico se organiza, bem como suas estruturas psicológicas que estão em formação é diferente de um adulto.

Luria (2017b) analisa que a criança “modela sua própria cultura primitiva; embora não possua a arte da escrita, ainda assim escreve; e ainda que não possa contar, ela conta” (p. 102), isto significa que ela pensa e age no mundo de forma diferente do adulto. Isso não quer dizer que a maneira como ela interpreta o mundo esteja errado, apenas reforça que não podemos compará-la com um adulto, ou até mesmo acreditar que ela faz isso da mesma forma que um adulto. Por isso é tão importante compreender o processo de desenvolvimento da criança para não agir com ela como se estivéssemos agindo com um adulto, sobre isso Luria (2017b) ressalta que “[...] na verdade tudo indica que o mundo das percepções infantis difere profundamente do nosso, dos adultos [...]” (p. 86-87) e não é somente porque a criança está em formação, acreditamos que seja por ela ter necessidades próprias da sua idade.

Quando Luria (2017b) se refere à cultura primitiva, ele está querendo dizer que a criança ao chegar à escola não é uma tábula rasa ou um papel em branco, desse modo ela não chega à

escola zerada de conhecimento, ela já reflete as marcas de sua cultura, uma vez que possui conhecimentos adquiridos culturalmente, uma bagagem prévia e alguns conceitos que estão em processo de formação, até porque a escola não é o primeiro ambiente social que a criança frequenta. Todavia, é importante ressaltar que a criança ainda não teve uma influência sistemática de algum ambiente pedagógico, ela chega à escola já equipada com determinadas habilidades culturais próprias, à sua maneira já sabendo enfrentar, por si mesma problemas e algumas tarefas culturais, mas o conhecimento científico ainda está sendo apresentado para ela.

Vigotski (2018a) analisa que a criança não é um ser inferior ao adulto, mas que se difere dele qualitativamente e essa diferença se dá na estrutura de todo o seu organismo e da sua personalidade. Assim podemos concluir que a criança tem qualidade própria de pensamento, de consciência, de imaginação e de ação sobre o mundo, o seu organismo tem características próprias de funcionamento. Valeria Mukhina (2022) define que é na primeira infância e na idade pré-escolar, entre zero e sete anos, que começa a se formar a personalidade da criança, ou seja, é quando ela começa a desenvolver a consciência do mundo. Por isso, essa comparação da criança com um adulto que tem suas raízes na Idade Média, não tem respaldo na teoria histórico-cultural, pois ela é um ser que precisa ser pensado, estudado e concebido de uma maneira completamente diferente.

No tocante a personalidade, Elena Evguenievna Kratsova, neta de Vigotski falecida em 2020 e Guennadi Grigorievitch Kravtsov, marido e companheiro de Elena (2019), estudiosos e pesquisadores da teoria histórico-cultural em Moscou na Rússia, definem personalidade da seguinte forma:

[...] o problema da personalidade são o alfa e o ômega do objeto da psicologia histórico-cultural. A personalidade é uma pessoa tomada “pelo interior”. De maneira mais geral e abstrata, a personalidade é a consciência e seus instrumentos, ou seja, consciência mais corpo e psique. A consciência não é instrumental, enquanto tudo que há na psique - pensamento, emoção e, até mesmo, a vontade - nada mais é do que instrumentos da realização da vida humana. (p.29)

Posto isso, podemos dizer que a personalidade é o que constitui a pessoa, é o que a define no mundo e ela é constituída pela consciência e seus instrumentos, a psique e o corpo. Desta maneira, compreendemos que o ser humano se constitui pelo corpo, pensamento, emoção e vontades, ou seja, a sua personalidade se constitui como consciência e a sua consciência se constitui físico, intelectual e emocional, assim é o sujeito na sua totalidade. É relevante ressaltar que a personalidade começa a ser formada na infância, por isso é tão importante proporcionar a criança o máximo de experiências e vivências qualitativas nesse período.

É preciso chamar a atenção de que a consciência não é um mero instrumento da personalidade, este trabalho se contrapõe a essa lógica fragmentada do capitalismo que nos atravessa e nos faz fragmentar tudo que está a nossa volta, inclusive a nós mesmos e que nos conduz a acreditar que tudo está a serviço de algo. Acreditamos que a consciência não é apenas um detalhe da personalidade na constituição do sujeito, ela é a forma como a personalidade se constitui, assim como o social está para o ser humano, a consciência está para a personalidade, portanto ela não é um detalhe do ser humano, mas como ele se constitui como sujeito. Inclusive a sua personalidade irá se desenvolver conforme ele toma consciência de si, do lugar que ele ocupa no mundo, e por consequência desenvolve a consciência de classe, tão necessária para compreender o modo de vida no sistema capitalista (Marx, 2017; Kratsova; Kravtsov, 2019; Vigotski, 2018a).

Depois de compreender como o ser humano se constitui, voltamos a discussão sobre a concepção da criança para a teoria histórico-cultural, Vigotski (2018a) analisa que:

Assim como a criança não é um adulto em miniatura, o pré-escolar não é simplesmente um escolar pequeno e o bebê não é um pré-escolar menor. Ou seja, de novo, a diferença entre certas idades consiste não simplesmente em que, no degrau inferior, estejam menos desenvolvidas as especificidades que se apresentam mais desenvolvidas nos degraus superiores. A diferença consiste no fato de que a idade pré-escolar, a idade escolar etc., todas elas representam etapas específicas no desenvolvimento da criança. Em cada uma dessas etapas, a criança se apresenta como um ser qualitativamente específico que vive e se desenvolve segundo leis diferentes próprias de cada idade. (p. 29-30)

Quando passamos a ter a teoria histórico-cultural como base epistemológica, passamos a compreender a criança na totalidade de cada etapa da sua vida e entendemos que cada uma delas é importante no processo de desenvolvimento humano e de suas potencialidades. Dessa maneira, não pensamos as finalidades educativas para que a criança se torne um adulto melhor, a preocupação quanto ao desenvolvimento da criança não é essa, se pensarmos assim a vida seria somente passagens, uma constante preparação e nunca uma chegada, pois ela está se preparando para a adolescência, o adolescente está se preparando para a vida adulta, o adulto está se preparando para a velhice, destacamos que a vida não é somente isso. Cada fase tem a sua beleza, a sua particularidade, as suas demandas e a sua qualidade própria, por isso é preciso cuidar de cada uma delas na sua essência, na sua especificidade.

Juliana Pasqualini e Nadia Mara Eidt (2019) nos ajuda nessa tentativa de compreender a criança, analisando que é preciso superar a concepção dela como um sujeito passivo, vulnerável e entendê-la não apenas como objeto, mas sim como um sujeito no seu processo de desenvolvimento. Desse modo, ela não precisa aguardar que alguém faça algo por ela ou que

alguém lhe mostre a todo momento como deve ser feito algo, pois pode criar seus próprios caminhos. Quando devidamente estimulada, ela tem curiosidade o bastante para ir em busca das suas próprias investigações, experiências, questionamentos e das respostas para as suas indagações, é claro que essa busca acontece quando a criança não é polida pelo meio onde está inserida. Pensando nisso precisamos levar em consideração sempre o que a criança já sabe e não ressaltar a todo momento o que ela ainda não sabe, lembrando que ela precisa construir o seu conhecimento deste mundo, degrau por degrau, ao invés de alguém lhe entregar tudo pronto.

A criança não é uma tábula rasa ou um papel em branco em que o adulto vai colorindo e preenchendo como ele quiser, o adulto precisa estar presente como mediador e orientador nesse processo de desenvolvimento da criança. Assim, ela não é somente um resultado das influências do seu meio ou da assimilação que faz de tudo que acontece a sua volta, Leontiev (2017) analisa que “uma criança que domina o mundo que a cerca é uma criança que se esforça para agir neste mundo” (p. 120) e Mello (2019) acrescenta nessa análise que “[...] a criança é sujeito de seu processo de aprender, o que significa dizer que ela age ativamente com o corpo, a mente e as emoções – ou seja, com seu desejo e seus afetos” (p. 97-98). Portanto a criança consegue identificar o seu lugar no mundo e se tornar sujeito da sua própria vida, agindo e se esforçando para transformá-lo, um sujeito consciente de si mesmo e do mundo onde vive.

Se faz necessário neste momento refletir sobre o conceito de mediação numa perspectiva dialética que se aproxima da nossa base teórica e da nossa compreensão de educação, Peixoto (2016) faz a seguinte análise, “nessa perspectiva, a mediação não é associada a uma ação ou coisa que faz a ponte entre o sujeito e o objeto, ela é o processo que envolve sujeito e objeto em atividade situada num contexto determinado” (p. 371). Então podemos pensar que a mediação não é a ponte entre o conhecimento e o aluno, ela é o processo de construção dessa ponte, ela é a atividade que faz com que o aluno chegue ao conhecimento daquele determinado objeto e o professor é parte fundamental nesse processo, mas não somente ele.

Posto isto, Peixoto (2016) propõe a explicação complexa da mediação e sintetiza que o sujeito (criança), o objeto (conhecimento), o intervalo entre um e outro e o contexto no qual se estabelecem as múltiplas relações entre esses elementos compõem a mediação, mas não são eles que fazem esse processo, portanto na mediação está incluído a linguagem, a tecnologia, o professor, o aluno e o momento histórico, eles auxiliam o processo em busca do conhecimento, mas não é a mediação. A mediação é a relação, é a construção dessa relação, assim ela é o processo e não o produto.

Sobre o processo de desenvolvimento da criança, Zaporozhets (1987) analisa que entre 0 e 6 anos as crianças se desenvolvem intensamente por diferentes atividades práticas, podendo

ser intelectuais ou artísticas. Ele afirma que nessa fase se inicia a formação de ideias, da sua personalidade, dos seus sentimentos e hábitos morais, ou seja, é uma época em que há uma atividade intensa de formação do sujeito. Por essa razão acreditamos ser muito importante uma educação infantil pública que potencialize não só a aprendizagem, mas também o desenvolvimento dessa criança, como o próprio Zaporozhets (1987) reforça

De acuerdo con esta concepción, las condiciones pedagógicas óptimas para la realización de las posibilidades potenciales del pequeño, para su desarrollo armónico, no se crean por medio de la enseñanza forzada, supertemprana, dirigida a acortar la infancia, a convertir antes de tiempo al niño en preescolar, a éste en escolar, etc. (p. 247)

Para possibilitar o máximo de desenvolvimento das potencialidades da criança é preciso criar condições favoráveis para que isso aconteça, porém, é preciso deixar claro que para a teoria histórico-cultural potencializar não é antecipar a fase escolar. Assim como também não é adiantar o conteúdo para que a criança aprenda antes pensando que isso irá facilitar esse processo quando de fato chegar a fase da escolarização, que compreende o ensino fundamental. Não é antecipando fases que se potencializa o desenvolvimento da criança, é na verdade explorando todas as suas capacidades humanas dentro de cada fase do desenvolvimento que compreende o processo de potencializá-la (Zaporozhets, 1987).

A população de uma maneira geral, educadores e professores acreditam que antecipando etapas a aprendizagem de conteúdos se tornará mais fácil, mas é o contrário disso, quando se antecipa conteúdos que a criança só aprenderia mais a frente, estão apenas pulando determinadas aprendizagens e etapas de desenvolvimento fundamentais que lá na frente no seu desenvolvimento irão fazer falta, porém pode ser que seja tarde.

Potencializar é proporcionar a criança possibilidades e estímulos para que ela consiga conquistar o máximo do seu desenvolvimento humano, para isso é preciso sempre lembrar que a criança tem suas necessidades próprias e essas necessidades não é a de antecipação de conteúdos da próxima fase. Para a criança de 0 a 5 anos não cabe a escolarização, pois nessa etapa não se trata de ensino, mas sim de uma concepção de educação no seu sentido mais amplo e total da criança, por isso chamada de educação infantil (Pasqualini; Lazaretti, 2022).

Dando continuidade nessa discussão acerca da compreensão da concepção de criança Vigotski (2010) continua com a sua contribuição ressaltando que:

A criança não é um ser acabado mas um organismo em desenvolvimento, e conseqüentemente o seu comportamento se forma não só sobre a influência excepcional da interferência sistemática no meio mas ainda em função de certos ciclos

ou períodos do desenvolvimento do próprio organismo infantil, que determinam, por sua vez, a relação do homem com o meio. A criança se desenvolve de maneira irregular, constante, através da acumulação de pequenas mudanças por impulsos, aos saltos de forma ondulatória [...]. (p. 289)

O desenvolvimento e a aprendizagem na criança não se acabam, eles acontecem de forma constante, contínua e ondulatória, mesmo quando esse sujeito passar para outras fases da vida esse desenvolvimento irá continuar, claro que de uma maneira diferente, mais devagar e menos intensa. Contudo, o aprender nunca se esgota, é ininterrupto, pois a vida é movimento e o processo de aprender acontece durante toda a vida, porque somos seres aprendentes. E para que isso aconteça são várias as interferências que contribuem, uma delas é o meio, mas também a cultura, eles são determinantes para estimular e dar continuidade nesse processo constante e ondulatório de desenvolvimento. No entanto, para que ele seja potencializado é preciso ter um meio e relações sociais que sejam estimulantes, e no caso do desenvolvimento estimulado dentro de uma instituição pedagógica, precisa ser compatível com o período do desenvolvimento em que a criança está (Vigotski, 2010).

Mukhina (2022) ressalta que a criança se parece bem pouco com o adulto e uma breve convivência ou uma simples observação do cotidiano de algum ambiente que tenha criança, podemos perceber que ela pensa e sente de forma única, diferente e particular. Ela reforça que a criança ainda não consegue fazer muitas coisas ou coisas diversas, claro que se comparado a um adulto, e isso se dá pelo fato dela estar no processo de conhecer esse mundo, as pessoas, as relações, o meio, a cultura, tudo para ela é novo, inclusive o seu corpo, como ele se move.

Desta maneira, ela está no processo de conhecer a si mesma, mas mesmo a criança estando nesse processo ela já compreende algumas coisas, por isso não podemos nos limitar e levar em consideração apenas o que ela não sabe, mas sim o que ela já sabe, que já assimilou e tem acumulado no seu processo de desenvolvimento. O ponto de partida para a mediação do conhecimento e da apreensão dele por parte da criança é o que ela já consegue fazer, e a base para isso é compreender o processo de desenvolvimento na sua totalidade, para então ter sustentação teórico epistemológica para potencializá-la, sendo assim Mukhina (2022) acrescenta

Toda a vida da criança depende do adulto, é organizada e dirigida pelo adulto. Aprende a andar, a utilizar corretamente os objetos, a falar, a pensar, a sentir e a se controlar. Em outras palavras, não só as ações práticas, mas também os atos psicológicos da criança são resultado de aprendizagem. (p. 49)

Desta forma, podemos perceber o quanto é importante que a criança esteja em contato com um meio e com relações sociais que sejam significativas, isso será um ponto determinante para o seu desenvolvimento e conseqüentemente na vida dessa criança. Precisamos ressaltar que embora a sobrevivência da criança dependa bastante de um adulto, não é para este adulto fazer tudo para esta criança. Quando dizemos fazer tudo corresponde a deixar que essa criança aprecie as suas próprias experiências, que vivencie realizar tarefas cotidianas e as vezes simples da vida, como, tomar um banho sozinha, comer, brincar etc. Lembrando que não é importante para essa criança que ela seja carregada no colo o tempo todo, ela necessita ser estimulada para a independência, pois ela consegue desempenhar diversas tarefas sem auxílio, claro que com a orientação, mediação, supervisão e cuidados de um adulto (Mukhina, 2022).

Discorreremos nesse tópico sobre a concepção de criança na teoria histórico-cultural e percebemos que ela é um sujeito social, dinâmico, curioso, participe do seu processo de desenvolvimento que já carrega em si suas potencialidades que estão na iminência de serem desenvolvidas, que depende muito do estímulo que terá para conquistar suas potencialidades como ser humano. Mello (2007) considera que quando a criança é percebida com um ser histórico-cultural “[...] é, desde muito pequena, capaz de explorar os espaços e os objetos que encontra ao seu redor, de estabelecer relações com as pessoas, de elaborar explicações sobre os fatos e fenômenos que vivencia” (p. 90).

Portanto, a concepção de criança da teoria histórico-cultural enxerga ela na sua totalidade, como um ser histórico, social, cultural e político, que se constitui física, intelectual e emocional como um sujeito ativo, curioso e competente de corpo inteiro em todo o seu processo de desenvolvimento que não pode ser comparada e interpretada como um. Nos próximos tópicos discutiremos como é a compreensão de criança na sociedade ocidental, depois no Brasil e por último no nosso Estado, Goiás, buscando compreender a criança nessa relação histórica e social.

### **2.3. A CRIANÇA NO CONTEXTO GERAL EM DIVERSOS MODOS DE VIDA**

É importante salientar que pensar a criança na história, significa considerá-la como sujeito histórico, considerando-a como um ser concreto na sua materialidade nos mais diferentes espaços e períodos históricos. Sendo assim, não podemos parar o tempo para estudá-la e nem considerar as experiências vividas de um só lugar ou região do mundo. Desse modo,

estamos estudando cuidadosamente a criança historicamente para entender alguns posicionamentos em relação a ela atualmente (Kuhlmann Junior, 2015).

Com esse pensamento compreendemos que para percebê-la na sua concretude é preciso tomar como base que ela está em constante movimento no tempo e no espaço, é dessa maneira que ela se torna sujeito histórico. Kuhlmann Junior (2015) ressalta que é difícil encontrar registros diretos da vida privada da criança no seu cotidiano e como foi a sua infância, há uma grande quantidade de informações sobre a sua vida pública, que envolve as instituições destinadas a atender os pobres e a classe trabalhadora, como médicos, filantropos e estadistas.

Kuhlmann Junior (2015) enfatiza que não é a criança que escreve sua própria história, tudo que sabemos e conhecemos sobre ela foi um adulto que escreveu e é importante lembrar que esse adulto já foi uma criança. Por isso, por mais que exista um distanciamento do pesquisador e do seu objeto, as análises terão a influência da experiência de vida do sujeito que pesquisa sobre a criança, portanto é a visão de alguém em uma determinada fase da vida, que não é a infância, que escreve a sua visão sobre um sujeito (criança) em uma outra fase da vida, Kuhlmann Junior. (2015) considera que:

Não são apenas as classes populares que não têm registros diretos das crianças. As fontes, em sua quase totalidade, são produzidas por adultos. A criança não escreve sua própria história. A história da criança é uma história sobre a criança. Ao procurar levar em conta essa fase da vida, caracterizando-a como realidade distinta do adulto, não podemos nos esquecer de que continuamos adultos pesquisando e escrevendo sobre elas. (p. 30)

É preciso ter zelo quando um adulto escreve sobre a criança, pois são realidades distintas, por mais que o adulto já tenha sido criança, contudo foi em uma outra época, em um outro contexto, assim Kuhlmann Junior (2015) analisa que “[...] por um lado, a infância é um outro mundo, do qual nós produzimos uma imagem mítica, por outro lado, não há outro mundo, a interação é o terreno em que a criança se desenvolve” (p. 30). Conforme percebemos nessa análise do autor, a infância é um outro mundo, pois ela tem a sua própria maneira de enxergar e compreender o lugar onde ela vive, sendo que essa é de acordo com a sua vivência e sua pequena experiência de vida, consideramos pequena aqui pela pouca idade. Todavia, em muitas ocasiões, com uma história de vida bem carregada, pode-se considerar uma experiência bem extensa, olhando por outro lado não é outro mundo, pois a criança está inserida no mesmo lugar e tempo histórico que os adultos, ela se desenvolve nesse contexto interagindo um com o outro, criança/adulto, criança/criança, desse modo Kuhlmann Junior (2015) destaca que:

As crianças participam das relações sociais, e este não é exclusivamente um processo psicológico, mas social, cultural, histórico. As crianças buscam essa participação, apropriam-se de valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar, porque as relações sociais são parte integrante de suas vidas, de seu desenvolvimento. (p. 30)

Conforme destacado pelo autor, a criança participa das relações sociais de acordo com o tempo e lugar em que vive e que elas acabam influenciando consideravelmente no seu desenvolvimento e comportamento. Isso significa que essas relações sociais não acontecem apenas psicologicamente (interno), mas também social, cultural e histórico (externo), sendo essas relações sociais parte integrante da vida da criança, ela influenciará consideravelmente no seu desenvolvimento. Desta maneira, quando Vigotski (2018a) argumenta que “[...] o homem é um ser social e, fora da relação com a sociedade, jamais desenvolveria as qualidades, as características que são resultado do desenvolvimento metódico de toda humanidade” (p. 90), compreendemos que a criança só adquire qualidades e características humanas na interação com o outro.

Assim o seu desenvolvimento está intimamente ligado ao que Vigotski (2018a) chama de “meio”, ele define que o meio é a fonte de todas as características especificamente humanas. Consequentemente se essas características estiverem ausentes ou se o meio não for o ideal, não se desenvolverá na criança a atividade humana, as características especificamente humanas, a qualidade que correspondente ao sentido humano. Angel Pino (2010), um pesquisador da área de psicologia educacional na perspectiva da psicologia histórico-cultural, define o meio como aquele lugar, espaço no qual a criança está inserida. Desta forma, é o meio que a rodeia, do mais próximo e restrito ao mais amplo e diverso. É importante destacar que o meio para Vigotski (2018a) não é apenas o ambiente de educação formal como escolas e instituições educativas, o meio pode ser considerado também como o ambiente familiar e outros espaços que essa criança frequente.

Estabelecendo uma conexão, entre o que Kuhlmann Junior (2015) chama de relações sociais e ao que Vigotski chama de meio, Vigotski (2018a) faz a análise de que o homem é um ser social, que vive em sociedade em contato com outros de sua espécie. Ele analisa também que o meio é a fonte de todas as características especificamente humanas e é fonte de desenvolvimento, Pino (2010) então define que o meio é o que nos rodeia desde o mais próximo ao mais distante e Vigotski (2018a) sintetiza que se no meio o estímulo for ausente e a forma humana ideal também, a criança desenvolverá não como deveria, mas de uma maneira mais lenta, pois há nele crianças com idades semelhantes e isso também é um elemento que auxilia no processo de desenvolvimento da criança.

Compreendemos que as relações sociais são um elemento que constitui o meio conforme determina Pino (2010) “como se pode ver, [...] o elemento social componente desse meio revela-se de uma importância maior, pois não é por nada que as relações sociais constituem como [...] fundamento das funções humanas superiores” (p. 750), sendo assim, as relações sociais que Kuhlmann Junior discorre, está presente no que Vigotski (2018a) e Pino (2010) chamam de meio, sendo um elemento constitutivo dele.

Nós não nascemos humanos e só nos humanizamos no contato e na convivência com o outro, Kuhlmann Junior (2015) ressalta que “[...] para características culturais específicas ocorrerem, seriam necessárias experiências específicas durante a infância” (p. 20), desta maneira Vigotski (2018a) nos conduz a pensar na importância de um meio que seja significativo para o desenvolvimento da criança, pois o meio influencia na vivência da criança, vivência que gera uma experiência. Podemos então concluir que o meio define o desenvolvimento da criança, por isso a importância de um meio que proporcione experiências significativas e que potencialize o desenvolvimento, nesse caso o meio não é apenas um ambiente, mas sim uma fonte de desenvolvimento como afirma Vigotski (2018a).

Vigotski (2018a) ainda defende que:

O meio é a fonte de desenvolvimento dessas características e qualidades especificamente humanas, em primeiro lugar, no sentido de que é nele que existem as características historicamente desenvolvidas e as peculiaridades inerentes ao homem por força de sua hereditariedade e estrutura orgânica. (p. 91)

O meio precisa ser rico de experiências significativas para o desenvolvimento humano da criança, não porque ela precisa crescer e se transformar em um adulto produtivo para a sociedade, pensamento que corresponde ao modo de produção capitalista ao qual vivemos atualmente, mas porque a criança tem suas particularidades e suas necessidades nessa fase da vida. Outrossim, é relevante que isso seja levado em consideração nesse processo de construção da criança para que ela chegue ao máximo do seu desenvolvimento e das suas potencialidades.

Posto isso, quando o modo de produção muda, muda-se as relações sociais, consequentemente mudando também a forma de tratar e de cuidar da criança. Ao fazer o percurso histórico tentando compreender como era o relacionamento com a criança, percebemos que há uma relação íntima entre as relações sociais, modos de produção e a forma como a criança é vista pela sociedade. Portanto, a concepção de criança e de infância são conceitos construídos, social, histórico e cultural. Sonimar Carvalho Faria (1997) afirma que “[...] é possível sustentar que a criança será percebida pela sociedade de forma diversificada ao

longo dos tempos, conforme as determinações das relações de produção vigentes em cada época” (p. 9), assim quando Sônia Kramer (2006) analisa que no feudalismo, período que compreende a Idade Média, a criança exercia um papel produtivo como um adulto, então ela não era vista pela sociedade de uma maneira diferente de um adulto, talvez podemos dizer que esse período histórico seja a raiz da concepção de que a criança é um adulto em miniatura, pensamento que irá perdurar até o século XX.

Deste modo, não se enxergava a criança com características e necessidades próprias, esperava-se o adulto em miniatura crescer para se tornar um adulto produtivo. Nessa época também, não se dava muita atenção à criança, pois o índice de mortalidade era muito alto, muitas morriam nesse período, por isso era vista como um ser que não fazia falta. A criança só ganhava atenção quando percebiam que ela tinha “vingado”, ou seja, que tinha sobrevivido às moléstias/doenças da infância, isso só acontecia a partir dos sete anos de idade. Quando ela sobrevivia já entrava diretamente no mundo dos adultos, apesar de se ter muitos cuidados com a criança nesse momento, não se investia muito emocionalmente nela, pois havia uma grande probabilidade dessa criança não sobreviver a essa fase da vida (Kramer, 2006).

Ainda sobre a análise de Kramer (2006) ela ressalta que quando se supera o período histórico em que a mortalidade infantil tinha os seus índices mais elevados, percebe-se a necessidade de cuidar da criança e de escolarizá-la, preparando-a para uma ação futura, surge a demanda por instituições que irão cuidar delas. Muda-se a forma de organização da sociedade e isso faz com que tenha uma alteração na maneira como a criança é vista, essa preparação para uma ação futura persiste ainda na atualidade e que é bastante disseminado quando se trata da educação das crianças da educação infantil.

Sobre o alto índice de mortalidade infantil e a visão da época sobre a criança, Fábio Pestana Ramos (2010) destaca que

[...] entre portugueses ou outros povos da Europa, a alta taxa de mortalidade infantil verificada no decorrer de toda a Idade Média e mesmo em períodos posteriores, interferia na relação dos adultos com as crianças. A expectativa de vida das crianças portuguesas, entre os séculos XIV e XVIII, rondava os 14 anos, enquanto “cerca da metade dos nascidos vivos morria antes de completar sete anos”, isto fazia com que, principalmente entre os estamentos mais baixos, as crianças fossem consideradas como pouco mais que animais, cuja força de trabalho deveria ser aproveitada ao máximo enquanto durassem suas curtas vidas. (p.18)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Estamento significa conjunto de pessoas que desempenha a mesma função social ou que possui a capacidade de influenciar certo setor (Dicio, 2014).

Nesse período, não se tinha um sentimento de infância desenvolvido, não se identificava uma diferença relevante da criança em relação ao adulto, como a expectativa de vida dela era bem baixa, utilizava-se ao máximo sua força de trabalho para que suas vidas fossem bem aproveitadas, não se dava um tratamento especial para elas. dessa maneira eram consideradas um adulto de tamanho pequeno ou seu estado era considerado apenas como uma transição para a vida adulta e executando as mesmas tarefas que eram de responsabilidade dos adultos. Percebemos pelos relatos dessa época um rebaixamento e uma desvalorização da criança perante a sociedade, é como se ela não fosse importante, ou fosse vista apenas como uma fase que precisa passar rápido (Faria, 1997).

Identificamos então que a desvalorização da criança passa pela Idade Média período em que não se tinha distinção entre criança e o adulto, perdurando essa depreciação também na Idade Moderna, época em que já se tinha o desenvolvimento do sentimento da infância. Para demonstrar essa desvalorização da criança e da infância na Idade Média, Anete Abramowicz (2018), a partir do quadro de Velazquez denominado “As meninas”, obra de arte produzida no ano de 1656, que retrata Maria Teresa nascida em 1651, na época da pintura então com cinco anos, analisa a imagem e declara que não existe criança naquele quadro, não é possível reconhecer as características que se identifica em uma criança.

Consideramos que nesse período não há um sentimento da infância, não se via a criança na sua especificidade e com necessidades próprias e não sentia que ela precisava ter essa fase preservada, já que não era vista como criança tal como conhecemos hoje e muito menos a infância, fase em que a criança tem necessidades e características próprias não existia, o sentimento da infância é um sentimento moderno (Abramowicz, 2018).

Abramowicz (2018) em sua análise ressalta que o que se vê no quadro não era uma criança, mas sim uma pessoa adulta pequena ou até mesmo uma miniatura de um adulto, pois se vestia e se portava como tal, o quadro claramente tinha a representação de uma pessoa adulta e a única característica que poderíamos dizer ser de uma criança, é a sua altura, mas isso não é característica suficiente para representar uma criança. Ariès (2020) complementa expondo que “[...] a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos, de criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude” (p. XX)<sup>3</sup>, etapas estas que para esse autor são essenciais nas sociedades evoluídas de hoje.

---

<sup>3</sup> Essa citação se encontra no prefácio da terceira edição do livro “História social da criança e da família”, por isso a numeração das páginas está em algarismos romanos. Esse prefácio foi escrito pelo autor como uma resposta a diversas críticas que recebeu nas primeiras edições do seu livro e foi adicionado ao livro apenas nessa edição.

Na Idade Moderna percebemos o surgimento do sentimento da infância, nesse período a criança passa a ser paparicada e se torna educável, forma então um sentimento de família e de infância, logo a família se torna uma instituição educativa, educação que perpassa pela moralização das crianças, com o objetivo de torná-las futuramente pessoas honradas, honestas e homens racionais. Assim, fora do ambiente familiar a educação perde seu caráter empírico e adquire uma forma mais pedagógica e teórica, essa missão de educação era estendida aos nobres, burgueses e classes populares (Faria, 1997).

O pensamento da época era o de moralização e de enquadramento da criança, pois esta era considerada frágil e incompleta, assim Faria (1997) faz a análise do sentimento da infância dessa época:

O uso de castigo corporal, o chicote, pelo mestre, para a correção dos estudantes, tornou-se comum nas escolas e nas famílias durante esse período. [...] A aplicação do castigo estava associada à ideologia que considerava a natureza infantil como sendo frágil e incompleta, o que legitimava o adulto para exercer uma autoridade constante sobre a criança. Essa prática, que é social e não natural, produziu formas de autoridade social onde os mais “poderosos” dominam os “fracos”. A concepção de natureza frágil da criança era compartilhada pela pedagogia “tradicional”, que considerava a natureza dos garotos originalmente corrompida, cabendo a educação disciplinar e inculcar regras, através da ação direta do adulto e da permanente transmissão de modelos. (p. 13)

Como a criança nessa época era considerada frágil, fraca e sua natureza classificada como corrompida, era de responsabilidade da educação moralizar e disciplinar essas crianças, cabia ao adulto a incumbência de mostrar-lhe modelos de como essa criança deveria ser ao se tornar um adulto. Percebemos então na Idade Moderna a mesma concepção que estava presente na Idade Média, o de que a criança é um adulto em miniatura. Contudo, nesse período o distanciamento da criança e do adulto não se restringia somente a esse pensamento, podemos observar que apesar do sentimento da infância estar presente nessa época e da criança passar a ser cuidada e paparicada, foi estabelecido uma relação de poder entre eles, onde o adulto poderoso, dominava a criança que era o ser mais fraco e frágil. Dessa relação a criança permanece em posição de inferiorização em relação ao adulto, sendo considerada como um ser inferior e desvalorizada pela sociedade e no contexto educativo não poderia ser diferente já que esse ambiente pode ser considerado como uma reprodução do sistema vigente (Faria, 1997).

Com a Revolução Industrial no século XVIII é consolidado o modo de produção capitalista, marcando então o início do capitalismo, período dominado pela industrialização da sociedade, pelo trabalho assalariado e pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia (Faria, 1997). Nesse período acontece a fragmentação da sociedade, separando os adultos das crianças

e os ricos dos pobres. Os ricos que podemos chamar de capitalistas, detinham boa parte do capital econômico do mundo eram os que compravam a força de trabalho dos pobres. Haja vista, por eles não possuírem capital econômico, precisavam vender a sua força de trabalho e por isso ganhavam um salário para conseguir meios para a sua subsistência. Isso resultou em uma sociedade dividida em classes sociais antagônicas e com uma desigualdade exacerbada, pois essas classes viviam em condições materiais bem diferentes (Faria, 1997).

Jaime Osório (2019) considera que o sistema de reprodução capitalista está baseado fundamentalmente na superexploração da força de trabalho e isso gera diversas consequências, o que ele chama de agudas fraturas sociais, como uma ilha de riqueza em meio a um mar de pobreza, miséria, desemprego e trabalhadores prematuramente esgotados, isso nos mostra que as dimensões civilizatórias desse sistema é a barbárie. Theodor Wiesengrund Adorno (2022) define barbárie como sendo uma agressividade e um ódio primitivo que leva a um impulso de destruição e um perigo de que toda a civilização venha a explodir, assim para esse autor “[...] há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade” (p. 169-174). Portanto, uma violência acentuada sem que tenha motivos plausíveis que nos levem a ela e a superexploração dos trabalhadores, onde o único motivo aparente que podemos observar é o lucro constante, mesmo que isso signifique explorar os trabalhadores de maneira desumana.

Na sociedade capitalista temos a separação da criança burguesa e da criança pobre ou proletarizada, assim o conceito de infância desse período está intimamente ligado a classe social ao qual a criança pertence, portanto, o nível de valorização da infância pelo adulto dependerá da classe social em que a criança está inserida. Desta maneira, o que passa a ser um fator determinante e discriminatório para esta sociedade são as condições econômicas das famílias (Faria, 1997). Consequentemente a escolarização da criança também passa a ser determinada por fatores econômicos, a entrada e a permanência da criança na escola irão depender da classe social ao qual a sua família se encontra, conforme analisa Faria (1997),

Foi instituído o ensino primário destinado às classes populares e o secundário para a burguesia e aristocracia. Desde então, o critério para ingresso nas escolas passou a ser a condição dos pais. O secundário, que era um ciclo longo, somente podia ser frequentado por aqueles que tinham condições de seguir até o fim para, mais tarde, tornarem-se adultos eruditos, pensantes, mandantes e, conseqüentemente, sucessores dos grupos hegemônicos. Os outros enveredavam pelo primário, um ciclo de pequena duração e exclusivamente prático, destinado à formação de mão-de-obra executora. (p. 16)

Desta maneira é instituída a dualidade da educação, uma para os pobres/proletários e outra para os ricos/burguesia, com dois objetivos distintos, uma direcionada para uma educação mais básica e rápida e a outra mais extensa, consistente e aprofundada, com o mínimo possível de conteúdos a se aprender, voltada mais para a prática e para a execução de tarefas. Dessa forma, a preocupação era a de formar mão de obra que não pensasse muito, para que o mais breve possível fosse servir ao capital, pois como os trabalhadores proletariados se esgotavam cedo por conta das condições de trabalho.

O capital precisava constantemente de mão de obra e quanto mais a burguesia se enriquecia, mais mão de obra também era requisitada, assim o objetivo não era o de ensinar as crianças das classes populares a pensarem, a desenvolver o raciocínio lógico, mas apenas a executar uma tarefa. Contudo, mesmo essas crianças tendo disponível o ensino primário, elas não conseguiam frequentar, pois precisavam trabalhar desde cedo para ajudar sua família financeiramente, como ficavam sem tempo ou esgotadas para frequentar a escola, essa, então na escala de prioridade na vida ficava como dispensável diante da fome, se tornando uma ilusão oferecer uma educação para os pobres (Faria, 1997).

Karl Marx (2017) um estudioso e crítico do modo de produção capitalista no século XIX, fez suas análises desse sistema e elas são lidas ainda nos dias de hoje no século XXI, e quanto mais estudamos suas obras, mais compreendemos que precisamos continuar estudando e dialogando com outras pessoas sobre este sistema de exploração. Ele no livro “O capital – volume I”, nos mostra as condições de trabalho das crianças pobres no contexto capitalista do século XIX:

Wilhelm Wood, de 9 anos de idade, “tinha 7 anos e 10 meses quando começou a trabalhar”. Desde o começo, ele “*ran moulds*” (carregava as mercadorias já moldadas para a sala de secagem e voltava trazendo os moldes vazios). Chega ao trabalho todos os dias às 6 horas da manhã e o deixa por volta das 9 da noite. “Trabalho até às 9 horas da noite todos os dias da semana. Assim foi, por exemplo, durante as últimas 7 ou 8 semanas.” Portanto 15 horas de trabalho para uma criança de 7 anos! (Marx, 2017, p. 318).

Uma criança trabalhando já é um absurdo, partindo dessa reflexão uma criança de sete anos, que trabalha quinze horas por dia em condições subumanas é uma barbárie, mas é isso que o capital faz com a criança proletária, não tem nenhum respeito e consideração pela sua qualidade de vida, pela sua infância, a enxerga apenas como mais uma que irá gerar riqueza para a burguesia. Marx (2017) analisa os anseios do capitalismo e esclarece que “[...] o direito à igual exploração da força de trabalho é o primeiro direito humano do capital” (p. 364), com uma jornada de trabalho que já é uma violência para um adulto. Para uma criança então o

capitalismo, conforme Marx (2017), “[...] usurpa o tempo para o crescimento, o desenvolvimento e a manutenção saudável do corpo” (p. 337).

Desta maneira, o trabalhador, assim como a criança não é visto pelo capitalismo como um sujeito, mas somente como uma força de trabalho. Como os trabalhadores adultos se esgotavam prematuramente, mais da metade dos trabalhadores eram crianças menores de treze anos de idade, conforme Marx (2017) nos relata:

Em virtude de sua insalubridade e repugnância, a manufatura é tão mal-afamada que apenas a parte mais miserável da classe trabalhadora, como viúvas semifamélicas etc., entregam seus filhos a essas fábricas: “crianças esfarrapadas, semifamélicas, totalmente desamparadas e sem instrução”. Das testemunhas ouvidas pelo comissário White (1863), 270 eram menores de 18 anos, 40 eram menores de 10 anos, 10 tinham apenas 8 anos e 5 apenas 6 anos de idade. A jornada de trabalho variava entre 12, 14 e 15 horas, com trabalho noturno e horários irregulares de refeições, normalmente realizadas no próprio local de trabalho, empestado por fósforo. Nessa manufatura, Dante veria superadas suas fantasias mais cruéis sobre o inferno. (p. 320)<sup>4</sup>

Crianças esfarrapadas, famintas e sem instrução alguma sendo submetidas a um trabalho explorador, com longas jornadas de trabalho para conseguir meios para a sua subsistência, podemos perceber claramente a contradição presente nesse modo de produção. Faria (1997) mencionou que as crianças da classe trabalhadora frequentavam apenas a escola primária, enquanto a escola secundária era reservada para a burguesia, sendo acessível apenas a eles, já que somente eles tinham condições de permanecer na escola até alcançar esse nível de educação. Todavia, trabalhando quinze horas por dia, como isso seria possível, se ela frequentasse a escola não teria o que comer, e se ela optasse por trabalhar não conseguiria tempo para estudar, a escolha é clara, nessa sociedade com modo de produção capitalista quando a fome fala mais alto, os estudos deixam de ter valor.

Assim Marx (2017) ressalta que as crianças eram submetidas ao trabalho forçado para produzirem a sua subsistência “[...] enquanto seus membros se atrofiam, seus corpos definham, suas faces desbotam e sua essência humana se enrijece inteiramente num torpor pétreo, cuja mera visão já é algo terrível” (p. 317). A essência humana é retirada da criança quando ela é submetida a essas condições de trabalho, algumas eram tão pequenas que precisam ser colocadas em pé em cima de cadeiras para que ficassem da altura de um adulto e assim conseguissem executar o trabalho (Marx, 2017).

A essência do homem para Saviani (2021) é o trabalho, assim ele analisa que “[...] o ser do homem, a sua existência, não é dado pela natureza, mas é produzida pelos próprios homens”

---

<sup>4</sup> Famélica significa que está constantemente com fome; que tem fome em excesso; faminto (Dicio, 2014). O prefixo semi significa meio, denota a ideia de metade, de quase (Dicio, 2014).

(p. 223), o homem precisa realizar trabalho, pois se submetido à natureza como os animais ele perece. Saviani (2021) salienta, “em lugar de adaptar-se à natureza, tem de adaptá-la a si, e esse ato de agir sobre a natureza transformando-a é o que se chama trabalho, portanto, é pelo trabalho que os homens produzem a si mesmos, logo o que o homem é, o é pelo trabalho” (p. 223). Os animais têm sua existência garantida pela natureza bastando se adaptar a ela, para o homem isso não basta, ele precisa agir sobre a natureza, para transformá-la e ajustá-la às suas necessidades e esse é o trabalho do ser humano, porém isso é a sua essência, diferindo daquele já mencionado no tópico anterior, o trabalho alienado.

É preciso refletir também sobre uma outra contradição apontada por Marx (2017) que “[...] toda criança, para que possa ser empregada numa dessas estamparias, precisa ter frequentado a escola por pelo menos 30 dias e por não menos de 150 horas durante 6 meses”, (p. 474), com essas condições a criança frequentava a escola a cada seis meses, apenas para cumprir as horas que eram determinadas para que pudesse voltar novamente ao trabalho.

Nesse sistema imposto às crianças proletárias o mais importante era o trabalho em detrimento de sua educação, assim quando retornavam para a escola após seis meses de trabalho, essas se encontravam no mesmo ponto que estavam no começo dos seus estudos, não lembravam dos conteúdos que tinham visto na instituição de educação, pois já haviam perdido toda a aprendizagem que construíram no período em que ficaram na escola (Marx, 2017). Não se tinha uma regularidade e uma progressão do ensino, constantemente perdiam o que tinham conquistado e precisavam voltar aos ensinamentos iniciais, portanto, mais uma contradição do capitalismo, e conseqüentemente, mais uma ilusão de que se estava fazendo algo para a classe trabalhadora.

Nesse período capitalista apesar de se ter dois tipos de criança na sociedade, a burguesa e a proletária, a visão de criança que é disseminada pela classe dominante é a da criança burguesa, padronizando e universalizando a visão de criança e de infância, como se ambas possuíssem o mesmo padrão de vida e as mesmas necessidades, assim analisa Faria (1997):

[...] o uso do modelo da criança burguesa na sociedade contemporânea, não condiz com a realidade capitalista, pois a maioria das crianças, não é de origem burguesa, não goza de um padrão mínimo de vida, não lhes são oferecidas oportunidades de ensino e, desde cedo, trabalham seriamente. Nesse sentido, o modelo universal e abstrato de infância, parece falacioso e mistificado, uma vez que a criança é um ser histórico e social. A sociedade capitalista, através da ideologia burguesa, caracteriza e concebe a criança como um ser a-histórico, a-político, a-crítico, fraco e incompleto, um ser economicamente não produtivo que o adulto tem que alimentar, e proteger. Esta concepção de infância escamoteia e trata como um fato natural a subordinação da criança em relação ao adulto e em relação à própria sociedade. (p.17)

O modelo de criança e infância disseminado pela classe dominante não condiz com a realidade da maioria das crianças, visto que a maior parte da população é proletariada e a realidade delas é conforme vimos nas análises de Marx. São realidades muito distintas e as crianças proletárias viviam em condições inadequadas ou um padrão mínimo para se viver, mas é interessante para a burguesia disseminar o modelo burguês para passar a impressão de que a desigualdade social não existe e assim controlar a classe trabalhadora, desta maneira faz com que os proletariados enxerguem o mundo pelo modo de vida da classe dominante e estabelecem como se esse modelo fosse o verdadeiro e único.

A concepção que se tem da criança nesse período é a de que ela é um ser incompleto e economicamente improdutivo, pois para o capitalismo o primordial é a geração de lucratividade e rentabilidade. Assim, a educação das crianças proletárias só se torna interessante quando em algum momento de suas vidas, irão propiciar faturamentos ou gerar ganhos para os capitalistas, até então eles serão indivíduos que acarretam despesas. Como a criança é dependente do adulto para produzir a sua subsistência, isso no modelo burguês, e a criança proletária precisa ajudar a complementar a renda da família, é estabelecida uma relação de subordinação entre adultos e criança, produzindo uma hierarquia, onde essa subordinação perpassa também pela relação da criança trabalhadora com o adulto da família, mas também em relação ao seu patrão, pois depende dele a subsistência da criança e de seus familiares (Faria 1997; Kramer 2006).

Percebemos ao longo deste tópico que a concepção de criança desde a Idade Média até o capitalismo passa por mudanças, porém não muito significativas, já que algumas formas de ver a criança permanecem ainda atualmente, com isso podemos refletir o quanto essas raízes conceituais históricas são fortes. Passaremos agora para o caso brasileiro, que tem suas particularidades, porque diferente da Europa, o Brasil é um país colonizado, o que já nos deixa em condições de dominação desde o período em que os portugueses chegaram ao país, escravizando indígenas (povos originários) e trazendo negros do continente africano para também serem escravizados.

Enquanto o mundo ocidental já tinha passado pela primeira revolução industrial e modo de produção da maioria dos países já era o capitalismo, o Brasil ainda era um país escravocrata, mas embora o nosso país não houvesse passado pelo processo da revolução industrial, o capitalismo também chegou aqui, tomou uma cadeira e se sentiu em casa.

### 2.3.1. HISTÓRIA DA CRIANÇA NO BRASIL

Quando dizemos que o Brasil foi um país colonizado, estamos assumindo que o processo de colonização deixou marcas profundas no nosso ser e está enraizado na nossa essência, portanto, hoje por mais que sejamos uma república, os desdobramentos da colonização ainda estão em nós. O que vivemos hoje Catherine Walsh (2009) chama de colonialidade, significa que mesmo com o fim da colonização a lógica colonial ainda está presente nas nossas vidas, na forma como enxergamos o mundo e como pensamos e agimos.

Nesse sentido, Walsh (2009) analisa que a colonialidade estabeleceu estruturas até hoje permanentes nos países colonizados, mantendo padrões de poder enraizados na racialização, no conhecimento eurocêntrico e na inferiorização de alguns seres como menos humanos. Afirma que a raça, o racismo e racialização são elementos constitutivos e fundantes das relações de dominação, desta maneira estabelece o eurocentrismo como hegemônico, determinando como um processo natural a superioridade do povo europeu em detrimento dos povos indígenas que aqui já estavam e dos negros que foram trazidos para o nosso país.

Esse processo de dominação faz parte da nossa história há bastante tempo. Podemos afirmar que isso é parte integrante da nossa construção como pessoas até os dias atuais. Por essa razão, no final do tópico anterior foi mencionado que o capitalismo quando aqui se estabeleceu sentiu em casa, pois como um país colonizado a dominação e a exploração já faziam parte do povo brasileiro, da nossa constituição como pessoa. O princípio do capitalismo é a exploração do homem pelo homem como analisa Osorio (2019) “[...] o capital é simultaneamente exploração e dominação” (p. 26-27), então podemos considerar que ao deixar de ser um país escravocrata e adotar o sistema capitalista, apenas modificamos a maneira de exploração e dominação, entretanto, a exploração do homem pelo homem persiste, mantendo a ideia de que um é superior ao outro.

Nosso recorte para tratar da criança no Brasil será a partir do século XIX, quando ainda éramos um país escravocrata, deixando de ser apenas no final desse século. Foi um período agitado para o Brasil, iniciamos o século como um país escravista e em 1888 aconteceu a abolição da escravidão e em 1889 o Brasil deixa de ser uma monarquia e torna-se uma república, finalizando o século com uma outra forma de organização da nossa sociedade. Nos documentos históricos desse período, livros, textos, diários de viajantes, a criança é pouco mencionada e quando o é, a retratam como um adulto, pois aquele era um mundo de adultos e elas já eram treinadas desde pequenas para pensarem como um, o que nos permite compreender a concepção de criança dessa época.

A infância nesse período era apenas uma passagem sem muita importância, um intervalo para se tornarem adultos, por conseguinte um adulto em miniatura já que a fase mais importante da vida é quando se é um adulto. É preciso destacar que muitos documentos dessa época não traziam referência da idade das crianças nos seus relatos, por este motivo não será possível defini-los em muitos momentos deste estudo, mas entendemos como criança sujeitos de 0 a 12 anos, sendo a faixa etária que abrange o nosso objeto de estudo a de crianças de 0 a 5 anos. (Scarano, 2010).

No século XIX a criança negra em situação de escravização em algumas situações era aceita para integrar o mesmo ambiente dos brancos, especialmente aquelas que tinham algum talento artístico. Isso não quer dizer que a discriminação não existia ou que não havia uma distinção das crianças negras em relação as brancas, existia sim, até porque as crianças negras eram usadas para distrair os brancos, com a função de divertir ou alegrá-los, fosse cantando, representando ou até fazendo cambalhota. Elas eram submetidas a essa exposição desde muito cedo, pois a mãe trabalhava na casa dos brancos como ama de leite e cuidando da casa (Scarano, 2010).

Observamos pelas análises de Mary Del Priore (2010) as condições das crianças negras nesse período, muitas nem sequer permaneciam com suas famílias o tempo necessário para o desenvolvimento de uma criança, logo eram expostas a situações degradantes. Como se não tivessem intelecto o bastante para desempenhar outras tarefas, o seu trabalho sempre era voltado para esforços físicos, pois estes eram considerados inferiores aos trabalhos intelectuais, seja ele na lavoura ou distraindo as famílias brancas e, para os pobres, essa era a melhor escola. As crianças negras em muitas circunstâncias eram vendidas a partir dos sete anos de idade, sendo retiradas de suas famílias e do lugar onde tinham vínculos sociais e afetivos, essa era uma das maneiras de contenção dos negros.

Um costume das famílias da elite dessa época era a de ter amas de leite, que eram mulheres negras saudáveis que amamentavam as crianças da elite brasileira, para que elas tivessem uma boa saúde e sobrevivessem as doenças da infância, diante dessa circunstância era permitido que as crianças negras frequentassem o mesmo ambiente das crianças brancas, porque as suas mães eram necessárias para a criação das crianças da casa grande. As mulheres escravizadas que viviam nas casas dos senhores se alimentavam bem e tinham uma boa saúde, assim seus filhos que também frequentavam a casa dos brancos e desfrutavam dos mesmos alimentos que eles, obtinham uma boa saúde, não porque eram valiosas, mas para um propósito de tornar saudável o filho dos senhores brancos, e eram responsáveis também pela criação deles (Mauad, 2010).

Entretanto, o nascimento de um filho para as mulheres negras escravizadas não era visto como uma alegria ou como uma benção, pois essas mães já sabiam a vida que aquelas crianças teriam e que não seria nada fácil. Logo após o nascimento essas crianças precisavam ser deixadas para serem cuidadas pelos idosos, pois as suas mães precisavam voltar logo ao trabalho, assim o abandono forçado desencadeava frequentemente a morte delas, já que começavam a ser expostas a violência desde cedo (Scarano, 2010).

Para as crianças da elite na época do Brasil Império cabia a família educá-las, estabelecer princípios morais e a escola instruí-las. A educação dos meninos e das meninas eram diferentes, sendo que para as meninas a responsabilidade de educá-las era das mulheres e a educação dos meninos era de responsabilidade dos homens. Para as meninas a educação possuía relação com o ambiente doméstico, voltado para o incentivo a maternidade e precisavam desenvolver uma perfeição no piano, para passar a impressão de delicadeza, sensibilidade e feminilidade para seus futuros maridos (Mauad, 2010).

Já para os meninos, Mauad (2010) nos conta que era uma educação, “[...] voltada para o desenvolvimento de uma postura viril e poderosa, aliada a uma instrução, civil ou militar, que lhes permitissem adquirir conhecimentos amplos e variados, garantindo-lhe o desenvolvimento pleno da capacidade intelectual” (p. 143), com as funções sociais estabelecidas desde a infância, ainda estava garantido a continuidade desse sistema como podemos perceber pela análise de Mauad (2010):

Com isso estavam supostamente garantidas a manutenção e reprodução dos ideais propostos para a constituição do mundo adulto. Dentro desta perspectiva, a criança era uma potencialidade, que deveria ser responsavelmente desenvolvida. Mas até chegar a ser uma potencialidade, a criança era uma expectativa que, devido às condições de saúde da época, geralmente se frustrava. (p. 143-144)

Observamos que somente para os meninos da elite era dado a possibilidade de potencializarem o seu desenvolvimento intelectual, para as meninas cabia a responsabilidade de reprodução e cuidar do lar, tarefa que já nessa época era colocada como inferior a uma educação intelectual e para as crianças pobres lhes restavam o entreter e divertir os brancos ou trabalhar nas lavouras. Observamos também que a vida da criança era uma expectativa, não sabia se ela sobreviveria às doenças da época, assim por mais que tivessem um sentimento em relação a criança da elite, a sociedade vivia na expectativa dessa criança se tornar um adulto para perpetuar a linhagem da família e dar continuidade ao sistema estabelecido pela elite brasileira, ou seja pelos homens brancos. Portanto, a visão de que a criança era um adulto pequeno estava estabelecida na sociedade oitocentista brasileira (Mauad, 2010).

Já para as crianças (meninos) do meio urbano na sua maioria os pobres enjeitados, que a polícia recolhia nas ruas e alguns voluntários que eram filhos, netos ou sobrinhos de marinheiros, eram enviados para a aprendizagem profissional na Marinha brasileira, poderíamos pensar que isso era algo grandioso, inclusive as famílias e tutores dessas crianças achavam que isso era um meio de ascensão social (Venancio, 2010).

Porém, essas crianças viviam em ambientes hostis, com bebidas alcoólicas, com homens constantemente bêbados, presenciavam xingamentos, além de também serem submetidas a agressões físicas e a uma alimentação precária. É importante ressaltar que essas crianças foram escolhidas para integrarem a Marinha brasileira, quando perceberam que precisariam de muitas pessoas para enfrentar uma guerra, assim os comandantes superiores entendendo que seria difícil alimentar um número elevado de marinheiros adultos, decidiram embarcar crianças, pois elas consumiam menos alimentos, ocupavam menos espaço e poderiam executar trabalhos que adultos não poderiam e não conseguiam (Venancio, 2010).

Em 1865 o Brasil entrou em guerra contra o Paraguai e essas crianças foram recrutadas, nos momentos de conflito exerciam a função de porta-cartuchos, eram os que levavam a carga de projeção e a estopilha<sup>5</sup> para serem colocadas nos canhões e nas demais armas de fogo das embarcações, portanto eram atuantes dentro do conflito. Diferente do que se fazia na Europa, que as crianças somente eram recrutadas como último recurso, o que já era inaceitável, aqui fizeram ainda pior, desde o início da guerra as crianças foram recrutadas e enviadas para o campo de batalha. Percebemos que no Brasil desde o século XIX o desprezo pela vida da criança e a negação da sua infância já estavam presentes, pode-se observar também a concepção de criança exposta com essas atitudes, a de que elas eram menos valiosas que os adultos (Venancio, 2010).

Nesse momento se faz necessário abrir uma brecha na linearidade histórica para fazer um recorte e uma análise dos dias de hoje, e assim dar exemplo de que essa atitude ainda acontece atualmente. Como se não bastasse as crianças brasileiras serem submetidas a uma guerra em 1865, presenciemos atitudes semelhantes nos dias de hoje, quando após as eleições de 2022, os eleitores do candidato que perdeu fizeram bloqueios nas rodovias e na linha de frente colocaram crianças. Não é de espanto quando pensamos na trajetória desse candidato e constatamos que constantemente ele fazia apologia ao crime durante a campanha de 2018 e no seu primeiro mandato como presidente em 2019, ele usava as crianças para tirar fotos fazendo

---

<sup>5</sup> Artefato pirotécnico que produz inflamação da carga de projeção dos projéteis (Dicio, 2014).

arminha com as mãos, como também para segurar armas de fogo, expondo isso como se fosse algo bondoso e bonito de se ver (Metrópolis, 2022; Carvalho, 2021).

A reflexão que se faz dessas atitudes tem como conclusão exatamente o contrário disso, essa atitude é muito prejudicial e nociva para a educação da criança. Podemos perceber o quanto este candidato tratou a infância das crianças brasileira com desprezo, retratando a concepção dele de criança, assim observamos e analisamos que as atitudes do candidato à presidência que perdeu as eleições em 2022, têm raízes muito bem estabelecidas no nosso país, na guerra do Paraguai (Metrópolis, 2022; Carvalho, 2021).

Voltando ao século XIX, em 1888 acontece a abolição da escravidão no Brasil, ocasião em que muitos negros deixam as fazendas em busca de uma vida melhor nos meios urbanos, porém sem um planejamento para acolhê-los, eis que nas cidades acontece uma grande aglomeração de pessoas. Em 1989 acontece a Proclamação da República e o Brasil deixa de ser uma Monarquia e passa a ser uma República. Ana Dourado, Christine Dabat e Teresa Corrêa de Araújo (2010) nos conduz na reflexão sobre esta transição no Brasil:

Na passagem do século XIX para o século XX, médicos, juristas e políticos higienistas e eugenistas investiram no sentido de intervir na realidade das crianças pobres dos centros urbanos brasileiros. O fim da escravatura e o início da República marcaram, no Brasil, a construção de uma nova identidade nacional, vista pela elite política como meio de igualar o país às grandes nações europeias em um novo conceito de civilização e desenvolvimento. (p. 387)

Percebemos que no final do século XIX e início do século XX, a preocupação em cuidar da criança brasileira era compartilhada pelos grupos privados e filantropos, como médicos e associações de damas beneficentes e não do poder público. A República preferia que esses grupos dessem assistência para as crianças que necessitavam ficar em instituições públicas, assim, eles não se viam com a responsabilidade e a necessidade de oferecer serviços sociais a elas.

Nesse período quando se discutia a vida da criança pobre eram diálogos voltados para a contenção dos aglomerados nos centros urbanos e para tornar essas crianças cidadãs úteis e produtivas para o país, visto que o capitalismo já estava em fase de implantação no Brasil e sempre foi de interesse do capital que crianças trabalhassem, seja no campo ou na cidade. Nessa época o trabalho infantil na cidade era mais velado, já no campo não se tinha preocupação alguma com as crianças, visto que era um trabalho considerado natural, então os campos foram marcados pela ausência de oportunidades educacionais (Dourado; Dabat; Araujo, 2010).

No início do século XX como a preocupação com a criança era por parte dos médicos, suas inquietações envolviam principalmente as questões sanitárias, higienistas, cuidados com a saúde e alimentação delas, dessa forma a concepção de criança era a de um ser incompleto que precisava chegar a fase adulta para se tornar um ser completo. Essa concepção se agrava quando se pensa nas crianças pobres, eles acreditavam que as famílias dessas crianças não tinham condições de cuidar e de educá-las e por isso lhes era oferecido vários tipos de assistência, como podemos observar no quadro 2. Parte dessa assistência acontecia na escola, com instituições educativas que tinham um caráter assistencial custodial e a finalidade delas era de suprir carências culturais, cognitivas, afetivas, nutritivas dessa criança que precisava frequentar instituições públicas (Kuhlmann Junior, 2015).

No período que compreende o século XX até 1988, ocorrem no Brasil diversos fatos relevantes para a conceituação e definição da criança e da infância. Esses acontecimentos estão especificados no quadro 2, o qual apresenta a criação de órgãos com a finalidade de cuidar e preservar a infância da criança, cada um com os seus objetivos que estavam diretamente ligados à sua visão e concepção dela. É importante ressaltar que todos esses fatos nos conduziram a concepção de criança e de infância que temos hoje, por isso é importante exibir quais eram esses órgãos, o ano em que foram criados, quando ocorreram mudanças ou extinções, seus objetivos e concepção de criança e infância. (Souza; Kramer, 1988; Kramer, 2006)

**Quadro 2:** Órgãos de cuidado da criança e da infância criados no Século XX

<b>ÓRGÃO</b>	<b>ANO DE CRIAÇÃO</b>	<b>VINCULAÇÃO</b>	<b>MODIFICAÇÃO/EXTINÇÃO</b>	<b>OBJETIVOS/CONCEPÇÃO DE CRIANÇA E INFÂNCIA</b>
Departamento da Criança no Brasil	1919	(setor privado) Instituto de Proteção e Assistência à Infância	Continuava a existir em 1938.	A criança era vista como a solução para os problemas sociais e como forma de renovação da humanidade.
Departamento Nacional da Criança (DNCr.)	1940	(setor público) Ministério da Educação e Saúde Pública	Subordinado ao Ministério da Saúde a partir de 1951. Transformado em Coordenação de Proteção Materno-Infantil em	A orientação era fortalecer os programas destinados a família e a educação sanitária, enxergava a criança com carências culturais, alimentares e sanitárias.

			1970, atual Divisão Nacional de Proteção Materno-Infantil	
Serviço de Assistência a Menores (SAM)	1941	(setor público) Ministério da Educação e Negócios Interiores	Extinto em 1964 Surge em 1964 a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, vinculada à Presidência da República FUNABEM é vinculada ao Ministério da Previdência e Assistência Social, a partir de 1974	Esse estabelecimento atuava para evitar “a má influência do ambiente familiar” e para formar “bons e sinceros brasileiros” que servissem aos interesses da nação, mais um estabelecimento que enxergava a criança com carências culturais, com uma visão idealista e única de criança (padronização) e voltada para o homem que ele seria amanhã.
Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)	1946	(internacional) Organização das Nações Unidas (ONU)	Torna-se órgão permanente da ONU em 1964. Atua através de convênios com órgãos governamentais da esfera federal, estadual ou municipal	Enfatizava a importância de se preparar as crianças para contribuir para o desenvolvimento do país e de uma educação voltada para a preparação para a vida, mais uma vez a preocupação era para uma ação futura.
Organização Mundial de Educação Pré-Escolar (OMEP)	1948	(internacional/setor privado)	Criação do Comitê-Brasil da OMEP em 1953.	Enxergava a criança com carências culturais, acreditava que elas não recebiam formação cultural e educação em casa e precisavam ser preparadas para frequentar a escola, o objetivo era suprir as carências das crianças, visando o assistencialismo.
Campanha Nacional de Alimentação Escolar (CNAE)	1955	(setor público) Ministério da Educação e Cultura	Incorporada ao Instituto Nacional de Assistência ao Educando, em 1985. A partir de 1983, integra a Fundação de Assistência ao Educando (FAE)	Vinculado ao MEC a preocupação era em suprir as carências alimentares/nutritivas das crianças carentes em idade escolar. Ao invés de resolver um problema econômico, de desigualdade social, visava o assistencialismo para suprir necessidades básicas das crianças.
Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN)	1972	(setor público) Ministério da Saúde		Com o mesmo objetivo do CNAE, porém vinculado ao Ministério da Saúde, seu discurso visava a segurança alimentar da população.

Projeto Casulo	1974	(setor público) Legião Brasileira de Assistência (LBA)	LBA é vinculada ao Ministério da Previdência e Assistência Social, a partir de 1974	Se preocupavam com a caracterização concreta da criança e negava que o programa tinha caráter compensatório, porém enfatizam a pré-escola como uma solução para os problemas de rendimento e do fracasso escolar.
Coordenação de Educação Pré-Escolar	1975	(setor público) Ministério da Educação e Cultura	A partir de 1981 a COEPRE lança (e coordena) o Programa Nacional de Educação Pré-escolar	Esse programa claramente expõe uma educação compensatória nos seus objetivos, visava suprir as carências nutricionais e culturais da criança e a pré-escola era proclamada como a solução para os problemas da escola.
MOBRAL	1981	(setor público) Ministério da Educação e Cultura	Passa a integrar o Programa Nacional de Educação Pré-Escolar. Extinto em 1985, é criada a Fundação Educar. Em 1986, seu Programa Pré-escolar é transferido para a SETS/MEC que coordena – através das Delegacias Regionais do MEC – o Programa, agora executado pelos municípios	O objetivo era expandir a pré-escola a baixo custo utilizando mães voluntárias como mão-de-obra, era responsável pela alfabetização e educação também das crianças de 4 a 6 anos, visando a resolver os problemas das escolas. Porém, era um discurso contraditório, como alfabetizar sem ter pessoas com formação para essa atividade profissional, pois quem fazia esse trabalho eram mães voluntárias sem formação pedagógica.
Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)	1985	(setor público) Ministério da Justiça	Promove ações e influências políticas destinadas a eliminar a discriminação contra as mulheres. Coloca, como prioridade de ação, a definição de uma política nacional de atendimento à criança de 0 a 6 anos.	A preocupação da criança é colocada junto com os direitos da mulher, desta maneira podemos definir que enxerga a criança apenas como responsabilidade das mulheres e a diminui quanto as suas necessidades. É como se ela fosse menor na escala de prioridades sociais e ainda divide espaço com as mulheres, como se ambos tivessem os mesmos interesses e necessidades.

Fonte: Souza e Kramer (1989); Kramer (2006)

Percebemos no quadro 2, que a iniciativa privada e o poder público dividiam a responsabilidade com a criança desde o início do século XX, assim também ocorria com os diferentes ministérios (da Justiça, Educação, Cultura e Saúde) que compartilhavam os cuidados

com a criança, porém todos voltados para uma abordagem assistencialista e para compensar o que lhes faltavam na família. Durante esse período quando se pensava na criança, filha da classe trabalhadora, a constatação era que sua família não conseguia suprir suas necessidades básicas e o poder público e privado precisavam intervir para que não lhes faltassem recursos.

Esses acontecimentos durante o século XX, contribuíram para que mães se juntassem com os profissionais da educação para lutarem por instituições que oferecessem uma educação de qualidade para as crianças entre 0 e 6 anos de idade, com essas reivindicações e com as greves de 1970, que pediam o fim da ditadura militar e também políticas públicas mais progressistas para a população, culminaram na promulgação da CF de 1988, e em 1990 a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) com o intuito de proteger a criança e a infância (Brasil, 1990).

No segundo artigo do ECA, ressalta que “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (Brasil, 1990). O artigo sexto, complementa que “na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento” (Brasil, 1990).

Kramer (2006) nos ajuda a compreender o quanto o nosso processo histórico foi intenso e excludente com as crianças, mesmo com o ECA, alguns conceitos e concepções estão enraizados na forma como a sociedade vê a criança, sendo ainda hoje tratada como uma oposição ao adulto, devido à falta de idade, de maturidade e de adequada integração social, percebe-se que a criança é sempre colocada como inferior ao adulto. Kramer (2006) ainda chama a atenção dizendo que “[...] ao realizar o corte com base no critério de idade, procura-se identificar certas regularidades de comportamento que caracterizam a criança como tal” (p. 15). A autora ressalta que esse corte por idade não é tão simples como parece e argumenta que:

[...] ao fator idade estão associados determinados papéis e desempenhos específicos. E esses papéis e desempenhos (esperados e reais) dependem estreitamente da classe social em que está inserida a criança. Sua participação no processo produtivo, o tempo de escolarização, o processo de socialização no interior da família e da comunidade, as atividades cotidianas (das brincadeiras às tarefas assumidas) se diferenciam segundo a posição da criança e de sua família na estrutura sócio-econômica. Sendo essa inserção social diversa, é impróprio ou inadequado supor a existência de uma população infantil homogênea, ao invés de se perceber diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização (Kramer, 2006, p. 15).

Deste modo, ressaltamos que é inadequado o conceito burguês imposto pela classe dominante, que exista uma população infantil homogênea, atribuindo o mesmo significado para

todas as crianças, como se elas fossem iguais no seu modo de vida, no seu contexto histórico. Conceber a criança dessa maneira é não aceitar a desigualdade social existente não só no Brasil, mas no mundo, e não a compreender na sua concretude. Kramer (2006) diz que é preciso “entender a criança em relação ao contexto social, e não como natureza infantil” (p. 16) e acrescenta que a ideia de “[...] uma infância universal foi divulgada pelas classes dominantes baseada no seu modelo padrão de criança, justamente a partir dos critérios de idade e de dependência do adulto, característicos de um tipo específico de papel social por ela assumido no interior dessas classes” (p. 19).

Kuhlmann Junior (2015) alerta que quando passamos a estudar a historicidade da criança e da infância podemos ter a impressão de que os cuidados com elas estariam melhorando ao longo da história, possivelmente a preocupação em preservar a infância da criança, assim como a preocupação com a sua educação, suas necessidades e a sua sobrevivência melhoraram, porém, continuamos a presenciar violências contra elas. Ressaltamos que a criança é o sujeito histórico nesse processo e ela passou a ter direitos e a não mais aguardar a chegada da fase adulta para começar a viver. Anteriormente a criança passava pelo período de espera para saber se iria sobreviver à fase inicial do seu desenvolvimento, pois o índice de mortalidade infantil era muito alto, tendo em vista que as famílias não as valorizavam como um sujeito e nem preservavam a sua infância até terem certeza de que ela passaria por essa etapa. Contudo, isso muitas vezes só acontecia quando ela já tinha passado dessa fase ou já era vista como um adulto.

Desta maneira, Kuhlmann Junior (2015) analisa que por um lado “[...] temos vivido manifestações de reconhecimento dos direitos das crianças em diferentes níveis, por outro, continuamos a presenciar massacres de crianças e jovens, exploração, violência sexual, fome, maus-tratos [...]” (p. 20). Ele ainda destaca que com o desenvolvimento científico e tecnológico houve uma valorização da criança “[...] passou a privilegiar as instituições para a infância, a escola primária, o jardim de infância, a creche a reorganização dos internatos, os ambulatórios e as consultas às gestantes e lactantes, a distribuição de leite pasteurizado” (p. 60), mas isso ainda não foi o suficiente para valorizar e atender toda a população infantil.

Compreendemos que a criança é diferente do adulto, sua perspectiva é outra, às vezes os adultos têm uma visão mítica da criança, como se ela vivesse em um outro mundo, mas estamos todos inseridos em um mesmo contexto. Por isso é tão importante compreender o processo de desenvolvimento da criança para que possamos acolher e preservar essa infância da melhor maneira possível, pois é nesse mundo que ela interage com outras pessoas e participa das relações sociais produzindo história como sujeito histórico que é. Kuhlmann Junior (2015) ainda nos acrescenta que:

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras de história. (p. 30)

Das reflexões tecidas até aqui, podemos perceber que o conceito de criança e de infância é construído, social, cultural e histórico. Ela passou a ser valorizada e reconhecida conforme o tempo passava e a mortalidade infantil diminuía, esse foi um fator importante para mudar algumas concepções que se tinha da criança. Dialogamos também sobre os possíveis motivos que resultam na desvalorização tanto da criança, como da infância e percebemos que alguns autores, como Kramer (2006) e Kuhlmann Junior (2015), em alguns momentos de seus livros consideram criança e infância como sinônimos na sua definição, creio que isso pode ter ocorrido devido aos documentos que eles utilizaram para fazer suas pesquisas, porém isso não descarta a importância e relevância que seus estudos têm para quem estuda esse tema. Pelo breve estudo que fizemos, acreditamos que a criança é o sujeito, a infância é uma categoria social e é fundamental cuidar e educar a criança preservando e respeitando o seu sentimento de infância.

Percebemos também o quanto a criança brasileira foi exposta a situações socialmente desumanas, que a desrespeita como um sujeito e a sua infância. Eduardo Galeano (2011) faz a seguinte análise, as “crianças são, em sua maioria, os pobres; e pobres são, em sua maioria, as crianças, e, entre todos os reféns do sistema, são elas que vivem em pior condição, a sociedade as espreme, vigia, castiga e às vezes mata: quase nunca as escuta, jamais as compreende” (p. 20). Diante desta análise refletimos o quanto precisamos mudar nosso posicionamento em relação à criança, romper com certos paradigmas que nos acompanharam até os dias de hoje.

A criança é um sujeito histórico, social e político, precisa ser colocada no centro desse processo para ser percebida na sua totalidade para se compreender a sua infância e poder respeitá-la e preservá-la. Para isso existe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), uma das legislações mais avançadas quando se refere a criança, mas não basta só estar na lei, é preciso que as pessoas a conheçam, não só saber que ela existe, mas compreender o que ela diz, os direitos que ela assegura, os motivos pelos quais ela precisou ser criada e toda a política de proteção às crianças brasileiras, para então mudar a realidade delas, sobretudo as da classe trabalhadora.

Neste tópico compreendemos a situação da criança no nosso país, antes da CF de 1988 e depois da sua promulgação, no próximo tópico discutiremos a situação da criança no nosso Estado, e na medida do possível, apresentar sobre a criança no município em que foi feita esta

pesquisa: Inhumas. Enfatizamos que será na medida do possível, porque existem pouquíssimos relatos da situação da criança e da infância no município, a literatura à qual tivemos acesso enfatiza principalmente os grandes homens responsáveis pela fundação do município, com pouca menção às mulheres e praticamente nada sobre as crianças. Isso evidencia a relação limitada que o município estabelece com as crianças.

### **2.3.2. A CRIANÇA NO ESTADO DE GOIÁS E NO MUNICÍPIO DE INHUMAS**

Em um contexto geral, percebemos com esse estudo que a história da criança é deixada de lado em muitos momentos. Primeiro porque ela é vista como um adulto em miniatura, como um ser inferior ao adulto, então não se via a necessidade de contar a história dela, uma vez que sua existência era considerada como a fase menos importante do ser humano, apenas uma etapa passageira (Faria, 1997). Em segundo, porque a história da criança é sempre contada por um adulto e depende do posicionamento dele se a história da criança é relevante ou não para a compreensão de criança, de infância e até para apresentar a importância dessa fase na construção do ser humano (Kuhlmann Junior, 2015). Em terceiro, porque se tinha um alto índice de mortalidade infantil, portanto a criança só passava a ter importância quando passava dessa fase da vida, quando a sua sobrevivência já estava garantida. A partir do momento em que isso era notado para o seu círculo social, ela já não era mais uma criança, isso acontecia por volta dos 6 ou 7 anos, idade em que passava a executar e a realizar atividades iguais a um adulto (Kramer, 2006).

Atribuímos a essas questões as poucas referências que encontramos sobre a vida da criança, pois não se achava relevante contar a história delas até a segunda metade do século XX, não se compreendia ainda a relevância dessa fase na vida e no desenvolvimento do ser humano. E assim quando tentamos um estudo mais específico sobre ela, esse problema fica mais evidente, por isso partimos dos seguintes questionamentos, quem é a criança goiana, de onde vem suas raízes históricas e sociais, além de qual é a sua identidade. São perguntas muito importantes para um estudo e para uma pesquisa, mas que tem poucos materiais ainda para respondê-las.

E quando tentamos ser mais específicos, perguntando quem é a criança inhumense, quais são suas raízes históricas e sociais, de que, ou com o que ela brinca ou com o que ela brinca, diante do apagamento delas na literatura, cabe o questionamento se elas existem e de que forma é essa existência. São questões mais difíceis ainda de responder, por isso a necessidade e a

relevância desse estudo na tentativa de abrir portas, para responder essas indagações sobre a criança, não apenas verificando essa identidade, mas também para despertar em outros pesquisadores a curiosidade, a importância dessa investigação e a responsabilidade de trazer mais um elemento para a história do município.

O povo goiano se constitui no século XIX por diferentes grupos étnicos e por uma diversidade cultural, por aqui tínhamos os colonizadores europeus, mas também os imigrantes japoneses, sírios, libaneses, os negros muitos ainda escravizados e os povos originários dessa terra, os indígenas. Muitos viajantes europeus que no século XIX, quando passavam pela região de Goiás, conforme Diane Valdez (2003) apresenta, registravam “com indignação e críticas a forma goiana de viver, destacando que na Província de Goiás as crianças em sua grande maioria eram ‘filhos do pecado, da ilegitimidade e de uniões passageiras’” (p. 14), esse julgamento acontecia por conta da questão religiosa, mais específico do catolicismo, que acreditavam que as crianças fruto de casamentos não religiosos eram filhos do pecado, eram considerados filhos ilegítimos (Valdez, 2003).

Na região de Goiás eram muitas crianças nessas condições, a proporção era a mesma dentro da população branca, mas para os filhos dos negros, escravizados, a proporção era bem maior, eram poucos negros que se casavam perante o catolicismo e isso era um desrespeito a moralidade da época, principalmente para os viajantes, que estavam de passagem, mesmo não sendo um costume que negros se casassem na igreja (Valdez, 2003).

Em Goiás a situação da criança não era diferente do restante do Brasil, Valdez (2003) analisa que “as crianças que habitavam a Província de Goiás igualmente eram vistas como pequenos adultos, delas era exigido comportamento de gente grande, eram vestidas como adultos, casavam-se cedo, trabalhavam precocemente” (p. 12). Em território goiano continua a se perpetuar o discurso de criança como um adulto em miniatura, elas não se diferenciavam dos adultos nem pelas roupas que vestiam e era exigido delas que se comportassem como um e muitas já eram colocadas em situação de trabalho.

Uma curiosidade é que apesar de serem submetidas ao trabalho e de exigirem da criança que se comportassem como adultos, Valdez (2003) ressalta que quando se tinha uma brecha elas corriam para brincar, “soltavam suas meninices, sonhos, fantasias e agiam como qualquer criança em diferentes lugares e tempos históricos” (p. 12). Isso nos remete a importância de se preservar a infância da criança, de que ela não é um adulto em miniatura e que é um ser em desenvolvimento e com necessidades próprias (Vigotski, 2018a). Por mais que seja exigido um comportamento que não é próprio da sua idade, quando se tem uma possibilidade de liberdade e de brincadeira é isso que a criança busca fazer.

Como podemos perceber o trabalho infantil já fazia parte da vida da criança goiana, mas em algumas circunstâncias ela poderia ser agravada como é o caso das famílias com poucas condições de subsistência, elas davam suas crianças para outras famílias criarem, ela poderia ser dada para amigos, parentes ou conhecidos. As crianças em questão eram chamadas de “bobos” e eram adotadas para atuarem como serviçais nos lares das famílias que estavam lhe adotando, inclusive era bem comum quando alguém se casava receber como presente um “bobo” para desempenhar as tarefas domésticas (Valdez, 2003). Essas crianças eram uma espécie de “serviçal de estimação” que ficavam responsáveis por “carregarem água e lenha, lavavam, passavam e davam recados” (p. 18) e em troca recebiam um lugar para dormir e alimento, mas raramente poderia viver a sua infância.

Com as crianças negras não era diferente, Valdez (2003) apresenta que como uma forma de caridade da “senhora bondosa e cristã” (p. 18), essas crianças eram adotadas para serem criados como filhos, mas Valdez (2003) ressalta que essa “prática de ‘pegar para criar’ uma negrinha ou um negrinho, resquício proveniente da escravidão, fazia, dessas crianças adotadas, vítimas da violência doméstica, cujos maus-tratos levavam-nas até a morte em alguns casos” (p. 18). Mais uma demonstração de que a criança era impossibilitada de viver sua infância, de tê-la preservada e voltada para o seu desenvolvimento, potencializando-o. Ao contrário era submetida a trabalhos domésticos, para ser mão de obra apenas, sendo muitas vezes exposta a diversos tipos de violência, o que a impedia de desfrutar da sua infância, fase tão importante para o seu desenvolvimento (Vigotski, 2018a).

É importante ressaltar que esse costume de dar os filhos para adoção ou até mesmo de abandoná-los, tenha chegado ao Brasil pelo processo de colonização, pois essa não era uma prática comum dos negros escravizados vindos diretamente da África e dos indígenas (Valdez, 2008). Contudo, as crianças indígenas não ficaram de fora do processo de adoção, porém, elas eram submetidas a uma adoção forçada, com a justificativa de que serviriam para civilizar os povos originários, conforme Valdez (2003) analisa, que as crianças indígenas,

[...] eram pegas como animaizinhos de estimação e serviam de presentes, muitas vezes resistiam, e fugiam de seus pais adotivos. Importante ressaltar que a criança indígena era adotada sem o consentimento de sua tribo ou de seus pais. Os relatos do século XIX apontam várias passagens de mães indígenas em Goiás que fugiam com seus curumins pelas matas, quando estranhos se aproximavam, o que demonstra uma relação muito íntima e próxima entre os adultos indígenas e suas crianças. (p. 19)

Em nome da civilização já foram feitos diversos tipos de violência, com os povos originários e com os negros, e ainda atualmente continuam a sofrer, seja pela exclusão social e

seu apagamento histórico ou pela desigualdade social que prefere esconder suas condições de vida. As crianças indígenas eram retiradas de suas famílias para que lhes fossem ensinados valores cristãos, muitos lares da capital goiana, na época a Cidade de Goiás, recebiam crianças indígenas, pois acreditavam que quanto mais cedo fossem retirados de suas culturas e de seus costumes, mais fácil seria transformá-los em seres civilizados (Valdez, 2003).

Apesar da Cidade de Goiás, ter indígenas na constituição da sua identidade e ser bem próxima ao Arraial de Goiabeiras, como era chamado antes de se tornar o município de Inhumas, na história e na construção da identidade do seu povo, os indígenas não estavam presentes diretamente. Para que o município se desenvolvesse, houve a contribuição dos imigrantes japoneses, sírios, libaneses, italianos, espanhóis, dos colonizadores portugueses e dos negros, receberam também pessoas que já eram nascidas no Brasil como os mineiros, paulistas e baianos, que se aventuravam para o interior do Brasil, chegando até a região de Goiás (Valdez, 2003; Moreira, 2004; Moreira; Nascimento; Abdalla, 2008).

Ainda sobre a questão do trabalho, em Inhumas existiam famílias posseiras, que se estabeleciam em terras que não eram habitadas, tomavam posse dessas terras para trabalharem e assim se estabeleciam nelas, já que não tinham dono. Existia também os agregados, que não tinham condições de se estabelecerem em alguma terra por serem despossuídos dos meios de produção, pediam permissão para o proprietário rural e se assentavam com suas famílias nas terras que já tinham donos e passavam a desenvolver um trabalho familiar nessas terras. Assim toda a parentela precisavam trabalhar para obter meios para a sua subsistência para pagar ao proprietário da terra a porcentagem que lhe cabia sobre o que foi produzido, já que usufruíam da terra ou também a família toda se tornava empregada do dono da fazenda (Moreira, 2004).

Moreira (2004) relata que “era por meio da opressão que se mantinha o trabalhador preso a terra, a exploração era resultado do processo de endividamento com o patrão [...] somente após a quitação das mesmas, poderia o trabalhador romper os vínculos que os uniam” (p. 30). O trabalhador agregado, nesse caso a sua família também já que era trabalhadora dessa terra, só poderiam sair da fazenda quando a dívida fosse paga, porém era um caso de exploração e algumas dívidas apenas cresciam ao invés de chegarem perto de serem quitadas. Compreendemos que a criança, filha do trabalhador dessa terra devido as condições de sua família logo cedo precisavam ir trabalhar para ajudar sua família a pagar as dívidas com o dono da terra e para criar meios para a sua subsistência. Portanto, a criança da classe popular na região de Inhumas, precocemente já era submetida às condições de trabalho (Moreira, 2004).

Em Goiás se apreciava muito as festas religiosas, eram quando os habitantes das fazendas se dirigiam à cidade para acompanhar os festejos e as crianças não eram apenas

expectadoras, elas também participavam das festividades, como eram consideradas livres de pecado, eram anjinhos, reconhecidas pela sua inocência e sua pureza, essa idealização e romantização da criança se aproximava da visão que a Igreja Católica tinha da criança, que era vista desta forma até os seis anos de idade (Valdez, 2003). Devido a essa visão religiosa da criança ela sempre era convidada nas festividades religiosas a representar os santos, os apóstolos de Jesus, os anjos, conforme analisa Valdez (2003):

Os meninos e meninas participavam das festividades religiosas, não só como espectadores, mas também como protagonistas. Os pequerruchos desempenhavam papel de destaque nas inúmeras festas religiosas que aconteciam tanto em Goiás como no restante do Brasil. As crianças, reconhecidas pela sua inocência e pureza, eram escolhidas para representar santos e anjos em dias de festas, cuja prática provém da Idade Média, em que o culto ao Menino Jesus e aos santos-crianças, de qualidades notórias, colocava a criança como centro das atenções da sociedade cristã. (p. 43)

Mais uma das formas de ver a criança, nesse caso na idade de 0 a 6 anos, eram consideradas puras e inocentes. Nesse período as crianças andavam pela casa como se fossem um Deus, era uma idealização extremada da criança que logo se acabaria, pois, a meninice era bem curta e se encerrava aos 6 anos (Valdez, 2003). Essa visão da criança, conforme Valdez (2003) analisa, se origina da Idade média e surge no século XIX através das tradições religiosas, das suas festividades. Essa idealização e romantização da criança, vista como um anjinho, um ser divino, inocente, que nasce puro e é corrompido por esse mundo, dificulta a sociedade a enxergar as verdadeiras necessidades da criança, o que ela realmente precisa para que tenha o seu desenvolvimento potencializado.

Apesar de muitas crianças em Goiás já trabalharem e ter uma vida difícil, ainda assim quando possível, corriam para brincar. Algumas brincadeiras representavam a própria sociedade como era o caso da brincadeira de “caça ao tesouro”, que era um resquício da época em que Goiás era uma sociedade mineradora. Uma das principais brincadeiras regionais que temos em Goiás é o “bete”, que já era praticado por aqui desde o século XIX, por aqui existiam também brincadeiras que representavam armas, como era o caso da arapuca, o bodoque e o estilingue e também o famoso jogo com bolinhas de vidro, mais conhecido como “bolinha de gude” (Valdez, 2003).

A região de Goiás é conhecida por ter uma diversidade na sua população e que por isso é considerada rica culturalmente. Muitas brincadeiras foram modificadas pela miscigenação, outras criadas de acordo com a região onde se morava, como era o caso da brincadeira com pernas-de-pau, que consistia em se equilibrar em cima de pernas de pau feitas de bambu, originalmente uma brincadeira indígena das crianças da tribo Xavante. Mas nem todas as

brincadeiras ocorriam muito bem entre as diferentes crianças que habitavam a região de Goiás, como era o caso das crianças negras e brancas, que até se misturavam para brincar, mas, conforme analisa Valdez (2003), “apesar de se misturarem nas brincadeiras, os moleques não deixavam de ser o ‘saco-de-pancada’ dos meninos brancos, demonstrando, inocentemente ou não, seu lugar nas brincadeiras” (p. 51). É importante definir que moleques nessa era a forma como era chamada as crianças, filhas das mulheres escravizadas (Valdez, 2003).

As crianças goianas da classe popular, logo cedo já era submetida as condições de trabalho infantil, não era nas grandes fábricas como na Europa, mas iam para o trabalho nas fazendas. Algumas crianças em condições de pobreza eram dadas para outras famílias criarem, porém não era um tipo de adoção para se cuidar como um filho amado, como conseguimos perceber, eram mantidas como trabalhadores domésticos sem possibilidades de viverem a sua infância, já com as crianças indígenas, eram retirados a força das suas famílias para serem inseridos nos costumes cristãos e assim se tornarem civilizados (Valdez, 2003).

Conseguimos conhecer brevemente a criança goiana, como era sua vida na região que hoje chamamos de Goiás e conhecemos menos ainda a criança inhumense, esse é um tema que carece de mais pesquisas e mais estudos, para que se possa dizer qual a identidade da criança da cidade de Inhumas. Contudo, conseguimos perceber que não era tão diferente assim da história da criança no Brasil ou até mesmo da história da criança na Europa, os costumes podem ser diferentes, mas o conceito e forma como se via criança se aproximava bastante das visões do Brasil e da Europa já discutidas nesse capítulo.

Encerramos esse capítulo, esperamos que o leitor tenha conseguido compreender as diversas situações em que a criança é submetida, as diversas visões e conceitos de criança e de infância que foram discutidos aqui, sobretudo a diferença entre criança e infância, que em muitos casos são apresentados como sinônimos e, como conseguimos perceber, são diferentes embora ambos estejam diretamente ligados. No próximo capítulo apresentaremos mais uma forma de se ver a criança, a discutiremos no âmbito da política e como foi a sua educação no século XX e como está sendo nos dias de hoje, no século XXI. Foi importante este percurso até aqui porque os conceitos históricos e sociais da criança refletiram nas políticas em torno dela, apesar de separados para estudo nesta pesquisa, na sociedade eles estão entrelaçados.

É importante ressaltar os limites dessa pesquisa na concepção e no debate sobre a criança e a infância, sobretudo na cidade de Inhumas que não se tem muitas referências sobre o tema, a criança é muito pouco mencionada e às vezes nem aparece na literatura que se tem disponível, é um assunto carente de pesquisa. Fica também a reflexão sobre o município de Inhumas não possuir a influência da cultura indígena, já que é tão próxima da Cidade de Goiás, mas

compreendemos que os brancos ao se apropriarem de uma determinada terra, diminuía o território dos indígenas para se ter um controle maior deles, conseguindo assim civilizá-los e catequizá-los. Pensamos que talvez por isso que na criação da cidade de Inhumas, não se tem menção à cultura indígena ou, fazendo uma reflexão muito negativa, poderiam ter sido dizimados daquele território, salientamos que isso são apenas reflexões a partir do material que foi estudado.

É necessário também destacar que muitas vezes a literatura não apresenta a idade da criança na sua análise, por isso que no decorrer desse texto o leitor em alguns momentos não encontrará a idade em que as crianças estavam quando passaram por uma determinada situação. Portanto, apesar desse trabalho focar na criança de 0 a 5 anos, nem sempre o que está sendo dito pode-se afirmar que seja com a criança nessa faixa etária, já que a literatura não deixa isso claro, fazem apenas menção de que eram crianças, mas independentemente da idade, atualmente, é um direito de toda criança, de 0 a 12 anos, estar em uma instituição de educação. Por isso foi necessário evidenciar que esse é um direito conquistado recentemente, conforme veremos no próximo capítulo, entretanto nesse capítulo conseguimos perceber que elas não estavam em uma instituição de educação, contudo, estavam sendo submetidas a diversas outras situações, inclusive a de trabalho infantil.

### 3. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

*[...] A criança tem cem linguagens  
(e depois cem, cem, cem),  
mas roubaram-lhe noventa e nove.  
A escola e a cultura lhe separam a cabeça do  
corpo.  
Dizem-lhe: de pensar sem as mãos,  
de fazer sem a cabeça  
de escutar e de não falar,  
de compreender sem alegrias,  
de amar e de maravilhar-se só na Páscoa e no  
Natal. [...]  
(Loris Malaguzzi, *As cem linguagens da criança*)*

Percebemos ao longo do primeiro capítulo que o conceito de infância foi construído histórico e socialmente. No decorrer da história a criança foi ganhando na sociedade mais destaque, mais afetos e mais cuidados, percebeu-se que é importante preservar a infância da criança, pois esse é um período muito significativo no desenvolvimento do sujeito, já que é nessa etapa da vida que acontecerá a formação da sua personalidade e a construção de muitos conceitos.

Vigotski (2018a, p. 29) defende que “[...] o processo de desenvolvimento infantil não é um mero crescimento quantitativo de determinadas particularidades; não é um processo que se resume apenas à crescimento ou incremento”, ele é sobretudo complexo e intenso, que não se esgota apenas com uma reestruturação de todo o seu organismo, mas sim “[...] um circuito inteiro de mudanças e transformações qualitativas, de metamorfose, quando, diante dos nossos olhos, surge uma nova forma que, no degrau precedente, não existia [...]” (idem). Portanto, em cada etapa do desenvolvimento da criança, ela irá apresentar segundo leis específicas para cada idade, uma forma de pensar e de agir, acrescentando sempre um degrau no seu desenvolvimento (Vigotski, 2018a).

Todavia, todo o conhecimento acumulado hoje no século XXI sobre a criança e a infância, foi uma construção dos últimos duzentos anos de história, se atualmente no ocidente compreendemos a criança como um sujeito e a infância como uma categoria social, isso é o resultado dessa construção. Esse resultado nos mostra o nosso desenvolvimento como grupo

social, e a importância que damos a infância e a criança no meio social, diz muito sobre o nível de sociedade ao qual pertencemos e que estamos construindo, assim Mello (2007) justifica que, o século XX apesar de ter sido sangrento e marcado por guerras, foi um período em que se anunciou diversos direitos como “[...] o direito das mulheres, o dos idosos, o direito das chamadas minorias étnicas, o direito das pessoas com necessidades especiais e o direito das crianças” (p. 84), então se hoje temos consciência da importância desses grupos, isso se resulta dessas reflexões que foram feitas ao longo desses duzentos anos.

É desafiador reconhecer que na nossa sociedade, determinados sujeitos têm privilégios em detrimento de outros e que no sistema de produção em que vivemos, nos divide em classes, onde uma delas trabalha enquanto a outra enriquece pelo trabalho do outro, identificar a essência do capitalismo e suas contradições vai contra todo esse sistema que tem como premissa ocultar a verdade sobre a realidade da classe popular. Vivemos ainda em um contexto de exploração do homem pelo homem, por isso não podemos dizer que estamos vivenciando um avanço no desenvolvimento da nossa sociedade, pois a exploração de pessoas não é avanço social. A classe trabalhadora desenvolveu alguns mecanismos de defesa, porém ainda não conseguimos nos unir para lutar por uma sociedade melhor em que, não se tenha mais a exploração da força de trabalho do outro (Marx, 2017).

Para nos ajudar nessa reflexão Marx defende a ideia de que “pela relação entre o homem e a mulher se pode avaliar todo o nível da civilização humana” (Marx apud Mello, 2007, p. 84), sendo assim quando se tem na sociedade alguém que precisa ser inferiorizado, numa referência de submissão ou quando se tem uma relação de poder e propriedade sobre alguém, sobre o seu corpo e até mesmo sobre a sua força de trabalho, não se pode dizer que isso é um avanço social. Em outras palavras, quando o sistema econômico e financeiro determinam praticamente todas as esferas dessa sociedade, inclusive as relações interpessoais, sistema este que chamamos de capitalismo, onde o acúmulo de capital é mais relevante do que a própria humanidade dos sujeitos. Não podemos chamar isso de avanço social, não aquele em que acreditamos.

Observamos que as relações sociais no capitalismo são baseadas no individualismo, na competição entre as pessoas e na escravização do homem, seja entre as classes dominantes e as dominadas, seja entre homens e mulheres, seja entre adultos e crianças. Este é o modelo de sociedade que está posto e se não criarmos outro modo de viver e outra forma de estabelecer nossas relações uns com os outros, essas relações humanas e a humanidade podem desaparecer. Sendo assim para analisar o nível de uma civilização pensando na reflexão do parágrafo anterior, basta analisar as relações entre as pessoas dentro de um grupo social.

Desse modo, temos como objetivo, trazer elementos para contribuir em uma reflexão sobre o funcionamento da nossa sociedade, compreendendo que essa dinâmica também se manifestará nas diversas instituições que existem aqui, e uma delas são as instituições educativas. Apresentaremos nesse capítulo, um recorte histórico acerca da construção da educação da criança no nosso país a partir da década de 1970, com a educação assistencialista compensatória em destaque e a escolarização da educação infantil. Discutiremos fatos históricos e políticas que interferem diretamente na educação da criança e isto irá nos encaminhar para o diálogo sobre o financiamento da educação infantil, assim como a abordagem de qual educação para as crianças está sendo levada em consideração nos documentos norteadores dessa mesma educação.

### **3.1. VIRADA CIDADÃ: UM PANORAMA DA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS – A PARTIR DE 1970**

Este tópico tem como finalidade apresentar como era a educação da criança de 0 a 5 anos de idade antes da CF de 1988 e depois dela, além de refletir sobre as mobilizações sociais que levaram ao fim da ditadura militar e conduziram a redemocratização do país até a sua promulgação e os desdobramentos após a sua provação. Como a educação é um direito básico e as mobilizações sociais de 1970 foram muito significativas para a nossa história, pois pediam melhorias na qualidade de vida, essas manifestações sociais desencadearam uma mudança na nossa educação, como direito básico ao cidadão, porém de acordo com o que acreditamos ser qualidade na educação, essas mudanças podem tanto melhorar, como também piorar.

Sobre a educação da criança Kramer (2006) defende que “a educação pré-escolar começou a ser reconhecida como necessária tanto na Europa quanto nos Estados Unidos durante a depressão econômica dos anos 30” (p. 26). Porém, que educação era essa? E para quais crianças? E então Kramer (2006) responde que o principal objetivo dessa educação criada em 1930 “era o de garantir emprego a professores, enfermeiros e outros profissionais e, simultaneamente, fornecer nutrição, proteção e um ambiente saudável e emocionalmente estável para crianças carentes de dois a cinco anos” (p. 26).

Observamos que não há uma preocupação pedagógica com a educação das crianças, filhas da classe trabalhadora até esse momento, o que percebemos é um interesse em garantir emprego para diferentes profissionais, mas onde entra o empenho e o compromisso em garantir para essas crianças pobres uma educação pública de qualidade? Podemos dizer que ela não será

garantida apenas fornecendo alimentação, proteção e um ambiente saudável emocionalmente, isso claramente nos remete a uma educação assistencialista, que pretendia apenas prestar assistência nutricional e emocional para as crianças da classe popular, e a compensatória que procurava compensar as possíveis privações pelo qual passavam as crianças da classe trabalhadora (Faria, 1997; Kramer, 2006; Kuhlmann Junior, 2015; Pasqualini; Lazaretti, 2022).

Kramer (2006) analisa que a educação assistencialista enxerga as crianças da classe trabalhadora ou das classes desfavorecidas, sem nenhuma bagagem, seja ela educacional, social ou cultural. É como se a família não pudesse lhe oferecer uma educação suficiente para utilizá-la na escola e na educação infantil, elas precisam ser preparadas para frequentar a escola, fase também conhecida como ensino fundamental e médio. Dessa forma, pensavam que era preciso compensar e superar as carências ocasionadas pelas condições sociais das crianças pobres, que perpassavam pelas questões nutricionais e culturais. Abramowicz (2018) nos ajuda acrescentando nessa reflexão que “a educação assistencialista promovia uma pedagogia da submissão, que pretendia preparar os pobres para aceitar a exploração social” (p. 31), e assim continuar fortalecendo esse sistema e defendendo as ideias da classe dominante.

Faria (1997) contribui para o conceito de educação assistencialista compensatória fazendo a seguinte análise:

[...] as famílias pobres não conseguem oferecer condições para um bom desempenho escolar, o que faz com que seus filhos sejam reprovados constantemente. Estas crianças são chamadas de “carentes” culturais, pois parte-se do princípio de que lhes faltam determinados requisitos básicos que não foram transmitidos por seu meio social imediato e que seriam necessários para garantir seu sucesso escolar. Para corrigir este problema, a pré-escola foi incumbida de prever e curar carências culturais, linguísticas, nutricionais e afetivas das crianças das classes populares, bem como de prepará-las para enfrentarem com sucesso o primeiro grau. (p. 29-30)

Esse modelo se instala na Europa nos anos 1930 e, no Brasil, chega por volta dos anos de 1970. Para a classe dominante, as famílias pobres não conseguem oferecer boas condições culturais, educacionais, nutricionais e emocionais para seus filhos, pois estão todos atolados de trabalho, sendo escravizados por um sistema que exige cada vez mais horas de trabalho para que as famílias consigam o mínimo para manter cada um dos que a compõem. Por conta desse sistema, as pessoas que já trabalham têm seus rendimentos mensais baixos e ficam sem tempo de qualidade para conviver com seus filhos e lhes proporcionar lazer cultural e suporte educacional e emocional (Marx, 2017).

Compreendemos que essa proposta de educação das crianças passa muito longe do que acreditamos, lutamos e pensamos ser uma educação pública de qualidade para as crianças de

zero a cinco anos de idade. Para nós, nas palavras de Pasqualini e Lazaretti (2022) esse modelo de educação “[...] desrespeita as necessidades da criança, exercendo violência simbólica; suprime a liberdade e espontaneidade infantil, condenando a criança a passividade e inatividade; em suma impede a vivência da infância” (p. 19).

Entendemos que quando uma abordagem de educação não tem o objetivo primordial de preservar a infância da criança, podemos perceber que ele não é um modelo dentro do que acreditamos ser de qualidade, pois uma das lutas é justamente preservar a infância da criança. Conseguimos observar também que esse é um modelo de educação que tem como premissa preparar a criança para o sucesso no primeiro grau, fase em que hoje chamamos de ensino fundamental. Essa proposta além de ser assistencialista compensatória pode ser chamada também de escolarizante, que em nada se aproxima com a educação que acreditamos ser de qualidade, ademais não queremos uma educação para as crianças que seja uma antecipação de conteúdo ou que continue a ignorar a infância e todas as experiências importantes e necessárias para que aconteça a potencialização do desenvolvimento da criança nessa fase.

Vigotski (2018b) acredita que para desenvolver bases sólidas o bastante e possibilitar a atividade de criação na criança é necessário ampliar suas experiências, isso significa nas palavras de Vigotski (2018b) que “quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; maior é a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência; sendo as demais circunstâncias as mesmas, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação” (p. 25). Percebemos no capítulo 2 deste trabalho que a imaginação tem um papel muito importante no desenvolvimento da criança e também na aquisição de alguns conceitos durante a sua vida, sendo assim é importante contrapor nesse momento essa proposta assistencialista compensatória e escolarizante de educação, pois ainda podemos encontrá-la nos documentos norteadores para a educação da criança no século XXI, como Pasqualini e Lazaretti (2022) nos ajuda a elucidar:

Tais modelos de ensino foram forjados na ausência histórica de um sistema nacional de ensino que orientasse e organizasse as práticas da educação infantil. Ocorre que essa origem deixou marcas no modo como se concebe e se organiza o trabalho pedagógico atualmente [...]. Lamentavelmente, não é raro encontrar nas instituições de educação infantil carteiras enfileiradas, tarefas estereotipadas e padronizadas, apostilamento desde o berçário, ênfase em uma alfabetização mecânica e artificial, com excessiva exposição estéril a letras e números. (p. 24)

Segundo Faria (1997) esse modelo de educação assistencialista compensatória que surgiu no Brasil nos anos 1970, como uma solução inovadora para os problemas sociais e emocionais das crianças populares e resiste até os dias de hoje, trata apenas os sintomas do

sistema de classes e não o problema em si, e ainda transfere para a escola e para a própria criança o compromisso de diminuir a miséria e a pobreza da classe trabalhadora. Como se estes problemas fossem da escola e não decorrentes do modo de produção em que vivemos e de como a nossa sociedade está estruturada. Entendemos que as condições de vida dessas crianças são determinadas pelo capitalismo, que também influencia a qual classe social elas pertencem, ou seja, todas as carências da criança são uma consequência do modo de produção vigente, que é o capitalismo (Faria, 1997).

A educação assistencialista compensatória surge dentro de um contexto histórico capitalista, que padroniza o conceito de criança, que a enxerga como se só existisse um tipo de criança no mundo. Este modelo foi disseminado pela classe dominante por vários motivos, um deles é para camuflar a desigualdade social e os problemas que ela provoca, nesse intuito a criança pobre é excluída para atribuir as suas carências a problemas familiares e não ao modo de produção em que vivemos, e assim se enxerga apenas o modelo de criança burguesa, e a sociedade passa a compreender a criança da classe trabalhadora como uma criança burguesa incompleta. Desse pensamento surge a ideia de preencher a lacuna cultural que a classe dominante acredita que existe na vida das crianças da classe popular e assim procura suprir suas necessidades nutricionais, a protegê-las emocionalmente, acreditando que sua família não tem estrutura suficiente para educar e cuidar dessas crianças (Kramer, 2006).

Compreendemos que nesse modelo de sociedade em que vivemos, são as condições de vida que determinam os problemas sociais que a classe trabalhadora enfrenta, dessa maneira a miséria e a pobreza são problemas decorrentes desse sistema. O capitalismo concentra a riqueza nas mãos de poucos, por consequência acarreta o aumento da desigualdade social entre a burguesia e os proletariados, provoca a exclusão e a individualização das pessoas e necessita que uma classe seja inferior à outra, essas são as necessidades básicas para que esse sistema perpetue e continue tendo êxito. Assim, as instituições de educação dentro desse modelo de sociedade não conseguem mudar o modo de produção vigente e nem solucionar os problemas decorrentes dele, como a desigualdade social, pois ela não tem condições materiais para isso, assim elas apenas reproduzem o que já está posto, inclusive os interesses da classe dominante (Osorio, 2019).

Por muito tempo acreditou que quanto mais cedo a criança fosse alfabetizada melhor seria para ela e para sua vida produtiva, neste pensamento está incutido a abordagem escolarizante da criança da educação infantil. Para esse modelo, aprender a ler, escrever e a contar, são os conhecimentos mais relevantes para a vida da criança da classe popular, pois essa não precisa desenvolver outras aprendizagens. Sabemos hoje que ler, escrever e contar é

essencial para a nossa vida, porém, existem outros conhecimentos igualmente essenciais que precisam ser trabalhados com a criança da/na educação infantil.

Compreendemos a necessidade social das famílias pobres e as circunstâncias que as levam a acreditar que quanto mais cedo a criança entrar em uma instituição escolar para aprender a ler, a escrever e a contar, melhor será para ela. Porém isso não é pensado sobre o ponto de vista do desenvolvimento da criança, mas sim por uma questão de produtividade dentro do sistema capitalista, pois acredita-se que quanto mais cedo ela entrar na escola, menos tempo ela precisará permanecer nessa instituição, assim mais cedo ela poderá trabalhar (Faria, 1997).

Como as famílias das crianças da classe trabalhadora compreendem que suas condições de vida são difíceis, elas sabem que suas crianças não permanecerão na escola por muito tempo, pois logo essa criança precisará ajudar financeiramente em casa, cuidar de um irmão ou de algum familiar e muitas vezes ficam também responsáveis pelos cuidados domésticos da casa onde vivem. Sendo assim, essas crianças não conseguiriam tempo suficiente para se desenvolver nos estudos e o abandono escolar acaba sendo a única possibilidade de sobrevivência dessas crianças, pois suas famílias enxergam mais oportunidades no trabalho do que nos estudos, então nesse sistema o fracasso escolar é socialmente determinado (Charlot, 2013).

Esse também foi um período marcado pela disputa de qual departamento público deveria de fato cuidar das demandas da criança, uma luta tétrica entre o Ministério da Saúde, o da Educação, o da Justiça ou o da Previdência e Assistência Social. É claro que compreendemos o papel e a importância de cada um desses Ministérios dentro da sociedade e das suas intervenções no que diz respeito à criança, porém, acreditamos que não é necessário disputar quem ou qual departamento ficará responsável por elas, pois todos esses Ministérios têm responsabilidades importantes quanto a criança. Consideramos que o que precisa ser feito é a colaboração desses Ministérios, buscando enxergar a criança na sua totalidade como um sujeito e não como um indivíduo fragmentado, todavia compreendemos que a fragmentação é mais uma das características do sistema em que vivemos, Kramer (2006) ressalta que “[...] a fragmentação tem como resultado o fato de que ninguém se responsabiliza pelo problema” (p. 87), assim promove várias frentes de atendimento a criança, mas nenhuma com resultados qualitativos, ou que enxergue a criança como um sujeito na sua totalidade, pois ninguém era de todo responsável por ela.

Essa fragmentação do atendimento a criança, já acontece há algum tempo, com alguns nomes diferentes para esses Ministérios conforme Faria (1997) mostra:

O atendimento às crianças de zero a seis anos esteve, historicamente, a cargo dos Ministérios da Saúde, da Previdência e Assistência Social, da Educação e da Justiça [...], o que revela até que ponto a infância foi tratada de uma forma segmentada. Nessa sobreposição de incumbências, ninguém era de todo responsável pela criança, já que ela não era vista como um ser total e complexo que, para se desenvolver, necessita da atenção de todos os setores da sociedade. Assim, a educação queixava-se da falta de alimentação e das difíceis condições de vida das crianças; a saúde queixava-se da necessidade de um programa de ação social com as famílias e de educação das crianças; a assistência social valorizava a importância de uma intervenção educacional de saúde etc. As dificuldades de cada uma das três áreas são indicadas como causa do problema quando, na realidade, isto é ocasionado pelas condições de vida da classe social a qual a criança pertence. As condições de vida é que determinam os problemas de saúde, nutrição, educação e a situação familiar e não o contrário, como afirmam os discursos oficiais. (p. 27-28)

Como decorrência dessa segmentação, cada um desses departamentos públicos enxergava a criança de uma forma, fragmentando a compreensão de criança e as suas necessidades, entendemos a preocupação de cada um desses departamentos e acreditamos ser legítimo. A criança é um ser complexo e precisa ser enxergada na sua totalidade, inclusive essa visão precisa levar em consideração sua classe social e assim entender que seus problemas, são as consequências das condições de vida das suas famílias, tanto é que mesmo com todo esse cuidado e preocupação do poder público, as crianças não permaneciam na escola por muito tempo, pois logo precisavam ajudar em casa. Portanto, as condições sociais não eram favoráveis à entrada e permanência dessas crianças na escola, por isso defendiam que elas deveriam ser alfabetizadas o quanto antes.

Nos dias de hoje, podemos observar esse desejo de que a escolarização da criança aconteça desde a educação infantil, porém, o objetivo dessa etapa da educação não é o de alfabetizar ou escolarizar a criança de zero a cinco anos de idade, nessa faixa etária a criança tem outras necessidades e demandas de aprendizagem que são decorrentes da fase de desenvolvimento que elas estão. Desta maneira, Vigotski (2021) acredita que quando a criança é alfabetizada nessa idade, ela desenvolve uma escrita e uma leitura mecânica, pois não tem ainda capacidade de compreender internamente o que escreve e o que lê, visto que as estruturas necessárias para essa atividade ainda estão em formação.

Assim quando estimulados precocemente a aprender essa tarefa, o desenvolve mecanicamente, sem compreender a importância e relevância social de aprender essas atividades e a necessidade de desenvolver esse hábito. Vigotski (2021) acredita que a capacidade mecânica de ler e escrever retarda o desenvolvimento cultural da criança ao invés de promovê-lo, pois vários conceitos básicos ainda estão em formação.

Para Vigotski (2021) o ensino da leitura e da escrita coincide com o início do sétimo ano de vida da criança, apresentando essas atividades antes dessa idade pode-se gerar problemas escolares graves, como a não compreensão e interpretação do que se está lendo e escrevendo, acaba sendo uma atividade mecânica sem nenhuma significação para a criança. Vigotski (2021) nos ajuda a compreender os problemas que podem ser gerados com essa antecipação comparando com a ação de digitar, é como se as crianças aprendessem a bater nas teclas, mas não conseguissem escutar a música provocada pelos dedos tocando nas teclas, não entendessem de onde vem aquele barulho, não distinguissem o som com a diferença dos toques, isto é, não desenvolvem a sensibilidade da escuta e muito menos a de compreensão do que estão fazendo, já que ainda são imaturas e não desenvolveram as funções psíquicas responsáveis por essa tarefa.

No período que compreende até os anos 1970, o atendimento a criança não era entendido como um direito da família, dos trabalhadores e de seus filhos, mas sim como uma caridade, benfeitoria, uma assistência e até como uma dádiva dos filantropos, um auxílio para a população carente e menos favorecida e em situação de vulnerabilidade social (Faria, 1997; Kuhlmann Junior, 2015). Segundo Faria (1997) essa concepção assistencialista de educação do pré-escolar desobrigava o Estado a se comprometer com a educação da criança e ainda fortalecia o envolvimento de instituições privadas no atendimento delas, assim nada as impedia de assumirem essa tarefa visto que havia uma grande demanda da sociedade e pouco interesse do poder público em atendê-la. Faria (1997) analisa que

O Estado teria apenas a função de supervisionar e subsidiar as entidades propiciando, então, a existência de um atendimento fracionado em múltiplas instituições e a utilização de inquéritos minuciosos sobre as vidas particulares para selecionar as pessoas que seriam atendidas, além da atribuição de um papel educativo à assistência a fim de evitar a luta de classes. Fica claro, nesta concepção, que se pensava na população pobre como ameaça à tranquilidade das elites. (p. 26)

É importante destacar dessa citação a preocupação em conter a população pobre, com o objetivo de educar as crianças para se contentarem com o sistema e ao modo de vida em submissão para não desencadear uma revolta contra a classe dominante, ao invés de promover uma educação voltada para a emancipação e a reflexão do seu modo de vida e desenvolver a consciência de classe. Nessa citação observamos também que, apesar desse texto ser de quase trinta anos atrás, já nessa época podemos observar claros indícios quanto a terceirização e a privatização da educação, ou seja, a transferência de responsabilidades e de recursos financeiros do setor público para o privado.

Desta maneira, o número de instituições subsidiadas pelo Estado para cuidar da educação da criança se expande, isso gera um número desproporcional entre instituições públicas e privadas, o que promoveu uma grande variedade de tipos de instituições com esse objetivo, uma delas eram as instituições filantrópicas e conveniadas que recebiam recursos financeiros dos governos municipais, estaduais ou federais (Faria, 1997). Porém, o número de instituições privadas era bem maior do que o de instituições públicas, assim a história da educação das crianças é fortemente marcada pelo dualismo de duas redes diferentes, uma para os pobres e outra para os ricos, sendo, as instituições públicas, filantrópicas ou conveniadas para os pobres e as privadas para os ricos. Desta forma seus interesses, modelos educativos e concepções de ser humano eram bem diferentes conforme Abramowicz (2018) analisa

[...] podemos dizer que a história da educação das crianças pequenas é marcada fortemente por dualismos e por duas redes de educação: uma para os pobres, outra para os ricos; redes duais para brancos e pretos, a creche e a pré-escola; a infância branca largamente representada pelos grandes pintores e em fotos de civilidade infantil e a quase invisibilidade da criança negra; o controle da criança pobre e de sua família e a aliança entre médicos e as famílias brancas e ricas; a educação das crianças pobres e negras e a das crianças brancas e ricas etc. (p. 33).

Deste modo Faria (1997) analisa que os jardins de infância se legitimaram como instituições privadas com interesses pedagógicos, que desenvolviam atividades educativas voltadas para os aspectos cognitivos, emocionais, sociais e atendiam as crianças ricas, já as creches se legitimaram como instituições públicas com caráter assistencialista compensatório, prestavam um serviço de baixa qualidade devido à escassez de verbas destinadas a educação das crianças.

Os reais interesses em se manter uma educação de baixa qualidade era o de apenas compensar uma educação familiar deficitária ou suprir necessidades alimentares, bem como o de educar para a submissão, subordinação e o conformismo social, esse era o principal objetivo da educação das crianças, filhos da classe trabalhadora, além de também conter uma eventual revolta dos pais. O medo dessas crianças crescerem e compreenderem a sua situação social e questionarem os privilégios da elite e entender as circunstâncias limitantes em que são submetidos e que estas provocam a desigualdade social e assim exigirem uma melhor distribuição de renda e melhores condições de vida era forte (Faria, 1997; Kramer, 2006; Abramowicz, 2018).

Um outro agravante quanto a qualidade com a educação pré-escolar nos anos 1970 é que não existia na época a contratação de professores qualificados para desenvolver um trabalho pedagógico com as crianças. Quem fazia esse trabalho eram os voluntários, sem preparo ou

formação pedagógica para desenvolver um trabalho educativo com as crianças da educação infantil, além disso muitos voluntários que desistiam do trabalho rapidamente, dificultando um acompanhamento das atividades e principalmente de um planejamento voltado para o desenvolvimento da criança (Faria, 1997).

Nessa época essas instituições pré-escolares eram desconhecidas dos estudantes e dos professores dos cursos de pedagogia, de serviço social, psicologia e demais profissionais que se interessavam por essa área, não era um campo de estágio e nem de pesquisas pedagógicas para as universidades, assim como também não era um campo de trabalho garantido para essas áreas do conhecimento (Kuhlmann Junior, 2015).

É importante ressaltar que nesse período o Brasil passava por um governo ditatorial, opressor, que se iniciou em 1964 e durou até 1985, foi um período de repressão violenta e controladora, onde Theotônio dos Santos (2021) aponta que “[...] prevaleciam às orientações totalitárias de clara extração fascista, com aspirações nacionalistas de direita [...]” (p. 128). Nesse mesmo período o discurso anticomunista predominava, as ideias progressistas e de uma melhor distribuição de renda tinham perdido território por conta do controle extremo da população, o objetivo desse discurso e dessa repressão era barrar o avanço da esquerda no país, pois achava-se que o comunismo era uma ameaça contra o bom funcionamento da sociedade e precisavam defender o livre mercado, nessa época um livre mercado controlado pelo Estado, governado pelos militares (Rocha, 2021).

Este período conforme analisa Camila Rocha (2021) em seu livro, foi muito marcado pela censura dos meios de comunicação, pela tortura contra as pessoas que não compactuavam e não concordavam com as atividades e atitudes do regime militar, que lutavam contra essa ditadura repressora, muitos desses foram exilados. Rocha (2021) relata que os militares “[...] procuravam investigar diariamente o conteúdo de órgãos de imprensa, obter informações junto a quartéis, produzir centenas de artigos mensais distribuídos na imprensa [...]” (p. 39) para controlar e persuadir os meios de comunicação quanto aos ideais militares, essas informações não tinham identificação de fonte e faziam análises das atividades comunistas no país.

Foi um período muito complicado para quem defendia as ideias progressistas no Brasil, marcado pela política de recuperação econômica do capitalismo, onde as políticas sociais voltadas para os trabalhadores brasileiros, não eram de interesse de quem detinha o poder naquele momento, Santos (2021) analisa que “a classe operária e os assalariados em geral tiveram que baixar seus já miseráveis níveis de vida para assegurar a recuperação do capitalismo” (p. 132).

No entanto, os trabalhadores não foram os únicos prejudicados com a ascensão desses objetivos conforme Santos (2021) sintetiza que os pequenos e os médios proprietários de empresas, foram “[...] esmagados por uma política implacável, cujo objetivo era recuperar a taxa de produtividade do conjunto da economia em favor da grande empresa moderna, em geral, de origem estrangeira” (p. 132). Desta maneira, os pequenos proprietários também foram muito afetados, nas palavras do próprio autor, foram até esmagados, não tinham recursos suficientes para competir com as grandes empresas estrangeiras. Assim, Santos (2021) considera que os objetivos desse regime eram

[...] uma violenta contenção dos salários, os quais perderam aproximadamente 45% do seu valor de compra num curto período. Com isso se elevou imediatamente a margem de lucro das empresas em geral; [...] uma violenta contenção dos créditos estatais, que paralisou as inversões especulativas e quebrou grande parte das empresas tecnologicamente atrasadas e financeiramente mal administradas, assim como para as pequenas empresas. [...] aumentou a arrecadação fiscal com um forte aumento dos impostos, uma racionalização da imposição, um aumento da repressão sobre as enormes evasões [...], foi imposta uma política cambial cujo objetivo era aumentar as exportações [...]. (p. 131-132)

Nesse contexto, as condições de vida da classe trabalhadora já não eram suficientes para manter a sua subsistência, com a ditadura militar as suas condições pioraram bastante. Contudo, não piorou apenas para os pobres, a classe média brasileira perdeu seus privilégios, os proprietários das pequenas empresas passaram a ter dificuldades de manter seu negócio, eles não tinham estrutura o bastante para competir com as grandes empresas estrangeiras e o regime militar dava prioridade as empresas de fora do país (Santos, 2021).

Ressaltamos que essa aproximação de perdas dos pobres e da classe média é para mostrar que de certa forma todos perderam, porém, uma coisa é a classe média perder privilégios e continuar tendo meios para garantir a sua subsistência, outra coisa são os pobres que já estavam com dificuldade de se manterem e com a ditadura militar perderam ainda mais condições de conseguir meios para a sua subsistência. Outro motivo para essa aproximação é para explicar como a classe média se juntou aos trabalhadores nas suas mobilizações contra o regime militar no Brasil.

Mesmo sendo submetidos a fortes mecanismos de controle, principalmente a classe popular, eles começaram a questionar as péssimas condições de vida que a ditadura militar lhes proporcionava, como baixos salários, enfrentavam a desvalorização do dinheiro, o aumento cada vez mais da desigualdade social. De acordo com a análise de Luis Felipe Miguel (2019), “[...] a classe trabalhadora, que jamais obtivera vantagem alguma e cujas organizações haviam sido fraturadas pela repressão política, voltou a se mobilizar” (p. 44), então no final da década

de 1970, cansados das condições que lhes eram impostas, quando a promessa sempre foi outra, a classe trabalhadora juntou forças e se mobilizaram contra esse regime totalitário e excludente que havia se instaurado no Brasil já há bastante tempo.

Com a classe trabalhadora se organizando, se mobilizando, fazendo greve, passeatas, mostrando a força que tinham quando se uniam, puderam contar com o apoio dos professores que fortaleceram o movimento, e com outros grupos, como os artistas, estudantes e intelectuais da época. A classe média com o fim do chamado milagre econômico perdeu seus privilégios, se juntaram ao movimento dos trabalhadores pedindo o fim da ditadura militar, passando a fazer parte da oposição do governo e não mais como apoiadores (Miguel, 2019). É claro que os militares não cederam facilmente a sua saída do governo, negociaram privilégios para dar fim ao regime militar e conduzir o país a uma redemocratização, assim como Miguel (2019) nos conta em seu livro

A surpreendente vitória do partido da oposição consentida, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), nas eleições de 1974 e as grandes greves operárias no ABCD paulista em 1978 evidenciaram a perda de sustentação da ditadura e a ampliação da capacidade de resistência popular. Em suma: a abertura política e a redemocratização não foram concessões dos militares no poder. Eles negociaram em condições vantajosas porque permaneciam controlando muitos recursos, mas foram forçados a negociar porque a pressão social se ampliou (p. 44).

Foi uma luta de diversas pessoas da sociedade para que a ditadura militar terminasse no Brasil, professores e estudantes estavam nessa lista, assim como o movimento popular e as feministas que colocaram em pauta a expansão das creches e exigiam também que elas melhorassem a qualidade do atendimento educacional público para as crianças nas creches e pré-escolas. Reivindicavam que esse atendimento cessassem o vínculo com as entidades filantrópicas e deixassem de ser assistencialistas na sua concepção, exigiam que melhorassem o compromisso com a educação da criança, além de também denunciarem a precariedade das condições do atendimento educacional nessas instituições (Faria, 1997; Kramer, 2006; Kuhlmann Junior, 2015, Abramowicz; Henriques, 2018; Miguel, 2019).

Desta forma, lutavam por uma educação das crianças que fosse o oposto do que estava sendo feito até esse momento, que não fosse de cunho assistencialista compensatório (Kuhlmann Junior, 2015). Nesse sentido, corroboramos com a ideia de Abramowicz (2018) de que “[...] sem uma educação de qualidade, aprofundam-se as desigualdades sociais, e criam-se outras por meio da educação” (p. 33).

Com a ditadura militar findando, as ambições que envolviam grande parte do país naquele momento eram a de uma melhoria nas condições sociais da classe popular, por isso eles

lutaram por uma educação de qualidade para os filhos da classe trabalhadora, porém é claro que esse objetivo não era um consenso entre todos nessa luta. Apesar dos militares já darem indícios do fim da ditadura militar, este não foi um fim rápido, nem tão pouco fácil, essa transição levou anos como relata Miguel (2019),

[...] a ditadura militar brasileira não entrou em colapso, [...] ao contrário, foi capaz de negociar a transição com enormes recursos públicos, do início da “distensão” política até a devolução da Presidência da República a um civil, passaram-se mais de dez anos, o que mostra como o ritmo da retirada do poder foi controlada pelos militares” (p. 43).

Como os militares tinham o domínio de vários recursos no país, tinham todas as condições necessárias para acordar os privilégios que desejavam, assim conseguiram estabelecer também que seus crimes não fossem divulgados e por isso não seriam condenados pelas atrocidades que fizeram. Conforme Alfredo Saad Filho e Lecio Morais (2018) nos conta em seu livro, que fez parte do acordo da redemocratização do país assegurar o papel das Forças Armadas como guardiãs da segurança nacional e que seriam protegidos por quaisquer acusações de violações de direitos humanos durante a ditadura.

Mesmo os militares negociando a transição e tentando passar o poder para líderes civis conservadores confiáveis no ponto de vista deles, o contexto daquele momento se baseou em uma outra lógica conforme sintetizam Saad Filho e Morais (2018) “[...] a transição para a democracia, entre 1974 e 1988, se baseou em uma lógica socialmente inclusiva que fomentou a expansão da cidadania e apoiou a construção de um Estado de bem-estar social [...]” (p. 23). Eles tiveram êxito nas negociações para esconder seus crimes, mas por uma conquista da classe popular, eles não conseguiram barrar completamente as ideias progressistas nas discussões da criação da CF de 1988.

Apesar da elite e da classe média apoiarem o fim da ditadura militar junto com a classe trabalhadora e a mobilização daquela época ter embasamento nas ideias progressistas, pensando em uma sociedade mais inclusiva e igualitária e o discurso por uma melhor distribuição de renda ter ganhado uma ampla aceitação, podemos perceber que esse objetivo não era um consenso de todos, pois os reais interesses na transição de boa parte da elite e da classe média era o contrário disso (Saad Filho; Morais, 2018).

Na tentativa de controlar a transição o máximo possível e barrar as ideias progressistas, os militares instauraram uma abertura política bem lenta, gradual e segura, pois o objetivo com o fim da ditadura militar segundo Saad Filho e Morais (2018) “[...] não era ‘restaurar a democracia’, e sim construir uma base estável que apoiasse a transferência do poder para líderes

civis conservadores que os militares considerassem confiáveis” (p. 75), já que o regime democrático naquele momento garantiria a manutenção do capital e sua hegemonia, como também manteria os privilégios da elite.

Com a abertura política a elite capitalista percebeu a chance de trazer o neoliberalismo para o Brasil e fazer a transição para esse sistema sem maiores restrições, já que no período da ditadura militar o que impedia o avanço neoliberal era a grande influência e domínio que o Estado tinha sobre a economia brasileira, assim Saad filho e Moraes (2018) comentam que

Aos poucos, esses capitalistas também perceberam que a melhor chance de assegurar uma passagem ordeira para o neoliberalismo seria por meio da restauração da democracia. Presumia-se que o novo regime poderia assegurar uma mínima harmonia social, limitar o “tamanho” do Estado e restringir a autonomia da burocracia em relação aos interesses de curto prazo do grande capital. O grupo neoliberal esperava também que a democracia pudesse abrir espaço para uma nova política econômica [...] (p. 77).

Foi nesse jogo de interesses, dualidade de ideias e intensa negociação que o nosso país foi conduzido para a construção do texto da CF de 1988 e, após longos debates o Brasil, foi reconduzido para uma democracia. Miguel (2019) reitera que a carta constitucional de 1988 ganhou um caráter paradoxal, onde envolve interesses às vezes antagônicos e diversos, Saad Filho e Moraes (2018) nos explica que embora a transição democrática tenha sido satisfatória quanto as demandas progressistas imediatas, como direitos civis, eleições livres e pluralismo político, as demandas econômicas como uma melhor distribuição de renda foram amplamente ignoradas. Neste sentido, Miguel (2019) salienta que a CF de 1988 “[...] foi fruto de um intenso processo de mobilização e negociação, em que os diferentes grupos sociais pressionaram para que ela abrangesse seus diferentes interesses [...]” (p. 53). Desse modo Saad Filho (2018) complementa que:

[...] a essência do pacto político que sustentava a Nova República era simples, seriam garantidas amplas liberdades políticas; a cidadania dos trabalhadores e dos pobres seria reconhecida, e eles receberiam benefícios econômicos marginais; no entanto, não haveria distribuição substancial do poder econômico [...] (p. 79).

Miguel (2019) acredita que o texto final da CF de 1988 foi composto por uma série de compromissos que refletiam o duelo de forças daquele momento histórico e salienta que mais do que soluções e até compromissos sociais “o texto constitucional abrigou um bom número de ambiguidades e de medidas cuja efetiva implantação foi postergada, à espera de uma ‘legislação complementar’ que muitas vezes ainda não veio, décadas depois” (p. 53). Ainda hoje, em 2024, quase trinta e seis anos após o compromisso social estabelecido na CF de 1988, direitos

fundamentais relacionados à educação ainda não foram assegurados a toda a população, como a erradicação do analfabetismo e promover a universalização do ensino fundamental.

Assim, Miguel (2019) faz a seguinte ponderação sobre a CF de 1988, “[...] o Brasil produziu um regime formalmente muito inclusivo, mas que convive com padrões de exclusão social que estão entre os mais aberrantes do mundo” (p. 39). Analisando a problemática brasileira, acreditamos que ela tem ideias progressistas, mas colocá-las em prática esbarra em um sistema excludente, que na sua essência necessita de acúmulo de renda para alguns e escravização e salários baixos para outros. Essas ideias se chocam constantemente, pois uma parcela da sociedade brasileira acredita que o capitalismo é bom ou que não é tão ruim assim, dessa maneira essas pessoas vão mantendo seus privilégios enquanto outros não tem o que comer ou não conseguem fazer no mínimo três refeições por dia.

Essa disputa perpassa pelas elites, que buscam sempre a manutenção do seu status, fazendo valer o seu domínio sobre a vida da classe trabalhadora, esses, tão envolvidos na tentativa de sobreviver a esse sistema cada vez mais excludente e que tem a sua situação agravada a cada dia. Sem ter acesso a uma educação emancipadora, sem compreender o sistema que os colocam nessa situação e que o impossibilita de tomar consciência da sua classe social, passam a se apropriar do discurso da elite, acreditando que realmente condiz com a realidade. Desta forma, acabam se auto responsabilizando pela pobreza, pela miséria e pela falta de oportunidade de terem uma melhor qualidade de vida, permanecem nesse limbo, mesmo lutando todos os dias para sair dele, é um ciclo imposto a classe popular sem grandes possibilidades de mudança social (Saad filho, 2015).

Pela análise de Miguel (2019), nem a direita e nem a esquerda brasileira ficaram satisfeitas com o texto final da CF de 1988. Os grupos de direita e conservadores propuseram uma liberdade maior na economia com um Estado que interferisse o menos possível nas decisões econômicas, diferente da época da ditadura militar e que por isso também participaram das mobilizações pedindo o fim dela. Assim teriam uma maior facilidade em manter os privilégios e a riqueza da elite, desejavam também que o Estado tivesse o mínimo de responsabilidade social e com isso atendesse o menos possível das demandas da classe popular. Já os grupos de esquerda consideram a constituição excessivamente conservadora, queriam mais ideias progressistas, mais responsabilidades com a classe popular e mais direitos sociais para os trabalhadores e suas famílias (Miguel, 2019).

Após a aprovação da CF de 1988, os ataques aos poucos direitos dos trabalhadores que os progressistas da época conseguiram aprovar nesse documento tão importante para a nossa história, estão sendo intensos, a distorção da realidade do trabalhador também, levando-o a

acreditar muitas vezes que tinha direitos demais. O objetivo desses ataques contribuiu para que os trabalhadores acreditem que mantê-los em um emprego formal custa muito caro para as empresas, assim era preciso diminuir os seus direitos como trabalhador, por consequência diminuiria os seus custos e então conseguiriam gerar mais empregos. Com esse discurso arduo, que inverte a realidade do povo brasileiro e mascara a desigualdade social, o neoliberalismo ganha território nos anos 1990 e se adentra nas diferentes esferas do nosso país e em diferentes espaços, dominando não só o discurso da elite, mas também o da população mais pobre do país (Saad Filho; Morais, 2018).

A esquerda desde então precisou se colocar na defensiva, tendo que se esforçar e fazer alianças inimagináveis para que fossem colocados em prática todos os direitos sociais que estão na constituição e assim conservar as ideias progressistas que nortearam a redemocratização do país. Ideias que em 1988 eles achavam que eram insuficientes diante do momento em que o país estava vivendo, mas hoje é o que nos garante os direitos básicos para a nossa subsistência, como moradia, educação e segurança, precisamos lutar diariamente contra os ataques a esses direitos e as ameaças de um retrocesso quase que a todo momento, e isso acontece desde a aprovação da nossa constituição (Saad Filho; Morais, 2018).

Fizemos esse percurso até aqui na intenção de trazer elementos suficientes para a reflexão e compreensão das interferências e influências que perpassam pelo nosso objeto de estudo, que é o desenvolvimento humano da criança, sobretudo as crianças que são filhas da classe trabalhadora. Assim como o sujeito, a criança e o lugar que ela ocupa para que aconteça a complementação da sua formação humana que são nos espaços de educação infantil públicas. A CF de 1988 foi um marco importante, pois é a partir dela que é definido todas as políticas e ações referentes à criança, possibilitando ganhos significativos para a educação da classe trabalhadora, que reafirmam o direito ao ensino básico gratuito. É claro que queríamos muito mais políticas sociais, é por isso que hoje nos colocamos em posição de lutar para que todas as ideias e leis que estão na nossa constituição aconteça de fato.

Posto pelo artigo 30 da CF de 1988, compete aos municípios manter programas de educação pré-escolar e de ensino fundamental. Em um texto mais atual a manutenção de programas de educação infantil ainda fica de responsabilidade dos municípios cuidarem da educação das crianças do nosso país. Já no artigo 205, assegura que a educação é um direito de todos os brasileiros e o Estado tem como dever garanti-la a toda a população em idade escolar, além de também garantir a educação dos adultos que não tiveram a oportunidade de estudarem até então. O artigo 206 complementa que toda a população precisa ter igualdade de condições

para o acesso e permanência em instituições de ensino assim como a gratuidade deles (Brasil, 1988).

O artigo 208 da CF de 1988, enfatiza que a educação é um dever do Estado e que ela precisa ser assegurada de forma gratuita a partir dos 4 anos e até os 17 anos de idade. No inciso 4, percebemos uma contradição, pois no texto é descrito que a educação infantil é dever do Estado, portanto creches e pré-escola, mas até este momento somente a pré-escola consta no cronograma de universalização e, no parágrafo 2, ressalta “o não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente” (Brasil, 1988). Esperamos que no próximo PNE esteja como meta a universalização também das creches.

Mesmo estando na CF de 1988 os direitos da criança a uma educação, só foi efetivada depois de oito anos, onde a educação pré-escolar passa a fazer parte da educação básica, como sua primeira etapa de acordo com a LDB 9394/96 e então passa a se chamar educação infantil, que é separada em duas modalidades, a primeira são as creches para crianças de 0 a 3 anos e, a segunda, são as pré-escolas para as crianças de 4 e 5 anos de idade (Brasil, 1996).

A partir de então a educação infantil ganha o caráter educacional, que fizeram parte das reivindicações das manifestações da década de 1970, deixando de ser oferecida apenas como uma assistência às famílias enquanto essas trabalham e passa a ter um caráter pedagógico. Quando a educação pública de qualidade passa a ser um direito de todas as crianças, segundo Faria (1997) isso significa que, para além de prover alimentação, saúde e vestuário, a creche e pré-escola devem oferecer atividades pedagógicas que estimulem a criança a ampliar as suas experiências e conhecimento, além de estimular na criança o interesse pela convivência em sociedade e a contemplar e transformar a natureza que a rodeia.

Como é recente essa mudança no nome e nos objetivos da educação para as crianças de 0 a 5 anos de idade, a população no geral ainda não compreendeu que ela é a base para a toda a nossa educação sistematizada e também para o desenvolvimento humano da criança. A sociedade, sobretudo a classe popular ainda tem enraizado a concepção de que essas instituições apenas cuidam das crianças para que suas mães e pais possam trabalhar e que apenas as olham enquanto elas brincam, assim atribuem a brincadeira da criança à sua espontaneidade e acreditam que não se educa por ela, pois é apenas um passatempo. Consideram também que essas instituições não precisam ter um compromisso educacional e pedagógico algum com o desenvolvimento da criança (Kramer, 2006; Abramowicz, 2018).

Precisamos destacar e compreender o objetivo da educação infantil, que é o de cuidar, mas também brincar e educar, diferente das demais etapas da educação básica, seu próprio nome

já faz menção a essa diferença, sendo acompanhada da palavra educação e não de ensino. Entendemos que não cabe na educação da criança de 0 a 5 anos à escolarização ou a antecipação dos conteúdos do ensino fundamental, porém, na sociedade em que vivemos ainda se tem muitos preconceitos quanto ao cuidar e o brincar da criança na educação infantil. É como se essas ações não fossem importantes no processo educacional dela e ainda acreditam que essa fase pouco contribui para a formação, crescimento e desenvolvimento da criança como um ser humano, conseqüentemente para o seu desenvolvimento em sociedade (Kramer, 2006; Abramowicz, 2018).

Para se compreender o fenômeno histórico da escolarização da criança da educação infantil é importante compreender a estrutura social e a história por traz dela que nos fez chegar até aqui, fatos sociais que envolvem, segundo Kuhlmann Junior (2015), a “[...] demografia infantil, o trabalho feminino, as transformações familiares, novas representações sociais da infância [...]” (p. 16). Percebemos que as instituições de educação infantil públicas têm uma relação muito próxima com a história das relações sociais como analisa Kuhlmann Junior (2015) “[...] com as questões que dizem respeito à história da infância, da família, da população, da urbanização, do trabalho e das relações de produção [...]” (p. 16).

Na tentativa de atingir a qualidade almejada na educação infantil, Kuhlmann Junior (2015) salienta que os profissionais da educação precisam se envolver em “[...] uma profunda reflexão ancorada tanto na prática quanto nos resultados das pesquisas e na produção teórica” já publicada (p. 13). Pesquisadores, professores e estudiosos da educação que têm compromisso com as ideias progressistas, precisam ocupar cargos dentro do Ministério da Educação para que esse processo seja desencadeado por profissionais que entendem esse contexto educacional público como profissionais da educação e não como expectadores ou de alguém que apenas acompanha e acha que entende como se faz educação nesse país.

As ideias que irão envolver e desencadear uma melhora na qualidade da educação não podem ser retiradas aleatoriamente de alguém que não entende ou que não pesquisa e estuda sobre o sistema educacional brasileiro, é importante frisar isso, pois podemos basear nossa educação em ideias que estão dando certo em outros países, mas é preciso adaptá-las as condições brasileiras, para a nossa população, pois cada povo, país ou até mesmo região tem a sua própria cultura, considerando-se que a educação também é cultural (Kuhlmann Junior, 2015).

Como argumenta Kuhlmann Junior (2015), a passagem da educação infantil para o sistema educacional não expressa que esta abandonou completamente as práticas assistencialista compensatória e muito menos que superou os preconceitos sociais envolvidos

na educação da criança da educação infantil, muitos ainda defendem esse tipo de educação, carregando o conceito de criança burguesa e atribuindo às crianças da classe trabalhadora. Ainda tem a problemática da escolarização da educação infantil que acreditando nessa definição de criança burguesa incompleta, considera que ela precisa ser alfabetizada o quanto antes, pois poderá abandonar a escola para ir trabalhar a qualquer momento. Escolarizando essa criança na educação infantil, ela teria pelo menos o mínimo (saber ler, escrever e contar) para conseguir meios de sua subsistência, essa seria a solução para quem acredita nesse tipo de educação. Para Anete Abramowicz e Afonso Canella Henriques (2018) é urgente,

[...] oferecer às crianças pequenas uma educação infantil de qualidade, na qual a ação educativa seja centrada nos processos de pensamento, que são substancialmente processos criativos, e não na escolarização precoce que antecipa fracassos e amplia os processos sociais desiguais no interior da escola. (p. 7)

Aprendendo o mínimo, sem uma educação emancipadora e crítica essas crianças, mais para frente adultos, aceitariam empregos em condições degradantes. Para o capitalismo é vantajoso que a classe trabalhadora se submeta às condições de subemprego, desta maneira a manutenção do sistema estaria segura, uma educação com o compromisso de ensinar o mínimo e a classe popular aceitando as mais terríveis condições de trabalho e de vida, pois a prioridade será sempre em garantir sua subsistência e a das suas famílias (Marx, 2017; Abramowicz, 2018).

Abramowicz (2018) ressalta que o objetivo para a instituição de “educação infantil tem como função prioritária promover as infâncias, o desafio [...] é propor uma educação cujas práticas educativas não impeçam a criação, mas a implementem, portanto, o desafio é o de implementar o exercício da infância e do pensamento” (p. 41). Esse é o exercício, romper com as práticas assistencialistas, compensatórias e escolarizante e preservar a infância da criança, promover a criação, o pensamento, assim uma educação emancipatória, não visando o futuro, mas pensando exatamente na fase em que essa criança está. Com essa reflexão vamos para o próximo tópico, que pretende dialogar sobre as políticas voltadas para a preservação dessa infância, para a universalização da educação para a criança e os recursos financeiros destinados a isso.

### 3.2. POLÍTICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NO BRASIL

A aprovação da CF de 1988 representou um importante marco na história do nosso país. Embora não tenha sido considerada ideal para os progressistas no que diz respeito às políticas sociais, é importante reconhecer os significativos avanços que trouxe para a sociedade, sobretudo a população mais vulnerável. Na educação ela assegura como um dever do Estado garantir a educação para todos os brasileiros de forma gratuita e com padrão de qualidade (Brasil, 1988), sobre a criança a CF de 1988 determina que:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Brasil, 1988)

Temos alguns pontos desse artigo que precisam ser destacados, pois depois de quase trinta e seis anos, ainda temos crianças em condições de trabalho, quando deveriam estar na escola. Esse artigo assegura a criança a convivência familiar, assim entendemos que esse ponto diz respeito sobre assegurar que a criança tenha uma família e sobretudo tenha relações familiares positivas. Concordamos que isso seja algo de muita importância, porém precisamos pensar um pouco além quando compreendemos que existe um outro problema social quanto a essa convivência familiar.

No modo de vida da nossa sociedade os pais estão tão esgotados e sobrecarregados pela quantidade de horas de trabalho para tentar manter as suas famílias, que não conseguem conviver ou dispor de tempo de qualidade com as suas crianças e isso ocorre por conta das condições de vida dessa família conforme o sistema de produção determina. Um dos princípios do capitalismo em sua nova fase, o neoliberalismo, é manter contínua a exploração do homem pelo homem, mas a partir de novos termos, como destacou Saad Filho (2015) ao caracterizar o tempo neoliberal como marcado por piores modalidades de emprego e, por consequência, de trabalho.

Assim, quando na constituição foi assegurado ao trabalhador um salário mínimo, onde esse mínimo precisava ser o suficiente para manter as condições básicas de vida da pessoa, conforme o artigo 7 e o parágrafo 4 da CF de 1988 assegura, o salário mínimo deve ser “[...] capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social” (Brasil,

1988). Entretanto, o proposto foge do que há hoje na realidade brasileira, tendo em vista as atuais condições de desigualdade e de mínimo acesso nos mais diferentes contextos da vida social como indica Saad Filho e Morais (2018), este processo é caracterizado pela emergência de uma crise:

À medida que o Estado de bem-estar social brasileiro se transformava em um “Estado mínimo” neoliberal, na década de 1990, o pauperismo tornou-se o núcleo da política social no Brasil. Em resumo, o estado neoliberal gere a miséria principalmente por meio da alocação condicional de esmolas, financiadas por impostos, para grupos de pobres “merecedores” da caridade pública. Ao adotar essa política, o governo apoiava os miseráveis e, ao mesmo tempo, subsidiava as piores modalidades de emprego, por complementar “condicionalmente” os rendimentos mais baixos no país. (p. 84)

Desta forma o Brasil se vê com uma lei que assegura o direito da população a ter condições mínimas de vida para se manter, mas o sistema em que vivemos não garante uma remuneração que esteja em consonância com a lei maior do nosso país. Vivemos nessa contradição, um sistema que faz exatamente o contrário do que está na lei, essa lei que deveria ser o elemento principal para reger a nossa vida, acaba sendo posta de lado por interesses neoliberais e o que nos orienta enquanto sociedade é o sistema. Por isso estamos constantemente lutando pelos nossos direitos básicos e um deles é o aumento do salário mínimo, esse valor é estabelecido anualmente pelo poder público e vários trabalhos levam em consideração o salário mínimo como remuneração. Atualmente não é possível manter no Brasil todos os itens do artigo 7 da CF de 1988 ganhando um salário mínimo (Saad Filho; Morais, 2018).

Em síntese, apesar da nossa Constituição assegurar alguns direitos sociais básicos para a nossa subsistência, as condições de vida que nos são impostas por esse sistema, continuam nos levando ao passado, não tão distante, o de antes da CF de 1988. Acreditamos que quando os pais não conseguem meios de subsistência o suficiente para suprir as necessidades da sua família, quando ele também não tem tempo suficiente para conviver com os seus filhos, somos forçados a voltar nos princípios da educação assistencialista compensatória da década de 1970.

Quando a sociedade tinha um conceito padrão para todas as crianças e esse modelo condizia apenas com a criança burguesa, transportando esse conceito para as crianças da classe popular, elas se tornavam crianças burguesas incompletas. Tendo esse conceito como base, na década de 1970, toda a educação da criança filha da classe trabalhadora, era voltada para suprir as necessidades afetivas e nutricionais geradas pelas condições degradantes em que sua família vivia, era uma educação voltada para o assistencialismo e para compensar as carências da criança pobre (Kramer, 2006; Faria 1997).

Um importante fator a se destacar é quando a criança precisa trabalhar para ajudar em casa e não consegue frequentar e se manter na escola, então continuam a submeter nossas crianças a exploração e negando o seu direito a educação, o que é o contrário do que o artigo 227 da CF de 1988 garante, que é dever da família, da sociedade e do Estado proteger a criança da exploração e negligência (Brasil, 1988).

Marx (2017) ainda no século XIX já nos alertava quanto as condições de trabalho em que as crianças eram submetidas e que o trabalho infantil é essencial para a manutenção do capitalismo. Além de mostrar toda a forma de manipular a população, para passar a impressão de que essas crianças estavam frequentando a escola, a realidade é que elas estavam tão exaustas que não tinham condições físicas para frequentar a escola. Podemos perceber que isso ainda resiste atualmente, muitas de nossas crianças ainda são submetidas ao trabalho infantil e como se já não bastasse essa atrocidade, são expostas a ambientes hostis, regados a crueldade e violência generalizada e a exploração. Sabemos que a lei que protege as crianças já existe, evoluímos quanto a isso, mas é preciso refletir como está a aplicação dessa lei.

Com a CF de 1988 tivemos muitos ganhos em relação às políticas sociais, mas como ela foi fruto de um intenso processo de negociação de diferentes forças e de grupos sociais diversos, eis que constam muitas conquistas nela, mas falta no seu texto soluções para a implantação dessas conquistas sociais. Por conta dos debates intensos e das disputas de interesses não foi possível até a aprovação da CF de 1988 ter um consenso da forma como ela seria implementada, e para isso foi necessário criar legislações complementares, que foram os próximos encaminhamentos, mas alguns demoraram anos como veremos a seguir (Miguel, 2016).

Com esse propósito, em 1990 é aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente, que foi criada como legislação complementar à CF de 1988 é uma política de garantia de direitos para as crianças e para os adolescentes, fornece medidas detalhadas para a proteção deles e define responsabilidades para o Estado, sociedade e para a família, mais uma vez é enfatizado o direito à educação e estabelece no Brasil a idade da criança que corresponde de 0 a 12 anos, e do adolescente que vai até os 18 anos (Brasil, 1990). Essa lei também foi um marco histórico para as políticas da infância no nosso país, foram muito necessárias naquela época, pois vivíamos momentos conturbados quanto à situação da criança e da infância naquele período (Brasil 1990; Kramer 2006; Abramowicz; Henriques 2018).

Enquanto a CF de 1988 estabelece leis gerais para a população, o ECA determina legislações específicas para a proteção da criança e do adolescente e se concentra em garantir seus direitos, determina orientações detalhadas de como deve ser feito esse amparo a eles. O ECA também orienta a criação de órgãos específicos para cuidar da proteção da criança e do

adolescente mais de perto, que são os conselhos tutelares, que são organizados por região e cada conselheiro fica responsável por atender uma. A CF de 1988 garante que “a educação é um direito de todos e uma responsabilidade do Estado e da família” (Brasil, 1988), ao passo que o ECA, no artigo 53, inciso V, detalha que a criança tem o direito de ter “acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica” (Brasil, 1990). Podemos perceber que o ECA é mais profundo e mais detalhista nas suas determinações do que a CF de 1988, por isso é uma complementação dela e se faz tão importante quanto.

Um outro fator importante para as políticas educacionais brasileiras é a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em 1990, em Jomtien na Tailândia, que culminou na elaboração de um documento chamado “Declaração Mundial da Conferência de Jomtien”, muito conhecida também como “Declaração de Jomtien”. É um documento de caráter mundial onde os países integrantes se comprometeram a garantir uma educação para todos, além disso, esses países também fizeram o compromisso de melhorar a qualidade da educação oferecida a população e o Brasil é um dos países signatários dessa declaração (Libâneo, 2012).

No nosso país a Declaração de Jomtien, influenciou na elaboração das políticas de universalização do acesso a escola, de financiamento e repasse de recursos financeiros, na descentralização da gestão, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), no ensino a distância, no sistema nacional de avaliação, nas políticas do livro didático, na elaboração da LDB 9394/96, entre outras (Libâneo, 2012).

Contudo, nas palavras de José Carlos Libâneo (2012) a Declaração de Jomtien selou o destino da escola pública brasileira e o seu declínio, o papel da escola nessa declaração é proporcionar ao aluno conhecimentos ligados à realidade imediata tendo uma visão instrumentalista da escola, retirando o seu caráter intelectual e a oportunidade do aluno de adquirir formas superiores de pensamento. Com um modelo de educação que atende necessidades mínimas de aprendizagem e que enfatiza o espaço de convivência e o acolhimento social, percebemos nesse documento características da educação empresarial, com políticas voltadas para uma educação bancária já que é o Banco Mundial que mantém e promove esse projeto.

Esse é um modelo de educação como Libâneo (2012) analisa, é para a reestruturação capitalista ou uma educação para a sociabilidade capitalista, é voltada para a lógica econômica visando preparar o estudante para o mercado de trabalho, direcionando que, mais uma vez as crianças que frequentam instituições públicas são desvalorizadas no processo educativo. Libâneo (2012) reitera:

Eis que as vítimas dessas políticas, aparentemente humanistas, são os alunos, os pobres, as famílias marginalizadas, os professores. O que lhes foi oferecido foi uma escola sem conteúdo e com um arremedo de acolhimento social e socialização, inclusive na escola de tempo integral. O que se anunciou como novo padrão de qualidade transformou-se num arremedo de qualidade, pois esconde mecanismos internos de exclusão ao longo do processo de escolarização, antecipadores da exclusão na vida social. (p. 24)

Deste modo, após a CF de 1988 retornamos à escola dualista que surgiu após a Revolução Industrial na Europa, quando foi instituído o ensino primário para as classes populares e o secundário para a burguesia já mencionado no capítulo 2 deste trabalho, em que a educação para os pobres tinha o caráter prático e precisava ser rápida e a educação dos ricos era voltada para os conhecimentos intelectuais e era um ensino mais longo. É claro que a classe dominante passava pelo ensino primário, mas o que queremos destacar com essa reflexão é que os trabalhadores não têm a mesma educação que a classe dominante, são objetivos diferentes, uma educa para a submissão e a outra educa para a dominação (Faria, 1997; Kramer, 2006; Libâneo, 2012).

E na disputa de poder, sobretudo sobre as finalidades educativas da educacionais a classe trabalhadora que utiliza o ensino público se vê excluída do processo de uma educação voltada para a formação cultural, científica e intelectual, mais uma vez são privados de desenvolver o pensamento crítico, autônomo e criativo, pois o que sempre interessou ao capital foi formar mão de obra executora, indivíduos que não questionam o sistema em que vivem e que já normalizaram a sua situação de submissão (Libâneo, 2011).

Nos anos 1990 chega ao Brasil o neoliberalismo, coincidindo com o período pós promulgação da CF de 1988, momento em que ensaiávamos dar os primeiros passos para uma reforma na nossa educação e a necessidade de que políticas complementares precisavam ser criadas para dar continuidade as determinações dela. É importante lembrar nesse instante da luta a classe trabalhadora pela redemocratização do nosso país em 1970 com seus objetivos específicos, discutidos no início desse capítulo, que na época teve o apoio de parte da elite e da classe média, mas seu verdadeiro interesse não compactuava com os interesses da classe trabalhadora. Queriam na verdade diminuir a influência do Estado nas decisões econômicas e abrir o país para o livre mercado, e com isso implantar políticas perversas do neoliberalismo aproveitando o momento de mudança no país e de abertura para novos diálogos (Libâneo, 2011; Saad Filho; Morais 2018).

O neoliberalismo chega no nosso país em um momento bem oportuno, quando uma determinada parcela da população queria impedir que as políticas progressistas adquirissem

força. Com suas ideias voltadas para a economia e de cunho empresarial, através da financeirização da educação pelo Banco Mundial e da Declaração de Jomtien, o neoliberalismo se instala nas nossas políticas educacionais, levando a lógica empresarial para o ambiente educativo, transformando nossas instituições em uma empresa, assim analisa Freitas (2018):

O neoliberalismo olha para a educação a partir de sua concepção de sociedade baseada em um livre mercado cuja própria lógica produz o avanço social com qualidade, depurando a ineficiência através da concorrência. Segundo essa visão, a generalização desta concepção para todas as atividades do Estado produzirá uma sociedade melhor. Os cidadãos estão igualmente inseridos nessa lógica e seu esforço (mérito) define sua posição social. É dessa visão de mundo que advêm as finalidades que ele atribui à educação. O modelo fundamental das relações humanas nessa sociedade é o “empreendedorismo” que expressa o “empreendedorismo” dos seres humanos, constituindo a fonte de liberdade pessoal e social e cuja organização mais desenvolvida é a “empresa” (p.31).

E é com essas ideias que a escola hoje dissemina a lógica do empreendedorismo e da meritocracia, fazendo com que nossas crianças e nossos adolescentes acreditem nessa nova maneira de exploração e de reinterpretação da educação, ao invés de ensinar mecanismos para se defenderem desse sistema, ficando cada vez mais submissos ao capitalismo. Com isso influencia a população mais vulnerável a deixar de procurar empregos formais acreditando que poderá ter mais liberdade e que terá uma melhor rentabilidade como empreendedor, novamente a exploração do homem pelo homem, mas reformulada. (Freitas, 2018; Saad Filho; Morais 2018, Osorio 2019)

Nesse contexto o Estado deixa de garantir políticas sociais de proteção ao trabalhador, deixando-o mais vulnerável ao sistema. Essa lógica está tão latente nos estudantes que eles passam a acreditar que com a liberdade proporcionada pelo empreendedorismo, eles podem escolher quais serão seus horários de trabalho, quanto vão ganhar, que a sua produtividade depende apenas do seu esforço, uma grande ilusão. A realidade é que nessa nova modalidade de emprego eles precisam trabalhar todos os dias e em praticamente todos os horários para conseguirem se manter, não poderão adoecer, e não terão garantias e nem proteção como trabalhadores, eles são explorados e precisam arcar com todas as despesas dessa exploração (Freitas, 2018; Saad Filho; Morais 2018, Osorio 2019).

Quase uma década após a CF de 1988, é aprovada a LDB 9394/96, dessa vez sob forte influência das ideias neoliberais. Os progressistas não conseguiram garantir as mudanças estruturais necessárias para a educação brasileira, uma delas era garantir unificação da educação nacional implantando o “sistema nacional de educação”, mas o que foi aprovado foi a “organização da educação nacional”. Para a educação da criança pequena ela incluiu a educação

infantil na educação básica, passando a se constituir como sua primeira etapa, foi estabelecido o nome “educação infantil” para representar a educação da criança e ela integraria a creche e a pré-escola, sendo a creche para crianças de 0 a 3 anos e a pré-escola para crianças de 4 e 5 anos, ela também determina que essa etapa é de responsabilidade dos municípios em colaboração com o Estado e a união (Libâneo; Oliveira; Toschi, 2012).

Alguns caminhos precisaram ser trilhados para que pelo menos parte da educação infantil se tornasse obrigatória a todas as crianças no país, a Emenda Constitucional (EC) número 59 de 2009 compõe esse percurso. Ela determina a obrigatoriedade da educação básica a partir dos quatro anos, alterando o artigo 208, inciso I da CF de 1988 que antes declarava como obrigatória a educação básica somente a partir do ensino fundamental. A partir de 2009 o texto da CF de 1988 muda para “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (Brasil, 2009). Após a mudança na constituição, o próximo passo era alterar a LDB 9394/96.

A EC 59 altera também o artigo 211, parágrafo 4 e enfatiza que os municípios, o Distrito Federal, os Estados e a União deverão se unir em colaboração para garantir a universalização de todas as etapas da educação básica a partir de 4 anos. Assim como também o artigo 212, parágrafo 3, que ressalta que a distribuição dos recursos públicos terá como prioridade as necessidades para o ensino obrigatório, o que nos remete novamente a universalização da educação básica (Brasil, 2009). Observamos que o objetivo da universalização da educação desde os quatro anos vem sendo discutido e organizado já há bastante tempo e ganha forma a partir de 2009, o que nos faz refletir sobre os dias atuais, pois antes se tinha uma preocupação do poder público investir recursos em uma educação que não era obrigatória, como era o caso da educação infantil, e que atualmente ela se tornou obrigatória e recebe recursos necessários para tentar garantir a universalização e qualidade.

Em 2013, dezessete anos após a aprovação da LDB 9394/96 é aprovada a lei de nº 12.796 que modifica partes dela, tendo como uma das modificações assegurar a obrigatoriedade da educação básica a partir dos quatro anos. Sendo assim a educação infantil, inserida na educação básica desde a LDB 9394/96, passa a ser incluída nessa obrigatoriedade junto com as demais etapas. Então a partir dessa lei, todas as crianças ao completarem quatro anos de idade precisam ser matriculadas nas instituições pré-escolares do país. Assim, o artigo 6 da lei 12.796/13 afirma que “é dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade” (Brasil 2013), e o Estado precisa garantir quantidade de vagas suficientes para todas as crianças brasileiras em idade que corresponde a

entrada dela na educação infantil. Compreendemos que é dever do Estado garantir que todas as crianças tenham acesso a uma instituição de ensino pública a partir dos quatro anos conforme a lei 12.796/13 garante:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental; c) ensino médio; II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; [...]. (BRASIL, 2013)

É importante lembrar que na LDB 9394/96, apesar de incorporar a educação infantil na educação básica, não a tornava obrigatória, o que competia como dever do Estado nessa lei, era garantir que todas as crianças estivessem na escola a partir do ensino fundamental, logo, a idade para iniciar os estudos era de 6 anos em diante. Ao tornar a educação infantil obrigatória a partir dos 4 anos de idade com a lei 12.796/13, foi estabelecido um período para que os Estados e municípios se organizassem para o efetivo oferecimento do total dessas vagas, essa determinação pode ser encontrada no Plano Nacional de Educação (PNE) instituído pela Lei nº 13.005/14, que tem o objetivo de determinar diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024 (Brasil, 2014), conforme estabelece o artigo 214 da CF de 1988:

Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a: I - erradicação do analfabetismo; II - universalização do atendimento escolar; III - melhoria da qualidade do ensino; IV - formação para o trabalho; V - promoção humanística, científica e tecnológica do País; VI - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto. (BRASIL, 1988)

A partir desse artigo da CF de 1988, o 2º PNE<sup>6</sup> depois da redemocratização do nosso país foi elaborado e aprovado em 2014 após quase quatro anos de intensas discussões. Ele estabelece dez diretrizes para a educação brasileira, com o intuito de nortear as ações para garantir uma educação de qualidade, definindo vinte metas que deveriam ser cumpridas até 2024 em regime de colaboração com os diversos poderes públicos, como os Estados, o Distrito Federal e também os municípios. Para este estudo será apresentado somente a primeira meta,

---

<sup>6</sup> O primeiro PNE após a redemocratização do nosso país só foi estruturado após a LDB 9394/96 e ainda levou cinco anos para ser finalizado e aprovado, recebeu como título PNE (2001-2010).

que tem uma influência considerável no nosso objeto de estudo que é o desenvolvimento humano da criança, entendendo que universalizar a educação infantil também faz parte de assegurar a qualidade,

META 1 - Universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE. (BRASIL, 2014)

É preciso destacar que já estamos quase no fim da vigência do PNE 2014/2024 e ainda não garantimos cem por cento de vagas na pré-escola para as nossas crianças e cinquenta por cento do número total de crianças do nosso país nas creches. Um agravamento é que essa meta para as crianças em idade pré-escolar, era para ter sido cumprida até 2016 e hoje, depois de oito anos, ainda não atingimos o percentual estabelecido (Brasil, 2022). Ressaltamos que é um direito das crianças a uma vaga na pré-escola e não um direito das mães, pais ou das famílias terem lugar para deixarem seus filhos para que possam ir trabalhar.

É necessário romper com essa crença e com esse pensamento, independente do que a família, o pai ou a mãe irá fazer enquanto a criança estiver nessas instituições, é um direito dela estar nesse espaço educacional. Os tempos mudaram e essa educação infantil precisa ser oferecida com qualidade, tivemos alguns avanços e foi garantida uma educação infantil pública com princípios educativos. Assim ela precisa ser reconhecida como um lugar de direito da criança (Faria, 1997; Kramer, 2006; Abramowicz; Henriques, 2018).

Porém, não é porque ela passou a integrar o sistema básico de educação que suas práticas rompam completamente o vínculo com a educação assistencialista compensatória e até compreendemos que nossas condições de vida ainda nos levam a incentivar essa prática nessas instituições. Acreditamos que é necessário um tempo de educação da própria população, uma parceria entre as instituições da educação infantil com os pais, tê-los mais presentes no ambiente educacional, dialogar e mostrar o que precisa e o que está sendo feito para que eles entendam que é um direito de todas as crianças o acesso e permanência a uma educação pública de qualidade, e não uma educação assistencialista compensatória e escolarizante.

É reconhecer que ainda temos um longo caminho a percorrer para melhorar as condições da educação infantil em nosso país, já sabemos que o investimento por parte do poder público é imprescindível para alcançar esse objetivo. Percebemos que o investimento atual ainda está muito aquém do esperado e que a universalização desta etapa da educação básica depende substancialmente de um aumento significativo desse investimento.

Durante muito tempo, a educação das crianças ou como hoje é chamada, educação infantil, sofreu com a desvalorização no contexto do sistema educacional brasileiro. Acreditamos que esse cenário de negligência se deve a diversos fatores, sendo um deles o investimento inferior ao desejado no que diz respeito ao financiamento educacional como um todo para essa etapa da educação, Abramowicz e Henriques (2018) discorre que

[...] o que torna dramática a situação da educação infantil (EI) no Brasil é a questão do investimento público nessa etapa de ensino. Se, em todos os níveis de ensino, foram aplicados 4,6% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2000, na educação infantil aplicouse 0,4% e, 13 anos depois esse investimento chegou a 0,6% - de acordo com dados da tabela elaborada pela Diretoria de Estudos Educacionais (Deed-Inep), atualizada em 22/06/2015 -, com um crescimento exponencial das crianças em idade de EI e um aumento de apenas 0,2 ponto percentual no investimento; isso é o mesmo que zero, ou negativo! (p. 8).

Percebemos que posição dentro da política pública brasileira a educação das crianças ocupa em âmbito nacional, Abramowicz e Henriques (2018) concluem que por esses dados permanece a visão de que crianças menores merecem políticas menores. Se por um lado nos deparamos com esse descaso pelo baixo investimento e financiamento na educação infantil, por outro percebemos que a cada estudo e pesquisa concluímos o quanto essa fase é importante para a formação humana da criança.

É evidente que a quantidade de pesquisa ainda está longe de ser satisfatória devido as condições que os pesquisadores são submetidos, mas pode-se dizer que estamos no caminho, pois já temos consciência de que é necessário prosseguir com as pesquisas e investimentos nessa etapa da vida. Como salienta Kramer (2006), “[...] a expansão dos programas de atendimento ao pré-escolar no Brasil está longe de corresponder ao reconhecimento que é dado, teoricamente, à sua importância” (p. 12), mas gostaríamos que o reconhecimento fosse na mesma proporção.

Antes não se tinha investimento na educação infantil porque ela não era obrigatória, mas depois de longos trinta e seis anos já era para estar garantida para todas as crianças brasileiras. Em síntese, o caminho percorrido até aqui, segundo Abramowicz (2018) foi que

[...] a Constituição de 1988 passou a assegurar o direito à educação infantil; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, estabeleceu a educação infantil como dever do Estado; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) determinou, em 1996, que a educação infantil se efetivasse mediante a garantia de atendimento gratuito em creches e pré-escolas, assegurando que ela passasse a compor o sistema escolar brasileiro; e a lei n. 12.796, de 4 de abril de 2013, tornou obrigatória a oferta desse ensino pelo Estado brasileiro para crianças de quatro e cinco anos. (p. 27)

Percebemos que vários documentos em forma de lei precisaram ser criados para que a educação infantil fosse garantida a todas as crianças, porém, mesmo agora em 2024, ainda não foi possível garantir que cem por cento das crianças, estejam pelo menos na pré-escola. Como já dissemos, temos leis que nos ampara, talvez o que falta é o trabalho do poder público em aplicar essas leis.

Podemos explicar esse descaso também pelo viés histórico da educação infantil, por estar intimamente ligada às classes populares, uma vez que as mulheres tiveram que trabalhar fora de casa para melhorar as condições de vida das suas famílias. Quando a população do meio rural migrou para o urbano em busca de melhores condições de trabalho e de subsistência, precisaram deixar seus filhos nas únicas instituições que existiam naquela época e que desenvolviam um trabalho de cunho assistencial-custodial, pois a preocupação naquele momento era ter um lugar que recebesse as crianças enquanto suas mães e pais estivessem no trabalho e grande parte da preocupação se dava apenas com a alimentação, higiene e segurança física dessas crianças.

Por tempos não se pensava nas necessidades ou nas particularidades que envolviam o desenvolvimento das crianças quanto aos aspectos multidimensionais (cognitivo, mental, físico, ético, moral, afetivo, volitivo), muito menos se cogitava em potencializar esse desenvolvimento (Aquino, 2017). As instituições de educação ainda não eram pensadas por um caráter pedagógico, poderia ser feito qualquer tipo de trabalho para passar o tempo com essas crianças, inclusive o brincar, que nesse período era intimamente ligado ao espontaneísmo da criança e não como uma atividade guia importante para a aprendizagem delas, podemos atribuir a esse momento histórico o surgimento do pensamento de descaso com essas instituições.

Por se tratar de instituições que cuidavam dos filhos dos trabalhadores, por acreditarem ser apenas um lugar de depósito de crianças enquanto mães e pais trabalham e por considerarem que as crianças apenas brincam por brincar, ao invés de desenvolver um trabalho pedagógico, elas não eram necessárias sobre o ponto de vista do direito da criança a ter uma educação de qualidade. Esse estudo nos conduz a acreditar que essas concepções distorcidas do trabalho com a educação infantil sejam a raiz do descaso com essas instituições (Kramer, 2006; Faria, 1997).

É preciso deixar claro que o foco desse trabalho são as instituições de educação infantil públicas, pois existem no nosso país outras instituições que atendem a essa mesma modalidade educacional como as privadas e conveniadas. Um fator diferencial entre elas, é que nas instituições privadas e conveniadas são oferecidas diversas atividades como ballet, futebol, circo etc, nas instituições públicas, essas atividades não são oferecidas. Sem sermos preconceituosos ou desrespeitosos com essas instituições, mas acreditamos que toda educação

deveria ser pública, pois só assim teríamos o investimento necessário para garantir a qualidade efetiva da educação brasileira e equilibrar os índices de desigualdade social. Ressaltamos que esse dualismo na educação, se torna um fator de exclusão social e de manipulação, apenas reproduzindo o modo de vida da nossa sociedade ao invés de refletir sobre a nossa realidade além de contribuir para a precarização do trabalho docente e a escravização do professor (Kramer, 2006).

Questionaremos sempre o porquê de uma determinada parcela da sociedade ter contato com diversas outras atividades educativas, pedagógicas e a instituição pública não? Partindo dessas inquietações, nossa pesquisa se preocupa em melhorar a qualidade da educação pública, para melhorar as condições de vida da nossa sociedade. Desta maneira, quanto mais experiências a instituição infantil puder proporcionar a criança, mais significativa será para o seu desenvolvimento e aprendizagem (Vigotski, 2018b).

Em síntese apresentamos alguns fatores que acreditamos contribuir para a desvalorização da criança, da infância e também da sua educação delas dentro das políticas educacionais do nosso país. Fatores que as vezes acentuam a desigualdade social ao invés de diminuir, mas percebemos que temos políticas com objetivos fundamentais para a classe popular, porém uma parte da população ainda quer que eles vivam em condições de subalternidade, não deixando que essas políticas avancem. Nosso sistema cada vez mais estimula o individualismo e a competição, nos fazendo acreditar que o trabalho alienado é o mais importante das nossas vidas, nos forçando a abandonar inclusive nossas famílias. Por isso é preciso continuar lutando por uma sociedade mais justa, com uma melhor distribuição de renda e por uma educação pública de qualidade, como diz Paulo Freire (2000) “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (p. 31).

### **3.3. EDUCAÇÃO INFANTIL – BASE TEÓRICA E CONCEITOS IMPORTANTES**

Nesse estudo até aqui, discutimos os conceitos de criança e de infância no decorrer dos últimos duzentos anos, percebemos que esses conceitos estão relacionados a aspectos sociais e está intimamente ligado com a sua história. Nesse capítulo em específico, compreendemos que também está vinculada as políticas de um determinado grupo sociopolítico, nesse sentido, fica claro que não existe forma de desvincular a política da educação da criança. O conceito que uma sociedade tem sobre a criança e a infância determinam quais políticas serão desenvolvidas

quanto a elas, define como ela será cuidada e principalmente como será sua educação (Kramer, 2006).

Como documento norteador do trabalho desenvolvido com a educação infantil no Brasil temos primeiramente a LDB 9394/96, que faz algumas definições para a educação infantil, mas também para a educação básica como um todo. Como um documento mais específico para a educação da criança, temos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), publicado em 2010, nele está presente um conceito de criança. Essa mesma definição aparece na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como o próprio nome já diz, é um documento nacional que pretende definir uma base comum em todo o território nacional, temos também o Documento Curricular para Goiás (DC-GO), que já é um documento para o nosso Estado. Como conceito de criança, esses documentos discorrem que o

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Brasil, 2010, p. 12)

Como este conceito está presente no DCNEI bem como na BNCC, documentos de representação nacional, entendemos que esse conceito deve nortear os trabalhos educacionais que envolvam a criança em todo o território brasileiro, assim esse conceito também está presente no DC-GO. Percebemos nesse conceito a criança como um sujeito, histórico e social que foi discutido no capítulo dois deste trabalho, traz também a criança como um sujeito de direito conforme discutimos nesse capítulo. Poderíamos dizer que esse conceito se aproxima das ideias da teoria que norteia este trabalho, que é a teoria histórico-cultural, quando expõe a criança como um sujeito ativo no seu processo de desenvolvimento e do seu processo de aprender, que questiona, que cria suas experiências e produz cultura (Pasqualini; Lazaretti, 2022).

Uma problemática bastante discutida que envolve esses documentos, o DCNEI e a BNCC, é que eles não trazem as referências teóricas que foram utilizadas para a sua escrita, assim não sabemos quais as bases teóricas do documento para os conceitos que ele se propõe a definir. O que porventura pode acarretar do documento não ter uma base teórica, ser um apanhado ou recortes de várias teorias causando contradições e confusões no trabalho a ser desenvolvido (Santos; Silva, 2023).

Por outro lado, Saviani (2016) faz outra reflexão a cerca desses documentos, de que “seu conteúdo não poderia ser fixado por um órgão de governo, por um intelectual de destaque e

nem mesmo por uma assembleia de educadores, mas deveria fluir das análises, dos debates e das experiências encetadas” (p. 74). Acreditamos que a escrita desses documentos assume essa tendência, sobretudo porque compreendemos a situação e a disputa de poder que envolve a elaboração desses documentos, mas colocar as referências possivelmente, poderia evitar alguns equívocos, já que situar o professor o ajudaria a buscar mais aprofundamentos para dar suporte ao seu trabalho (Minayo; Deslandes; Gomes, 2016)

Passaremos a análise das entrevistas com as professoras da educação infantil da rede municipal de Inhumas. Para essa análise buscaremos indicadores nas falas das professoras que nos levem aos núcleos de significação, esse será nosso caminho, e para Vigotski (2018a) método é o caminho a percorrer, é o modo de investigação.

Conforme já mencionamos na introdução deste trabalho, utilizaremos para a análise dos dados os procedimentos de Aguiar e Ozella (2006), que propõe a apreensão desses dados através dos núcleos de significação que possibilitam alcançar os significados e os sentidos que os entrevistados atribuem ao que se é perguntado. Para essa análise, Aguiar e Ozella (2006), ressalta ser necessário passar por algumas etapas, como “leitura flutuante”, que permite ao pesquisador se familiarizar com o que está sendo dito, além de “destacar e organizar o que chamaríamos de pré-indicadores para a construção dos núcleos futuros” (p. 230).

Após a organização dos pré-indicadores podemos avançar para os indicadores que nos permite aglutinar possíveis semelhanças entre os discursos dos entrevistados e isso pode ocorrer por similaridade, complementaridade ou até contraposição, para posteriormente construir os conteúdos temáticos. Depois desse processo, nos é permitido caminhar para a construção dos possíveis núcleos de significação, que seria a última etapa desse primeiro procedimento, Aguiar e Ozella (2006) reforçam que “os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem as suas determinações constitutivas” (p. 231). Em seguida passamos para a análise dos núcleos.

Ressaltando que a escolha desse método se dá pela possibilidade de proporcionar ao pesquisador se aproximar das determinações sociais e históricas do objeto estudado e “apreender esse processo para além do empírico e que, assim permita-lhe passar da aparência das palavras (significados) para sua dimensão concreta (sentidos)”, (Aguiar; Soares; Machado, 2015, p. 61). Esse método não se contenta em realizar apenas uma descrição descontextualizada das palavras, ou apenas do que foi dito pelas professoras nas entrevistas, ele se interessa em compreender “a totalidade dos elementos objetivos e subjetivos que constituem as significações

produzidas pelo sujeito, as contradições que engendram a relação entre as partes e o todo [...] na atividade da qual o sujeito participa” (Aguiar; Soares; Machado, 2015, p. 63).

Na busca por compreender o processo educacional, em específico da educação infantil da rede municipal da cidade de Inhumas, em Goiás, e o desenvolvimento da criança, uma das perguntas da entrevista com as professoras foi: qual documento normativo que elas usavam como base para desenvolverem o seu trabalho como professoras e se a rede municipal tem um documento próprio para nortear o trabalho delas. Utilizando os procedimentos metodológicos mencionados acima, encontramos três tipos de respostas, que foram separados em três núcleos de significação, a) não tem certeza ou não souberam dizer, b) fazem confusão com a especificidade do documento e c) souberam informar.

Antes de apresentar os resultados é relevante destacar que em uma diligência com a tutora pedagógica da Secretaria de Educação da cidade de Inhumas, quando tivemos nossa reunião para dialogar sobre a autorização dessa pesquisa, em março de 2023, ela nos disse que a rede municipal da cidade até então não tinha um documento próprio para nortear o trabalho dos professores na educação infantil da rede, mas relatou que utilizavam a BNCC e o DC-GO.

Em vistas dos critérios mencionados a análise das entrevistas nos possibilitou aglutinar para o primeiro núcleo de significação, que corresponde a letra “a” duas respostas, para o segundo que corresponde a letra “b”, obtivemos três respostas como resultado e para o terceiro foram seis respostas, este núcleo corresponde a letra “c”, conforme podemos observar no quadro a seguir.

**Quadro 3:** Indicadores selecionados sobre qual documento normativo é utilizado

<b>Núcleos de significação</b>	<b>Indicadores</b>
a) Não tem certeza ou não souberam dizer	Professora 10 “Eu não sei dizer”
	Professora 11 “Não, até que não” (essa resposta está nesse núcleo, porque a professora se mostrou confusa ao responder, sem saber do que se tratava)
b) Fizeram confusão com a especificidade do documento	Professora 2 “Ela oferece um curso de formação”
	Professora 3 “Eles dão os cursos de aperfeiçoamento”
	Professora 4

	“Temos o PPP”
c) Souberam informar	Professora 1 “Documento não”
	Professora 5 “Não, porque ele unificou, a gente tem a BNCC”
	Professora 6 “Não! Porque a BNCC traz o que vai ser trabalhado”
	Professora 7 “BNCC nua e crua, é BNCC total, com DG-GO no máximo”
	Professora 8 “Dentro dos componentes curriculares a BNCC”
	Professora 9 “Tudo na verdade, tem o planejamento anual, o regimento, a BNCC, faz uma compilação de tudo e monta”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Como podemos perceber pelo quadro 3, duas professoras não souberam dizer se a rede municipal da cidade tem ou não um documento norteador do trabalho das professoras, isso corresponde a 18%. Três professoras não souberam dizer exatamente sobre o documento e indicaram outras maneiras de se conseguir uma base para nortear o trabalho dessas professoras e isso corresponde a 27%. Seis professoras afirmaram que a rede não tem um documento próprio e isso corresponde a 55% do total de professoras pesquisadas.

Temos algo relevante a se observar nesses dados obtidos a partir dessas respostas, seis professoras conseguiram afirmar que a rede municipal da cidade não tem um documento próprio para nortear o trabalho das professoras, mas somente cinco indicaram qual documento deve ser utilizado como norteador de seus planejamentos, e isso corresponde a 45% do total. Poderíamos interpretar que somente essas professoras utilizam a BNCC como base de planejamento ou que tem conhecimento de que a BNCC é o documento nacional norteador do seu trabalho, e apenas uma dessas professoras indicou o DC-GO como base de planejamento e ainda aponta o DCNEI como sendo melhor entre os três, como poderemos perceber mais à frente do texto com a sua fala na íntegra.

Então a partir desses dados é importante fazer a análise de outras perguntas que também fizeram parte da entrevista e que podem contribuir para um melhor esclarecimento sobre esse assunto, que foram: como as professoras planejam suas atividades, quais recursos elas utilizam e quais documentos normativos são usados para fazer esse planejamento. Das respostas que

obtivemos por essas perguntas, conseguimos extrair três núcleos de significações, que foram: a) Utilizam o planejamento anual e levam em consideração a realidade da turma como base de planejamento das suas atividades, nesse núcleo de significação temos sete professoras, o que corresponde a 73% das professoras pesquisadas, b) Utilizam a BNCC como norteadora do seu planejamento, nesse núcleo duas professoras deixaram claro que usam a BNCC, compreende 18% do total das professoras, e c) tem uma base teórica consistente que não é a BNCC, mas que no final acaba colocando o código “*porque é código que eles querem*”, para esse núcleo temos a resposta de uma professora, que corresponde a 9% (Quadro 4).

Vejam no quadro 4 as respostas das professoras para as questões: Como as professoras planejam suas atividades? Quais recursos elas utilizam e quais documentos normativos são usados para fazer esse planejamento?

**Quadro 4:** Núcleo de significação sobre como é feito o planejamento das atividades

Núcleo de significação	Discurso
a) Utilizam o planejamento anual e levam em consideração a realidade da turma	Professora 1 Primeiro não adianta a gente dizer que não tem um plano a seguir, mas eu procuro adequar segundo a realidade da turma, segundo a necessidade da turma, porque cada turma de cada ano que entra é uma turma diferente.
	Professora 2 Geralmente a gente tem um planejamento anual que a gente faz com antecedência, e aí todos os meses a gente senta e faz o cronograma mensal, em cima disso a gente lança lá no início do ano quais são as primeiras atividades e em cima do que que as crianças vão demonstrando, interesse, e do que que a gente vai conseguindo com os objetivos traçados lá no início e durante o ano, aí eu vou planejando semanalmente.
	Professora 3 A gente assim, tem um planejamento anual que tem que seguir, e de acordo com o planejamento anual a gente vai traçando o semanal, e que por fim é o diário.
	Professora 4 Dentro do planejamento anual, a gente vai seguindo os meses, os dias da semana você faz dentro do planejamento, porque tem o planejamento anual e você segue por ele, que é o conteúdo que você vai dar. Esse documento anual nós planejamos aqui na escola no início do ano, depois manda pra coordenadora geral, dá uma... e repassa pra gente de novo, pra gente... aí a coordenadora encaderna e tal... e dá um para cada professora.
	Professora 5

	<p>[...] é como se eu já tivesse o roteiro pro ano, o que eu vou ensinar no primeiro bimestre, no segundo bimestre, no terceiro bimestre, [...] se essa semana eu vi que a criança teve uma necessidade de conversar um pouco mais sobre os pássaros, na outra semana eu já trago uma tarefinha, ou um diálogo, ou um filme que vai falar um pouco mais sobre aquilo.</p> <p>Professora 9</p> <p>Os meus alunos que me direcionam, então o que eu vejo que eles estão aprendendo, já aprendeu eu passo pra frente, se não eu foco mais naquilo que eles estão precisando [...], mas claro que a gente tem o conteúdo anual que a gente tem que seguir.</p> <p>Professora 10</p> <p>A gente segue um planejamento anual, mas também a gente vai de acordo com a necessidade da turma, de acordo com a curiosidade da turma, aquilo que eles se interessam, o planejamento anual é o da escola, mas cada professora faz o seu.</p> <p>Professora 11</p> <p>Eu faço planejamento em casa, diário assim semanal, mas todos os dias já têm a data certa, de cada conteúdozinho, a gente olha muito na internet, porque ajuda muito, as experiências da gente, troca experiência, as vezes curso, igual tem o AlfaMais Goiás, ele ajuda muito a gente no conteúdo.</p>
<p>b) Utilizam a BNCC como norteadora do seu planejamento</p>	<p>Professora 6</p> <p>A gente trabalha a BNCC, [...] então a gente faz um englobamento ali da BNCC, do conteúdo mesmo que a gente tem que apresentar pra eles, o alfabeto, as famílias e os projetos [...], a gente vai fazendo essa associação, e aí eu estou trabalhando a atividades relacionada a letra, nós vamos cantar a música, que já está trabalhando dentro da BNCC que é música, gesto e o teatro, pra desenvolver autonomia, criatividade, comunicação, então acaba que a gente faz um apanhado ali de tudo.</p> <p>Professora 8</p> <p>De acordo com os objetivos da nova BNCC, e de acordo com o planejamento anual, advindo da escola, tem também troca de experiência, como eu sou professora municipal, o município oferece formação continuada. No momento nós estamos fazendo o AlfaMais, que é um encontro que nós temos uma vez ao mês, onde a gente tem uma aprendizagem muito grande, uma experiência, uma troca de experiência pra gente concretizar na sala de aula.</p>
<p>c) tem uma base teórica consistente que não é a BNCC</p>	<p>Professora 7</p> <p>Eu falo que já tem uns anos que é um dos processos mais tensos pra mim, é como se eu tivesse andando em dois caminhos, tudo referente a educação infantil e o que eu faço com as crianças eu tenho toda uma base teórica que me dá uma tranquilidade para caminhar, mas ao mesmo tempo eu não posso</p>

	desconsiderar o contexto que eu vivo [...], porque muitas das vezes eu confesso a você que eu pego um código e eu coloco lá, porque é código que eles querem.
--	---

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Mas vejamos, cinco professoras na pergunta anterior (entendemos que são cinco, pois uma não menciona a BNCC na sua fala), disseram que o documento normativo que a rede utiliza é a BNCC, mas apenas duas deixaram claro que utilizam a BNCC como base para planejar suas aulas. Fica então o questionamento, as outras professoras fazem seus planejamentos a partir de qual base teórica, já que apenas uma respondeu que “*tem uma base teórica consistente*”, a BNCC é realmente o documento normativo para o trabalho educativo das crianças da rede municipal da cidade, já que algumas responderam que ele é o documento, porém apenas duas deixaram claro que é ele que norteia o seu trabalho e se não é esse o documento utilizado pela maioria das professoras, qual é o outro documento, ou se realmente utilizam algum.

Observamos que a maioria das professoras disseram que a instituição tem o planejamento anual, mas que cada professora faz o seu. Ficam os questionamentos de: como é feito esse planejamento anual, cada instituição faz o seu, ele é o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição ou faz parte dele, se ele é um documento totalmente diferente e separado do PPP. E ainda temos, qual a base teórica para a elaboração desse documento, se é um documento elaborado coletivamente, será que é levado em consideração a identidade e o regionalismo da cidade já que apenas uma das professoras pontuou ter conhecimento do DC-GO. Ele é o documento regional apontado pela BNCC para nortear o trabalho pedagógico e precisa ter as identidades regionais no seu texto, e por último fica a pergunta de qual é a base teórica da professora que alega com precisão não utilizar a BNCC.

Utilizar os documentos normativos nacionais é o indicado pelo órgão responsável por administrar a educação no âmbito nacional no nosso país, Ministério da Educação (MEC), ainda que a BNCC seja um documento problemático, que instrumentaliza o trabalho da professora<sup>7</sup>, retira sua autonomia e é voltado para obter resultados imediatos, conforme analisado por Libâneo (2019). É um documento que norteia o trabalho da professora, podendo concordar ou discordar, sendo que concordando, ela poderá perder sua autonomia, deixar de refletir criticamente sobre a sua prática e sobre o desenvolvimento da criança e seu trabalho passa a ser apenas a execução de um currículo e não uma construção de conhecimento (Libâneo, 2019).

---

<sup>7</sup> Para a análise dos dados utilizaremos sempre professoras, no feminino, porque encontramos para as entrevistas somente professoras.

Discordando da BNCC a professora poderá ter uma maior reflexão sobre a sua prática, ela poderá garantir uma maior compreensão do sistema onde está inserida, a disputa de poder que envolve a educação, nesse caso o currículo e talvez passe a se envolver em processos de luta para que tenha uma mudança nesses documentos, mas apesar disso, no final do processo ou a cada planejamento, ela precisa se render ao sistema, conforme percebemos na resposta da professora 7 na primeira pergunta, qual documento normativo que elas usam como base para desenvolverem o seu trabalho como professoras:

*BNCC nua e crua. É BNCC total, com DC-GO no máximo. E quando você vai para as diretrizes nacionais da educação infantil, no caso para educação infantil, ela te dá uma liberdade de pensar esse processo. E então eu não posso ignorar aqueles códigos, por exemplo, são cinco campos de experiência, eu tenho dificuldade, porque quando eu vou para os campos, e quando eu penso experiência eu não consigo ver nenhum longe do outro, todos estão entrelaçados. Não consigo pegar aqueles códigos que estão lá com aqueles números que quase me matam, aí tem hora que assim, eu fico até meio que incomodada, porque muitas das vezes eu confesso a você que eu pego um código e eu coloco lá, porque é código que eles querem. É muito complicado, mas assim, em meio a tudo isso a gente tem que levar em consideração, porque assim, não é de repente, de uma pessoa em específico da unidade, a gente tem que parar e pensar, que é um sistema que faz isso com a gente. (Professora 7)*

Saviani (2016) refletindo sobre os documentos norteadores do trabalho educativo, analisa que se a LDB 9394/96 já definia a base comum por meio das diretrizes curriculares nacionais, qual o sentido de elaborar mais um documento que se refere novamente a base comum para a educação no país. Partindo dessa reflexão acreditamos que a intenção desses documentos, seja controlar cada vez mais o trabalho do professor, padronizar os processos educativos e avaliativos e tornar o professor subordinado ao sistema educacional em que está inserido, além de ser voltado para a sociabilidade, para um conformismo social e para a formação de indivíduos que sejam submissos ao sistema (Saviani, 2016).

A reflexão da professora entrevistada vai nesse sentido, de que o DCNEI, que tem suas bases na LDB 9394/96, já era o suficiente para nortear o trabalho do professor e ainda possibilitava, conforme ela ressalta, uma liberdade para o trabalho docente e também proporcionava uma maior possibilidade de pensar todo o processo educacional da criança sem engessá-lo, ou colocá-lo em uma caixinha.

Podemos perceber que adotar a BNCC como documento norteador para a educação infantil poderá, sobretudo, ser problemático, mas não ter um documento poderá também ser tão problemático quanto. Observamos que cinco professoras na primeira pergunta (qual documento normativo que elas usam como base para desenvolverem o trabalho como professoras), não souberam dizer sobre qualquer documento normativo que desse base para o seu trabalho e, na

segunda pergunta, apenas duas afirmaram ser a BNCC o documento norteador. Isso nos traz um questionamento e uma reflexão, qual documento norteia o trabalho dessas professoras, poderia ser da internet, algo que é mais próximo delas, até de um eventual achismo ou será que segue sem bases metodológicas e conceituais.

Essa pergunta da entrevista nos remete a importância da rede municipal da cidade elaborar um documento próprio que direcione o trabalho do professor. Entendemos que não ter um documento elaborado pela própria rede, poderá implicar em um processo de afastamento ou até de um esquecimento da identidade da cidade e dos seus habitantes, desencadeando uma eventual distorção ou um equívoco quanto aos objetivos da educação da criança da rede municipal da cidade de Inhumas e um distanciamento da sua realidade.

No DC-GO consta a seguinte figura:

**Figura 10:** Documentos para nortear o trabalho do professor.



Fonte: DC-GO ampliado – Volume I – Educação infantil (Goiás, 2019)

Segundo o DC-GO esses são os documentos indispensáveis para todos os gestores estaduais, municipais e profissionais da educação em geral, a BNCC, o DC-GO, Propostas pedagógicas da rede, o PPP e os Planos de aula. Conforme especificado na figura 10, nem a BNCC, documento nacional, e nem o DC-GO, documento do Estado, isentam o município de elaborar a sua proposta pedagógica, ela reafirma a nossa discussão, de que o município de Inhumas precisa ter uma proposta pedagógica para direcionar o trabalho dos professores da sua rede, do seu município.

Compreendemos que uma cidade no centro-oeste do país não tem a mesma realidade e até mesmo identidade que uma cidade situada no norte do país (nacional). Da mesma forma que a cidade de Inhumas, localizada na região metropolitana de Goiânia não terá a mesma realidade

e identidade de uma cidade situada na região nordeste de Goiás (estadual). Ainda buscando entender os aspectos da identidade e da importância da rede municipal da cidade de Inhumas ter um documento próprio, podemos acrescentar que mesmo a cidade de Inhumas estando tão próxima a capital, Goiânia, e estando na região metropolitana as suas realidades e a sua identidade são diferentes, conforme podemos perceber na LDB 9394/96 que dá autonomia regionais e locais para a parte diversificada do currículo (Brasil, 1996).

Assim fica a reflexão sobre a identidade da cidade. Não ter documentos próprios norteadores do trabalho pedagógico do professor é uma abdicação por parte da Secretaria de Educação quanto a identidade da cidade e dos seus habitantes. Podemos dizer que é um esquecimento e afastamento de suas raízes locais e regionais e até deixar de lado a sua realidade e a sua própria história para que outras mais hegemônicas prevaleçam na educação da cidade. Sobretudo, pode-se dizer também que esse seja um tema que fica como critério do professor em abordar ou não esse resgate cultural da cidade, mas acreditamos que isso seria uma atribuição de muita responsabilidade já que o professor está na ponta desse processo educativo que envolve muita disputa de poder conforme Libâneo (2019) apresenta, os “objetivos da escola expressam interesses de grupos e disputas de poder em âmbito internacional e nacional, bem como os embates teóricos no campo das ciências humanas e da educação” (p. 11).

Como a rede municipal da cidade de Inhumas não tem documentos norteadores para o trabalho docente da rede municipal de educação, entendemos que o conceito de criança, pode não existir nas discussões e até na base do trabalho pedagógico das professoras, pode ser também que esse conceito generalizado não esboce a identidade da rede e até da cidade ficando impossibilitada de representar sua cultura. Utilizaremos como base para as análises o conceito do DCNEI, já exposto no início deste tópico.

Nas entrevistas com as professoras da rede municipal de educação infantil da cidade de Inhumas, perguntamos em um primeiro momento o que as professoras entendiam por criança e em um segundo momento o que elas entendiam por infância. Acreditamos que compreender esses conceitos e a sua constituição histórica, social e política seja importante, pois ele se constitui como a base para desenvolver atividades, criá-las e pensar seus planejamentos diários e todo o trabalho que envolve o fazer pedagógico do professor.

Conforme analisa Minayo (2016), “[...] teorias e conceitos não são camisa de força, são camisa sim, produzida de um tecido que adequa o corpo ao ambiente e protege o pesquisador das intempéries de seus julgamentos solitários, valorizando sua contribuição”. Não somente o pesquisador, mas também o professor, o amparando para que tenha suporte teórico para elaborar e pensar todo o processo educativo a ser desenvolvido.

Nos capítulos 2 e 3 deste trabalho discutimos sobre o conceito de criança ao longo da história. Discorremos sobre a criança vista como um adulto em miniatura, período em que não se via diferenças entre adultos e crianças (Kramer, 2006), depois analisamos o conceito de criança incompleta, que as padronizava, e enxergada apenas um modelo de criança, que não fazia distinção quanto a classe social que a criança pertencia (Faria, 1997).

Vimos também a criança como um sujeito da sua própria história, ativo no seu processo de desenvolvimento e questionadora de tudo que está a sua volta (Pasqualini; Lazaretti, 2022). Em cada um desses conceitos a criança recebe um tratamento, um cuidado e um tipo de educação, por isso é tão importante compreender o conceito que cada professor, instituição, secretaria, tem acerca do sujeito principal dessa ação, que é a criança, em que o trabalho educativo sistematizado irá interferir diretamente (Mello, 2007).

Na perspectiva de educação que este estudo se ancora, é importante compreender como as crianças aprendem, como se dá o processo de humanização dela, bem como entender qual o papel da professora, do adulto nesse processo de apreensão do conhecimento, qual o papel da própria criança, no caso desse estudo, a da criança da educação infantil. Quando se pensa o desenvolvimento da criança por essa perspectiva, levando em consideração esses elementos, o conceito de criança, de infância e de escola ganham uma nova dimensão, uma nova forma de se conceber a educação (Mello, 2007). Por isso é tão importante para este estudo compreender esses conceitos e identificar onde se localiza conceitualmente a rede municipal da cidade de Inhumas, assim conseguimos perceber qual o modelo de educação da rede.

Foi com esse objetivo que buscamos compreender o conceito de criança das professoras da rede municipal da cidade de Inhumas que trabalham na educação infantil. Na tentativa de ilustrar o que encontramos, buscamos pontos centrais na fala das onze professoras que participaram da pesquisa, tentamos destacar três indicadores de cada professora, porém em alguns casos só foi possível dois ou até um, pela brevidade de suas falas, mas tentamos manter o número total de três indicadores para montarmos uma nuvem de palavras e assim compreender suas aproximações e distanciamentos históricos, sociais e políticos dos conceitos de criança das professoras que participaram da pesquisa. Todos os indicadores que encontramos nas falas das professoras com a pergunta, sobre o que elas entendiam por criança e infância que estão na nuvem de palavras na figura 11.

**Figura 11:** Indicadores sobre o conceito de criança das professoras da rede municipal da cidade de Inhumas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Ao analisarmos esses indicadores (Figura 11), que organizamos, observamos ser possível separá-los em três núcleos de significação, a) a romantização da criança, que discutimos no capítulo 2, no tópico da criança em Goiás, b) o conceito de criança incompleta que precisa ser preenchida por algo, discutido neste trabalho nos capítulos 2 e 3 e c) a criança como um sujeito, que também foi discutido aqui quando discorreremos sobre a teoria histórico-cultural no capítulo 2, que é o conceito de criança central deste trabalho e corroborando com ele temos o conceito do DCNEI que foi apresentado no início desse tópico.

Com o propósito de evidenciar cada um dos núcleos de significação encontrados, buscamos separar cinco indicadores para cada um. Para caracterizar a romantização da criança destacamos os indicadores como, a criança: “*é pureza*”, “*é um anjo*”, “*é uma caixinha de surpresas*”, “*é um ser mágico*”, “*não deveria crescer*”. Para representar a criança como um ser incompleto, separamos os seguintes indicadores, a criança: “*sementinha pronta para ser regada*”, “*uma carta em branco*”, “*é um diamante a ser lapidado*”, “*é uma folha em branco*”, “*vai adquirindo conhecimento*”. No intuito de mostrar a criança como um sujeito, listamos os indicadores que apareceram nas entrevistas que diz, criança: “*cheia de questionamento*”, “*cheia de potencial*”, “*um sujeito de direito*”, “*que tem história*”, “*percepção de mundo aguçada*”.

Para aprofundar a análise e compreender o sentido de cada núcleo de significação, apresentaremos um relato para cada núcleo que foi organizado.

**Quadro 5:** Núcleo de significação “a” sobre o conceito de criança

Núcleo de significação	Discurso
a) A romantização da criança	Professora 4 “Ai é tudo de bom ser criança, é um anjo, então por isso que você tem que cuidar bem, porque eles são muito inocentes, então você tem que transmitir muito amor, ser criança é isso aí.”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Compreendemos que romantizar a criança e tratá-la como um ser divino, como a própria professora 4 diz, um ser angelical, equivale a não enxergar a criança na sua realidade, é não admitir que ela tem necessidades próprias e não aceitar que existem crianças com realidades bem diferentes. Marx (2017) discorre sobre a situação das crianças da classe trabalhadora do século XIX e, ainda hoje, muitas delas são submetidas ao trabalho infantil devido às condições precárias da família, isso foi discutido nesse trabalho no capítulo 2. É claro que o século XIX está distante em termos históricos, mas a realidade de algumas crianças da classe popular ainda pode ser essa, com ela sendo submetida a diversos tipos de violência.

Portanto, na realidade dessa criança não tem nada de mágico, angelical ou divino, é uma realidade dura, que podemos até questionar se tem algo de bom, quando a professora relata que ser criança “*é tudo de bom*”, ela está se referindo a qual criança, será que a realidade da criança que frequenta a instituição onde ela trabalha, que é pública e atende a comunidade da periferia da cidade é tão boa assim quanto ela imagina que seja. É preciso ter um pouco de cuidado ao romantizar a criança, mas compreendemos que isso pode se aproximar com o que imaginamos ser a infância e como queríamos que fosse, pois a realidade as vezes é muito dura e preferimos escondê-la até de nós mesmos.

Desta maneira, romantizar a criança pode também ter uma aproximação com o conceito de criança burguesa atribuída a criança proletariada, ao qual se refere a ela como incompleta. Analisando a fala da professora 4, quando ela diz “*então você tem que transmitir muito amor*” ou “*são muito inocentes*”, ela nos indica que o modelo de educação que ela se refere ao atribuir esses significados a criança, é a de que ela tem carências e a instituição educacional e até as professoras precisam suprir essas carências, que são emocionais, afetiva, nutricionais e culturais. Como ela não recebe isso na sua família, a instituição fica responsável por suprir essas carências, claramente o conceito de criança burguesa com o modelo de educação assistencialista.

Ainda para este núcleo de significação cabe a seguinte reflexão sobre a docência na educação infantil, a figura da mulher nesse espaço educacional é quase unânime, a mulher profissional, professora que muitas vezes também é mãe. Por uma questão histórica a maternidade e a docência nesse espaço educacional estão entrelaçados sem possibilidade de se dissociarem, é como se esse fosse o espaço destinado para o trabalho feminino. Diniz (1998) pontua que “o ensino é um dos setores em que visivelmente as mulheres concentram-se; situação que começa a se desenhar desde os finais do século XIX e se torna evidente nas décadas seguintes, essencialmente no ensino primário” (p. 197), desta forma o cuidar da família e dos filhos que sempre foi uma tarefa social atribuída a mulher, quando ela passa a desempenhar uma profissão na sociedade o que lhe cabe mais uma vez é cuidar, mas em um espaço profissional, a dupla função.

Diniz (1998) faz a seguinte análise sobre essa problemática, “diferentemente, do que ocorre com outras profissões, o trabalho em educação escolar não se dissocia da expectativa de desempenho feminino no lar, educar na escola pode ser visto como um prolongamento do educar os filhos” (p. 197), assim a professora se vê em uma dupla função, a de educar e maternar. Nesse sentido, o maternar não está ligado ao cuidar que faz parte das atividades na educação infantil, esse é um cuidar pedagógico, o maternar que estamos nos referindo está ligado a maternidade, de ter que transmitir muito amor para a criança incondicionalmente, ter que protegê-la, pois acredita-se que são seres muito inocentes.

Ao romantizar a criança podemos perceber, principalmente levando em consideração o fator emocional que faz parte da análise nos núcleos de significação para Aguiar e Ozella (2006), que há uma confusão dos sentimentos da professora, o de educar e o de maternar, muitas se emocionaram ao falar o seu conceito de criança, mencionando a sua história quando criança e até a dos seus filhos. Diniz (1998) aponta essa questão, quando afirma que na docência “acabou por atribuir (e ainda atribuem) à mulher as características essenciais à prática pedagógica, como sensibilidade, compreensão, afetividade, tomadas como constituidoras de uma natureza adequada ao magistério” (p. 199).

A problemática que envolve essa questão é que na confusão de maternar e educar, o saber maternar pode ocupar o lugar do saber científico e, na nossa percepção ao romantizar a criança podemos perceber mais a mulher mãe, do que a mulher professora. Não estamos dizendo que isso seja ruim, mas se essa professora não tiver bases teóricas sólidas e consistentes, isso pode atrapalhar a visão da criança como um sujeito histórico de direito, ativo no seu processo de aprendizagem. Atribuem muitas funções e tarefas para a professora e pode ser por isso que ela fique sobrecarregada emocionalmente, mas essa é uma problemática social,

a sociedade determina que a mulher nesse espaço de trabalho precisa matinar e educar e, assim, ela reproduz esse discurso romantizado para suportar a sua dupla função (Diniz, 1998).

Vamos para a análise do núcleo de significação “b”, temos a fala da professora 8.

**Quadro 6:** Núcleo de significação “b” sobre o conceito de criança

Núcleo de significação	Discurso
b) O conceito de criança incompleta	Professora 8 “Criança é uma fase muito boa, criança é a base do ser humano, é um ser humano puro que está ali, eu falo que é um diamante a ser lapidado, então isso é o meu entendimento de criança, é uma pedra bruta a ser lapidada.”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Quando a professora se refere a criança (quadro 6) como “*um diamante a ser lapidado*” ou “*uma pedra bruta a ser lapidada*” e que vem acompanhada da frase “*é a base do ser humano*”, ela compreende que ser um diamante bruto se constitui como a base do ser humano e isso é o mesmo que dizer que ela é uma folha em branco ou uma tábua rasa, ou seja, que ao chegar na instituição de educação infantil a criança é bruta, não tem bagagem cultural e que quando tem ela precisa ser lapidada, preenchida por algo muito mais importante do que ela aprendeu em casa.

Assim ela deixa sua bagagem cultural familiar para adquirir outra, conforme Lúria (2017b) analisa e que já foi retratado no capítulo 2, acreditar que a criança precisa ser lapidada é o mesmo que acreditar que ela é incompleta. Esse conceito foi disseminado pela burguesia para tratar da criança proletariada como um ser que precisa ser preenchido por algo que ela ainda não tenha, a problemática desse conceito passa também pela desvinculação da criança da sua história, da sua cultura, do seu contexto e da sua classe social (Faria, 1997; Kramer, 2006).

Para a teoria histórico-cultural é importante ter a compreensão de que a criança é capaz de se tornar ativa no seu processo de desenvolvimento estabelecendo relações com o seu entorno, portanto desde que a criança nasce ela precisa ser percebida como um sujeito nesse processo e não como um objeto, esse é um elemento chave para se desenvolver um trabalho pedagógico consistente (Mello, 2007). Por isso que a concepção de criança e de infância determinam o lugar que a criança ocupa nas relações sociais, se ela será um sujeito ou objeto, e nessa concepção de criança incompleta ela é colocada como o objeto no processo educativo. A criança incompleta pode ser moldada e precisa receber conhecimento, tem a necessidade de

ser preenchida com algo, é como se o conhecimento pudesse ser plantado ou passado da professora para a criança (Mello, 2007).

Nessa concepção a instituição de educação infantil tem a tarefa de instruir no sentido utilitarista e pragmático e não o de promover a construção do conhecimento por parte da criança, conforme aponta Vigotski (2006) “o essencial para o ser humano não é o simples fato de perceber o mundo, mas de compreendê-lo” (p. 365, tradução nossa). Compreender o mundo consiste em ir em busca de respostas para os seus questionamentos e não o de esperar que alguém lhe fale o que é importante ou não aprender nesse processo e a teoria histórico-cultural nos direciona de que isso só pode ser alcançado com a concepção de criança como um sujeito que tem plenas condições de participar ativamente do seu processo de desenvolvimento (Mello, 2007).

Vamos agora a análise do núcleo de significação “c”, com a fala da professora 7:

**Quadro 7:** Núcleo de significação “c” sobre o conceito de criança

Núcleo de significação	Discurso
c) A criança como um sujeito	<p>Professora 7</p> <p>“A criança é um ser com imenso potencial, um sujeito de direito. Não é porque ele é um bebê, desde a gravidez ele já é um ser de direito, que tem uma história. Eu entendo que os documentos todos eles nos trazem isso, e isso faz muito sentido pra mim, porque eu não consigo ver uma criança esvaziada, mas eu vejo uma criança que ela está dentro de um tempo específico da vida que é único, que é a infância, porque pensar uma você está pensando a outra, é esse tempo mesmo, vivenciado, esse tempo da infância, desse ser com potencial. Geralmente eu falo para o meu esposo, que eu aprendo muito mais com eles do que eles comigo, mas a verdade é um encontro desses aprendizados, esse encontro de gerações, e eles tem uma percepção de mundo muito aguçada, muito delicada, e esse mundo tem a tendencia de fechar tudo isso. Então essa criança, eu vejo como um ser com potencial imenso, dentro de um tempo da nossa vida que é muito específico, e que ele é único, é um tempo que nos traz muitas marcas.”</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Expressões como “a criança é um ser com imenso potencial”, “um sujeito de direito” e até “não consigo ver uma criança esvaziada”, podemos analisar que esse é um discurso que

está relacionado com a CF de 1988, essa professora é consciente do direito da criança da educação infantil de estar ali, naquele espaço, naquela instituição educacional e podemos dizer que está relacionado com o conceito de criança discutido anteriormente, que dialoga com o conceito de criança apresentado pela da teoria histórico-cultural, conforme Mello (2007) nos direciona que

A compreensão de que a criança é capaz, desde que nasce, de estabelecer relações com o entorno e o entendimento de que o acesso rico e diversificado à cultura permite a reprodução das máximas qualidades humanas devem estimular o enriquecimento máximo das vivências propostas às crianças. (p. 91)

A forma como a professora enxerga a criança dentro de todo esse processo educacional, diz muito sobre o trabalho que ela desenvolve. Vai desde compreender o seu papel com mediadora, que é o de dirigir o processo de aprendizagem enriquecendo o máximo possível as propostas direcionadas a criança, passa pela compreensão do processo de desenvolvimento da criança para potencializá-lo ao máximo até a sua concepção de criança como sujeito nesse processo, esse foi o caminho percorrido pela professora na sua fala e assim nos direciona nessa compreensão.

Até aqui analisamos um discurso para cada núcleo de significação, apresentamos a seguir na tabela 2 o resultado geral com a quantidade de relatos para cada núcleo.

**Tabela 2:** Das disposições gerais da pergunta sobre a criança.

<b>Núcleos de significação</b>	<b>Identificação das entrevistas com as professoras</b>	<b>Quantidade de respostas</b>
<b>a) A romantização da criança</b>	2, 4, 6, e 10	4
<b>b) O conceito de criança incompleta</b>	1, 3, 8, 9 e 11	5
<b>c) A criança como um sujeito</b>	5 e 7	2

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Para completar nossa análise acerca do conceito de criança das professoras estudadas, no núcleo de significação “a”, tivemos quatro professoras que romantizaram a criança nas suas falas, isso corresponde a 36,5% do total das professoras que participaram da pesquisa. No núcleo de significação “b”, cinco professoras se aproximam do conceito de criança incompleta nas suas falas, isso representa 45,5% do total das professoras. Já no núcleo de significação “c”,

obtivemos duas respostas que se aproximam da criança como um sujeito no seu processo de desenvolvimento, isso compreende 18% do total de professoras (Tabela 2).

Como podemos perceber na tabela 2, apenas 18% das respostas das professoras se aproximam do conceito de criança como um sujeito ativo no seu processo de desenvolvimento e de aprender, sujeito de direito também. Levando em consideração que esse conceito irá impactar diretamente na educação que é desenvolvida com as crianças pela rede municipal da cidade de Inhumas e por essas professoras, é um percentual baixo. Compreendemos que poucas professoras desenvolvem um trabalho voltado para a criança como um sujeito que é capaz, que consegue estabelecer relações com o entorno e que ele é um agente no seu processo de desenvolvimento e não apenas um receptor de conhecimento (Mello, 2007).

Em relação ao núcleo de significação “a”, a romantização da criança, e o “b”, o conceito de criança incompleta, conseguimos perceber uma aproximação. Quando a gente romantiza a criança e a sua infância, isso nos faz pensar que é porque a realidade dessa criança precisa ser esquecida, se isso precisa acontecer é porque algo precisa ser camuflado, então acreditamos que a romantização da criança acontece porque lhe falta algo e, se lhe falta algo, está presente nas minúcias das suas falas o modelo de escola ao qual elas acreditam ser a mais eficiente para essas crianças, que é a educação assistencialista e compensatória.

Também está intrínseco nesse discurso que romantiza a criança a questão da maternidade, quando a própria mãe estabelece vínculo com a sua criança, de que tudo que ela faz é lindo e maravilhoso. Então quando as professoras estabelecem esse tipo de relação com as crianças este está mais próximo da questão da maternidade do que das questões pedagógicas, assim quando as professoras se colocam no lugar de mães dessas crianças, compreendendo que talvez lhe falte amor, principalmente o amor materno, elas tentam preencher uma lacuna, que é justamente o que o modelo educativo assistencialista compensatório faz.

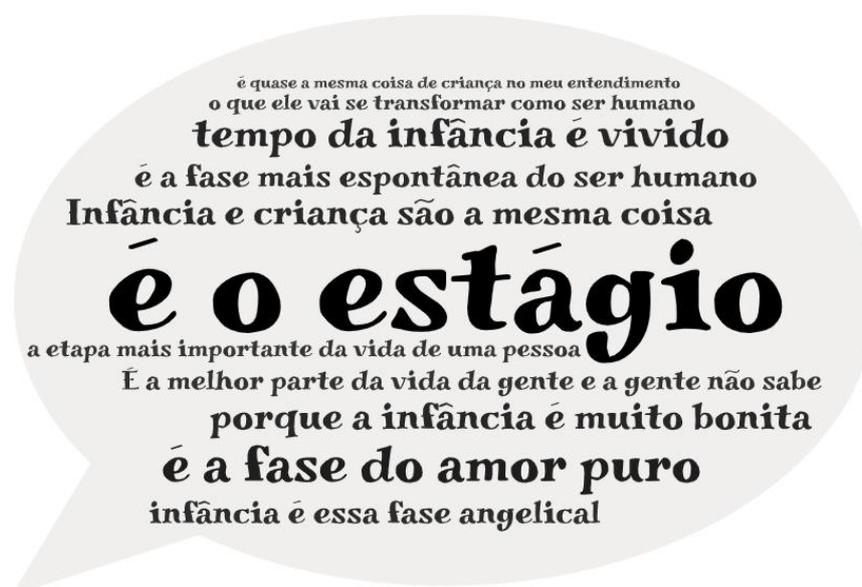
Partindo dessa análise, juntando o percentual do núcleo de significação “a” que representa 36,5% das professoras, com o “b” que compreende 45,5%, temos um total de 82% das professoras pesquisadas que desenvolvem um trabalho acreditando no modelo assistencialista compensatório. É um percentual bem alto, que vincula o conceito de criança com o modelo educativo, isso quer dizer que todas essas professoras acreditam que as necessidades da criança giram em torno de compensar o que lhes falta no âmbito familiar. Compreendemos a realidade das crianças da classe popular, mas onde ficaria nesse modelo de educação a sistematização do conhecimento culturalmente acumulado, a emancipação da criança e a potencialização dela para que consiga desenvolver ao máximo suas capacidades

humanas. Nesse caso a educação da rede municipal da cidade de Inhumas estaria indo para um outro viés educativo.

Com o objetivo de apreender o conceito de criança na sua totalidade, foi necessário fazer uma outra pergunta que está intimamente ligada ao conceito de criança, que é o que as professoras entendem por infância. Percebemos ao longo deste estudo que a infância as vezes é interpretada como sendo um sinônimo de criança, desta maneira ela também pode ser romantizada ou ser tirada, roubada da criança, como é o caso do conceito de criança em miniatura, da idade média que ainda perdura nos dias atuais, que não enxerga a criança com suas necessidades próprias, apenas uma passagem para a idade principal que quando se torna adulto.

Selecionamos um pré-indicador em cada fala das professoras, assim obtivemos um total de onze pré-indicadores, após a análise e a articulação dos pré-indicadores, obtivemos os indicadores, para depois sistematizar e construir os núcleos de significação (Figura 12).

**Figura 12:** Indicadores sobre o conceito de infância das professoras da rede municipal da cidade de Inhumas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

A partir desses indicadores (Figura 12), construímos quatro núcleos de significação que são: a) a romantização da infância, quando a professora na fala atribui a infância como algo divino ou quando atribui a infância como algo belo e mágico, b) o adulto em miniatura, quando em algum momento da sua fala a professora disse que a infância é um momento de passagem para a fase principal que é a fase adulta, c) infância e criança como sinônimos, que é quando a

professora atribui o mesmo significado a criança e infância como se fossem a mesma coisa e d) a infância “é um tempo a ser vivido”, que é quando a professora acredita que a infância é uma fase do ser humano que precisa ser vivida, preservada e que tem necessidades próprias.

Vamos a análise dos indicadores e dos núcleos de significação a partir da pergunta que foi feita para as professoras, o que elas entendem por infância.

**Quadro 8:** Indicadores selecionados para o conceito de infância do núcleo de significação “a”

Núcleos de significação	Indicadores
a) A romantização da infância	Professora 3 “é a melhor parte da vida da gente e a gente não sabe”
	Professora 4 “porque a infância é muito bonita”
	Professora 6 “é a fase do amor puro”
	Professora 8 “infância é essa fase angelical”
	Professora 10 “a etapa mais importante da vida de uma pessoa”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Romantizar a infância tem suas raízes com Jean Jacques Rousseau, um autor do século XVIII que foi e ainda é inspiração para o sistema educacional. Para ele a criança nasce boa e a sociedade que a corrompe, partindo disso ele acredita que a infância é a fase da inocência, da pureza, da ingenuidade, da bondade, do amor puro, angelical (Rousseau, 1979). Ele acredita que a criança precisa ser protegida da realidade, assim se cria um mundo fantasioso para a criança. Discordamos desse autor nesse ponto, pois acreditamos que a infância precisa ser preservada quanto a saúde, educação, segurança e ao brincar que é tão importante para o desenvolvimento nesse período da vida. Como também ter uma família presente, preservar a infância da criança não é esconder a realidade dela.

Percebam que cinco professoras em suas respostas se aproximaram desse núcleo de significação, partimos da reflexão de que se algo precisa ser escondido da criança, é porque ela não é vista da forma como tem que ser, assim é mais seguro partir para uma educação assistencialista do que para uma educação emancipatória.

Partimos para o próximo núcleo de significação (Quadro 9).

**Quadro 9:** Indicadores selecionados para o conceito de infância do núcleo de significação “b”

<b>Núcleos de significação</b>	<b>Indicadores</b>
b) O adulto em miniatura	Professora 1 “é o estágio”
	Professora 5 “é a fase mais espontânea do ser humano”
	Professora 9 “o que ele vai se transformar como ser humano”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

No período da idade média, acreditava-se que a criança era um adulto em miniatura, portanto, aquela fase em que ela estava era apenas uma passagem para a fase principal, era um estágio, se a infância é a fase mais espontânea do ser humano quer dizer que ele precisa ser lapidado para não ser assim quando chegar na fase principal que, é a adulta, logo a infância é um estágio para ver o que ele vai se transformar como ser humano, como um adulto. As respostas desse núcleo de significação também se aproximam do conceito de incompletude da criança, de que ela não está pronta ainda, assim corroboram com o conceito de educação assistencialista compensatória da década de 1970 no Brasil (Faria, 1997).

**Quadro 10:** Indicadores selecionados para o conceito de infância do núcleo de significação “c”

<b>Núcleos de significação</b>	<b>Indicadores</b>
c) Infância e criança como sinônimos	Professora 2 “infância e criança são a mesma coisa”
	Professora 11 “é quase a mesma coisa de criança no meu entendimento”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Discutimos a infância e a criança como sinônimos no capítulo 2 e Sarmiento (2005), com sua análise, define que elas têm conceitos diferentes e que a criança é o sujeito e da infância é uma categoria social, uma fase que a criança como um sujeito vive, assim a criança pode ou não ter infância, uma das nossas defesas é de que essa infância da criança precisa ser preservada. Percebemos duas professoras (Quadro 10) que acreditam que essas palavras são sinônimas, nos cabe a reflexão se essas professoras enxergam a criança como um sujeito, fazendo um

cruzamento dos dados, essas duas professoras na pergunta anterior, sobre o que elas entendem por criança, uma se aproxima da resposta da romantização da infância, e a outra acredita no conceito de criança incompleta. Percebemos em discussões anteriores que romantizar a infância também é uma forma de enxergar a criança como um ser incompleto, portanto ambas as professoras atribuem a criança o conceito de criança burguesa, pois lhes faltam alguma coisa.

**Quadro 11:** Indicadores selecionados para o conceito de infância do núcleo de significação “d”

Núcleos de significação	Indicadores
d) A infância “é um tempo a ser vivido”	Professora 7 “tempo da infância é vivido”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

O tempo da infância é vivido e ele só pode ser vivido quando a infância dessa criança é preservada no sentido de assegurar seus direitos, principalmente o brincar com segurança, mas também passa pela presença da família e hoje sabemos que muitos pais da classe popular não têm tempo de qualidade com seus filhos, pois estão preocupados em garantir a subsistência da sua família.

Observando o quadro 11 e fazendo uma triangulação dos dados, a professora 7 na pergunta anterior, respondeu que a criança é um sujeito de direito e quando ela coloca que a infância é um tempo a ser vivido se aproxima do conceito de infância como uma categoria social, conforme colocado por Sarmiento (2005) “a expressão viva da infância como essa categoria social onde se manifesta de modo específico e relevante as contradições, ambiguidades e paradoxos de uma sociedade” (p. 587).

Após a análise dos conceitos importantes para o trabalho pedagógico na educação infantil e de discutir a importância do documento norteador do trabalho pedagógico do professor, vamos analisar os interesses e as contradições que se apresentam claramente ou não da BNCC e no DC-GO.

### **3.3.1. OS INTERESSES E AS CONTRADIÇÕES NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E NO DOCUMENTO CURRICULAR PARA GOIÁS (DC-GO)**

Neste tópico, o objetivo é salientar, dialogar e refletir alguns pontos da BNCC e do DC-GO que se relacionam com os estudos desta pesquisa. Destacaremos nesses documentos a ausência muitas vezes velada em torno da educação infantil, a problemática que envolve a utilização da BNCC como um instrumento fundamental para a aprendizagem comum a todas as crianças e adolescentes desse país para alguns autores, como Libâneo (2019). Discutiremos a ausência do conceito de aprendizagem e desenvolvimento nos textos tanto da BNCC quanto do DC-GO, assim como também dialogar sobre o verdadeiro sentido em se ter como objetivo a aprendizagem e o desenvolvimento de competências e habilidades nesses documentos que deveriam servir como suporte pedagógico para potencializar o desenvolvimento das crianças.

Algo relevante a se destacar a princípio, é a frase de Abramowicz e Henriques (2018) já escrita nesse estudo que é, “permanece a visão de que crianças menores merecem políticas menores” (p. 8), assim como também merecem menos atenção no sistema educacional e são constantemente esquecidas. A educação infantil passou a fazer parte da educação básica a partir da LDB 9394/96 e passou a ser obrigatória a pouco tempo, em 2013, passando a fazer parte do PNE para que toda criança a partir de quatro anos esteja matriculada em uma instituição de educação, mas percebemos que ainda não são todas as crianças brasileiras que têm esse direito garantido<sup>8</sup>.

Com essa análise compreendemos o descaso do poder público em atender essa demanda e em garantir esse direito a todas as nossas crianças e a reflexão é que merecem menos reconhecimento e investimento, pois seria a fase menos importante do sistema educacional, pois são apenas crianças (Abramowicz; Henriques, 2018). Ao ler a apresentação da BNCC, a educação infantil se quer foi mencionada, a atenção não está voltada igualmente para todas as fases da educação básica, o descaso com a criança permanece pelas autoridades do nosso país, é como se ela não existisse e ficasse a margem do esquecimento constantemente.

Reconhecemos esse esquecimento como um fator histórico, a criança vem sendo esquecida e, até as vezes, abandonada pelo poder público já há bastante tempo. É como se alguns não achassem que ela tem o direito de estar em uma instituição de educação e que a necessidade de ter um lugar para se deixar a criança enquanto seus pais trabalham é apenas um contratempo do capital que necessita que seus trabalhadores fiquem cada vez mais ocupados com o seu labor. Portanto, não mencionar a educação infantil na apresentação da BNCC, documento tão importante para a nossa educação, é a reprodução de uma ação histórica de

---

<sup>8</sup> No Relatório do 4º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação que é referente ao ano de 2022, o Brasil estava com 94,1% das nossas crianças matriculadas na pré-escola e em Goiás esse percentual é de 86,6% (Brasil, 2022).

descaso e de esquecimento. Como sabemos que o capital e a classe dominante sempre vão agir de acordo com os seus interesses, acreditamos que eles pensam ainda que esse lugar, não é um direito da criança.

Podemos perceber a visão que a BNCC tem sobre a educação infantil, sobretudo com relação a educação da criança, quando encontramos o seguinte parágrafo no documento:

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, **a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares** para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. (p. 36, grifo nosso)

Percebe-se no documento que, quem o elaborou acredita ser mais benéfico para o desenvolvimento da criança de 0 a 5 anos, que ela fique em casa e que seja cuidada por seus familiares, na nossa sociedade uma tarefa muitas vezes atribuída apenas a mãe. Por isso é retratado que ao levar a criança para instituição de educação infantil acontece uma separação dos vínculos familiares, pois ela ainda não teria idade suficiente para essa separação. Talvez por isso que ainda permaneça nas nossas instituições a concepção de uma educação infantil assistencialista compensatória, que compense o rompimento desse vínculo afetivo, destacamos essa possibilidade recordando a entrevista com as professoras, quando algumas disseram que “*elas precisam de muito amor*”, essa fala pode ser a materialização e reprodução desse trecho da BNCC (Kramer, 2006).

Não encaramos a entrada da criança na educação infantil desta forma, como uma separação entre a criança e seus familiares, é preciso lembrar o tempo todo de que é um direito da criança estar em uma instituição educacional de educação infantil. Assim, entendemos que a criança está sendo inserida em um outro ambiente social, com outras crianças e com outros adultos, e essa inserção nesse novo ambiente será muito importante para o seu desenvolvimento como um ser humano, ela terá a oportunidade de conhecer e aprender sobre o conhecimento científico em um ambiente educacional sistematizado (Libâneo, 2021).

É preciso ter um novo olhar para esse tempo que a criança passa se dedicando a aprendizagem nas instituições de educação, não podemos continuar com o olhar ainda do século passado. Já compreendemos que para o seu desenvolvimento é muito mais significativo para criança estar nesse espaço educacional onde receberá muito mais estímulos para que o seu desenvolvimento seja potencializado do que em casa (Pasqualini; Lazaretti, 2022). Essa criança passará apenas um tempo do seu dia nessa instituição, desenvolvendo atividades que serão fundamentais para o seu desenvolvimento humano e depois voltará para a convivência com a

sua família, para aproveitar o que isso também tem de significativo para o seu desenvolvimento (Kramer, 2006).

O sistema que rege a sociedade em que vivemos é o capitalismo e é claro que ele influencia também a educação, compreendemos que por dois motivos. O primeiro é que pela educação o sistema consegue manter seu domínio na classe trabalhadora e fazer com que os interesses da classe dominante continuem a ser o desejo também da classe popular, e isso acontece devido a inversão do lugar que o trabalhador ocupa, por não ter tido uma educação emancipadora ele não desenvolveu a consciência de classe. Em segundo lugar por ser a educação que fornecerá mão de obra para que o capitalismo se perpetue, assim István Mészáros (2008) analisa que “o impacto da incorrigível lógica do capital sobre a educação tem sido grande ao longo do desenvolvimento do sistema” (p. 35). Continuando sua análise, Mészáros (2008) acrescenta:

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que *legitima* os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas (grifo do autor). (p. 35)

Como podemos perceber a educação concebe a possibilidade de dominação interna, fazendo com que a classe popular seja devidamente educada pelos padrões e interesses do capital, é uma dominação construída de forma estrutural e o principal objetivo é promover uma subordinação. Porém, não é qualquer subordinação, essa é autorizada pelo trabalhador, que ao não compreender a estrutura e a lógica em que está inserido, acaba acreditando que os interesses da classe dominante são também os seus interesses. E para que isso aconteça, ressalta Mészáros (2008) “a própria História teve de ser totalmente adulterada, e de fato frequentemente e grosseiramente falsificada para esse propósito” (p. 35-36).

Inverte-se a história, ela passa a ser contada apenas por um ponto de vista que é o da classe dominante, como é o caso do “descobrimento do Brasil”, nosso território já existia a bastante tempo e era habitado por diversas nações indígenas. Por muito tempo a história foi contada da forma que prevalecesse o discurso da classe dominante, no caso os brancos, europeus, colonizadores, que contavam a história como se o “descobrimento do Brasil” fosse algo maravilhoso, uma alegria para todos, mas a verdade é que para os povos originários não foi uma alegria, isso lhes custou muitas mortes, o aniquilamento de diversos grupos indígenas

e o roubo das riquezas da nossa terra para que outro país se tornasse rico. Fomos explorados, mas quando contavam essa história, eles nos faziam acreditar que isso era necessário para o nosso bem, os povos originários precisavam ser civilizados e os negros eram escravizados porque eram inferiores devido à sua cor (Walsh, 2009).

Na lógica do capital a história continua a ser contada sob o ponto de vista da classe dominante, eles nos fazem acreditar que é essencial para a organização e manutenção da ordem que a sociedade seja dividida em classes, que é preciso ter uma classe superior a outra e que é possível transitar entre elas, basta você lutar e se esforçar bastante que conseguirá ser da classe dominante, a lógica meritocrática e da autorresponsabilização (Mészáros, 2008).

Pierre Dardot e Christian Laval (2016) analisam que na lógica do capital a classe popular não se liberta da jaula de aço, mas “em certos aspectos, seria melhor dizer que cada indivíduo é obrigado a construir, por conta própria, sua ‘jaula de aço’ individual” (p. 330), isso quer dizer que pela lógica do capital a dominação passa a fazer parte da sua essência, da sua subjetividade, e que a classe dominante não precisa se esforçar para dominar a classe trabalhadora, eles mesmos já constrói esses mecanismos de dominação impostos por eles, como analisa Mészáros (2008), por terem sido subjugados desde sempre aos sistema, são “indivíduos devidamente ‘educados’ e aceitos” (p. 35).

Dardot e Laval (2016) chamam essa nova forma de dominação de “dispositivo de eficácia”, e o seu principal objetivo não é adestrar corpos, isso já não seria mais o bastante, mas fazer a gestão das mentes, eles analisam que, o que comanda hoje os homens, penetra no seu pensamento, o acompanha, orienta, estimula e até educa esse pensamento. O controle da classe popular passa a ser subjetiva e psicológica e a educação é um desses meios de dominação, Dardot e Laval (2016) ressaltam que

Há um arranjo de processos de normatização e técnicas disciplinares que constituem o que podemos chamar de *dispositivo de eficácia*. Os sujeitos nunca teriam se “convertido” de forma voluntária ou espontânea à sociedade industrial e mercantil apenas por causa da propaganda do livre-câmbio ou dos atrativos do enriquecimento privado. Era preciso pensar e implantar, “por uma estratégia sem estrategistas”, os tipos de educação da mente, de controle do corpo, de organização do trabalho, moradia, descanso e lazer que seriam a forma institucional do novo ideal de homem, a um só tempo indivíduo calculador e trabalhador produtivo. Foi esse dispositivo de eficácia que forneceu à atividade econômica os “recursos humanos” necessários, foi ele que produziu incessantemente as mentes e os corpos aptos a funcionar no grande circuito da produção e do consumo. Em uma palavra, a nova normatividade das sociedades capitalistas impôs-se por uma normatização subjetiva de um tipo particular (grifo do autor). (p. 324)

Disciplinar o corpo foi apenas uma parte do processo para algo muito maior, dominar a essência do homem, seus pensamentos. O trabalhador começou a acreditar que os anseios da classe dominante eram os seus, passou a ser produtivo, eficiente e consumidor sem questionar a lógica do capital, seu lazer, a organização do seu trabalho e até a sua moradia, passaram a ser desenvolvidos voltados para a dominação e para a gestão da sua mente.

Postular a liberdade de escolha, suscitar e constituir na prática essa liberdade, pressupõe que os sujeitos sejam conduzidos por uma “mão invisível” a fazer escolhas que serão proveitosas a todos e cada um. Por trás dessa representação encontra-se não tanto um grande engenheiro, como no modelo do grande Relojoeiro, mas uma máquina que funciona idealmente por si só e encontra em cada sujeito uma engrenagem pronta a responder às necessidades de arranjo do conjunto. Contudo, é preciso fabricar e manter essa engrenagem. (p. 325)

E assim a classe trabalhadora é dominada, o seu processo de submissão e rendimento a favor dessa engrenagem que mantém o sistema em que vivemos, onde o objetivo disso é, conforme analisado por Mészáros (2008), “manter o proletariado ‘no seu lugar’” (p. 49). Por mais que se diz democrática as relações humanas passaram a ser submetidas às regras do capital que “exclui a esmagadora maioria da humanidade do âmbito da ação como sujeitos e condena-os para sempre, a serem apenas considerados como objetos (e manipulados no mesmo sentido), em nome da suposta superioridade da elite” (p. 49).

A BNCC é um documento normativo de referência nacional para a formulação dos currículos das redes que irão trabalhar diretamente com a educação no Brasil e o DC-GO é um documento normativo do Estado de Goiás. Não podemos esquecer que são documentos elaborados em uma sociedade capitalista, portanto, voltados para a manutenção do capital, conforme Mészáros (2008), Dardot e Laval (2016) esclarecem nos seus textos. Sendo assim, por mais que estejam no corpo desses documentos a busca por uma educação emancipadora, percebemos no texto suas contradições e seus verdadeiros objetivos como um documento norteador do trabalho educacional.

De acordo com Mészáros (2008) “romper com a lógica do capital na área da educação equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa concreta e abrangente” (p. 47), e essa não é a proposta desse documento, apesar do discurso mencionar uma educação emancipadora. Tanto a BNCC, quanto o DC-GO engessam o conhecimento e desconsideram a infância e suas necessidades próprias (Pasqualini; Lazaretti, 2022).

Espera-se que a BNCC funcione como um instrumento fundamental para assegure uma aprendizagem comum a todas as crianças e estudantes do nosso país, além de também garantir

aprendizagens essenciais que acontecem através do desenvolvimento de dez competências gerais (Brasil, 2018). A reflexão que precisamos fazer é que o documento assegura uma aprendizagem comum e essencial para a criança, garantindo o desenvolvimento de dez competências gerais, mas o documento também fala em desenvolvimento humano global, nesse ponto a BNCC se assemelha mais a um kit de habilidades e competências que são quantificáveis, ao invés de pensar uma educação com qualidade voltada para o desenvolvimento humano (Libâneo, 2019).

No documento da BNCC é definido competência como sendo a mobilização de “conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (p. 8). Nossa reflexão, nesse momento, é sobre qual a relevância de desenvolver competências alinhadas a procedimentos no âmbito educacional, e quais procedimentos serão ensinados seguindo essa lógica de educação. Não podemos esquecer que vivemos em um modo de produção capitalista e que a lógica econômica do lucro máximo governa diversas esferas, inclusive a educacional, fazendo com que a educação sirva como preparação de mão de obra que servirá ao capital, por isso que ensinar procedimentos supera o ensinar a desenvolver o pensamento e o raciocínio lógico, assim Libâneo (2019) analisa que a BNCC apresenta,

[...] as bases o conjunto de conhecimentos e habilidades essenciais que todos os estudantes devem aprender em cada nível da Educação Básica, expressos em competências individuais. Essas “bases” são as referências para a realização das avaliações em larga escala e, em função disso, são previstas também as atividades dos professores. (p. 19)

Assim ela define, quais competências e habilidades são importantes sem se preocupar com o desenvolvimento humano, conforme Libâneo (2019) ressalta:

A crítica mais contundente a essa noção de currículo é que ele é um dispositivo de poder que busca controlar e/ou regular a vida, no sentido de estabelecer quais conhecimentos e habilidades são essenciais para a preparação para a cidadania e para o trabalho. Legisladores e especialistas responsáveis pela elaboração dessa proposta curricular acreditam que, uma vez existindo um currículo prescrito, fica resolvida a qualidade de ensino ou mudando-se o currículo, muda-se a escola. Por isso, prescreve-se no currículo tudo o que o professor precisa fazer. (p. 19)

O objetivo desse documento é controlar que tipo de indivíduos sairão desse processo educacional já que o capital busca dominar a essência do homem, a sua subjetividade, o seu pensamento. Conforme consideram Dardot e Laval (2016), o capital tem como objetivo

“fabricar homens úteis, dóceis ao trabalho, dispostos ao consumo, fabricar o homem eficaz” (p. 325) e, de acordo com Libâneo (2019), a BNCC é um “kit” de habilidades de sobrevivência nesse mundo do capital, com ênfase na adequação dos indivíduos para se subordinarem a empregos precários, com um currículo mínimo e sem conteúdo significativo, com o espaço educacional voltado apenas como um lugar de acolhimento e proteção social.

Acreditamos que para que seja desenvolvido um trabalho pedagógico sistematizado com as crianças, é necessário ter clareza nos conceitos de criança, infância, aprendizagem e desenvolvimento. É também fundamental que a professora compreenda como as crianças aprendem e como acontece o processo de desenvolvimento. Entendemos que esses são os pontos de partida para que se inicie qualquer trabalho pedagógico com as crianças (Vigotski, 2017).

A BNCC não apresenta o conceito de aprendizagem e desenvolvimento que o documento leva em consideração, contudo demonstra os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a educação infantil,

[...] as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. (Brasil, 2018, p. 44)

A BNCC apresenta as aprendizagens essenciais compreendem, conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, já no DC-GO, apesar dele fazer uma contextualização mais aprofundada e diferente da BNCC, esses aspectos estão da mesma forma em ambos os documentos. Esses são aspectos do currículo voltados para a sociabilidade social, conforme discutido por Libâneo (2012), essa proposta chegou ao nosso país junto com a declaração de Jomtien, com a demanda de satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de todas as crianças. Vejamos a síntese das aprendizagens na BNCC no campo de experiência denominada por “O eu, o outro e nós”:

“Respeitar e expressar sentimentos e emoções. Atuar em grupo e demonstrar interesse em construir novas relações, respeitando a diversidade e solidarizando-se com os outros. Conhecer e respeitar regras de convívio social, manifestando respeito pelo outro” (Brasil, 2018, p. 54).

Percebam que a palavra “respeitar” aparece nas três frases que determinam as aprendizagens essenciais para este campo de experiência, não estamos dizendo que “respeitar” não seja importante, nosso papel aqui é refletir alguns elementos desse documento. Então

precisamos destacar e refletir que dentro desse campo de experiência o essencial seja apenas o respeito. Onde está a construção do “eu” que percebe o mundo da forma como ele é, que questiona por que ele é assim e o porquê que as coisas acontecem de determinada maneira. Onde está a construção do sujeito autônomo que não somente vive nesse mundo, mas que o transforma. Observamos que a construção do “eu” dentro da BNCC e do DC-GO, já que esse documento regional transcreve as aprendizagens essenciais da mesma forma que está na BNCC, predomina um currículo voltado para a submissão social, o conformismo e para a sociabilidade (Libâneo, 2012, 2019).

Na BNCC os conceitos de aprendizagem e desenvolvimento não estão claros, embora eles apareçam no texto a todo momento e que o principal foco do documento seja sistematizar o desenvolvimento e a aprendizagem das competências e das habilidades. Observamos que em nenhuma parte do texto consta a definição desses dois elementos tão importantes para este documento e para o trabalho educacional. Em muitos momentos podemos perceber que são colocados como sinônimo e são aparentadas quase sempre uma do lado da outra como se carregassem o mesmo significado ou a aprendizagem aparece sozinha, como se fosse mais importante aprender do que desenvolver. Compreendemos que na educação infantil tanto a aprendizagem quanto o desenvolvimento são fundamentais, sem condições de determinar que um seja mais importante que o outro (Pasqualini, 2010).

O foco da BNCC e do DC-GO é desenvolver as dez competências e a aprendizagem das habilidades e, para a educação infantil, temos os cinco campos de experiência, apresenta os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento separados em bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas (Brasil, 2018). Nesse quadro dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a educação infantil, compreender como a criança se desenvolve é fundamental para o trabalho pedagógico, todos os objetivos são colocados de forma que privilegia o “aprender a fazer”, que estão ligados a uma aprendizagem rápida, para atender demandas urgentes e não voltadas para uma aprendizagem para a vida e para um desenvolvimento humano. Conforme Vigotski (2017) considera:

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente. (p. 115)

Dizer que a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, mas ela em si não o é, além disso o desenvolvimento não é apenas aprendizagem, mas ambos estão diretamente ligados em um processo dinâmico e complexo. Libâneo (2003) define aprendizagem como “uma articulação de processos externos e internos, visando a internalização de signos culturais pelo indivíduo, o que gera uma qualidade autorreguladora às ações e ao comportamento dos indivíduos” (p. 2). Percebemos por esse conceito que a aprendizagem não está ligada apenas ao “aprender a fazer” ou aprender procedimentos que serão úteis em algum momento da vida, conforme está escrito na BNCC. Nesse conceito, Libâneo (2003) discorre que a aprendizagem está intimamente ligada a internalização de conceitos que se articulam em processos externos e internos, para que a criança compreenda o mundo que a cerca e entender também as relações sociais e culturais que existem nele.

Para Vigotski (2018a) o desenvolvimento é um processo, um caminho que a pessoa passa desde o nascimento até a constituição do seu organismo e da sua personalidade desenvolvida e madura, é um sistema complexamente heterogêneo formado por diversos elementos e o ser humano é um sistema único, portanto o seu desenvolvimento não se aproxima de nenhum desenvolvimento de outro ser vivo.

Em um currículo que privilegia o “aprender a fazer”, a aprendizagem está voltada para aprender conhecimentos úteis, de demandas rápidas e a desempenhar atividades com padrões mínimos de qualidade que exigem o mínimo de raciocínio lógico. Nesse modelo está claro que a produtividade é o motor principal e não o refletir sobre o que está fazendo. Como Libâneo (2019) analisa, essa lógica visa o ser humano como “o recurso mais importante a ser considerando tanto como objeto de exploração quanto como sujeito que demanda e consome e, portanto, suscetível de ingressar no mercado” (p. 13), esse é o elemento constitutivo do neoliberalismo, uma nova forma de controle da população e de seus recursos, como mão de obra e também como consumidor. Com a BNCC e o DC-GO, fica restrito a capacidade de potencializar o ser humano nas suas capacidades máximas, assim falta para o ser humano recursos para pensar e refletir sobre o mundo que o cerca (Libâneo, 2021).

Desta maneira, as finalidades educativas na visão neoliberal para Libâneo (2019) “sustenta-se numa lógica economicista: investir no capital humano visando maior produtividade da mão de obra e empregabilidade, especialmente para os pobres e pessoas em situação de vulnerabilidade social” (p. 10). As finalidades educativas se voltam para atender demandas econômicas para preparar mão de obra ou força de trabalho para o capital, por isso um currículo por competência é necessário, ele determina quais habilidades e competências serão importantes para o capital e não para a criança. E ainda quantifica quantas aprendizagens

essenciais a criança tem o direito de aprender, nesse caso são seis, que conforme analisadas são voltadas para a sociabilidade e submissão ao capital, limita também os campos de experiência da criança, que na BNCC são cinco campos.

Portanto, como observamos não temos um currículo voltado para a formação humana, ou que potencialize o desenvolvimento humano da criança, mas um currículo que determina a quantidade exata de aprendizagens que a criança poderá aprender e todas os possíveis campos de experiências que ela pode ter no âmbito educacional (Libâneo, 2019).

Como potencializar o desenvolvimento humano da criança sem compreender como acontece esse processo, assim é fundamental conhecer como a criança aprende e como ela se desenvolve. Cabe aqui a reflexão de como potencializar o desenvolvimento da criança com um currículo mínimo e instrumental, com uma formação básica que privilegia mais a aprendizagem do fazer do que o desenvolvimento humano da criança, podemos perceber mais uma contradição presente na BNCC. Para Libâneo (2019) fica claro que a BNCC pressupõe uma escola que:

[...] busca resultados diretamente quantificáveis, métodos de ensino para transmissão e armazenamento de conteúdos, treinamento para responder testes. Os resultados dos testes padronizados monitoram os sistemas de ensino, visando o controle das escolas e do trabalho dos professores. Em algumas versões da visão neoliberal de currículo, o currículo de resultados é complementado com um tipo de organização escolar que valoriza o acolhimento e a inter-relação social dos alunos, sentido de educação para a sociabilidade mencionado anteriormente. (p. 14)

Da forma como a BNCC apresenta seus objetivos, percebemos que eles são voltados para facilitar a avaliação externa, que visa quantificar a aprendizagem em busca de resultados satisfatórios, porém o objetivo da educação não é e não pode ser somente formar para as avaliações, assim como quantificar as aprendizagens que as crianças podem aprender também não pode fazer parte desses objetivos. A finalidade da educação é o pleno desenvolvimento do ser humano, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, possibilitando ter uma educação de qualidade voltada para a formação humana, mas Saviani (2016) nos alerta que:

[...] tal objetivo não poderá ser atingido com currículos que pretendam conferir competências para a realização das tarefas de certo modo mecânicas e corriqueiras demandadas pela estrutura ocupacional concentrando-se na questão da qualificação profissional e secundarizando o pleno desenvolvimento da pessoa e o preparo para o exercício da cidadania [...] (p. 81-82)

Podemos dizer que temos duas propostas de finalidades educativas presente nos nossos debates e em disputa, dois projetos sociais e políticos bem diferentes. Libâneo (2021) esclarece que uma proposta é a neoliberal “caracterizada pelo currículo instrumental de resultados e pela cultura avaliativa, visa a formação de capacidades produtivas por meio da preparação para o trabalho conforme interesses de mercado” (p. 26) e temos também a proposta progressista, que é voltada para a emancipação humano, que “visa o desenvolvimento das potencialidades humanas dos alunos por meio dos conteúdos da ciência, da arte, da estimulação do senso crítico, do desenvolvimento de valores morais, coletivos e de formas criativas de participação na vida social, profissional, cultural” (p. 26-27).

A BNCC é um documento que tem o “compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendentes” (Brasil, 2018, p. 15-16). A palavra reverter significa retornar a um estado anterior, é preciso pensar qual estado anterior que a BNCC quer que os povos originários e a população afrodescendente voltem. Será que é para a idade média, onde existiam os servos e os senhores, com o domínio da igreja católica, ou um retorno a idade moderna, com a escravização dos negros e dos povos originários no Brasil, ou a idade contemporânea com a ascensão do capitalismo que continua com a escravização, mas de trabalhadores que é a grande maioria da população (Santos, 2021).

Podemos pensar também que a intenção da BNCC seja retornar a época em que os negros africanos estavam lá no seu continente e os povos indígenas estavam aqui no Brasil, percebiam que o caso não é de reverter a situação de exclusão social, até porque revertê-la seria compactuar com a ideia de que o mundo precisa continuar sendo separado por classes, no caso da sociedade capitalista em classe burguesa e a classe trabalhadora. Portanto, reverter a situação de exclusão social é continuar a perpetuar o cerne da sociedade capitalista, que é a desigualdade social, pois para o acúmulo de riqueza por alguns, a grande maioria da população precisa continuar com pouca riqueza, ou seja, pobre. E ser pobre na sociedade capitalista não é apenas ter poucas condições financeiras, é as vezes não ter nenhuma e ainda ter uma educação com um currículo mínimo, uma formação básica com apenas o mínimo de recursos para garantir a sua sobrevivência e subsistência (Marx, 2017).

O que se faz necessário é superar a situação de exclusão social e a desigualdade social que existe nesse modo de produção capitalista, mas isso só será possível se houver um rompimento com a lógica do capital, sendo ele também superado. Seria ingenuidade da classe trabalhadora achar que a classe dominante, promoveria uma educação voltada para a emancipação humana dentro dessa lógica capitalista, que sempre visa o lucro e que achou na

educação uma forma de investimento lucrativo não só financeiro, mas de expansão desse sistema e de dominação da população que se inicia na infância e só finaliza quando o trabalhador morre (Mészáros, 2008). É preciso que ocorra uma transformação social, superando o modo de produção capitalista, para que haja uma mudança significativa na educação, visto que para Mészáros (2008) “o capital é irreformável porque pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é totalmente incorrigível” (p. 27).

Ao analisar a BNCC e o DC-GO, compreendemos que esses documentos seguem o ideal neoliberal. Por mais que tente camuflar essa aproximação ideológica com o neoliberalismo, seus objetivos deixam claro o seu projeto social e suas finalidades educativas, Mészáros (2008) faz uma análise quanto a isso “[...] mesmo quando eles tentam expressar subjetivamente, com um espírito iluminado, uma preocupação humanitária genuína” (p. 30), os objetivos da lógica capitalista prevalecem. Além de muitas vezes parecer um emaranhado de ideias diferentes que deixam esses documentos, por fim, contraditórios e confusos.

O DC-GO é um documento que busca fazer um compilado do que é apresentado no DCNEI e na BNCC, mas apresenta a seguinte afirmação “a educação infantil, mesmo fazendo parte do sistema educacional desde 1996, com a promulgação da LDBEN (BRASIL, 1996), ainda está em busca da sua identidade, no sentido de demarcar sua especificidade” (Goiás, 2019, p. 77). É preciso fazer a reflexão de que se esse é um documento norteador do trabalho do professor como que ele próprio afirma que a educação infantil ainda está em busca da sua identidade justificando que é porque passou a fazer parte do sistema educacional recentemente. O próprio documento desacredita tudo que ele se propõe a fazer que é “[...] orientar e definir as aprendizagens essenciais que as crianças da Educação Infantil [...] do território goiano devem desenvolver ao longo da Educação Básica” (Goiás, 2019, p. 41).

Partimos do princípio de que a educação da criança já existe no Brasil desde o início do século XX, hoje ela integra a educação básica e passou a ser pensada como uma etapa educacional desde a LDB 9394/96, portanto já tem quase vinte anos que ela é vista como integrante do nosso sistema de educação básica, não podemos deixar passar que até hoje ela não tenha identidade. Além disso, embora ela tenha passado a fazer parte da educação básica apenas no ano de 1996, antes disso as discussões sobre a educação da criança já eram intensas. Pensamos que afirmar que a educação infantil ainda não tem uma identidade em um documento oficial elaborado em 2019 é se abster de todo conhecimento já acumulado até aqui sobre a educação da criança.

Ademais, Paqualini e Lazaretti (2022) ressaltam que esses modelos educacionais que apresentam concepções invertidas sobre a criança e a infância, concentrando-se exclusivamente

em atender às necessidades afetivas e nutricionais, enquanto negligenciam a dimensão pedagógica, só foram possíveis diante da ausência histórica de um sistema nacional de educação da criança que orientasse e organizasse as práticas pedagógicas das professoras dessas instituições. Pasqualini e Lazaretti (2022) ainda enfatizam que:

Ocorre que essa origem deixou marcas no modo como se concebe e se organiza o trabalho pedagógico atualmente, especialmente com as crianças de 4 e 5 anos. Lamentavelmente, não é raro encontrar nas instituições de educação infantil carteiras enfileiradas, tarefas estereotipadas e padronizadas, apostilamento desde o berçário, ênfase em uma alfabetização mecânica e artificial, com excessiva exposição estéril a letras e números. (p. 24)

Finalizamos esse capítulo, com muitas reflexões pertinentes sobre o conceito de criança e de infância, sobre aprendizagem e desenvolvimento, sobre currículo. Foi feito um desenvolvimento histórico nesse capítulo desde o fim da ditadura militar, a redemocratização do país, os documentos que foram elaborados referentes a nossa educação e finalizamos com a análise dos que foram desenvolvidos recentemente. A ênfase desse capítulo foi construir historicamente o percurso político que envolveu a criança desde a redemocratização do país e também tivemos como objetivo discutir algumas respostas das perguntas que foram feitas na entrevista com as professoras.

Percebemos ao longo deste capítulo que foram muitas as mudanças, mas que elas precisam continuar, para que de fato alcancemos uma educação de qualidade dentro do que acreditamos ser qualidade, não o que a lógica do capital espera que seja. Dentro dessa perspectiva de que a educação só irá de fato ser emancipadora rompendo com o capitalismo caminharemos para o fechamento desta pesquisa, que é o último capítulo deste trabalho.

#### 4. CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E SEUS DESDOBRAMENTOS

*[...] Dizem-lhe:  
de descobrir um mundo que já existe,  
e de cem, roubaram-lhe noventa e nove.  
Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho,  
a realidade e a fantasia,  
a ciência e a imaginação,  
o céu e a terra,  
a razão e o sonho,  
são coisas que não estão juntas.  
Dizem-lhe enfim: que as cem não existem.  
A criança diz: ao contrário, as cem  
existem.  
(Loris Malaguzzi, As cem linguagens da criança)*

A reflexão que este estudo se propõe, desde o início e por toda a trajetória delineada até o momento, faz uma analogia com a última parte do poema de Malaguzzi (2018) e como historicamente, a criança em seu processo de desenvolvimento humano foi reprimida repetidas vezes, bem como concepções que fizeram com que ela não alcançasse todo o seu potencial como ser humano. Mukhina (2022) defende que o projeto pedagógico da educação infantil precisa ter o olhar fincado na criança e que precisa tê-la como centro em todo esse processo educacional. Assim, ao invés de reprimi-la é fundamental que se crie situações formativas diferenciadas que potencialize o seu desenvolvimento, abrindo um universo de possibilidades.

Este capítulo tem como pressuposto discutir conceitos importantes para a teoria histórico-cultural o que compreendemos ser igualmente significativo para o trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor em sua sala de aula. Entendemos que esses conceitos interferem diretamente no trabalho do professor, por isso nesse capítulo também será apresentada análise da entrevista com as professoras, sobretudo as partes que condizem com esses conceitos.

Para a teoria histórico-cultural nós nascemos pelo fator biológico, mas o que determina o nosso desenvolvimento, a nossa formação humana é o fator cultural. Pasqualini e Eidt (2019) pontuam que o processo biológico é condicionado, mas o processo cultural nos dá um campo

de possibilidades e de potencialidade no desenvolvimento da criança. Sendo assim, Daniela Barros e Saulo Pequeno (2017), determinam que,

quando tratamos da educação, a cultura tem um papel fundamental. Ninguém nasce com predisposição para falar, e nem para falar a língua portuguesa, mesmo nascendo no Brasil. O corpo humano é preparado biologicamente para o exercício da fala, mas isto, por si só, não garante que, ao crescer, a criança fale naturalmente o português. O que possibilita que uma criança apreenda sua língua materna é o contato com a fala por meio das pessoas que com ela convivem. (p. 10-11)

Portanto, o desenvolvimento humano depende das experiências vividas socialmente pela criança, assim ela precisa ter contato com todo o conhecimento cultural acumulado historicamente. Esse contato e essas experiências só podem ser proporcionados por um outro ser humano, por isso, é tão importante o convívio social e coletivo. Mukhina (2022) analisa que “para ser homem são necessárias uma constituição do cérebro, condições de vida e educação bem definidas” (p. 39). Compreendemos então que para se tornar um ser humano são necessárias as condições biológicas, um meio cultural com estímulos significativos para que potencialize o desenvolvimento e uma educação com finalidades educativas voltadas para a formação humana.

É preciso ter em mente que só foi possível fazer essa compreensão a partir de uma prática e das reflexões dessa prática surge a teoria, para Saviani (2021) “teoria e prática são aspectos distintos e fundamentais da experiência humana [...], ainda que distintos, esses aspectos são inseparáveis, definindo-se e caracterizando-se sempre um em relação ao outro” (p. 259). Essa teoria que sustenta esta pesquisa, que é tão importante para muitos pesquisadores e que nos dá voz, teve suas raízes iniciais no início do século XX, com os estudos de Lev Semionovitch Vigotski, fundador e criador da teoria histórico-cultural, nesse sentido é bom deixar claro que esse termo não foi dado por ele, mas sim pelos seus estudiosos e que atualmente também pode ser encontrada como, psicologia, enfoque ou até concepção histórico-cultural (Prestes, 2010).

Para que uma teoria seja compreendida na sua essência, é importante conhecer em que época o seu criador viveu, qual foi o contexto histórico e social que o levou a ir em busca de conhecimento e de respostas para os seus questionamentos, Zoia Ribeiro Prestes (2010) analisa que,

a ciência é uma atividade estritamente humana. Suas criações refletem a busca por respostas a questões apresentadas num determinado período de tempo. Existe uma relação íntima entre o contexto histórico e a elaboração de teorias. Seria impossível

avaliar o desenvolvimento de um pensamento fora do tempo, fora dos fatos, sem levar em conta o zeitgeist.<sup>9</sup> (p. 27)

Toda teoria se resulta dos questionamentos do seu tempo, logo é fundamental ter o conhecimento de quem a elaborou ou criou, como ela surgiu, de onde ela surgiu. É necessário compreender todo o contexto que a envolve, só assim poderemos saber os pontos de aproximação e de distanciamento com o nosso tempo atual e se ela se adequa a esse presente contexto. A teoria histórico-cultural de Vigotski se ancora no materialismo histórico-dialético de Marx e ambos acreditam que o fator social é um elemento fundamental para a formação e o desenvolvimento humano. Contudo, Vigotski ressaltava que o que mais lhe interessava no marxismo era o método desenvolvido por Marx, sobretudo a ênfase de Marx na interação entre o contexto social e o sujeito e assim se aproximou do método marxista e permaneceu tentando desenvolvê-lo nos seus estudos e nas suas pesquisas (Prestes, 2010).

Vigotski nasceu em 1896 na cidade de Orcha na Bielorrússia, mas não viveu muito em sua cidade de origem, logo sua família se mudou para Gomel quando ele ainda era um bebê, por isso que em muitos registros podemos encontrar que sua cidade natal era Gomel, como ele mesmo assim considerava. Em 1913, Vigotski finaliza o ginásio com 17 anos e ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade Imperial de Moscou, mas não fica nesse curso nem por um mês, transferindo-se logo para a Faculdade de Direito na mesma instituição. Naquele momento, também se matriculou na Faculdade de História e de Filosofia da Universidade Popular Chaniavski, curso que já fazia parte dos seus planos já há algum tempo, mas como o trabalho que restava para os estudantes destes cursos eram em instituições públicas e ele como judeu não poderia trabalhar nelas, acabou não escolhendo esse curso como primeira opção (Prestes, 2010)

O início do século XX foi conturbado na Rússia, em 1905 ocorreu a primeira tentativa de uma Revolução Socialista, que acabou fracassando, porém foi vista como um ensaio para a próxima que só ocorreu em 1917. Esse processo revolucionário foi desencadeado pelo povo que foi capaz de organizar uma liderança entre a classe trabalhadora que viviam em um estado de miséria e de fome, mas apesar disso tinham conseguido formação intelectual suficiente para se organizarem, foram as ideias marxistas que os levaram a esse momento de revolução (Prestes, 2010). Após a revolução, com os Sovietes se estabelecendo no poder, assim eram

---

<sup>9</sup> Zeitgeist significa espírito da época.

Fonte: <https://translate.google.com/?sl=ru&tl=pt&text=zeitgeist&op=translate>

chamados os idealizadores do movimento revolucionário, Prestes (2010) analisa que o país socialista,

[...] estava diante de muitos desafios políticos, econômicos, culturais e sociais. A prioridade era a educação, que deveria deixar de ser um privilégio de poucos para se transformar em um dos direitos de qualquer cidadão, criando-se, para isso, um novo sistema de instrução. E isso, num país considerado atrasado, em comparação com os países da Europa; com uma indústria débil [...]; arrasado pelas guerras (mundial e civil); com 90% da população analfabeta e proletariado pequeno, com milhões de crianças órfãs perambulando pelas ruas. (p. 28)

Com a mudança no governo muitos pesquisadores e cientistas optaram por deixar o país, mas muitos também decidiram permanecer e ajudar a colocar em prática as ideias do novo regime. Vigotski integra o time dos que ficaram para ajudar seu país e após finalizar seus cursos teve a oportunidade de lecionar Literatura Russa, Psicologia Geral, Infantil e Pedagógica nos cursos técnicos de pedagogia e se dedicar a atividades culturais em Gomel, é nesse contexto que suas ideias sobre a arte, educação e desenvolvimento humano germinam e são sistematizadas (Prestes; Tunes; Nascimento, 2015).

Apesar do período conturbado na região da Rússia, muitas medidas foram estabelecidas e investimentos foram feitos em torno da educação e da saúde da criança nessa época. Embora o país nesse período ainda estava envolvido em uma guerra civil, com grande parte da população em condições de fome e de miséria, já dava seus primeiros passos na construção de uma sociedade mais igualitária (Prestes, 2010). Uma das primeiras iniciativas do novo governo, foi ampliar a rede de educação infantil, segundo Prestes (2010) em 1917 a “educação pré-escolar passa a fazer parte do sistema de educação como o primeiro estágio de formação do novo homem” (p. 30). Preste (2010) apresenta as estatísticas da época:

Se no ano letivo de 1914/1915 havia, na Rússia Tsarista, 105.534 escolas, o número saltou para 118.398 escolas no ano letivo de 1920/1921[...]. Até a 1ª Guerra Mundial (1914-1918) havia na Rússia tsarista mais de 2 milhões e meio de crianças abandonadas. A situação agravou-se ainda mais durante a guerra, nos anos de intervenção e da guerra civil. Para abrigar as crianças e protegê-las da degradação física e moral começaram a ser criadas as casas da criança que, até o início de 1921, já eram 5 mil unidades que atendiam a 260 mil crianças órfãs ou abandonadas. No ano seguinte, o número cresceu para 7.815 casas, com 415 mil crianças abrigadas. [...] Existem registros de dados estatísticos sobre o atendimento às crianças pequenas e seu rápido crescimento. Em 1923, havia 913 instituições que atendiam a 44.164 crianças; em 1927, já eram 1.373 instituições atendendo a 70.930 crianças. (p. 30)

Como podemos perceber houve um investimento na educação da criança após a revolução russa, inclusive para aquelas que perderam suas famílias na guerra civil e também na Primeira Guerra Mundial. Com a vitória da Revolução Socialista os meios acadêmicos

buscaram estabelecer uma relação entre a produção científica e o regime social estabelecido, nas palavras de Prestes (2010) “são feitas as primeiras tentativas em direção à elaboração de teorias baseadas nos princípios socialistas de formação do novo homem” (p. 29), foi um período de estruturação das ideias do novo governo conforme Prestes (2010) relata:

Durante os primeiros anos da revolução, foram formulados os objetivos da educação que deveriam corresponder aos princípios da revolução proletária. Refletindo os interesses das massas trabalhadoras e as necessidades da nova sociedade, a pedagogia soviética contrapôs aos princípios da pedagogia burguesa as ideias de vanguarda da humanidade: humanismo, coletivismo, internacionalismo, democratism, respeito à personalidade do indivíduo, à ação conjunta da educação com o trabalho produtivo e ao desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes como membros da sociedade. (p. 29)

Foi nesse contexto histórico que Vigotski desenvolveu e sistematizou seus estudos sobre a criança, com enfoque no desenvolvimento humano, na influência da cultura e da interação social no processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo das crianças, procurando compreender os processos mentais humanos (Rego, 2014). Sendo a psicologia sua área de interesse e a sua orientação para ir em busca de respostas, ele passa a integrar como pesquisador o recém-inaugurado Instituto de Psicologia da primeira Universidade de Moscou (Prestes; Tunes; Nascimento, 2015)

Com mais outros dois pesquisadores importantes, Alexis Nikolaevich Leontiev e Alexander Romanovich Luria integraram o grupo de estudos e pesquisa denominado de troika, segundo Prestes (2010), este grupo liderado por Vigotski buscava “uma revolução na interpretação da consciência como uma forma especial de organização do comportamento do homem, uma forma que se fundamenta no social, na história e na cultura” (p. 31). Esses estudos procuravam abandonar a "velha escola" e buscavam uma abordagem educacional coerente com as ideias do novo modelo político que se era pretendido viver. A motivação para isso era a formação de um novo tipo de ser humano, e com esse princípio, esses estudos começaram a desempenhar um papel importante na formação dos novos professores (Prestes, 2010).

A trajetória intelectual de Vigotski coincide com os primeiros passos após a Revolução Socialista de 1917, por isso que nesse breve relato elas foram contadas concomitantemente. Grande parte da produção acadêmica de Vigotski foi elaborada com o país vivendo uma terrível guerra civil, mas isso foi o que lhe impulsionou a fazer o seu trabalho. Seu compromisso com uma educação social era evidente, pois ele se preocupava com as consequências disso na vida de milhões de crianças. Prestes (2010) reforça que “[...] existem registros de seu compromisso

com as tarefas lançadas pelo poder dos Sovietes que estabelecia como meta a formação do homem novo, o homem da nova sociedade socialista” (p. 37).

A vida acadêmica de Vigotski foi breve, conforme Rego (2014) analisa, mas sua produção intelectual foi intensa e muito relevante para os estudos em psicologia contemporânea e das ciências humanas em geral, sobretudo do desenvolvimento humano da criança. Ele elaborou cerca de duzentos estudos científicos antes de falecer e se deteve nos estudos dos mecanismos psicológicos sofisticados típicos da espécie humana, conhecido como funções psicológicas superiores, que são a memória, a consciência, a percepção, a atenção, a fala, o pensamento, a vontade, a emoção e a formação de conceitos. Rego (2014), ressalta que os estudos dele “para a psicologia, sem dúvida significa um avanço, para a pedagogia uma orientação, mas também sugere um rico material para a análise no campo da antropologia, da linguística, da história, da filosofia e da sociologia” (p. 15-16).

Vigotski faleceu em 1934 em decorrência de uma tuberculose aos 37 anos, seus estudos são tão significativos para a compreensão do desenvolvimento humano da criança, que mesmo após noventa anos do seu falecimento seu legado continua a ser estudado por diversos pesquisadores. Prestes (2010) ressalta que:

A importância da produção acadêmica de Vigotski jamais poderá ser medida pela brevidade de sua trajetória de vida, ou seja, 37 anos. Seus textos continuam instigando os estudiosos das mais diferentes áreas, assim como foi o diapasão de sua atividade científica, com pesquisas e estudos relacionados à defectologia, à neurologia, à psiquiatria, à educação, à psicologia, entre outros, revelando assim a consistência e a atualidade de seu pensamento para as questões do contexto social, cultural e político de sua época. (p. 54)

Toda a década de 1930 foi marcada por acontecimentos terríveis em todos o país, pessoas foram perseguidas e em muitos casos até mortas, a situação política do país também se degradou. Houve censura e repressão da população, aos pesquisadores e as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas, Vigotski foi um deles, tendo seus estudos censurados entre 1936 e 1956. Prestes, Tunes e Nascimento (2015) enfatizam que mesmo depois de seu falecimento ele “[...] era visto como alguém perigoso e, ao longo de duas décadas, seus colegas, amigos e alunos foram proibidos de fazer qualquer referência a seus trabalhos” (p. 67). Luria e Leontiev continuaram com os estudos que desenvolviam com Vigotski, mas não puderam mais utilizá-lo como referência durante este período de censura, mas isso nunca fez com que o seu nome fosse esquecido, pelo contrário, o que ele iniciou, perpetua ainda hoje com outros pesquisadores (Prestes, 2010).

No início deste capítulo, procuramos esclarecer o contexto histórico no qual viveu o criador da teoria histórico-cultural, Lev Semionovitch Vigotski. Além disso, fizemos um breve percurso histórico sobre sua vida, os eventos que o conduziram ao seu tema de estudo e um pouco da sua trajetória acadêmica. É importante ressaltar que os estudos de Vigotski tem como base dos seus estudos o marxismo, pois ele leu as obras originais, mas também tinha como base o marxismo leninista, através dos estudos de Lenin sobre o marxismo (Vigotski, 2018a). Nos próximos tópicos, abordaremos temas centrais desse estudo que são relevantes e significativos para a teoria histórico-cultural, tais como: finalidades educativas da educação e também da educação infantil, o desenvolvimento humano da criança e o papel da professora na educação infantil. Além disso, serão mostradas as respostas das professoras da educação infantil que foram entrevistadas e que trabalham na rede municipal da cidade de Inhumas, em relação a cada um desses temas, seguida pela análise das respostas que obtivemos nas entrevistas.

#### **4.1. AS FINALIDADES EDUCATIVAS PARA A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL**

No capítulo anterior, foram apresentadas duas finalidades educativas que emergem nas discussões recentes e que se distinguem claramente uma da outra. Uma das abordagens segue a linha neoliberal, que tem seus objetivos enraizados na sociedade capitalista, propõe uma formação voltada para o desenvolvimento de competências e habilidades produtivas, alinhadas aos interesses do mercado. Enquanto a outra propõe uma perspectiva progressista que almeja a superação da desigualdade social, busca a potencialização das capacidades humanas por meio da educação e tem o objetivo de emancipar o sujeito (Libâneo, 2021).

Nessa perspectiva de finalidade educativa progressista, Libâneo (2019) ressalta que cabe à educação “propiciar os meios da apropriação dos saberes sistematizados constituídos socialmente, como base para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e a formação da personalidade, por meio da atividade de aprendizagem socialmente mediada” (p. 47). Das finalidades educativas que estão propostas, uma busca formar para desenvolver atividades executoras dentro do mercado de trabalho, a outra se propõe ao desenvolvimento do pensamento, Saviani (2021) chama atenção de que:

Sendo o saber um meio de produção, sua apropriação pelos trabalhadores contraria a lógica do capital segundo a qual os meios de produção são privativos dos capitalistas, da burguesia, do empresariado, cabendo ao trabalhador a propriedade apenas de sua própria força de trabalho. Em contrapartida, se os trabalhadores não possuem algum tipo de saber, eles não podem produzir. Eis a contradição. Como resolvê-la? (p. 242)

Diante disso, conseguimos perceber e compreender as lutas sociais e as disputas que envolvem as finalidades educativas. Caso o trabalhador não possua nenhum tipo de saber, ele não terá serventia para o capital, portanto, ele não poderá produzir. Assim a classe dominante não consegue fugir de ter que apoiar uma educação para a classe trabalhadora, inclusive isso está na nossa CF de 1988, lembrando que é uma das conquistas sociais mais importantes presentes nela, conforme já vimos no capítulo 3.

Dessa forma, a classe dominante precisa apoiar uma educação para a classe trabalhadora, mas ela não poderá apoiar qualquer educação, deve apoiar principalmente uma que deseja a emancipação do ser humano, entretanto essa não compactua com a manutenção do modo de vida capitalista. Nessa perspectiva, para que aconteça a manutenção do capitalismo, a classe dominante precisa controlar esse processo educativo, fazendo com que seus objetivos pactuem com os interesses do capital, com as finalidades educativas mais viáveis para que continue mantendo esse modo de vida e com isso ela define qual ser humano quer criar com essa educação (Saviani, 2021).

Para defender seus interesses a classe dominante boicota as conquistas sociais dispostas na CF de 1988, distorce a realidade da classe trabalhadora a seu favor e até adia a implementação dos direitos sociais adquiridos desde a CF de 1988. Da mesma maneira, eles agem em relação à proposta de uma educação emancipadora, boicotando, distorcendo e ocultando seus verdadeiros interesses por trás dessa finalidade educativa emancipadora, conforme foi evidenciado na BNCC e no DC-GO. Isso acontece pois é do interesse da classe dominante, manter a classe trabalhadora dependente e submissa as ideias do capital, mantendo assim esse modo de produção (Mészáros, 2008).

No entanto, é por isso que as finalidades educativas envolvem luta constante e disputa de poder, mas é preciso ressaltar que as ideias da classe dominante são hegemônicas, na maioria das vezes vencem as disputas e a classe trabalhadora vai tentando manter suas conquistas sociais pelas brechas e pela contradição existente no capitalismo. Porém, as ideias da classe dominante continuam sendo hegemônicas, por isso é tão importante para eles manterem a ideia de um currículo mínimo, com uma formação básica, que privilegia a aprendizagem e desenvolvimento de competências e habilidades e uma finalidade que buscam preparar a força de trabalho para a manutenção do capital, isso está presente na BNCC e o DC-GO (Libâneo, 2019).

Nesse sentido, Vigotski (2003) reforça que não corrobora com a ideia de deixar o processo educativo à mercê das forças espontâneas da vida, pois elas sempre terão a tendência de pender para os interesses da classe dominante. Desta maneira, Vigotski (2003) defende que

“[...] a meta da educação não é a adaptação ao ambiente já existente, que pode ser efetuada pela própria vida, mas a criação de um ser humano que olhe para além de seu meio” (p. 77), é fundamental a busca pela superação desse modo de vida que está posto.

Estudiosos da educação e da teoria histórico-cultural, como Libâneo (2021), argumentam que a instituição educacional não deve se limitar à transmissão de conteúdo, a aprender habilidades e ao desenvolvimento de competências, ela deve desempenhar um papel mais amplo na formação do sujeito, e assim ressalta que “[...] ela cuida de formar seres humanos e cidadãos [...], ela é um lugar de humanizar pessoas, de educar para valores humanos, para a solidariedade, para o reconhecimento do outro, reconhecimento da diferença” (p. 27-28). É nessa perspectiva educacional que acreditamos e queremos para a educação pública brasileira, sobretudo para a educação infantil, Libâneo (2021) analisa que “[...] a escola pública é um lugar especial, talvez a única oportunidade que as crianças e jovens pobres têm para aprender conhecimentos científicos e formarem sua personalidade com valores humanos e de cidadania” (p. 29).

Desta forma, Libâneo (2021) analisa que o espaço educativo,

[...] é uma das mais importantes instâncias de democratização da sociedade e de promoção de inclusão social, cabendo-lhe propiciar os meios da apropriação dos saberes sistematizados constituídos socialmente, como base para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e a formação da personalidade, por meio da atividade de aprendizagem socialmente mediada. (p. 25)

Por isso acreditamos que a educação infantil é uma fase de suma importância nesse processo educativo da criança. De modo geral, ela compreende o período em que esse desenvolvimento está acontecendo de forma acentuada, é quando também se inicia a formação da sua personalidade e é importante o desenvolvimento de algumas estruturas nessa fase, para que a criança adquira capacidades intelectuais mais complexas (Mukhina, 2022).

A educação infantil pública representa uma conquista histórica da classe trabalhadora. O fato de que hoje a educação da criança faz parte da educação básica é resultado de muito esforço e de uma luta social árdua que se iniciou na década de 1970, com as reivindicações de que ela não tivesse apenas o objetivo de cuidar da criança enquanto a família estivesse no trabalho, mas que também tivesse um caráter pedagógico. Portanto, é crucial superar a visão de que a educação infantil é apenas um espaço de cuidado para a criança. Certamente, ela envolve cuidados, mas também é um ambiente no qual a criança deve adquirir conhecimentos sistematizados e científicos. (Pasqualini; Lazaretti, 2022)

Pasqualini (2010), reforça que,

[...] a educação da criança de 0 a 6 anos tem como uma de suas tarefas fundamentais “ensinar a pensar”. Tal proposição sustenta-se na compreensão de que o pensamento não se desenvolve natural ou espontaneamente na criança, como resultado da maturação orgânica, mas como resultado do processo educativo. Fica evidente, ainda, que uma educação meramente e exclusivamente calcada no prazer, que não exija da criança pequena “esforços mentais”, não apenas desconsidera as futuras exigências que se colocarão para ela na escola como pode retardar as aprendizagens escolares, por não ter garantido suas premissas. (p. 187)

Desta maneira, é possível compreender o quão é importante uma educação voltada para a potencialização do desenvolvimento criança, conforme defendido pela teoria histórico-cultural, em concordância com o que Vigotski (2003) pondera sobre deixar o processo educativo sob a influência das forças espontâneas da vida e Pasqualini (2010) reforça, que a educação não pode ser baseada apenas na espontaneidade, no prazer da vida, ou ainda exigir apenas pequenos esforços mentais da criança, pois isso poderá dificultar aprendizagens que virão mais adiante nesse processo educativo. Vigotski (2009) analisa que “o ensino seria totalmente desnecessário se pudesse utilizar apenas o que já está maduro no desenvolvimento, se ele mesmo não fosse fonte de desenvolvimento e surgimento do novo” (p. 334).

Nessa direção, Libâneo (2021) considera que a educação existe para que os sujeitos “aprendam conceitos, teorias; desenvolvam capacidades e habilidades de pensamento; formem atitudes e valores e se realizem como pessoas e profissionais-cidadãos” (p. 26). É importante observar que esse autor ressalta que sejam desenvolvidas capacidades e habilidades de pensamento, e não a habilidade pautada no pragmatismo, no utilitarismo e na lógica instrumental do capital conforme a BNCC apresenta.

Vigotski (2003) chama a atenção de que é verdade que a teoria histórico-cultural busca formar para a vida, “que este é o árbitro supremo, e que nossa meta não é inocular virtudes escolares especiais, mas comunicar hábitos e capacidade de viver” (p. 77). Desta maneira, a formação do ser humano para a vida precisa objetivar o desenvolvimento do sujeito de modo que possibilite a ele desenvolver as complexas tarefas da vida individual, familiar e social, visando a coletividade e a integração da comunidade, assim cada sujeito busca um sentido subjetivo nas suas atividades diárias, mas visando sempre um sentido social objetivo para a sociedade (Leontiev, 2004).

Nesse sentido Orlando Fernández Aquino (2017) apresenta que a finalidade educativa precisa ser multidimensional,

[...] a formação do homem precisa ser multidimensional: cognitiva, mental, física, ética, moral, afetiva, volitiva. Um indivíduo e a sociedade podem se considerar

formados quando têm instrução, desenvolvimento (físico, intelectual e emocional) e educação. Ser instruído significa ter os conhecimentos suficientes para resolver adequadamente os problemas da prática social, da profissão e das necessidades sociais e individuais. (p. 326)

Nessa perspectiva multidimensional o ser humano precisa ter instrução, para a teoria histórico-cultural, ter instrução implica possuir conhecimento suficiente para resolver questões sociais, tanto de natureza pessoal quanto profissional, Kravtsov e Kravtsova (2019) ressalta que Vigotski compreendia a essência do processo de instrução diferente do que entendemos hoje, e assim analisa que “[...] a instrução não é compreendida como a transformação do que é externo em interno (interiorização), mas como capacidade de realização de si no mundo externo” (p. 30).

Ainda nessa perspectiva multidimensional, o ser humano precisa se desenvolver físico, intelectual e emocional, Aquino (2017) explica que:

O desenvolvimento físico diz respeito às potencialidades corporais que lhe permitem trabalhar, estudar, praticar esportes e ter uma vida saudável. O desenvolvimento intelectual refere-se às faculdades mentais, ao pensamento conceitual, teórico, convertido em ferramenta para orientar e resolver os problemas da prática social e individual. O desenvolvimento emocional pressupõe a formação da atitude valorativa perante a realidade. (p. 326)

Portanto, para a teoria histórico-cultural o desenvolvimento consiste nesses três elementos, essa é a totalidade do ser humano, ele se constitui físico, intelectual e emocional, para Lukács (1967) a totalidade “[...] é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si [...]” (p. 240). Compreendemos que o todo coerente é o ser humano e os elementos são o físico, o intelectual e o emocional, sendo que estes estão ligados entre si formando o ser humano, então podemos dizer que essa finalidade educativa leva em consideração a totalidade do ser humano.

Um outro fator importante na formação do ser humano para a perspectiva multidimensional é a educação, para Aquino (2017) “ser educado significa possuir valores, formas de conduta social e individual, responsabilidade cidadã, sensibilidade e emoção” (p. 326). A formação do ser humano para a vida deve ser entendida como um processo de instrução, de desenvolvimento e de educação, esse processo segundo Aquino (2017) “se efetivam, fundamentalmente, pelo processo de ensino-aprendizagem que tem lugar na instituição educativa” (p. 326).

Desta maneira, compreendemos então que a finalidade educativa deve ser instruir, desenvolver e educar o ser humano, formando sujeitos humanos, emancipados e democráticos. Todo esse processo acontecerá também na instituição educativa, portanto se efetivam no processo de ensino-aprendizagem, o qual está intimamente ligado ao trabalho do professor. Por isso que a educação infantil é uma etapa importante nesse processo, pois é na infância que acontece grande parte do desenvolvimento das estruturas psicológicas do sujeito, então para potencializar a formação da criança é preciso aproveitar ao máximo cada etapa do seu desenvolvimento e é fundamental ter uma finalidade educativa clara que condiz com esse objetivo (Aquino, 2017).

Além disso, para Libâneo (2021) a instituição educativa,

[...] é um espaço em que as pessoas compartilham ideias, opiniões, formas de resolver problemas, aprendem modos de ver o mundo, os outros, a si próprias. Desse modo, a escola como comunidade de aprendizagem pode criar e manter formas de participação de professores e alunos, atividades, eventos, que propiciem vivência de valores de cidadania e solidariedade, que contribuam para a formação de uma personalidade moral. (p. 34)

É basilar que a instituição educacional seja um espaço saudável e acolhedor para compartilhar ideias, construir conhecimento, desenvolver fisicamente, emocional e o cognitivo para a formação da personalidade do sujeito, onde participem professores e também as crianças, onde ambos contribuam para esse processo tão importante. Como podemos perceber as instituições educativas não podem ter como finalidade apenas a aprendizagem de habilidades e competências, ou o acolhimento e a socialização, não pode ser apenas transmissão de conteúdo ou conhecimento por parte do professor e a criança apenas como uma receptora, assim como também não pode formar para o individualismo (Libâneo, 2019).

#### **4.1.1. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DA CIDADE DE INHUMAS SOBRE AS FINALIDADES EDUCATIVAS ESCOLARES**

São muitas as intenções e os interesses por trás de cada uma das finalidades educativas propostas, elas têm orientações explícitas e implícitas, por isso é tão necessário compreendê-las e discuti-las, pois elas é que dão sentido ao processo educativo. José Carlos Libâneo e Raquel Aparecida Marra da Madeira Freitas (2023) observam que “sendo a educação uma

prática social, suas finalidades estão em relação direta com a sociedade e com as características dessa sociedade, principalmente a dinâmica das relações sociais que nela ocorrem” (p. 73), diríamos também que está vinculada com o tipo de sujeito que se quer formar, por isso que retratam as políticas e ideologias nas suas intenções.

Contudo, sendo o professor alguém que pode modificar essa finalidade já que é ele que está diretamente ligado a atividade e que a colocará em prática, faz necessário analisar os significados subjetivos em relação a atuação do professor e compreender suas próprias concepções de educação, escola, ensino e suas práticas (Libâneo; Freitas, 2023). Além disso, Fernanda Gomes Coelho Junqueira (2023) analisa que:

O tema das finalidades educativas escolares é de suma relevância para compreender o funcionamento do sistema educacional, uma vez que diz respeito às intencionalidades do processo educativo quanto às funções da escola, do currículo, do processo de ensino e aprendizagem e o papel formativo do professor. Desse modo, as finalidades educativas direcionam a organização e as práticas escolares de todos os agentes envolvidos e compreendê-las é fundamental para se vislumbrar possíveis mudanças no cenário da educação escolar brasileira. (p. 96)

Se faz necessário o estudo das propostas das finalidades educativas que estão presentes nos documentos oficiais, mas igualmente importante também o é compreender o pensamento das professoras sobre essas finalidades e a sua concepção a partir delas, para assim entender a prática do professor e o funcionamento do sistema educação a partir dessas práticas. Dessa maneira, perguntamos para as professoras que participaram das entrevistas: quais são as finalidades educativas da educação escolar. Separamos as respostas em dois núcleos de significação que são: a) Visão neoliberal: ensino utilitário por meio do desenvolvimento de competências e habilidades, voltado para a sociabilidade e acolhimento, para o individualismo e para a transmissão de conteúdo e b) Visão progressista, porém parcial.

**Quadro 12:** Indicadores selecionados sobre as finalidades educativas da educação escolar para o núcleo de significação “a”

Núcleo de significação	Indicadores
a) Visão neoliberal: ensino utilitário por meio do desenvolvimento de competências e habilidades, voltado para a sociabilidade e acolhimento, para o individualismo e para a transmissão de conteúdo	Professora 1 “dar um pouco mais de criticidade para a criança” “desenvolver as habilidades dela” “ela se conhecer como uma pessoa que tem capacidade”
	Professora 2 “aqui é o único amparo que elas têm”

	“sentem acolhidos” “uma peça fundamental na formação desses cidadãos”
	Professora 3 “desenvolver a habilidade da criança” “aprendizagem da criança como um todo, o seu lado físico, emocional, socioafetivo, cognitivo”
	Professora 4 “o mais importante é o ensinar” “transmitir o seu conhecimento”
	Professora 5 “a primeira é a convivência, a socialização” “o aprendizado” “o aprender e o ensinar”
	Professora 6 “é desenvolver habilidades” “promover a socialização, a interação” “desenvolvimento da autonomia”
	Professora 8 “formar a pessoa enquanto cidadã” “não tem como desvincular a formação cidadã da socialização” “formação também intelectual”
	Professora 10 “o desenvolvimento do indivíduo, cognitivo” “vai desde os valores morais a formação do indivíduo, da identidade do indivíduo em todos os aspectos”
	Professora 11 “adquirir conhecimento”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Embora em algumas respostas seja difícil acreditar na primeira leitura de se tratar de um indicativo de que elas se aproximam realmente de uma finalidade educativa com viés neoliberal, é importante observar que nem sempre quando é dito que se deseja formar as crianças cidadãos críticos, a verdadeira intenção seja torná-los conscientes do mundo onde vivem, além de também perceberem a exploração e a desumanização de forma que irão lutar contra isso. Conseguimos perceber isso na própria BNCC, que expõe o desejo de reverter a desigualdade social, porém conforme analisamos, reverter significa voltar ao estado anterior, mas qual estado anterior? Sendo que os estados anteriores ao capitalismo, mantinham a exploração e a

desumanização do ser humano, por isso usam a palavra reverter, tem uma intencionalidade nisso, ela não foi colocada ali aleatoriamente.

O compromisso social da educação precisa ser o de oferecer suporte para superar a desigualdade social, no entanto, não é esse o objetivo desse discurso hegemônico, ele pretende que tudo continue do jeito que está, para que consigam manter esse sistema de produção que tem como princípio básico o enriquecimento de poucos e a pobreza para muitos. E a preferência é que esse discurso seja disseminado desde a educação infantil, ou seja, desde a mais tenra idade, para que permaneça como hegemônico e sustente a dominação.

Desse modo, quando a professora 1 apresenta como uma finalidade educativa “dar um pouco de criticidade para a criança”, percebe-se o discurso hegemônico e que não pretende, no verdadeiro sentido da palavra crítico, tornar a criança emancipada, consciente do lugar que ocupa no mundo. Chegamos nessa reflexão quando fizemos a junção com a outra parte do discurso dessa professora, que é “desenvolver as habilidades da criança”, outra parte do discurso hegemônico que está presente na BNCC. É disseminado palavras soltas, que caem no discurso popular e pendem seu sentido e sua real proposta, mas para manter a hegemonia do discurso capitalista, não precisa de muito esforço, basta continuar tendo os mesmos hábitos e apenas isso já mantém uma educação instrumental com base em desenvolver habilidade e competências das crianças e não uma educação emancipadora, humanizadora e transformadora da sociedade que requer uma nova prática e muita reflexão (Libâneo, 2019; Libâneo; Freitas, 2023)

Nesse sentido, quando escolhemos os pré-indicadores, o discurso da professora é analisado como um todo, de uma maneira que os indicadores que permanecerão, apontem o sentido real do que a professora diz e que mostre os conceitos que de alguma forma estarão presentes na sua fala, mesmo que às vezes não estejam presentes de uma maneira clara, mas é necessário que eles expressem a verdadeira opinião da professora que se dispôs a colaborar com a pesquisa (Aguar; Ozella, 2006).

Compreendemos que apresentar um discurso que tenha as palavras: habilidade, competência, socialização, suprir carências, transmitir conteúdos etc, não seria o bastante para apontar o conceito ao qual uma determinada professora acredita ser atribuído a finalidade educativa. Quando consideramos o panorama completo e o discurso hegemônico, notamos que essas palavras estão presentes em uma parte significativa dos discursos sobre educação, por isso é tão importante analisar qual o seu real sentido. Se é dito de maneira consciente, se é uma fala que faz parte dos seus estudos como professora ou se é apenas a reprodução do discurso hegemônico, pois é um discurso poderoso e de fácil veiculação. Qualquer um que compreende

um pouco do sentido da educação pode dizer que o objetivo dela é tornar as crianças mais críticas e conscientes, porém poucos realmente o fazem, não por não terem esse objetivo, mas por faltarem condições concretas inclusive de formação que lhe dê suporte para um trabalho que seja significativo nesse sentido (Libâneo; Freitas, 2023).

Temos materializado no primeiro quadro desta análise as respostas que se aproximam do projeto neoliberal de educação, em cada um desses indicadores podemos perceber um aspecto que está presente nessa finalidade educativa e que condiz com o que está presente na BNCC e no DC-GO. Foram encontradas nove respostas que indicam essa aproximação, isso representa que 82% do total das professoras que participaram da pesquisa, acreditam que a finalidade educativa da educação seja desenvolver habilidades e competências, precisa valorizar a sociabilidade e o acolhimento nas instituições, se propõe a formar seres humanos individualistas e privilegia a transmissão de conhecimento e conteúdo conforme já analisado neste estudo no capítulo 3.

No quadro 13, separamos os indicadores pelo sentido que cada um apresenta dentro da proposta neoliberal de educação. Cada discurso apontou em suas respostas um fragmento ou até mais elementos que estão presentes nessa proposta. Para que fique o mais claro possível, separamos o sentido de cada discurso e depois aglutinamos à finalidade neoliberal, tornando o entendimento sobre como foi elaborado esse trabalho de análise perceptível.

**Quadro 13:** Resposta para cada aspecto da proposta neoliberal

<b>Núcleo de significação: visão neoliberal</b>			
<b>Desenvolvimento de competências e habilidades</b>	<b>Voltado para a sociabilidade e acolhimento</b>	<b>Propõe formar seres humanos individualistas</b>	<b>Privilegia a transmissão de conhecimento e conteúdo</b>
Professora 1 “dar um pouco mais de criticidade para a criança” “desenvolver as habilidades dela” “ela se conhecer como uma pessoa que tem capacidade”	Professora 2 “aqui é o único amparo que elas têm” “sentem acolhidos” “uma peça fundamental na formação desses cidadãos”	Professora 10 “o desenvolvimento do indivíduo, cognitivo” “vai desde os valores morais a formação do indivíduo, da identidade do indivíduo em todos os aspectos”	Professora 4 “o mais importante é o ensinar” “transmitir o seu conhecimento”
Professora 3 “desenvolver a habilidade da criança”	Professora 5		Professora 11 “adquirir conhecimento”

<p>“aprendizagem da criança como um todo, o seu lado físico, emocional, socioafetivo, cognitivo”</p>	<p>“a primeira é a convivência, a socialização” “o aprendizado” “o aprender e o ensinar”</p>		
<p>Professora 6 “é desenvolver habilidades” “promover a socialização, a interação” “desenvolvimento da autonomia”</p>	<p>Professora 8 “formar a pessoa enquanto cidadã” “não tem como desvincular a formação cidadã da socialização” “formação também intelectual”</p>		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Nessa proposta de finalidade educativa está presente as orientações dos organismos internacionais como o Banco Mundial para a educação dos países que assinaram a Declaração de Jomtien, que se comprometeram com uma educação para todos e a melhorar a qualidade da educação. Porém, é uma proposta educativa voltada para um ensino instrumental, pragmático e utilitário que prioriza a aprendizagem de coisas básicas como, a alfabetização, aprender a ler, escrever e contar, mas não visa isso de forma a potencializar ou respeitar a fase do desenvolvimento em que a criança esteja (Libâneo, 2019).

Embora tenhamos separado as respostas em dois núcleos de significação, o neoliberal e o progressista, poderíamos aprofundar em outros temas como, privilegiar o desenvolvimento cognitivo, em detrimento dos outros aspectos do desenvolvimento na resposta da Professora 8 e 10. Novamente aparece a educação assistencialista compensatória com o discurso de que a instituição é o único amparo que a criança tem, essa resposta aparece na Professora 2. Que o mais importante é o ensinar, conforme a Professora 4 diz, é como se a criança chegasse na escola sem bagagem cultural, ela é vazia de conhecimento, isso é a manifestação do conceito de criança incompleta sendo reproduzido na finalidade educação. Percebemos que um conceito está ligado ao outro e que o trabalho dessas professoras é desenvolvido a partir desses conceitos que já foram discutidos neste trabalho, de criança, infância e finalidade educativa.

Para o núcleo de significação “b”, obtivemos duas respostas que correspondem a 18% do total de respostas (Quadro 14).

**Quadro 14:** Indicadores selecionados sobre as finalidades educativas da educação escolar para o núcleo de significação “b”

Núcleo de significação	Indicadores
b) Visão progressista, porém parcial	Professora 7 “contribuir com a nossa formação humana”
	Professora 9 “contribuir para a transformação da sociedade” “transformar o ser humano em um ser humano melhor”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Apesar das respostas dessas duas professoras se aproximarem mais da visão progressista discutida neste trabalho, do que da visão neoliberal, sentimos que faltou mais aspectos nas suas falas que demonstrassem que o conceito de finalidade educativa delas sejam realmente a progressista e não a neoliberal. Percebemos que as respostas ficaram muito abertas e talvez até vaga, por isso a indicação de que são respostas parciais, seria necessário perguntar algo mais a essas professoras para ter certeza de que elas acreditam na concepção progressista de educação, como o que elas entendem por formação humana, o que significa quando ela diz transformar a sociedade e transformar o ser humano em algo melhor.

Percebemos também a discrepância dos dados, 82% das professoras têm uma visão neoliberal de educação, isso mostra o quanto o discurso hegemônico é poderoso e mais fácil de ser passado adiante, enquanto apenas 18% das professoras se aproximam de uma concepção de finalidade educativa mais progressista. Isso demonstra que a concepção neoliberal é amplamente difundida entre as próprias professoras e está presente de uma maneira significativa na educação da rede municipal da cidade.

Comparando a análise que foi feita da BNCC com as respostas das professoras, podemos observar que no documento oficial, ela apresenta na escrita uma proposta de educação emancipadora, humanizadora e democrática. Porém, quando analisamos mais profundamente, percebemos que a proposta educativa presente na BNCC em nada se aproxima de uma educação emancipadora, os conceitos analisados que estão presentes na proposta progressista e que foram incluídos na BNCC foram esvaziados perdendo o seu verdadeiro sentido.

É importante fazer uma comparação com os dados analisados no capítulo anterior (capítulo 3), em que 18% das professoras que participaram da pesquisa informaram que utilizam a BNCC como suporte para planejar suas aulas. Percebemos o quanto o discurso neoliberal presente na BNCC é hegemônico e poderoso quando nos deparamos com um percentual de

82% das professoras ao falarem sobre as finalidades educativas reproduzem o discurso neoliberal presente nela. Isso nos mostra que o discurso é amplamente utilizado como base para planejamento das aulas dessas professoras, mas que não se tem um estudo aprofundado sobre esse documento e que sua utilização como base não é consciente, de uma maneira que afirmariam que esse é o documento que usam como suporte no seu trabalho pedagógico.

#### **4.2. UMA VISÃO A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO DA CRIANÇA E O PAPEL DA PROFESSORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Após discutir e compreender as finalidades educativas da educação básica, bem como as disputas em torno delas, torna-se essencial entender como ocorre o desenvolvimento humano da criança e por que é importante que o professor compreenda as leis gerais do desenvolvimento, assim como os fatores que o influenciam e até mesmo o potencializam. É importante evidenciar que finalidade educativa da educação está intimamente ligada ao processo de desenvolvimento humano, as finalidades educativas podem ou não desencadear o desenvolvimento humano, daí a importância da compreensão desses dois conceitos fundamentais para a educação. Mukhina (2022) sobre essa premissa analisa que,

para que o educador seja bem-sucedido, ele deve conhecer bem as leis gerais do desenvolvimento psíquico das crianças, as causas e as condições do desenvolvimento e suas etapas nas diferentes idades. Esse conhecimento indicará ao educador as manifestações da criança que requerem maior atenção, além de dar-lhe um guia para conhecer cada criança, permitindo que faça suposições sobre as causas dos desvios no desenvolvimento de algumas crianças e que busque métodos educativos para eliminar esses desvios. (p. 31)

A professora na educação infantil lidará diretamente com o desenvolvimento da criança e para escolher os melhores caminhos e que de preferência possibilitem a potencialização deste. É fundamental que ela compreenda, o que é o desenvolvimento da criança, em quais condições ele acontece, qual o melhor momento para que o estímulo aconteça de forma que potencializará o desenvolvimento da criança. Isso dará suporte necessário para decidir em quais momentos intervir, quais as melhores atividades, lhe dará condições de saber quando algo não está indo bem no desenvolvimento de alguma criança e lhe ajudará a buscar melhores recursos para interferir de uma maneira mais pontual.

Compreendemos também ser fundamental que a professora tenha uma teoria para dar suporte ao seu trabalho pedagógico, ela se constitui como a base para que as decisões que são exigidas desse trabalho aconteçam com embasamento científico e não de forma aleatória (Minayo, 2021). Consideramos que a teoria histórico-cultural seja um bom suporte teórico para o desenvolvimento de um trabalho significativo na educação infantil, seu ponto central é a pedologia, que representa a ciência da criança. Esse termo pode abranger diversos campos científicos relacionados à criança, pois não especifica de maneira precisa o que sobre a criança se estuda nessa ciência. Sobre isso, Vigotski (2018a) explica que na ciência da criança podem-se estudar,

[...] doenças infantis, patologias das idades infantis, o que em certo sentido, também será ciência da criança. Na pedagogia, pode-se estudar a educação da criança, o que até certo grau, é ciência da criança. Pode se estudar a psicologia da criança e isso também será, em certo grau, ciência da criança. (p. 18)

Como podemos perceber o termo “ciência da criança” é muito abrangente, pode ser usado para diversos estudos sobre ela e que inclusive poderá escolher ou até percorrer diferentes caminhos. Sendo assim, se faz necessário especificar o que é de interesse da teoria histórico-cultural no estudo da ciência da criança, e qual é o objeto de estudo da pedologia. Vigotski (2018a) esclarece que, “seria mais preciso dizer que a pedologia é a ciência do desenvolvimento da criança, o desenvolvimento da criança é o objeto imediato da nossa ciência” (p. 18). Precisamos deixar claro que o desenvolvimento da criança que interessa a pedologia não é apenas um crescimento das estruturas físicas do corpo humano de uma forma que é possível quantificá-las, ou mudanças que podem ser mensuradas e de certa forma também quantificadas. Pode-se dizer que o desenvolvimento que interessa a pedologia não corresponde apenas ao crescimento orgânico do sujeito ou até mesmo a passagem de uma fase a outra (Vigotski, 2018a).

O desenvolvimento da criança que é de interesse da pedologia é aquele em que acontece as transformações qualitativas nas estruturas psicológicas da criança e que serão determinantes para o seu desenvolvimento humano. Vigotski (2018a) ressalta que esse é um processo muito complexo, que acontece por meio de regularidades também muito complexas e que o objeto dessa ciência consiste no estudo dessas regularidades fundamentais que darão suporte para o que de fato é o desenvolvimento, em síntese ele é o surgimento do novo. Colocando assim pode parecer simples, mas é um processo bem complexo, Vigotski (2018a) explica que:

O que é essencial, o que é mais importante e nos permite destacar o desenvolvimento como um processo específico entre todos os outros? Penso que vocês concordarão comigo se eu disser que o aspecto mais importante que faz com que o desenvolvimento seja desenvolvimento, que lhe atribui uma qualidade sem a qual não pode ser chamado de desenvolvimento, é o surgimento do novo. Se, diante de nós, temos um processo no decorrer do qual não surge nenhuma nova qualidade, nenhuma nova particularidade, nenhuma nova formação, então, é claro, não podemos falar em desenvolvimento no sentido próprio dessa palavra. (p. 32-33)

Se o essencial no desenvolvimento é o surgimento do novo então o desenvolvimento qualitativo da criança para Vigotski (2018a) acontece “[...] quando a criança passa do engatinhar para o andar, do balbucio à fala, das formas de pensamento concreto para o abstrato, para o pensamento verbal” (p. 28), em todos esses exemplos ocorreram mudanças e transformações qualitativas no desenvolvimento da criança. Assim, Vigotski (2018a) analisa que “[...] não ocorre apenas um crescimento ou aumento de uma função anterior da criança, mas uma transformação qualitativa de uma forma que se manifestava de outro modo” (p. 28).

A reflexão que fazemos diante desse conceito de desenvolvimento, é que o desenvolvimento da criança não está dado desde o início da sua vida, ela não nasce já com todas as suas estruturas psicológicas prontas, precisando apenas crescer. Por isso é tão importante compreender esse processo de desenvolvimento para não cometer equívocos na educação da criança que possam prejudicar o desenvolvimento dela (Vigotski, 2018a). Acreditar que tudo já está dado previamente desde o começo ou desde o nascimento, é afirmar que não surge nada novo, que a vida daquela criança é determinada assim que ela nasce. Essa perspectiva de desenvolvimento está alinhada com a ideia da criança como um adulto em miniatura, sugerindo que na infância não ocorrem eventos significativos na vida da criança e que é apenas necessário esperar que ela cresça em tamanho.

Vigotski (2018a) explica que nessa visão de criança o desenvolvimento é negado, além de enxergar a criança como “[...] um ser que, em seu estado embrionário e em pequenas proporções, já contém o que estará desenvolvido em proporções maiores no adulto” (p. 33), assim só lhe falta o crescimento. Neste contexto, quando se adota essa concepção de que a criança é um adulto pequeno, o conceito de desenvolvimento é de que ele já está dado previamente desde o começo da vida, sem possibilidades de lhe acrescentar algo novo.

Outra problemática relacionada à compreensão equivocada do desenvolvimento é que ocorre quando ele é analisado exclusivamente através de fatores externos. Nessa visão, considera-se apenas fatores externos e a criança é vista meramente como um produto dele, não se reconhece que ela é um agente ativo em seu próprio desenvolvimento (Vigotski, 2018a). Essa concepção corrobora com o conceito de criança como uma tábula rasa, um papel em branco ou

uma tabuleta branca, acreditam que a criança é um produto passivo e o que irá se tornar como ser humano é o resultado apenas das influências do meio onde vive. Nessa concepção de desenvolvimento, de acordo com Vigotski (2018a), há o entendimento de que,

[...] a criança seria um produto puramente passivo que, desde o início, não acrescentaria nada de si, nem teria quaisquer momentos que determinassem o curso de seu desenvolvimento. Isto é, ela seria um simples aparato de absorção, apenas um recipiente que, durante o seu desenvolvimento, seria preenchido com o que comporá o conteúdo da sua experiência. A criança seria simplesmente uma marca do meio. Por via externa, assimila e adquire o que vê nas pessoas ao seu redor. (p. 34)

Nessas duas concepções de desenvolvimento discutidas, ambas não são desenvolvimento, pelo menos não com o que a teoria histórico-cultural acredita ser, o que é chamado nessas concepções de desenvolvimento não se diferencia do não desenvolvimento e de nenhum outro estado anterior. Esse conceito como o compreendemos, com embasamento na teoria histórico-cultural é negado para a criança, nessas concepções discutidas anteriormente não há nada que especifique o surgimento do novo, tudo já está dado e determinado pela hereditariedade ou pelo meio. Entendemos que essas representam formas incompletas de considerar o desenvolvimento da criança, se constituindo apenas com uma visão parcial dele, nelas não se consegue enxergar a totalidade desse processo, ou podemos dizer também as particularidades que irão compor o todo (Vigotski, 2018a).

Mukhina (2022) analisa um aspecto importante nessa discussão sobre o desenvolvimento da criança e que acreditamos ser importante voltar a essa discussão para que possamos ter mais argumento:

Nos primeiros anos de poder soviético todo empenho dirigia-se a alimentar bem a criança. Logo se notou que isso era insuficiente; as crianças adoeciam com facilidade e ficavam atrasadas em seu desenvolvimento. Não adquiriam no devido tempo a capacidade de andar e não passavam pela fase do balbucio. Esse fenômeno foi chamado de hospitalismo, e resultava de uma educação insuficiente. O contato constante com o adulto e a manipulação de objetos serviu para superar o hospitalismo. (p. 42-43)

Podemos observar por essa análise de Mukhina (2022) que o desenvolvimento da criança não é algo dado a priori, para que ele aconteça é fundamental que a criança receba estímulos adequados. Sendo assim, uma educação que se preocupa apenas com a carência nutricional da criança, por exemplo, está enxergando o processo educativo somente por um aspecto, que já sabemos não ser o suficiente para garantir que o desenvolvimento da criança

aconteça e que essa é uma característica da educação assistencialista difundida no Brasil na década de 1970, mas que essa ideia ainda pode ser encontrada ainda hoje.

Discutimos no começo desse capítulo que a Rússia no início do século XX até meados de 1920, passou por momentos bem difíceis por conta de uma guerra civil que afligia o país, e também pela Primeira Guerra Mundial que começou em 1914 e só terminou em 1918 deixando muitas crianças órfãs e devastaram famílias em todo o país. Nessa época a preocupação com a criança era lhe dar assistência para que ela tivesse um lugar onde ficar, o objetivo era suprir as carências nutricionais e até afetivas das crianças, uma educação com viés assistencialista, mas perceberam que esse tipo de educação não era o bastante, as crianças estavam ficando atrasadas no seu desenvolvimento, já que não havia estímulo para que ele acontecesse de fato (Mukhina, 2022)

Desta maneira, Pasqualini (2020) explica que fica evidente que o desenvolvimento,

[...] não está garantido pelo aparato biológico e pode não acontecer em plenitude se não forem proporcionadas as condições educativas adequadas para esse desenvolvimento. Se não forem garantidos processos educativos que tenham por finalidade promover a apropriação de formas superiores de conduta, a criança não incorporará tais funções em seu psiquismo. (p. 172)

Podemos perceber nessa análise a aproximação entre o desenvolvimento e a finalidade educativa, que precisa ter como um dos seus objetivos promover a apropriação de formas superiores de conduta. Mukhina (2022) colabora com essa reflexão, explicando que o desenvolvimento depende da ativação do cérebro e essa ativação acontece por estímulos externos e da educação recebida, ela acrescenta que “a ciência demonstrou que os setores do cérebro que não são exercitados interrompem seu desenvolvimento normal e chega a se atrofiar, isso ocorre sobretudo nas etapas precoces do desenvolvimento” (p. 42).

Sendo assim, as condições as quais a criança é exposta influenciarão a constituição do seu cérebro, conseqüentemente prejudicando também a formação de funções psíquicas superiores, que quando não estimuladas corretamente é possível que percam capacidades importantes para a vida humana. Como é o caso das meninas que foram encontradas na Índia e que conviveram com os lobos<sup>10</sup>, elas desenvolveram as formas de vida desses animais, o que

---

<sup>10</sup> Caso das meninas Lobo: Certa manhã Sing, com um grupo de caçadores, postou-se junto a um covil de lobos e viu a loba saindo com seus filhotes, entre os quais havia duas meninas. Uma parecia ter 8 anos e a outra 1 ano e meio. Sing levou as meninas para casa e tentou educá-las. As meninas corriam de quatro, tentavam se esconder quando viam os homens, mordiam e à noite uivavam como lobos. A menor, Amala, morreu um ano depois e a maior, Kamala viveu até os 17 anos. Em nove anos conseguiu-se que, em termos gerais, abandonasse suas maneiras de lobo; mas quando estava com pressa, corria com as quatro patas. Praticamente não conseguiu dominar a

dificultou que desenvolvessem as funções psíquicas que são características dos humanos. Para Mukhina (2022) essa é a “confirmação de que a psique humana não surge se não existe condições humanas de vida” (p. 39) e quando essas meninas passaram a conviver com os humanos, não conseguiram adquirir capacidades humanas suficientemente desenvolvidas para desempenharem todas as atividades psíquicas da forma humana, pois não as haviam desenvolvido.

O que não foi desenvolvido nas meninas lobo, se chama funções psíquicas superiores ou funções psicológicas superiores dependendo da tradução, Vigotski (2010) observa que,

[...] as funções psicológicas superiores da criança, as propriedades superiores específicas ao homem, surgem a princípio como formas de comportamento coletivo da criança, como formas de cooperação com outras pessoas, e apenas posteriormente elas se tornam funções interiores individuais da própria criança. (p. 699)

Só conseguimos atingir nossa capacidade humana superior na coletividade, na convivência com outros seres humanos e as funções psicológicas superiores começam a se formar na infância, por isso é tão importante estímulos que sejam significativos nessa fase da vida e que busquem potencializar o desenvolvimento da criança. Assim compreendemos que foi por isso que as meninas lobo não conseguiram se desenvolver na sua plenitude, pois viveram essa fase com os lobos, desenvolvendo apenas as funções psíquicas rudimentares ou chamadas também de inferiores (Vigotski, 2018a).

Karl Marx e Friedrich Engels (1999) contribuem para esse diálogo apontando que “apenas na coletividade [de uns e outros] é que cada indivíduo encontra os meios de desenvolver suas capacidades em todos os sentidos; somente na coletividade” (p. 116- 117). Por isso que a convivência, a coletividade é tão importante na formação, nós só adquirimos nossas funções psíquicas superiores quando vivemos e pensamos coletivamente. Essas funções superiores que constituem o nosso sistema psicológico são a nossa memória, a consciência, a percepção, a atenção, a fala, o pensamento, a vontade, a formação de conceitos e a emoção (Souza; Andrada, 2013; Mukhina, 2022).

Por isso que a forma de vida capitalista afeta diretamente a formação do ser humano, nos constituímos como seres humanos na coletividade, no social, na convivência com o outro, mas vivemos em um sistema que enfatiza o individualismo, a competição. Isso afeta diretamente a formação, uma vez que deixamos de pensar coletivamente e passamos a adotar

---

linguagem humana; apenas com muita dificuldade aprendeu a pronunciar corretamente quarentena palavras (Mukhina, 2022, p. 38-39).

uma perspectiva fragmentada, na qual consideramos predominantemente as aspirações individuais (Marx; Engels, 1999; Marx, 2017).

Para que ocorra a formação da função psíquica superior (FPS) é necessário a função psíquica inferior, esta é herdada pelo fator biológico e hereditário. Ela se constitui como a base das funções psíquicas, é a partir dela que irão surgir todas as outras e é nela que acontece a elaboração dos signos. Vigotski (2021) define que “o signo, ou recurso auxiliar do meio cultural, forma, assim, um centro estrutural e funcional que determina a composição e o significado relativo de cada processo particular” (p. 84), assim os signos são os recursos ou os instrumentos psíquicos que auxiliam na compreensão do mundo.

Com a introdução dos signos na nossa função psíquica e com os estímulos, acontece uma reestruturação no fluxo dessas operações psicológicas e a transição para as funções psíquicas superiores, fazendo com que os centros inferiores se tornem subordinados. Assim os as funções psíquicas superiores passam a direcionar o trabalho psíquico e também a enriquecê-lo causando segundo Vigotski (2018a) “um desenvolvimento funcional potente do sistema nervoso central, ou seja, o surgimento de possibilidades completamente novas de funcionamento” (p. 134). Por isso os estímulos são tão importantes no desenvolvimento da criança, ele precisa ser planejado de forma que irá potencializar as capacidades tipicamente humanas, Mukhina (2022) considera que,

[...] o ensino pode influir na orientação do desenvolvimento os processos psíquicos. Isso não significa que se possa ensinar qualquer coisa à criança sem levar em consideração sua idade. O ensino tem de garantir o caminho mais válido do desenvolvimento psíquico, dar em cada idade aquilo que ajuda ao máximo esse desenvolvimento. (p. 53-54)

Entendemos que o desenvolvimento da criança não está dado desde o começo de sua vida, é necessário muito trabalho e que esse tenha bases sólidas para que o desenvolvimento aconteça de forma significativa e que seja potencializado. É preciso conhecer as fases de desenvolvimento e quais atividades irão contribuir para que ele aconteça efetivamente, por isso que um planejamento espontâneo com atividades aleatórias não será de grande valia nesse processo. É essencial um trabalho com fundamentação teórica e que seja diretivo, que tenha consciência dos conceitos que são relevantes para essa fase do desenvolvimento, que conheça as interferências e contribuições que precisarão ser feitas (Vigotski, 2018a; Mukhina, 2022).

Mukhina (2022) contribui apontando que, “a principal missão do ensino em cada etapa não é acelerar o desenvolvimento psíquico, mas enriquecer esse desenvolvimento, utilizar ao máximo as vantagens que essa etapa oferece” (p. 64). Com isso compreendemos que a

escolarização da educação infantil e que a antecipação dos conteúdos do ensino fundamental em nada contribuem para a potencialização do desenvolvimento da criança. O fundamental é enriquecer o desenvolvimento da criança em cada fase, proporcionando-lhe o máximo de experiências possíveis e ampliando as funções psíquicas para que ela adquira o máximo de elementos em cada etapa. É preciso garantir nas práticas pedagógicas experiências que incentivem a criança a explorar, que instiguem a sua curiosidade e o seu encantamento (Coelho; Sousa, 2017; Mukhina, 2022)

As crianças muitas vezes agem no mundo como grandes pesquisadoras, questionando e interagindo com o mundo a sua volta, nesse sentido Mukhina (2022) reforça que a criança “carece de um comportamento humano, carece das qualidades psíquicas que caracterizam o homem, mas tudo isso é compensado por sua capacidade de assimilar o que as condições de vida e a educação lhe oferecem, mesmo que seja a ‘capacidade’ de uivar à noite” (p. 39). Nessa perspectiva fica evidente o quanto as condições de vida e a educação irão interferir significativamente ou não no desenvolvimento da criança. Assim, é preciso que a instituição garanta condições adequadas para o desenvolvimento da criança, que a professora possibilite práticas pedagógicas que proporcione experiências significativas para ela e que a família acompanhe todo esse processo e que também seja um elemento potencializador desse desenvolvimento (Mukhina, 2022).

Um outro elemento importante nesse processo é o que Vigotski (2009) chama de desenvolvimento real e Mukhina (2022) chama de zona de desenvolvimento por seus próprios meios, que é o que a criança já consegue fazer sozinha e já domina com autonomia, é o seu desenvolvimento efetivo. Vigotski (2009) chama de zona de desenvolvimento potencial (ZDP) e Mukhina (2022) chama de zona de desenvolvimento imediato (ZDI) ou zona de desenvolvimento com a ajuda do adulto. Essas compreendem as funções psíquicas que estão no início do seu processo de desenvolvimento, são aquelas que a criança precisa da ajuda de um adulto ou de uma criança mais experiente para conseguir fazê-la.

Assim Mukhina (2022) analisa que “a magnitude da zona de desenvolvimento imediato da criança é um indicador importante da capacidade de aprendizagem da criança, de suas reservas de desenvolvimento em cada momento determinado” (p. 51) e acrescenta que quando o trabalho é desenvolvido pensando na ZDI ele “cria, ao mesmo tempo, uma coisa nova que se transforma em premissa para ensinamentos futuros” (p. 51).

Desta maneira, para potencializar o desenvolvimento da criança é preciso fundamentar o trabalho em alguns aspectos como aponta Mukhina (2022) que,

a criança se desenvolve assimilando a experiência social, aprendendo o comportamento do homem. Essa experiência, assim como o aprendizado do comportamento, é transmitida a ela pelo ensino. Portanto, o ensino não tem de se adaptar ao desenvolvimento, não deve ir a reboque do desenvolvimento. O ensino leva em conta o nível de desenvolvimento alcançado, não para se deter nele, mas para compreender até onde impulsionar esse desenvolvimento e dar o passo seguinte. *O ensino vai adiante do desenvolvimento psíquico, guiando-o.* (p. 50, grifo da autora)

É importante ressaltar que desenvolver o trabalho pedagógico tendo como premissa a ZDP pensando em potencializar o desenvolvimento da criança em nada se aproxima do processo de adiantar conteúdos que equivalem a próxima fase da educação básica. Não é adiantando conteúdos que se potencializa o desenvolvimento dela, qualquer ensino que tenha isso como premissa está se equivocando e desrespeitando a infância dessa criança. Desenvolver um trabalho pedagógico pautado na ZDP é aproveitar a oportunidade de desenvolver ao máximo as capacidades humanas e assim potencializá-las (Mukhina, 2022).

O papel da professora na educação infantil consiste em interferir de forma ativa e incisiva nesse processo de desenvolvimento da criança apoiando os aspectos positivos e transformando os negativos de forma que possibilite não apenas um desenvolvimento psíquico suficiente, mas também que o potencialize. Nessa perspectiva o trabalho do professor não se restringe a uma mera participação em sala de aula, estimulando e acompanhando o processo pedagógico e o desenvolvimento da criança. Na teoria histórico-cultural a criança é ativa no seu processo de desenvolvimento e o professor também precisa exercer esse papel organizando, regulando o meio e buscando intervir de uma maneira precisa e eficaz (Vigotski, 2010; Pasqualini, 2010; Mukhina, 2022).

Pasqualini e Lazaretti (2022) defendem que a criança e a professora precisam construir juntos uma instituição de educação infantil,

[...] colorida, alegre, acolhedora; um espaço de vida e formação que proporciona o acesso à cultura humana em suas formas mais elaboradas e o contato com a natureza (progressivamente) mediado pelo conhecimento científico; uma comunidade na qual se tecem vínculos e relações humanas promotoras do desenvolvimento ético-afetivo-cognitivo e do bem-estar de todos os envolvidos. (p. 17)

Dessa forma, é fundamental estar atento para garantir que todos esses elementos discutidos nesse tópico sejam trabalhados em conjunto para contribuir no desenvolvimento do sujeito mais importante desse processo, que é a criança. É essencial que a professora se atente para criar um meio que seja estimulante e instigante para ela e que proporcione possibilidades de aprender os conhecimentos científicos acumulados ao longo da história e que construa caminhos junto com a criança para conhecer a realidade que a cerca (Mukhina, 2022).

Dialogamos sobre o desenvolvimento da criança, como ele acontece, de que forma pode ser potencializado, quais estruturas psíquicas precisam ser formadas para que o desenvolvimento humano aconteça e para que ele apreenda atividades e funções psíquicas tipicamente humanas. Percebemos que o estímulo é um fator fundamental para que esse desenvolvimento aconteça, sobretudo um trabalho pedagógico que aconteça levando em consideração a ZDP de forma que enriqueça esse desenvolvimento. No próximo tópico passaremos a análise das respostas das professoras da rede municipal da cidade de Inhumas quanto ao desenvolvimento das crianças.

#### **4.2.1. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE INHUMAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO DA CRIANÇA**

É essencial nessa discussão sobre o desenvolvimento, pensar no seu início, quando tudo começa, para Mukhina (2022) a criança “nasce com um ‘ser natural’, se converte em membro da sociedade, capaz de ver o mundo através do prisma da experiência humana” (p. 10), a criança irá se converter em um membro da sociedade porque somos seres sociais, não nascemos humanos, mas nos tornamos humanos pela convivência com as gerações que nos antecederam e com outras crianças.

O sujeito aprende a ler o mundo pelo prisma da experiência humana, isso não lhe é dado ao nascer. Para que a criança adquira capacidades humanas ela precisa conviver com os seus semelhantes e se desenvolver humanamente. Esse desenvolvimento para a teoria histórico-cultural precisa ser físico, emocional e intelectual, não se pode privilegiar um em detrimento de outro, todos esses aspectos estão nesse processo juntos sem possibilidade de separação ou fragmentação e o fator social interfere diretamente nesse desenvolvimento (Pasqualini; Lazaretti 2022).

A professora da educação infantil desempenha um papel crucial no processo de desenvolvimento da criança. Ela precisa ter um olhar atento e observador, além de estar disposta a compreender a criança, estimulando e impulsionando o desenvolvimento de suas melhores qualidades. A teoria histórico-cultural poderá ser de grande valia para que a professora não trabalhe às cegas para encontrar maneiras efetivas de impulsionar significativamente esse desenvolvimento da criança, conhecer suas particularidades, as causas e as condições que levam ao desenvolvimento qualitativo e suas etapas nas diferentes idades, além de precisar ter claro o

objetivo que se quer alcançar, qual a finalidade de todo esse trabalho. A família desempenha um papel importante nesse processo, ambos precisam trabalhar em conjunto, é essencial que se estabeleça uma colaboração mútua entre eles, cada um contribuindo para que o desenvolvimento da criança aconteça (Mukhina, 2022).

Dessa maneira, o desenvolvimento humano para Libâneo (2015) é a apropriação das capacidades e experiências humanas adquiridas ao longo da história tanto na cultura, quanto na ciência e está diretamente ligado às finalidades educativas progressistas discutidas no tópico anterior, de forma que uma dá sustentação para a outra. É preciso destacar que o desenvolvimento é quando surge algo novo na estrutura psíquica da criança, é quando tem um salto qualitativo que provoca uma mudança e uma transformação em suas estruturas, onde a criança é um sujeito ativo no seu processo de desenvolvimento, o impulsionando.

Aquino (2017) observa que “o processo formativo deve propor a formação integral da personalidade” (p. 326), isso significa que o processo formativo deverá estimular o desenvolvimento, ou seja, deverá estimular a formação das funções psíquicas superiores, que compreende a formação da memória, da consciência, da percepção, da atenção, da fala do pensamento, da vontade da emoção e da formação de conceitos de forma que potencialize a FPS. Isso irá proporcionar a capacidade de realização do sujeito no mundo (instrução/desenvolvimento cultural), abrangendo também o desenvolvimento físico, emocional e intelectual, assim como a formação dos valores e das formas de conduta social (Libâneo, 2015; Aquino, 2017; Mukhina, 2022).

Para apreender a compreensão que as professoras da rede municipal de educação da cidade de Inhumas têm sobre o desenvolvimento humano da criança, foram feitas três perguntas sobre esse tema na entrevista. Na primeira pergunta, pedimos que elas compartilhassem o que elas compreendiam como sendo desenvolvimento humano, na segunda pergunta foi pedido que elas dissessem qual era o fator importante para que o desenvolvimento humano da criança acontecesse no trabalho pedagógico desempenhado por elas e a terceira pergunta foi como elas percebiam o desenvolvimento humano das crianças em sua sala de aula.

Para a primeira pergunta: o que elas entendiam como sendo desenvolvimento humano, pudemos elencar quatro tipos de respostas, ou seja, quatro núcleos de significação, a) o desenvolvimento humano como sendo algo apenas social, voltado para a sociabilidade, b) o desenvolvimento humano em uma perspectiva individualista, c) o desenvolvimento como algo dado pela hereditariedade e d) possibilidades de uma aproximação com uma perspectiva histórico-cultural.

No núcleo de significação “a”, agrupamos as respostas que foram na direção da sociabilidade e convivência (quadro 15). Essas professoras conceituaram o desenvolvimento humano voltado para a boa convivência entre os seres humanos, para sociabilidade entre os sujeitos que integram uma sociedade. Incorporam nesse conceito também o respeito ao próximo e a empatia, que é se colocar no lugar do outro, as respostas nesse núcleo de significação vão no sentido de que o desenvolvimento humano é se comportar bem socialmente, ser sociável, de convívio agradável. A problemática que encontramos nesse conceito de desenvolvimento humano consiste em atribuir apenas a boa convivência entre os seus semelhantes, além de não prejudicar a boa convivência na sociedade, não questionando e aceitando o mundo como ele é. Esse conceito não leva em consideração outros fatores também importantes para o desenvolvimento humano, como se apropriar dos conhecimentos adquiridos ao longo da história, ser consciente do mundo onde vive e buscar melhorá-lo o que é bem o contrário de aceitar a forma como ele é sem questionar. Não estamos dizendo que a sociabilidade não seja algo importante no desenvolvimento da criança, mas é preciso refletir em que consiste o interesse de que o sujeito seja sociável a tudo e a todos (Libâneo, 2019).

Vejamos o quadro 15 com os indicadores que nos ajudaram a aglutinar as respostas nesse núcleo de significação.

**Quadro 15:** Indicadores selecionados sobre o desenvolvimento humano para o núcleo de significação “a”

Núcleo de significação	Indicadores
a) o desenvolvimento humano como sendo algo apenas social, voltado para a sociabilidade.	Professora 2 “são os processos que a gente passa né” “acho que a questão emocional ela é a que mais precisa ser levada em conta”
	Professora 3 “vai mais para o lado da humanidade” “pra gente viver em coletivo” “a gente precisa de muitas características pra conseguir viver em sociedade”
	Professora 5 “desenvolvimento humano que independe da idade” “você precisa aprender que não é você que só fala que você tem que escutar também” “desenvolvimento humano é tudo que você ainda não tem de bom e precisa vir a ter”

	Professora 8 “é o mesmo que o desenvolvimento social” “aprender o respeito as diversidades” “eu entendo esse desenvolvimento como um desenvolvimento respeitando as diversidades e a individualidade de cada um”
	Professora 9 “é quando se tem empatia” “quando se consegue colocar no lugar do outro” “eu penso muito na empatia, que é uma capacidade belíssima”
	Professora 10 “é o contato com o outro” “são os valores” “é o respeito”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Observem que respostas como “é quando se tem empatia”, “é o respeito”, “o emocional é o importante” se aproximam da finalidade educativa neoliberal que tem como uma de suas premissas criar indivíduos sociáveis, que não questionam a forma como o mundo está posto. Por isso o respeito é tão importante dentro desse conceito de desenvolvimento humano, nele está presente a ideia de que temos apenas como alternativa esse modo de vida capitalista e essa ideia precisa ser disseminada para grande população, principalmente a de que não existe outro modo de vida melhor e que esta é a única que temos, então é preciso que os indivíduos se adequem ao sistema, sendo sociáveis e não o contrário.

O verdadeiro interesse dentro desse conceito é conter os conflitos para que o discurso hegemônico continue perpetuando e fazendo sentido para a classe trabalhadora, que é quem frequenta as instituições públicas. Esse discurso precisa se iniciar ainda na educação infantil, estabelecendo-se nos primeiros anos da criança, para concretizar o projeto de dominação e assim formar o sujeito neoliberal. (Dardot; Laval, 2016).

Refletindo sobre a fala das professoras, acreditamos que atribuir ao conceito de desenvolvimento humano que o sujeito se torne sociável, que tenha empatia, respeito, que tenha valores e que saiba conviver em sociedade, quando retirado de um contexto amplo e apresentado de forma parcial, reduz-se significativamente o conceito de desenvolvimento humano. Que para a teoria histórico-cultural abrange formar as estruturas psíquicas superiores para desenvolver o pensamento, consciência, memória etc e desenvolvimento físico, emocional, intelectual, além de desenvolver capacidade de realização do sujeito no mundo (Aquino, 2017).

No núcleo de significação “b”, agrupamos as respostas que se aproximavam de uma percepção de desenvolvimento humano individualista, partindo da ideia de que o processo de desenvolvimento é individual, que o despertar do desenvolvimento humano ocorre pelo próprio indivíduo e que depende exclusivamente dele e que independe de outros meios e segue padrões específicos (Quadro 16).

Vejamos o quadro 16 com as respostas das professoras:

**Quadro 16:** Indicadores selecionados sobre o desenvolvimento humano para o núcleo de significação “b”

Núcleo de significação	Indicadores
b) o desenvolvimento humano em uma perspectiva individualista.	Professora 7 “um processo muito individual” “padrões específicos” “é algo assim muito individual”
	Professora 11 “é o desenvolvimento de cada ser” “é individual de cada um” “cada um tem o seu desenvolvimento a sua época, o seu estalo”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Quando pensamos no desenvolvimento humano como algo individual, de cada um, de cada sujeito, estamos atribuindo um elemento importante do modo de produção capitalista ao desenvolvimento humano. Dessa maneira, é o capitalismo interferindo diretamente na constituição da pessoa e da sua formação, para que ele continue se perpetuando como modo de vida, é fundamental formar pessoas individualistas, competitivas e pensem apenas em benefício próprio. Porém, isso é o contrário do que o ser humano é, pois nos constituímos no social, nós somos seres humanos sociais e só desenvolvemos as capacidades humanas adquiridas ao longo do tempo em contato com outros seres humanos, a partir da convivência com as outras gerações que nos antecederam. Essa é uma perspectiva do desenvolvimento humano profundamente enraizada no capitalismo e que negligencia completamente a influência do ambiente e das interações sociais nesse processo.

No núcleo de significação “c”, a ideia é de que o desenvolvimento já é algo dado no nascimento, pelo fator hereditário, esse conceito se aproxima da visão da criança como um adulto em miniatura, ou seja, suas estruturas já estão ali prontas, só é preciso aguardar o crescimento para que elas estejam na sua forma máxima de desenvolvimento, que é quando o

indivíduo se torna adulto (Quadro 17). Portanto, não precisa de muito esforço para que a criança se desenvolva, basta aguardar que ela cresça.

Vejam os quadros 17 com a resposta da professora para esse núcleo de significação:

**Quadro 17:** Indicadores selecionados sobre o desenvolvimento humano para o núcleo de significação “c”

Núcleo de significação	Indicadores
c) o desenvolvimento como algo dado pela hereditariedade.	Professora 4 “uma ajuda” “uma ‘auxiliação’”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Na resposta dessa professora podemos perceber que o desenvolvimento humano tem como premissa a hereditariedade, já é algo dado desde o nascimento do indivíduo e precisa apenas de um crescimento orgânico para que se torne um adulto com todas as capacidades que se espera de um adulto. O desenvolvimento humano nessa perspectiva é um auxílio para que o indivíduo chegue a fase adulta da melhor maneira possível, essa ajuda ao qual a professora se refere são os cuidados para que a criança passe dessa fase sem maiores transtornos, como por exemplo uma ajuda nutricional para que seu crescimento orgânico esteja garantido, uma aproximação também com o conceito de educação assistencialista.

Nos três núcleos que apresentamos até aqui, compreendemos que eles corroboram com a ideia de sujeito neoliberal, o fator de sociabilidade, individualismo e o desenvolvimento como algo que já está dado, está presente nas finalidades educativas que se aproximam do viés neoliberal. Libâneo (2019) define as premissas de uma educação com viés neoliberal é baseada na “satisfação de necessidades básicas (na verdade, “mínimas”); atenção ao desenvolvimento humano, numa perspectiva individualista e competitiva; educação para o mercado de trabalho; educação para a sociabilidade e convivência para contenção de conflitos sociais” (p. 40). Dessa maneira, 82% das respostas que obtivemos sobre o conceito de desenvolvimento humano se aproximam do conceito neoliberal de educação, sendo o mesmo percentual encontrado quando apresentamos os dados na discussão que foi feita sobre as finalidades educativas. Podemos perceber uma aproximação de conceitos, tanto nas finalidades educativas quanto na compreensão de desenvolvimento humano.

Para o núcleo de significação “d” (Quadro 18), obtivemos duas respostas que se aproximam do conceito histórico-cultural de desenvolvimento humano, no entanto, é importante destacar que elas não contemplam o conceito na sua totalidade, contemplam apenas

parte do conceito. Como não se aproximam do conceito neoliberal, acreditamos que possa ser que essas respostas estejam mais próximas do viés progressista de educação do que as outras.

Vejam os a seguir o quadro 18 com as repostas das professoras:

**Quadro 18:** Indicadores selecionados sobre o desenvolvimento humano para o núcleo de significação “d”

Núcleo de significação	Indicadores
d) possibilidades de uma aproximação com uma perspectiva histórico-cultural.	Professora 1 “tanto físico, como emocional, mental” “o meio em que ele é cercado, o estímulo que ele recebe” “o ambiente contribui”
	Professora 6 “aprender a sentar na cadeirinha” “aprender que ele vai ficar aqui na escola e que o pai e a mãe vão vir buscar” “quando você ensina alguma coisa e que você olha e ele vai além”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Podemos perceber que nas repostas está presente o desenvolvimento humano como algo físico, intelectual e emocional, quando a professora diz que a criança “aprende a sentar na cadeirinha” e que “aprende que ao final do período a família irá buscá-la na instituição”, isso significa que a criança está se apropriando das capacidades humanas e dos costumes culturalmente adquiridos ao longo da história. Percebam também que é levado em consideração a influência do meio e que a criança não é apenas um produto desse meio, mas ele está nessa perspectiva como um estímulo para que essa criança se desenvolva. Isso pode ser identificado quando a professora diz que, ela esperava algo da criança, mas que ela vai além do esperado.

O desenvolvimento humano para a teoria histórico-cultural contempla a dimensão física, emocional e intelectual, compreende que o meio é um estímulo, que a educação contribui para que a criança adquira valores e formas de conduta social e que nesse desenvolvimento busque formas de se realizar no mundo. O desenvolvimento humano também precisa levar em consideração a formação das funções psíquicas superiores que se materializam nas funções de memória, consciência, pensamento etc.

Observamos novamente um distanciamento nas repostas das professoras, assim como aconteceram nas repostas das finalidades educativas, o resultado se repetiu com a discussão

sobre o conceito de desenvolvimento. Desta maneira, 82% das respostas se aproximam de um viés neoliberal de desenvolvimento humano e apenas 18% se aproximam de um conceito histórico-cultural. Isso indica fortemente que a rede municipal da cidade tem uma influência neoliberal no seu espaço educacional e para que esse quadro tenha uma mudança, seria necessário que houvesse um investimento para que a rede elabore seu próprio documento norteador da educação e que nele busque conceituar o desenvolvimento humano e as finalidades educativas que mais se encaixem com a identidade da cidade. É fundamental para um trabalho significativo com as crianças que as professoras tenham esses conceitos muito bem definidos no seu ofício, para que consigam desempenhar um trabalho de desenvolvimento humano que tenha bases sólidas e que alcance os objetivos propostos.

Direcionamos para a análise da segunda pergunta sobre esse tema que foi: qual é o fator importante para que o desenvolvimento humano da criança aconteça. Com as respostas que obtivemos através dessa pergunta, foi possível chegar a dois núcleos de significação, a) fatores básicos para que a criança se desenvolva, b) fator primordial para que a criança se desenvolva. Vejamos as respostas no quadro a seguir:

**Quadro 19:** Indicadores selecionados sobre o fator importante para o desenvolvimento humano da criança

Núcleo de significação	Indicadores
a) fatores básicos para que a criança se desenvolva.	Professora 1 “é atender as necessidades da criança”
	Professora 2 “eu converso muito com os meninos, muito, todos os dias têm roda de conversa”
	Professora 3 “que elas compreendam o que elas estão fazendo”
	Professora 4 “o conteúdo”
	Professora 5 “ela precisa estar bem alimentada”
	Professora 7 “essas trocas são muito importantes para o desenvolvimento dessa criança”
	Professora 8 “acompanhamento familiar”
	Professora 9

	“a família”
	Professora 10 “direcionamento!”
	Professora 11 “tem que ter interesse”
b) fator primordial para que a criança se desenvolva.	Professora 6 “de início a criança tem que ser estimulada”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Observando o quadro 19, pensamos que os professores estão tão sobrecarregados tentando garantir o básico e o mínimo para que o desenvolvimento da criança aconteça, que não é possível se pensar o todo do processo. Partiremos da seguinte reflexão, quando que a criança passa a questionar o mundo a sua volta, quando que a criança se torna curiosa para descobrir algo, quando que a criança passa a se mover como uma pesquisadora, quando a criança passa a explorar infinitas possibilidades. Só existe uma resposta para todas essas perguntas, que é quando a criança é significativamente incentivada, quando se tem um meio e atividades estimulantes e quando o trabalho é desenvolvido dentro da perspectiva da zona de desenvolvimento proximal da criança, que é o ponto central para que o estímulo seja pontual. Que são as atividades que a criança consegue solucionar apenas com a ajuda de um adulto ou de uma criança com mais experiência que ela, qual será esse estímulo, depende muito de que fase do desenvolvimento a criança está.

Nessa direção, só obtivemos uma resposta, a da professora 6. Isso mostra o quão difícil é o trabalho pedagógico. As professoras estão tendo que desviar sua atenção para necessidades básicas, pois é bem provável que essas crianças não estão obtendo nem o básico para que consigam se desenvolver como o acompanhamento da família e alimentação que são primordiais. Preocupações pedagógicas como conhecer as necessidades da criança, quando não se tem claro que a necessidade primordial da criança é o estímulo, ela pode ser interpretada de outra forma, ou porque essa criança está passando por algo muito ruim que a torna introspectiva, com medo de se envolver com outras crianças, com adultos ou porque sua infância está sendo negligenciada, fazendo com que ela se torne inacessível, fechada e sem possibilidade de estimulá-la.

Temos também dentro dessas questões pedagógicas o fator direcionamento, que é a necessidade de planejamento ou até de um documento mais próximo que seja norteador e que dê direção para que o desenvolvimento da criança aconteça. Ter direcionamento nesse processo é básico, assim como ter claro o que ensinar. Partindo da criança é basilar que elas

compreendam o porquê estão em uma instituição de educação infantil, que tenham interesse de estar ali para que as trocas possam acontecer da melhor maneira possível e que de fato contribuam para o desenvolvimento humano da criança.

Compreendemos, com base nessas respostas, que representam 91% do resultado, que a energia das professoras está sendo direcionada para preocupações que não deveriam ser necessariamente delas. Podemos perceber que elas estão necessitando de um suporte melhor para direcionar seu trabalho de forma mais objetiva e eficaz que tenha como foco o desenvolvimento humano da criança.

Passamos para a análise da última pergunta referente ao desenvolvimento humano da criança que é: como as professoras percebem esse desenvolvimento. Compreendemos que essa pergunta está intimamente ligada ao conceito de finalidade educativa assim como ao conceito de desenvolvimento humano e ao processo de avaliação, perceber como estes acontecem é um processo avaliativo. Para essa pergunta separamos dois núcleos de significação: a) Percebem pela observação e convivência com a criança, b) Aplicam atividades avaliativas. Vejamos o quadro a seguir:

**Quadro 20:** Indicadores selecionados sobre como é percebido o desenvolvimento humano da criança

Núcleo de significação	Indicadores
a) Percebem pela observação e convivência com a criança	Professora 2 “a gente observa”
	Professora 3 “avaliação que a gente faz visual”
	Professora 5 “é coisa de atitude mesmo que a gente vê”
	Professora 6 “já começo a observar e ver”
	Professora 7 “é na questão do olhar sensível mesmo”
	Professora 8 “com base nas observações diárias”
	Professora 9 “é constante, até porque a avaliação na educação infantil é constante”
	Professora 10 “de acordo com a convivência”

b) Aplicam atividades avaliativas.	Professora 1 “percebo pelas rodas de conversa, nas atividades diagnósticas”
	Professora 4 “com as atividades do dia a dia”
	Professora 11 “é pela leitura, é pela atividade escrita”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Quando não se tem clareza do processo pedagógico desenvolvido com as crianças, como elas se desenvolvem, como percebem esse processo ou se as professoras têm bases teóricas enraizadas no neoliberalismo, é bem provável que seu suporte avaliativo seja pragmático e utilitarista, com base no desenvolvimento de habilidades e competências e na sociabilidade da criança. Algo relevante a ser mencionado é que nenhuma das professoras que participaram da pesquisa fazem anotações diárias sobre o desenvolvimento das crianças como temos no livro da Luciana Esmeralda Ostetto (2017), nessa obra as professoras contam que fazem anotações diárias sobre as perguntas das crianças para compreender em qual fase de desenvolvimento estão, e também para que sejam escolhidas as próximas atividades, não temos nenhuma prática que se aproxime a isso nas instituições que participaram da pesquisa.

Podemos compreender então que não existe um aprofundamento para que se tenha base suficiente para dizer se a criança desenvolveu ou não, acreditamos que a observação que as professoras fazem tem sua base na aprendizagem e não no desenvolvimento. Como a BNCC não apresenta o conceito de desenvolvimento e coloca o desenvolvimento em muitos momentos como sinônimo de aprendizagem, consideramos que o mais importante nesse processo seja o aprender e não o desenvolver. Como vimos na teoria histórico-cultural, a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, mas ela em si não é desenvolvimento, então avaliar se a criança aprendeu ou não um determinado conteúdo, não mostra se ela desenvolveu suas capacidades psíquicas superiores responsável pelas capacidades tipicamente humanas.

Passamos para a análise da última pergunta que foi feita as professoras que é: o que de fato é mais importante no trabalho das professoras. É uma pergunta simples, mas com um significado muito importante, nele conseguimos descobrir o que é o centro do trabalho de cada uma dessas professoras, no que se concentra o trabalho delas, que deverá ser no sujeito mais importante desse processo, a educação infantil só existe porque ela tem uma necessidade de conhecer o mundo onde vive, a criança. Ela é o sujeito mais importante nesse processo, todo o

trabalho precisa ser direcionado para ela, para o seu desenvolvimento. Separa as respostas em dois núcleos de significação, a) aspectos diversos e b) a criança.

Vejam as respostas das professoras no quadro 21:

**Quadro 21:** Indicadores selecionados sobre o que é importante no trabalho das professoras

<b>Núcleo de significação</b>	<b>Indicadores</b>
a) aspectos diversos	Professora 1 “é ela conhecer um pouquinho do mundo da escrita, da leitura”
	Professora 2 “eu acho que o contato, eu sou muito beijoqueira”
	Professora 3 “comunicação”
	Professora 4 “ensinar!”
	Professora 5 “eu ter contribuído para eles terem tido aprendizado”
	Professora 6 “saber se o aluno está bem”
	Professora 7 “as interações”
	Professora 8 “uma base familiar sólida”
	Professora 9 “os materiais didáticos são essenciais”
b) a criança.	Professora 10 “pra mim não existe nada mais importante do que a pessoa, a criança”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Acreditamos que o trabalho da professora pode ser afetado de diversas formas, mas não se pode esquecer o verdadeiro sentido e o motivo de se fazer esse trabalho. Observando o quadro 21, temos 91% das respostas com questões diversas na centralidade do trabalho, o processo de ensino e aprendizagem, material didático, a família, a afetividade, mas encontramos apenas uma

resposta, ou seja, 9% do total responderam que, o que é mais importante no trabalho da professora de educação infantil é a criança, mais uma prova do desvio da atenção do professor daquilo que realmente importa, a criança.

Neste capítulo, buscamos uma maior aproximação com a base teórica de nosso trabalho, que é a teoria histórico-cultural. Para isso, procuramos compreender o contexto histórico em que ela foi criada, assim como o contexto do seu criador. Discutimos conceitos centrais para o trabalho pedagógico na educação infantil, as finalidades educativas e também o desenvolvimento da criança e analisamos os dados obtidos através das entrevistas com as professoras da rede municipal da cidade de Inhumas, passamos agora para a próxima parte do trabalho, assim caminhamos para a finalização dessa pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas foram as nossas inquietações durante o processo de escrita dessa dissertação, mas elas sempre iam de encontro ao que nós tínhamos de mais valioso, que é o nosso compromisso com a humanização das crianças, das pessoas. Sabemos o quão a educação infantil é importante para o desenvolvimento da criança, para a sua emancipação como sujeito histórico e cultural, mas percebemos ao longo dessa escrita que são fortes as influências para que isso não aconteçam. Perceber isso ao longo da escrita desse texto foi fundamental para que alcançássemos nossos objetivos e nos proporcionou conhecer nosso objeto na sua essência, possivelmente conhecemos as diversas interferências que a criança e a educação infantil sofrem quanto ao seu desleixo pelo poder público.

Em muitos momentos da escrita agradecemos a CF de 1988, apesar de não ser o ideal pelo ponto de vista progressista, porém é ela que protege os direitos e, sobretudo a classe trabalhadora de sofrer ainda mais com a desigualdade social existente no nosso país. É nela que diz que a educação é um direito da criança e ressalta que ela precisa ter acesso a uma educação de qualidade e o nosso estudo buscou promover esse diálogo e avançar nessa direção. A grande questão é: em que consiste essa educação de qualidade, pois muito se fala, mas é qualidade em que sentido. Kuhlmann Junior (2015) nos auxilia a refletir sobre essa questão destacando que o conceito de qualidade foi banalizado e que o neoliberalismo obscurece a percepção da realidade. Ele argumenta que o discurso sobre qualidade na educação muitas vezes faz com que permaneçam como estão e em alguns casos, pioram.

Das discussões que conduzimos sobre a educação infantil de caráter assistencialista, percebemos que ela não contribui significativamente para o desenvolvimento humano da criança, ao contrário, ela reforça a ideia de que o desenvolvimento é algo predefinido, dado a priori, sem considerar as necessidades e o potencial de desenvolvimento da criança. Uma educação que se limita a prover assistência alimentar e suprir eventuais carências da criança não se preocupa em potencializar esse desenvolvimento, pelo contrário, a criança poderá internalizar o conceito de educação assistencialista e acreditar que suas possibilidades de desenvolvimento são limitadas ou até mesmo inexistentes.

Esse modelo de educação e até mesmo este pensamento colabora para que a criança tenha uma personalidade forjada de forma a nunca acreditar ser possível alcançar seu máximo potencial. Dentro da instituição, é fundamental extinguir esse tipo de pensamento, cada criança é capaz de se desenvolver plenamente com estímulos adequados, proporcionados no momento oportuno e dentro de sua zona de desenvolvimento proximal. É essencial reconhecer e respeitar

o potencial das crianças, oferecendo apoio e oportunidades que estejam alinhadas com suas necessidades de aprendizagem e que isso proporcione o seu desenvolvimento.

Da mesma forma acontece com o modelo de educação infantil escolarizante, que em nada contribui para potencializar o desenvolvimento da criança, pelo contrário, pode inclusive atrasá-lo adiantando demandas para a criança que não são compatíveis com a sua fase de desenvolvimento. Pode ocasionar também o não desenvolvimento de determinadas funções psíquicas, impedindo essa criança de alcançar o máximo do seu potencial humano. Vigotski (2021) e Mukhina (2022) nos ajuda nessa reflexão, ressaltando que antecipar conteúdos, pode acarretar à criança a não compreensão do real significado daquilo que está aprendendo, e acabar virando uma educação sem significado, sem sentido ou sem aproximação com a sua realidade.

Vigotski (2021) discorre com um exemplo e argumenta que quando uma criança aprende a escrever antes de desenvolver plenamente as funções psíquicas necessárias para essa tarefa, ela pode reproduzir símbolos mecanicamente, sem compreendê-los verdadeiramente, isso ressalta a importância de proporcionar um ambiente educacional que esteja em sintonia com o nível de desenvolvimento da criança. Compreendemos que é fundamental que tudo o que a criança aprenda tenha significado para sua vida e para o seu desenvolvimento, desta forma, ela pode construir um conhecimento sólido e significativo.

A escolarização da educação infantil pode parecer a solução para alguns problemas e até mesmo como o mais certo a se fazer, mas o que de fato é necessário para ela, é enriquecer o máximo possível as suas experiências para que isso forme uma base sólida, significativa, proporcionando o desenvolvimento de uma função psíquica consistente, que irá se constituir como apoio e suporte para a personalidade e para as tomadas de decisões ao longo da vida dessa criança. Ao falar sobre o desenvolvimento dela dessa maneira, não estamos buscando fragmentá-la, mas sim entender como esse processo ocorre em diferentes aspectos, é essencial lembrar que ela deve ser vista e compreendida em sua totalidade, sua concretude e como um sujeito.

Em vários momentos nas entrevistas, as professoras relataram que a criança tem potencial de aprendizagem e que elas têm capacidade suficientes de se apropriarem dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo pela humanidade, mas não conseguem perceber o potencial de enriquecer o desenvolvimento dessa criança, o foco se desloca para a alfabetização. Ressaltaram em vários momentos e em diferentes perguntas que a criança já precisa sair da educação infantil lendo e escrevendo e que isso inclusive iria facilitar o trabalho da professora do ensino fundamental.

Refletimos bastante sobre essa fala das professoras e o primeiro questionamento que fizemos é de que é benefício para quem que a criança já saia da educação infantil já sabendo ler e escrever, para nós não se justifica adiantar um conteúdo para facilitar o trabalho do professor. Pensamos que isso atravessa o desenvolvimento da criança, pode inclusive desrespeitar a sua infância e o principal, o foco do trabalho está sendo desviado. A centralidade do processo deve ser a criança, o cerne desse trabalho precisa ser no desenvolvimento da criança e se Mukhina (2022) e Vigotski (2021) afirmam que adiantar conteúdos não colabora com o desenvolvimento humano da criança, não tem bases científicas suficientes para se manter essa prática.

Parece que a justificativa para essa prática reside no fato de que o ensino fundamental já possui um currículo estabelecido, uma espécie de receita pronta, por isso, pode parecer mais fácil antecipar os conteúdos do ensino fundamental, evitando a necessidade de criar atividades novas, uma vez que já existem muitas disponíveis prontamente. A professora da educação infantil muitas vezes precisa conceber alternativas que fogem da rotina e das expectativas previamente estabelecidas, ela deve ser flexível e criativa para atender às necessidades individuais das crianças, adaptando-se aos desafios e oportunidades que surgem no dia a dia da sala de aula.

Na leitura do livro da Ostetto (2017) isso é bem discutido, em um dos artigos foi relatado que uma criança encontrou um inseto no pátio da instituição e disso saiu todo o projeto de estudo sobre os insetos, como características visuais, alimentares, hábitos. A professora ressalta que foi um estudo incrível, tudo partiu da criança, assim como todo o processo também foi pensado para ela e de acordo com o seu interesse, elas faziam os questionamentos e iam em busca de respostas, claro que com a mediação da professora.

Percebam que não foi necessário adiantar conteúdos, mas sim enriquecer a criança de conhecimentos, lhe estimulando a curiosidade sobre o mundo que a cerca, a aprendizagem das letras, dos números, apareceu por consequência, mas antes elas estavam lendo o mundo a sua volta. Não estamos dizendo aqui que a espontaneidade nesse processo seja o mais importante, até porque existem turmas com diferentes personalidades, o que realmente estamos querendo mostrar é que com certeza essa professora tinha um plano a seguir, que é o que ensinar, mas o como chegar ao conhecimento, passou pelo interesse das crianças. As letras e os números fazem parte desse mundo em que ela vive, mas é um elemento, existem diversos outros que ela também precisa aprender e conhecer, conforme ressalta Paulo Freire (2021) a leitura do mundo precisa vir antes da leitura da palavra, precisa ser apreendida antes de aprender os códigos e significações, a criança tem infinitas possibilidades de leitura no mundo a sua volta.

Durante a pesquisa chegamos à conclusão de que as professoras recorrem a essa prática por não compreenderem a diferença entre aprendizagem e desenvolvimento, confusão comum que aparece na BNCC. Por não terem conhecimento o bastante de como esse desenvolvimento acontece, ao se distanciarem da universidade se distanciaram também dos conhecimentos teóricos sobre a sua prática, ficando com o suporte apenas da sua prática e a de outras professoras, sendo a prática pela prática, isso acontece por não conseguirem olhar o processo como um todo se fixam apenas nas atividades mais urgentes, ou nas pequenas possibilidades. Falta-lhes suporte teórico para abandonarem a prática escolarizante da educação da criança e embarcar nesse mundo de possibilidades junto com ela.

Elas sabem que a criança tem potencial, isso ficou muito claro com as entrevistas, ressaltaram isso em muitos momentos diferentes, mas não possibilitam construir algo novo para aproveitar essa potencialidade e infelizmente o sistema lhes dá resposta. A de que a criança já consegue aprender a ler e a escrever, quando na verdade isso já coloca a criança em uma caixa, padronizando e estereotipando a sua essência como ser humano. E então continuam a reproduzir práticas antigas, sem refletir o verdadeiro sentido da palavra “educação infantil” e assim percebemos um passado que não é tão passado assim, que está muito presente ainda na nossa prática atual, inclusive enraizado no nosso presente.

Com essa prática ao invés de potencializar o desenvolvimento humano da criança, estão na verdade dificultando-o e talvez até atrapalhando com que a próxima fase da educação básica tenha êxito no seu trabalho. Percebemos, por meio das entrevistas, que as crianças da rede municipal da cidade de Inhumas possuem um grande potencial e as professoras demonstram muita disposição no trabalho com elas. No entanto, falta por parte das professoras compreender melhor como ocorre esse processo de desenvolvimento e como podem aproveitá-lo da melhor forma possível. Falta-lhes uma teoria de apoio que possa abrir espaço para um novo tipo de abordagem educacional, uma nova forma de enxergar a criança. Acredito que elas estejam abertas a essa possibilidade, pois demonstram uma grande vontade e determinação em fazer um trabalho de qualidade. Isso ficou evidente nas entrevistas realizadas.

Durante suas falas, elas mencionaram várias vezes que, embora tenham conhecido as teorias da educação na faculdade, a realidade na escola era muito diferente. Acredito muito que elas estão em busca de uma teoria que se encaixe melhor em seu trabalho, mas ainda não encontraram, por isso tem como respaldo a prática pela prática. A teoria é fundamental, pois é nela que encontramos respostas para diversas práticas, sendo construída a partir da experiência prática de outros. Ela é a base da ciência, e o trabalho na instituição precisa ser sistemático para proporcionar às crianças a aprendizagem de conhecimentos científicos.

Um outro aspecto muito importante sobre a escolarização da educação infantil, que permeou minhas reflexões ao longo da escrita deste trabalho é o nome dessas instituições, vamos chamar a atenção nesse momento para instituições que participaram da pesquisa. Refletimos bastante neste estudo, sobre conceitos importantes para o trabalho na educação infantil e como eles se constituíam como a base para pensar o trabalho pedagógico dessa etapa da educação básica, e que a partir deles se pensaria o como desenvolver o trabalho com a criança. Isso pode parecer irrelevante, mas reflete diretamente o trabalho que é feito nessas instituições, o nome das instituições que participaram da pesquisa se inicia com “Escola Municipal” ou às vezes “Unidade Escolar”, como não escolarizar e como não se pensar em escola ou escolarização com o nome da instituição começando com escola.

Compreendemos que uma palavra é carregada de conceito e significação, ao se ler escola na parede de entrada dessas instituições, já construímos toda uma concepção sobre esse espaço educacional, sendo que o objetivo da educação infantil é educar, em seu sentido mais amplo e cuidar, mas não maternar como discutimos aqui no capítulo 3. Por isso se chama educação infantil e não ensino fundamental ou ensino médio, pensamos ser mais adequado mudar essas iniciais para instituição. Pode ser que não tenham percebido, mas ao longo deste texto tentamos evitar a palavra escola para nomear esse espaço educacional e tentamos usar a palavra instituição, por conta dessa reflexão, na tentativa de evitar a escolarização da educação infantil no próprio texto.

Chegamos nesse momento da escrita refletindo que uma educação infantil de qualidade é aquela que respeita a infância da criança, que proporciona para a criança diversos momentos enriquecedores e significativos dentro da instituição, que leva em consideração no planejamento desses momentos em que fase do desenvolvimento a criança está. A instituição precisa proporcionar a criança uma riqueza de brincadeiras e, em muitos momentos, possibilitando a criança relações sociais diversas. Ressaltamos que é pela brincadeira que a criança aprende e que por meio dela a criança se torna consciente de si mesma e do mundo a sua volta.

Uma educação infantil pública e de qualidade é aquela que respeita a infância da criança e a preserva, além de compreender a totalidade de todo o seu processo de desenvolvimento e que já abandonou práticas escolarizantes que em nada acrescentam para um desenvolvimento significativo da criança. Uma educação infantil pública de qualidade não planeja suas atividades em cima do que a criança já sabe, ao contrário, por já ter conhecimento da zona de desenvolvimento proximal da criança, procura sempre desenvolver o seu trabalho e os estímulos dentro das potencialidades dela. Uma educação infantil de qualidade é aquela que

enriquece as experiências da criança, lhe proporcionando estímulos de que essa criança questione o mundo a sua volta e que assim estimule a sua aprendizagem.

É importante que o professor compreenda esse processo e que tenha conceitos básicos bem internalizados como, criança, infância, finalidade educativa, desenvolvimento humano, para que possa escolher formas significativas de trabalho, que seja consciente disso e que busque a potencialização do desenvolvimento da criança. É fundamental que o professor conheça o contexto em que está inserido, que compreenda as disputas em torno da educação, para que tenha como foco a humanização, a emancipação e a transformação do sujeito mais importante nesse processo, a criança. Percebemos o quanto esse foco está desviado com a análise da última pergunta feita para as professoras, apenas uma respondeu que o mais importante no trabalho dela é a criança.

Acreditamos que a dificuldade das professoras da rede municipal da cidade de Inhumas em compreender o processo de desenvolvimento humano da criança possa ser pelo município não ter um documento norteador do trabalho pedagógico do professor mais próximo dele. Muitas relataram que buscam atividades na internet, ressaltamos que a internet é uma ótima ferramenta de busca e pesquisa, mas quando compreende que o processo de desenvolvimento da criança e a base do trabalho é de desenvolver atividades dentro da zona de desenvolvimento proximal da criança, a própria criança já mostrará para o professor quais atividades ela precisa. E com a liberdade intelectual do professor, ele poderá criar atividades diversas que condiz com a sua própria realidade, inclusive promover o resgate da identidade da cidade. Conforme dissemos, a internet é uma ótima ferramenta, mas a experiência da professora também é, a troca com outras professoras também, diante disso acreditamos que ela consegue desenvolver as suas próprias atividades que estimule a criança suficientemente dentro da instituição.

Identificamos que as professoras compreendem a importância do seu trabalho, porém muitas vezes se sentem acudadas e perdidas nesse processo, talvez por serem atravessadas por uma finalidade educativa que não condiz com o que realmente elas acreditam ser uma educação de qualidade, as contradições presentes nessa finalidade educativa neoliberal podem confundir as professoras e, ao invés de estimulá-las, fazem o efeito contrário. Consideramos que a teoria histórico-cultural é um bom suporte para se pensar a atividade pedagógica do professor, e para proporcionar conhecimentos para que ele compreenda o seu papel nesse processo, além de mostrar o quão importante e fundamental é seu trabalho na educação infantil e o quanto ele é relevante.

Percebemos que as professoras da rede municipal de educação de Inhumas têm consciência disso, mas não têm suporte teórico suficiente para afirmarem e argumentarem com

embasamentos sólidos e ressaltarem o quanto o seu trabalho é importante para o desenvolvimento humano da criança, às vezes ainda recorrem as alternativas mais próximas, dar amor a criança, dar assistência para aquilo que lhe falta em casa, ao invés de dar enfoque a centralidade do processo que é proporcionar a criança o acesso aos conhecimentos científicos e ressaltamos que mesmo na educação infantil isso é possível. Conforme relatado pelas professoras que participaram da pesquisa, a criança é capaz de aprender, inclusive, coisas difíceis. Nesse sentido, Libânio (2019) argumenta que não se trata apenas de adquirir conhecimentos básicos com um currículo mínimo ou uma educação focada na prática. A criança precisa desenvolver o pensamento e todas as funções psíquicas possíveis, e isso só será alcançado com o estímulo que a professora pode proporcionar.

É preciso ressaltar que a professora deve ir em busca de formas de melhorar o seu trabalho, buscar formações aprofundadas, cursos de aperfeiçoamento, mas são tantas as interferências para que isso não aconteça, para que ela continue reproduzindo o que não deu certo de que ela às vezes se sente culpada, por não conseguir proporcionar a criança experiências significativas. É importante ressaltar que o objetivo desse modo de produção é que a educação pública não seja suficiente e que não esteja alinhada com os propósitos progressistas que consideramos necessários. A professora está inserida em um contexto em que o trabalho dela é cada vez mais precarizado, o que está em consonância com os propósitos do capitalismo de minar o sucesso dela e da educação em geral.

Percebemos isso ao discutir as finalidades educativas neoliberais, que mascaram o verdadeiro propósito da educação com terminologias associadas à perspectiva progressista. Essas palavras podem ser usadas para disfarçar a natureza verdadeira do modelo educacional neoliberal, a culpa pelo trabalho não atingir índices mais satisfatórios de qualidade se deve ao sistema que colabora o tempo todo para que ele não dê certo. No entanto, a professora não pode lutar diretamente contra o sistema capitalista, em vez disso, seu papel é possibilitar a emancipação da criança, fornecendo todo o estímulo necessário para que ela desenvolva ao máximo suas capacidades humanas. É por meio desse estímulo e apoio que a professora pode criar um ambiente propício para o desenvolvimento pleno das crianças, mesmo diante das limitações impostas pelo sistema do capital.

Talvez tenhamos chegado nas considerações deste trabalho com mais perguntas do que quando começamos, mas acredito muito ser essa a função da pesquisa, proporcionar a pesquisadora mais questionamentos sobre o seu objeto de estudo e até estimular que o leitor e outros pesquisadores formulem outras perguntas. A semente foi plantada e espero que ela germine bons frutos, principalmente porque o mais importante desse processo todo é a criança,

e o objetivo é proporcionar a criança uma maior possibilidade de que o seu desenvolvimento humano seja potencializado. Ela é o sujeito mais importante de tudo isso!

Pensamos que este trabalho venha a ser um bom suporte para uma próxima pesquisa que trabalhe mais próximo da professora, observando como é de fato o seu trabalho, como as crianças reagem, se esse se aproxima ou não da sua fala e dos conceitos que tem internalizados, perceber como as inferências externas influenciam no seu trabalho, nesse o foco seria na atividade docente. Mas seria igualmente importante desenvolver um trabalho que o olhar fosse para a criança, perceber se ela está se desenvolvendo e não apenas aprendendo, perceber como ela se desenvolve, como são as interferências da professora que contribuem para que esse desenvolvimento aconteça, com certeza seria um trabalho incrível.

Levando em consideração o apagamento histórico da criança na cidade de Inhumas, poderia ser desenvolvido uma pesquisa que buscasse sanar essa lacuna, quem é a criança da cidade, quais são seus costumes, como era a infância da criança de Inhumas no século XX e XXI, foram pouquíssimas as referências sobre a criança da cidade de Inhumas.

Um outro trabalho importante seria desenvolver com a rede municipal de Inhumas um projeto de estudo, formação e de aplicação da teoria histórico-cultural. Seria interessante um grupo de estudos com as professoras, já que elas demonstraram uma lacuna teórica durante o processo da pesquisa, e depois ver como isso poderia ser aplicado e como isso mudaria a prática. Em seguida, investigar como esses conceitos se refletem no trabalho com a criança, analisando se isso resulta em uma melhoria na qualidade da educação infantil e no desenvolvimento dela. Em seguida, trabalhar os conhecimentos chave da teoria histórico-cultural, os processos de desenvolvimento humano, como o meio interfere nisso e depois pesquisar o reflexo disso na criança, perceber se isso acarreta a melhoria da qualidade da educação infantil e também no desenvolvimento da criança.

Pensamos também que seria muito necessário um estudo com base na teoria histórico-cultural sobre o corpo, esse não é um tema facilmente encontrado nos estudos dessa teoria. A teoria histórico-cultural, ao considerar a criança em sua totalidade, pode oferecer suporte suficiente sobre como o corpo e o movimento são partes essenciais do processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Explorar mais a fundo essa perspectiva pode enriquecer significativamente as práticas educativas na educação infantil e nossa compreensão de desenvolvimento humano. Essa era uma das missões deste trabalho ou pelo menos escrever uma parte dele, mas não foi possível. Há materiais nas entrevistas sobre esse tema que estão no apêndice. É possível perceber que em muitos momentos o corpo da criança é esquecido para privilegiar o conhecimento cognitivo.

Esta pesquisa possibilitou uma visão abrangente da situação do trabalho desenvolvido com a criança na rede municipal da cidade de Inhumas, assim como também foi possível compreender as interferências que influenciam no desenvolvimento da criança. Pudemos conhecer o contexto histórico, o social e o político para pensar na situação da cidade de Inhumas, e percebemos que a cidade tem grandes potenciais, mas é preciso focar o trabalho naquilo que realmente é importante: As crianças!

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. HENRIQUES, Afonso Canella (orgs). **Educação infantil: A luta pela infância**. Campinas: Papyrus, 2018.

ABRAMOWICZ, Anete. Introdução – Panorama atual da educação infantil: Suas temáticas e políticas. *In*: ABRAMOWICZ, Anete; HENRIQUES, Afonso Canella (orgs). **Educação infantil: a luta pela infância**. Campinas: Papyrus, 2018. p. 13-51

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e emancipação**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia ciência e profissão**. 26 (2), p. 222-245, 2006.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELA, Sérgio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v. 94, p. 299-322, 2013

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155. p. 56-75, jan/mar, 2015.

AQUINO, Orlando Fernández. O experimento didático-formativo: contribuições de L. S. Vigotski, L. V. Zankov e V. V. Davidov. *In*: LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdés. **Fundamentos psicológicos e didáticos do ensino desenvolvimental**. Uberlândia: EDUFU, 2017.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2022.

BARROS, Daniela; PEQUENO, Saulo. Cultura, educação e desenvolvimento humano. *In*: **Teoria histórico-cultural na educação infantil: conversando com professoras e professores**. Curitiba: CRV, 2017. p. 77-86

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: 1988.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 1996.

BRASIL. Emenda Constitucional Nº 59, de 11 de novembro de 2009. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Lei Nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2013.

BRASIL. Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2014.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório do 4º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação – 2022**. – Brasília: Inep, 2022.

BRUNO, Dhaiene de Jesus dos Reis. SILVEIRA, Adriana Aparecida Dragone. A educação infantil em municípios com distintas capacidades orçamentárias: acesso, condições de oferta e financiamento. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 49, e254082, 2023.

CARVALHO, Igor. **5 vezes em que Bolsonaro fez apologia à violência usando crianças: “ECA tem que ser rasgado”**. São Paulo: Ano 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/12/5-vezes-em-que-bolsonaro-fez-apologia-a-violencia-usando-criancas-eca-tem-que-ser-rasgado>. Acessado em: 21/10/2023.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DINIZ, Margareth. **De que sofrem as mulheres-professoras?** In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al (Org.). *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1998. p. 194 -223.

DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trabalho/>. Acesso em: 20/02/2024.

DOURADO, Ana. DABAT, Christine. ARAUJO, Teresa Corrêa. Crianças e adolescentes nos canaviais de Pernambuco. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto. 2010. p. 383-408

FARIA, Sonimar Carvalho. Histórias e políticas de educação infantil. In: FAZOLO, Eliane. et al. **Educação infantil em curso**. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão popular, 2018.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Documento Curricular para Goiás – Ampliado/DC-GO: Volume I Educação Infantil**. Goiânia, 2019.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOOGLE. 2023. Inhumas. [s. l.]: **Google maps**. Disponível em: [https://www.google.com.br/maps/place/Inhumas,+GO,+75400-000/@-16.3734678,-49.5349867,13z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x935e786ed04099b3:0x45d96d31fc68c963!8m2!3d-16.373129!4d-49.4916776!16s%2Fg%2F11bxg0yn\\_9?entry=ttu](https://www.google.com.br/maps/place/Inhumas,+GO,+75400-000/@-16.3734678,-49.5349867,13z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x935e786ed04099b3:0x45d96d31fc68c963!8m2!3d-16.373129!4d-49.4916776!16s%2Fg%2F11bxg0yn_9?entry=ttu)

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Novo Painel de Monitoramento do Plano Nacional de Educação – PNE**. Brasília: INEP, 2022.

JUNQUEIRA, Fernanda Gomes Coelho. Concepções dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental sobre finalidades educativas para a escola. *In: LIBÂNEO, José Carlos; FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeira (Orgs). Finalidades educativas da educação escolar: a visão de agentes internos e externos à escola*. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KRAVTSOV, Guennadi Grigorievitch. KRATSOVA, Elena Evguenievna. O objeto e o método da psicologia histórico-cultural. **Teoria e Prática da Educação**, v. 22, n. 1, p. 25-31, Jan/Abr, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/mayar/Downloads/47426-Texto%20do%20artigo-751375170127-1-10-20190813.pdf>. Acesso em: 23/10/2023

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

LDE. **Laboratório de Dados Educacionais**. Grupo de pesquisa que realiza estudos e formação em política e gestão da educação. UFPR/UFG, 2020.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. *In: FREITAS, Marcos Cezar de (org). História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 1997. p. 19-52.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. *In*: VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017. p. 119-142.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: v. 38, n. 1, p. 13-18, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de. TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar:** políticas, estrutura e organização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Antinomias na formação de professores e a busca de integração entre o conhecimento pedagógico-didático e o conhecimento disciplinar. *In*: MARIN, Alda Junqueira; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs.). **Didática: teoria e pesquisa**. Araraquara (SP): UECE/Junqueira & Marin, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. Finalidades educativas escolares em disputa, currículo e didática. *In*: LIBÂNEO, José Carlos; ECHALAR, Adda Daniela Lima Figueiredo; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; ROSA, Sandra Valéria Limonta. (orgs.). **Em defesa do direito à educação escolar:** didática, currículo e políticas educacionais em debate. VII Edipe. Goiânia: Editora da UFG, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. Para a pós-pandemia, repensar a pedagogia para uma escola socialmente justa. *In*: OLIVEIRA, Adão Francisco de. **Uma nova educação é possível**. Goiânia: Kelps, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos; FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeira (Orgs). **Finalidades educativas da educação escolar:** a visão de agentes internos e externos à escola. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023.

LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdés (orgs). **Ensino desenvolvimental:** vida, pensamento e obra dos principais representantes russos. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A análise documental. *In*: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013, p. 44 a 52.

LUKÁCS, Gyorgy. **Existencialismo ou Marxismo**. São Paulo: Senzala, 1967.

LURIA, Alexander Romanovich. Vigotskii. *In*: VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017a. p. 21-38.

LURIA, Alexander Romanovich. A psicologia experimental e o desenvolvimento infantil. *In*: VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis

Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017b. p. 85-102.

MALAGUZZI, Loris. Ao contrário, as cem existem. *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs). **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o império. *In*: PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto. 2010. p. 126-163

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan/jun, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1630/1371>

MELLO, Suely Amara. A especificidade do aprender das crianças pequenas e o papel da/o professor/a. *In*: MAGALHÃES, Cassiana; EIDT, Nadia Mara (orgs). **Apropriações teóricas e suas implicações na educação infantil**. Curitiba: CRV, 2019. p. 93-108.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

METRÓPOLIS. **SC: bolsonaristas usam crianças na linha de frente em bloqueio**. Ano 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/sc-bolsonaristas-usam-criancas-na-linha-de-frente-em-bloqueio-video>. Acesso em 21/10/2023.

MIGUEL, Luis Felipe. **O colapso da democracia no Brasil**: da constituição ao golpe de 2016. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MIGUEL, Alessandro S.; MIGUEL, Luciano S.; MIGUEL, Jamil. **Instantes da História de Inhumas**. Goiânia: Kelps, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

MOREIRA, Gleidson de Oliveira. **Metáforas do progresso**: a dinâmica municipal. Goiânia: Kelps, 2004.

MOREIRA, Cleumar de Oliveira; NASCIMENTO, Otaviano Ribeiro; ABDALLA, Maria de Lourdes Salomão. **Inhumas – Identidade e Progresso**. Goiânia: Kelps, 2008.

MUKHINA, Valeria. **Psicologia da idade pré-escolar**: um manual completo para compreender e ensinar a criança desde o nascimento até os sete anos. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.

OSÓRIO, Jaime. **O Estado no centro da mundialização**: a sociedade civil e o tema do poder. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org). **Registros na educação infantil**. Campinas: Papirus, 2017.

PASQUALINI, Juliana Campregheer. O papel do professor e do ensino na educação infantil: a perspectiva de Vigotski, Leontiev e Elkonin. *In*: MARTINS, Lígia Márcia; DUARTE, Newton (orgs). **Formação de professores**: limites contemporâneos e alternativas necessárias. São Paulo: Editora UNESP, 2020. p. 161-191.

PASQUALINI, Juliana; EIDT, Nadia Mara. A educação como produção de humanidade na criança: contribuições da psicologia histórico-cultural. *In*: MAGALHÃES, Cassiana; EIDT, Nadia Mara (orgs). **Apropriações teóricas e suas implicações na educação infantil**. Curitiba: CRV, 2019. p. 59-80.

PASQUALINI, Juliana Campregheer. LAZARETTI, Lucinéia Maria. **Que educação infantil queremos?**: um manifesto em defesa da educação escolar para crianças pequenas. Bauru, SP: Mireveja, 2022.

PEIXOTO, Joana. Tecnologias e relações pedagógicas: a questão da mediação. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 25, n. 59/1, p. 367–379, 2016. DOI: 10.29286/rep.v25i59/1.3681. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/3681>. Acesso em: 21 dez. 2023.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

PINO, Angel. A criança e o seu meio: contribuições de Vigotski ao desenvolvimento da criança e a sua educação. **Psicologia USP**, 21(4), 741–756, jan/2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400006>

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é quase a mesma coisa**: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil – Repercussões no campo educacional. 295p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília – UnB. Brasília: 2010.

PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth; NASCIMENTO, Ruben. Lev Semionovitch Vigotski: Um estudo da vida e da obra do criador da psicologia histórico-cultural. *In*: LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdéz. **Ensino desenvolvimental**: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto. 2010. RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. *In*: PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto. 2010. p. 17-50

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2021.

RÓNAI, Paulo. **Dicionário Francês-Português / Português-Francês**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

SAAD FILHO, Alfredo. Neoliberalismo: Uma análise marxista. Marx e o Marxismo - **Revista do NIEP-Marx**, v. 3, n. 4, p. 58-72, 2015.

SAAD FILHO, Alfredo. MORAIS, Lecio. **Brasil neoliberalismo versus democracia**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SACKS, Flavia do Canto. **Busca Boleana: Teoria e Prática**. Monografia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

SANTOS, Theotônio dos. **Evolução histórica do Brasil: da colônia à crise da Nova República**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

SANTOS, Renero dos. SILVA, Janaina Cassiano. Desenvolvimento e aprendizagem na Base Nacional comum curricular à luz da psicologia histórico-cultural: educação infantil em foco. **Obutchénie**, v. 7, n. 1, p. 1-26, jan/abr, 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, mai/ago, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?format=pdf&lang=pt>

SAVIANI, Demerval. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. In: LOMBARDI, José Claudinei. SAVIANI, Demerval (org). **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

SAVIANI, Demerval. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da base nacional comum curricular. **Movimento revista de educação**. Ano 3, nº 4, 2016.

SCARANO, Julita. Crianças esquecidas das Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto. 2010. p. 99-125

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; ANDRADA, Paula Costa de. **Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo**. Estudos de Psicologia I. Campinas I 30(3) jul/set 2013. p. 355-365

SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sonia. **Educação ou tutela? A criança de 0 a 6 anos**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

TROTSKI, Leon. Cultura e socialismo. In: MIRANDA, Orlando (Org). **Leon Trotski: política**. São Paulo: Ática, 1981.

VALDEZ, Diane. **História da infância em Goiás: séculos XVIII e XIX**. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

VENANCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 180-197

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia pedagógica**: edição comentada. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKI, Lev Semiónovich. **Obras Escogidas IV: Psicologia infantil**. 2. ed. Madrid: Machado Libros, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017. p. 103-117.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018a.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico livro para professores. São Paulo: Expressão Popular, 2018b.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, educação e desenvolvimento**: escritos de L. S. Vigotski. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir, re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12-42.

ZAPORÓZHETS, Alexander Vladimirovich. Importancia de los períodos iniciales de la vida em la formación de la personalidad infantil. In: DAVIDOV, Vasily Vasilyevich; SHUARE, Marta. **La psicologia evolutiva y pedagógica em la URSS**. Moscu: Editorial Progreso, 1987. p. 228-249.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DOS TRABALHOS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO**

<b>Nº</b>	<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	<b>ANO DE DEFESA</b>	<b>AUTOR (A)</b>	<b>ORIENTADOR (A)</b>	<b>PROGRAMA</b>	<b>TIPO DE TRABALHO</b>
<b>1</b>	TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E LITERATURA PARA CRIANÇAS: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	2018	CRISTIANE APARECIDA DA SILVA PASTRE	Dr <sup>a</sup> Marta Chaves	Programa de Pós-Graduação em Educação (UEM)	Dissertação
<b>2</b>	TEMPO LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	2018	MARCELO CAMPOS PEREIRA	Dr <sup>a</sup> Suely Amaral Mello	Programa de Pós-Graduação em Educação (Unesp)	Dissertação
<b>3</b>	O JORNAL IMPRESSO COMO MEDIADOR DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E DO PENSAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	2018	INÊS APARECIDA BUGLINI CASARIN	Dr <sup>a</sup> Heloisa Helena Oliveira de Azevedo	Programa de Pós-Graduação em Educação (PUC-Campinas)	Dissertação
<b>4</b>	VIVÊNCIAS DE CRIANÇAS RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA E SEU PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO NA CRECHE	2018	JEYSE SUNAYA ALMEIDA DE VASCONCELOS	Dr <sup>a</sup> Sinara Almeida da Costa	Programa de Pós-Graduação em Educação (UFOPA)	Dissertação

5	A CORPOREIDADE CRIANÇA VAI À ESCOLA?	2019	OSÉ CARLOS DOS SANTOS	Drº Wagner Wey Moreira	Programa de Pós-Graduação em Educação Física (UFTM)	Dissertação
6	RELAÇÃO UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO BÁSICA: IMPACTOS DO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL	2019	VIVIANE APARECIDA BERNARDES DE ARRUDA	Drª Marta Silene Ferreira Barros	Programa de Pós-Graduação em Educação (UEL)	Dissertação
7	O LUGAR DA LITERATURA INFANTIL NO ESPAÇO EDUCATIVO: VOZES DE PROFESSORAS	2019	ANA CLÁUDIA BAZÉ DE LIMA	Drª Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto	Programa de Pós-Graduação em Educação (Unesp)	Dissertação
8	A PRÁTICA COM A CULTURA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	2019	ODAVILMA CALADO POMPERMAIER	Drª Sinara Almeida da Costa	Programa de Pós-Graduação em Educação (UFOPA)	Dissertação
9	A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A RODA DE CONVERSA COMO ESPAÇO/TEMPO DE INFÂNCIA, CRIAÇÃO E EXPERIÊNCIA	2020	REGINA JODELY RODRIGUES CAMPOS AGUIAR	Drª Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino	Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (UNB)	Dissertação
10	A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E	2020	NATÁLIA DE LOURDES FERREIRA DOS SANTOS	Drª Fabíola de Sousa Braz Aquino	Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (UFPB)	Dissertação

	PRÁTICAS DE EDUCADORES E PSICÓLOGOS					
11	AFETO E DESENVOLVIMENTO HUMANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO A PARTIR DA PRODUÇÃO DE DISSERTAÇÕES, TESES E DOCUMENTOS LEGAIS BRASILEIROS (1996 - 2018)	2021	CAMILA GODOY PAREDES PAGANI	Dr <sup>a</sup> Elieuzza Aparecida de Lima	Programa de Pós-Graduação em Educação (Unesp)	Dissertação
12	NARRATIVAS DO COTIDIANO, FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE PEREJIVANIE	2021	BEATRIZ VITO VIEIRA FERREIRA	Dr <sup>a</sup> Ana Maria Falcão de Aragão	Programa de Pós-Graduação em Educação (Unicamp)	Dissertação
13	ARTES CÊNICAS E EDUCAÇÃO INFANTIL: REALIDADE E POSSIBILIDADE DA LINGUAGEM DO TEATRO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR	2021	ANA LETÍCIA FERREIRA	Dr <sup>a</sup> Marta Silene Ferreira Barros	Programa de Pós-Graduação em Educação (UEL)	Dissertação
14	O PROCESSO CRIADOR DA CRIANÇA COM AUTISMO EM ESPAÇOS BRINCANTES:	2021	LUANA DE MELO RIBAS	Dr <sup>a</sup> Gabriela Sousa de Melo Mietto	Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento	Dissertação

	IMAGINAÇÃO- EMOÇÃO E O COLETIVO				nto e Escolar (UNB)	
15	IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DA TEORIA HISTÓRICO- CULTURAL PARA A EDUCAÇÃO DE 0 A 6 ANOS	2022	CRISTIANE BALDINOT TI DE SOUZA	Dr <sup>a</sup> Suely Amaral Mello	Programa de Pós- Graduação em Educação (Unesp)	Dissertação
16	A IMAGINAÇÃO NA BNCC PARA CRIANÇAS PEQUENAS: ANÁLISE CRÍTICA NA PERSPECTIVA DA TEORIA HISTÓRICO- CULTURAL	2022	ANA PAULA ZORZAN	Dr <sup>a</sup> Tamara Cardoso André	Programa de Pós- Graduação em Ensino (Unioeste)	Dissertação
17	EMOÇÃO, AFETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	2022	NATÁLIA NAVARRO GARCIA	Dr <sup>a</sup> Marta Silene Ferreira Barros	Programa de Pós- Graduação em Educação (UEL)	Dissertação
18	EDUCAÇÃO PARA A COLETIVIDADE: PRESSUPOSTOS PARA AS ATIVIDADES DE MATEMÁTICA COM CRIANÇAS DE 3 A 5 ANOS À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO- CULTURAL	2022	CAMILA FERNANDA BIOLCATTI	Dr <sup>a</sup> Maria Aparecida Mello	Programa de Pós- Graduação em Educação (UFSCar)	Dissertação
19	LITERATURA INFANTIL DIGITAL E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM	2022	HELOISA APARECID A CANDIDO MIQUELIN O	Dr <sup>a</sup> Jarina Rodrigues Fernandes	Programa de Pós- Graduação em Educação (UFSCar)	Dissertação

	ORAL À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO- CULTURAL					
20	ARTE E EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA A APRENDIZAGEM, O DESENVOLVIMENTO E A HUMANIZAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	2022	MAÍRA DELLAZERI CORTEZ	Dr <sup>a</sup> Marta Silene Ferreira	Programa de Pós- Graduação em Educação (UEL)	Dissertação
21	LINGUAGEM ESCRITA DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA TRANSIÇÃO SEGUNDO AS PROFESSORAS	2022	KEILA CRISTINA ARMANDO DE MORAES	Dr <sup>a</sup> Cleonice Maria Tomazzetti.	Programa de Pós- Graduação Profissional em Educação (UFSCar)	Dissertação
22	BASES PARA O DESENVOLVIMENTO DO JOGO PROTAGONIZADO NA INFÂNCIA E A TEORIA DE ELKONIN: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO	2022	MARIA APARECID A ZAMBOM FAVINHA	Dr <sup>a</sup> Elieuzia Aparecida de Lima	Programa de Pós- Graduação em Educação (Unesp)	Dissertação
23	DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DESENVOLVIDA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE MEDIANEIRA (PR)	2019	MARILETE TEREZINHA DE MARCO	Dr <sup>a</sup> Elieuzia Aparecida de Lima	Programa de Pós- Graduação em Educação (Unesp)	Tese

24	ATIVIDADE DE ESTUDO PARA A FORMAÇÃO TEÓRICA DE PROFESSORES: IMPLICAÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DE UM CURRÍCULO HUMANIZADOR NA CRECHE	2022	JULIANA GUIMARÃES MARCELINO AKURI	Dr <sup>a</sup> Elieuz Aparecida de Lima	Programa de Pós-Graduação em Educação (Unesp)	Tese
----	--	------	-----------------------------------	--	---	------

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados adquiridos no site da BDTD - 2023

**APÊNDICE B: QUADRO DE INFORMAÇÕES DETALHADAS DOS TRABALHOS ENCONTRADOS NA BDTD**

Nº	TÍTULO DO TRABALHO	REGIÃO	CIDADE	US	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
1	<b>TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E LITERATURA PARA CRIANÇAS: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	Sul	Maringá	PR	Universidade Estadual de Maringá - UEM	<b>Teoria Histórico-Cultural</b> <b>Educação Infantil</b> Literatura Infantil
2	TEMPO LIVRE NA <b>EDUCAÇÃO INFANTIL</b> : CONCEPÇÕES TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS A PARTIR DA <b>TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL</b>	Sudeste	Marília	SP	Universidade Estadual Paulista - Unesp	Educação <b>Educação Infantil</b> Tempo livre Autocontrole da conduta Implicações Pedagógicas <b>Teoria Histórico-Cultural</b>
3	O JORNAL IMPRESSO COMO MEDIADOR DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E DO PENSAMENTO NA <b>EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	Sudeste	Campinas	SP	Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC Campinas	Formação de professores <b>Educação infantil</b> Produção textual infantil Jornal escolar infantil Letramento discursivo
4	VIVÊNCIAS DE CRIANÇAS RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA	Norte	Santarém	PA	Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA	Amazônia <b>Humanização</b> Crianças Ribeirinhas <b>Creche</b>

	E SEU PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO NA CRECHE					
5	A CORPOREIDADE CRIANÇA VAI À ESCOLA?	Sudeste	Uberaba	MG	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	Corpo/corporeidade Ensino Fundamental Educação Física Análise ideográfica Análise Nomotética
6	RELAÇÃO UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO BÁSICA: IMPACTOS DO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL	Sul	Londrina	PR	Universidade Estadual de Londrina - UEL	Educação PIBID Formação de professores <b>Educação infantil</b> <b>Teoria histórico-cultural</b>
7	O LUGAR DA LITERATURA INFANTIL NO ESPAÇO EDUCATIVO: VOZES DE PROFESSORAS	Sudeste	Marília	SP	Universidade Estadual Paulista - Unesp	<b>Educação Infantil</b> Literatura Infantil no Espaço Educativo Professoras em Vivências Literárias Contribuição à Formação do Pequeno Leitor
8	A PRÁTICA COM A CULTURA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	Norte	Santarém	PA	Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA	Leitura-Escrita <b>Educação Infantil</b> Práticas Pedagógicas <b>Teoria Histórico-Cultural</b>
9	A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A RODA DE CONVERSA COMO ESPAÇO/TEMPO DE INFÂNCIA,	Centro-Oeste	Brasília	DF	Universidade de Brasília - UNB	Roda de conversa <b>Educação Infantil</b> Infância Experiência Ação

	CRIAÇÃO E EXPERIÊNCIA					
10	A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM INSTITUIÇÕES DE <b>EDUCAÇÃO INFANTIL</b> : CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES E PSICÓLOGOS	Nordeste e	João Pessoa	PB	Universidade Federal da Paraíba - UFPB	Organização espacial <b>Educação infantil</b> Psicologia escolar
11	AFETO E <b>DESENVOLVIMENTO HUMANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> : UM ESTUDO A PARTIR DA PRODUÇÃO DE DISSERTAÇÕES, TESES E DOCUMENTOS LEGAIS BRASILEIROS (1996 - 2018)	Sudeste	Marília	SP	Universidade Estadual Paulista - Unesp	Educação <b>Educação Infantil Afeto Desenvolvimento Humano</b>
12	NARRATIVAS DO COTIDIANO, FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE <b>PEREJIVANIE</b>	Sudeste	Campinas	SP	Universidade Estadual de Campinas - Unicamp	Narrativas docentes <b>Perejivanie</b> Formação de Professores Trabalho Docente
13	ARTES CÊNICAS E <b>EDUCAÇÃO INFANTIL</b> : REALIDADE E POSSIBILIDADE DA LINGUAGEM DO TEATRO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	Sul	Londrina	PR	Universidade Estadual de Londrina - UEL	Educação <b>Educação infantil</b> Ação docente Teatro

	NA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR					
14	O PROCESSO CRIADOR DA CRIANÇA COM AUTISMO EM ESPAÇOS BRINCANTES: IMAGINAÇÃO-EMOÇÃO E O COLETIVO	Centro-Oeste	Brasília	DF	Universidade de Brasília - UNB	Autismo Brincar de Faz de Conta <b>Educação Infantil</b> Inclusão escolar
15	IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A EDUCAÇÃO DE 0 A 6 ANOS	Sudeste	Marília	SP	Universidade Estadual Paulista - Unesp	Educação <b>Educação Infantil</b> <b>Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural</b> Papel da educação escolar
16	A IMAGINAÇÃO NA BNCC PARA CRIANÇAS PEQUENAS: ANÁLISE CRÍTICA NA PERSPECTIVA DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	Sul	Foz do Iguaçu	PR	Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste	Currículo <b>Educação Infantil Teoria Histórico-Cultural</b>
17	EMOÇÃO, AFETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	Sul	Londrina	PR	Universidade Estadual de Londrina - UEL	Educação <b>Educação infantil</b> Educação emocional <b>Desenvolvimento humanização</b>
18	EDUCAÇÃO PARA A COLETIVIDADE:	Sudeste	São Carlos	SP	Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	Coletividade <b>Teoria Histórico-Cultural</b>

	<p>PRESUPOSTOS PARA AS ATIVIDADES DE MATEMÁTICA COM <b>CRIANÇAS DE 3 A 5 ANOS À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO- CULTURAL</b></p>					<p><b>Educação infantil</b> Materacia Educação Matemática Crítica</p>
19	<p>LITERATURA INFANTIL DIGITAL E DESENVOLVIMENT O DA LINGUAGEM ORAL À LUZ DA <b>TEORIA HISTÓRICO- CULTURAL</b></p>	Sudeste	São Carlos	SP	Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	<p>Literatura infantil Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação Linguagem oral</p>
20	<p>ARTE E EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA A APRENDIZAGEM, O <b>DESENVOLVIMEN TO E A HUMANIZAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b></p>	Sul	Londrina	PR	Universidade Estadual de Londrina - UEL	<p>Educação <b>Educação infantil</b> Arte Brincar <b>Psicologia histórico- cultural</b> Formação de professores</p>
21	<p>LINGUAGEM ESCRITA DA <b>EDUCAÇÃO INFANTIL AO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA TRANSIÇÃO SEGUNDO AS PROFESSORAS</b></p>	Sudeste	São Carlos	SP	Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	<p><b>Educação Infantil</b> Transição 1º Ano do Ensino Fundamental Linguagem Escrita</p>
22	<p>BASES PARA O DESENVOLVIMENT</p>	Sudeste	Marília	SP	Universidade Estadual	Educação

	O DO JOGO PROTAGONIZADO NA INFÂNCIA E A <b>TEORIA DE ELKONIN: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO</b>				Paulista - Unesp	<b>Educação Infantil</b> Bases para o jogo protagonizado <b>Teoria do Jogo de Elkonin</b>
23	DOCÊNCIA NA <b>EDUCAÇÃO INFANTIL:</b> PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DESENVOLVIDA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE MEDIANEIRA (PR)	Sudeste	Marília	SP	Universidade Estadual Paulista - Unesp	Educação <b>Educação Infantil</b> Formação Continuada de Professores Especificidades da Docência na Educação Infantil
24	<b>ATIVIDADE DE ESTUDO PARA A FORMAÇÃO TEÓRICA DE PROFESSORES: IMPLICAÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DE UM CURRÍCULO HUMANIZADOR NA CRECHE</b>	Sudeste	Marília	SP	Universidade Estadual Paulista - Unesp	Educação <b>Educação Infantil</b> <b>Atividade de Estudo e formação teórica de Professores</b> Currículo na creche Materialismo histórico- dialético <b>Teoria Histórico-Cultural</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados adquiridos no site da BDTD - 2023

**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “A EDUCAÇÃO INFANTIL PÚBLICA E AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS COM BASE NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL”. Meu nome é MAYARA PEREIRA DOS SANTOS, sou Mestranda em Educação, pesquisadora responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubriche todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(à) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail [mayara.pesantos@hotmail.com](mailto:mayara.pesantos@hotmail.com), presencialmente também, ou no endereço Av. Araguaia, Nº 400, Vila Lucimar - Inhumas-GO, CEP: 75403-577 e, inclusive, sob a forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do seguinte contato telefônico: (62) 992318585. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: [cep@ueg.br](mailto:cep@ueg.br). O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Os pesquisadores que compõem essa equipe de pesquisa são a mestranda Mayara Pereira dos Santos e o orientador Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Made Junior Miranda.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente vinte minutos e a sua participação na pesquisa em torno de quarenta minutos.

**Justificativa, objetivos e procedimentos:**

A presente proposta de pesquisa pretende defender uma educação infantil pública de qualidade visto que nas diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil podemos encontrar essa premissa, que diz “É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e

de qualidade, sem requisito de seleção” (2010, p. 12), ou seja, é um serviço que precisa ser prestado à população de forma gratuita, sem cobrança de valor e com qualidade, isso quer dizer que o serviço prestado deve atender a real necessidade da criança, portanto deve atender aos interesses da classe trabalhadora, principalmente a população mais vulnerável. Pensando nisso o tema norteador dessa pesquisa e de todas as discussões do texto será dissertado sobre uma educação infantil pública humanizadora que potencialize o desenvolvimento humano integral da criança, construindo assim uma base sólida para a sua atividade criadora direcionada para a sua vida.

Esta será uma pesquisa exploratória que “[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...] e o aprimoramento de ideias” (GIL, 2002, p. 41), terá um enfoque qualitativo com entrevistas parcialmente estruturadas com os professores e professoras da educação infantil para compreender e identificar como estão sendo feitas as intervenções pedagógicas dessas instituições, para Gil as entrevistas “parcialmente estruturadas servem para explorar pontos de interesse do entrevistador, ao qual guiará as entrevistas com base nesses interesses utilizando as perguntas norteadoras, mas que não são fixas” (2002, p. 117), será feita também uma análise dos documentos pedagógicos orientadores para essas instituições.

A análise documental que também será um recurso para essa pesquisa, será utilizado para analisar os documentos selecionados neste estudo, documentos estes que serão os norteadores das atividades pedagógicas na educação infantil, como BNCC, Diretrizes curriculares para a educação infantil e documentos norteadores do município de Inhumas, ancorando-se na ideia de Lüdke e André (2013, p. 44 e 45) de que ela “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” além de ser uma “fonte de informações sobre o comportamento humano”.

As entrevistas compor-se-ão como instrumentos para a coleta dos dados dessa pesquisa, visando a responder a pergunta norteadora do trabalho que é: como podemos caracterizar as intervenções no campo prático da educação infantil e seus processos de desenvolvimento humano integral? E os objetivos ajudarão a percorrer esse caminho em busca de caracterizar as intervenções dos professores e de entender os processos do desenvolvimento humano integral da criança. Como critério de escolha desse instrumento usamos Severino que diz que "o pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam" (2017, p. 131) considerando o intuito de realizar uma discussão, com dados qualitativos para análise. Com base sempre no materialismo histórico dialético para

compreender a sociedade e na teoria histórico-cultural para compreender a atividade de ensino, as entrevistas serão o que Gil (2002, p. 117) chama de parcialmente estruturada, com perguntas norteadoras, porém deixando o entrevistado responder de uma maneira livre e descontraída para que o diálogo aconteça de forma mais natural possível, mas sem perder o rigor da pesquisa, ressaltamos que as entrevistas farão parte do texto dessa dissertação, mas em hipótese alguma os entrevistados serão citados, utilizaremos nomes fictícios, as entrevistas acontecerão, preferencialmente, na instituição de ensino, porém, não se descarta a possibilidade de serem realizadas pelo aplicativo “Google Meet”. A previsão de entrevistados é de dezesseis professores ou professoras, que ainda não foram selecionados, porém já estabelecido os critérios de participação, sendo que eles ou elas deverão estar no trabalho docente na secretaria municipal de Inhumas, trabalhando em uma das escolas selecionadas e a prioridade é que atendam as crianças de quatro e cinco anos.

O objetivo geral dessa pesquisa é caracterizar as intervenções pedagógicas que são realizadas na educação infantil e se estas contribuem para o desenvolvimento humano integral da criança e os objetivos específicos serão: Analisar as diretrizes curriculares nacionais e municipais para a educação infantil, compreender o processo de desenvolvimento humano integral da criança partindo da nossa base teórica, discutir a atividade pedagógica da instituição a partir da entrevista com os professores e sua importância para o desenvolvimento humano integral da criança.

Para participar da entrevista, cada entrevistado (a) assinará, em duas vias, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após as transcrições das entrevistas, as mesmas serão enviadas aos partícipes para que possam consentir, ou mesmo sugerirem alguma alteração, ficando assim, com uma cópia. Será necessária a obtenção de registros sonoros e/ou audiovisuais da conversa, ressalta-se que a pesquisa garantirá a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa. Portanto, é imprescindível que rubrique dentro do parêntese com a proposição escolhida.

Ressaltamos o compromisso dos pesquisadores com essa pesquisa, com a comunidade e com a divulgação desses dados em formato acessível ao grupo e a população da cidade de Inhumas/Goiás.

( ) Não permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

( ) Permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da imagem/voz:

( ) Permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

( ) Não permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

**Riscos e formas de minimizá-los:**

A pesquisa poderá oferecer risco mínimo de origem psicológica, intelectual ou emocional pela probabilidade de desconforto, estresse, cansaço, possibilidade de constrangimento, disponibilidade de tempo para responder a entrevista e desconforto 30 emocional relacionado à presença do pesquisador. A pesquisadora tentará minimizar os riscos deixando claro ao participante o sigilo em relação as suas respostas, as quais serão tidas como confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos; o acesso em um ambiente que proporcione privacidade durante a coleta de dados, uma abordagem humanizada, optando-se pela escuta atenta e pelo acolhimento do participante, obtenção de informações, apenas no que diz respeito àquelas necessárias para a pesquisa; a não identificação nominal, a fim de garantir o seu anonimato e da possibilidade de interromper o processo quando desejar, sem danos e prejuízos à pesquisa e a si próprio e garantir explicações necessárias para responder as questões.

**Assistência:**

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na entrevista a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

**Benefícios:**

Irá proporcionar aos participantes da pesquisa pensar e refletir sobre a prática com o pesquisador. Contribuir para uma boa investigação a cerca de uma educação infantil pública de qualidade e dentre os possíveis benefícios prevemos a oportunidade de pensar uma educação infantil pública e de qualidade considerando que esta pesquisa oportunizará, dentro dos limites, à comunidade uma discussão mais aprofundada sobre a educação infantil e sobre o processo de desenvolvimento humano da criança.

**Indenização:**

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo como por exemplo, transporte e alimentação este será ressarcido por mim, pesquisador responsável.

Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisadora responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas. Na finalização, desta pesquisa, a pesquisadora entrará em contato com os participantes informando-os de seu término e enviando-lhes um arquivo digital. Caso seja solicitado, por algum entrevistado, será enviada uma versão impressa. Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos o trabalho completo, ao término da pesquisa, da defesa e aprovação do mesmo. Além disso, desde o primeiro contato a pesquisadora fornecerá dos dados telefônicos, endereço de e-mail e os participantes poderão solicitar maiores informações a qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa.

### **Declaração da Pesquisadora Responsável**

Eu, pesquisador(a) responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP. Ressaltamos o compromisso dos pesquisadores com essa pesquisa, com a comunidade e com a divulgação desses dados em formato acessível ao grupo e a população da cidade de Inhumas/Goiás.

### **Declaração do (a) Participante**

Eu, ....., abaixo assinado, discuti com o pesquisador(a) Mayara Pereira dos Santos sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo “A EDUCAÇÃO INFANTIL PÚBLICA E AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS COM BASE NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou

claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Inhumas/GO, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

---

Assinatura do (a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Assinatura da pesquisadora responsável

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**APÊNDICE D - ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS**

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?**

**Qual gênero você se identifica?**

**Qual a sua formação?**

**Qual o seu regime de trabalho?**

**Qual a sua função na educação infantil?**

**Quanto tempo de trabalho?**

**Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

**Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

**O que você entende por educação?**

**O que você entende por escola?**

**O que você entende por criança?**

**O que você entende por infância?**

**O que é uma criança bem-educada pra você?**

**Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

**Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda pra vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

**É feito formação com vocês?**

**Pra você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

**Nesse caderno é anotado o que?**

**Quais são as finalidades da educação infantil?**

**Quantos alunos você tem na sua sala?**

**O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

**O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

**O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

**Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

**Como é esse projeto de psicomotricidade?**

**Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

**Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

**Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

**Você usa outros espaços dentro da escola?**

**O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

**Para você hoje no seu trabalho, o que é mais importante?**

## APÊNDICE E: ENTREVISTAS

### ENTREVISTA 1

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 43

**Qual gênero você se identifica?** feminino

**Qual a sua formação?** Pedagoga pós-graduada em Libras

**Qual o seu regime de trabalho?** Concursada

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

**Quanto tempo de trabalho?** 16 anos

**Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Por uma questão de afinidade com as crianças, eu consigo ser uma criança adulta.

**Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

Dar um pouco mais de criticidade para a criança, desenvolver as habilidades dela, ela se conhecer como portadora, portadora não, como uma pessoa que tem capacidades, pra mim é isso basicamente, fazer com que ele construa algo que já está dentro dele, mas que ele desconhece, mas que eu possa cativar pra ele colocar pra fora.

**O que você entende por educação?**

É transmitir, é auxiliar no processo de aprendizagem que é contínuo no ser humano, no caso das crianças é uma construção de saberes, é construir com eles os seus objetivos, as suas metas, aquilo que as vezes nem eles ainda conhecem, mas que eu posso de alguma forma contribuir para que haja um crescimento.

**O que você entende por escola?**

Escola muitas vezes a gente lembra da parte física, mas eu acredito que vai muito além disso, é um ambiente que é a segunda casa no caso da criança, é um lugar que tem que transmitir pra ela segurança, casa é isso que a gente espera, mesmo que no mundo de hoje a gente sabe que isso não acontece com frequência, mas se isso não acontece na casa dela ela encontre pelo menos isso na escola, que nós possamos ser esse ser humano que transmita isso, essa segurança, um lugar onde ela pode se sentir segura, que ela possa se sentir acolhida e que ela possa deter conhecimentos pra vida. A escola somos nós, não é um ambiente físico em si, a construção, vai muito além, somos nós.

**O que você entende por criança?**

Ahhhh é a coisa mais boa do mundo que eu não queria ter deixado de ser, criança é uma sementinha pronta pra ser regada e que se eu regar e cuidar bem dela, ela produz bons frutos e eu tenho que ter cuidado com essas ervas daninhas que ficam ao redor cercando o tempo todo. E criança é isso, aquele olhar infinito pronto pra receber, as vezes eles falam, ficam com raiva, a gente sabe que tem crianças que são mais difíceis devido ao ambiente familiar, devido a criação e tudo, mas que no fundo existe ali toda uma ingenuidade, todo um amor que se a gente conseguir construir junto, a gente pode até fazer um mundo melhor.

**O que você entende por infância?**

Infância é a primeira fase da idade da criança, é o início, é o estágio, você tem a infância a adolescência.

### **O que é uma criança bem-educada pra você?**

Varia do que eu acredito! Pra mim uma criança bem educada é uma criança que tem princípios, princípios cristãos, princípios sociais e que eu posso contribuir para essa construção, que é o que eu volto a falar, as vezes em casa, principalmente hoje, as crianças ficam muito em vários lugares menos com a própria família, com o pai, a mãe ou com aquilo que a gente acredita né que seja a constituição da família primária que seria pai e mãe, o que é ela ser educada, é ela ter essa formação que vem, começa lá na família que nós continuamos, que ela saiba a hora de falar, que ela saiba a hora de escutar, principalmente escutar, porque nós vivemos hoje em uma sociedade que não gosta de escutar e a gente sabe que cada dia isso está mais difícil, essa construção tá mais difícil, eu costumo falar para os meus alunos “que quem escuta muito aprende muito, agora é hora de escutar”, eu gosto muito de usar isso com eles, porque a gente aprende muito no ouvir, e nós hoje lidamos com uma sociedade que não gosta de ouvir, ela gosta de falar e só de impor e a crítica ela só vem se você souber ouvir, porque o apontar erros não é ter um ponto crítico, porque quem tem um ponto crítico tem solução também e eu só tenho solução a partir do momento que eu sei escutar e seu observar. Eu sempre falo pra eles agora vamos ter um momento de ouvir, ouvir o que o colega tem pra falar, ouvir a tia. Aqui nós temos muitos barulhos de pássaros e essas coisas, aí quando eles estão bem agitados, eu falo pra eles que a gente está precisando ouvir os pássaros, eles perguntam “pra que tia?” e eu falo, pra gente acalmar, porque a gente aprende com eles, olha o tanto que o canto deles é bonito, traz paz, tem hora que a gente está muito agitado e a gente precisa aprender com eles, porque a gente precisa de um momentinho pra ouvir o ar passando.

### **Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Ajudou, porque sem teoria não tem prática, mas a teoria é um pouco do processo, é só o comecinho, porque a prática é bem diferente, tem hora que tá tudo ali escrito muito bonito e muito perfeito, mas na hora da prática a gente precisa muitas vezes rebola pra descobrir alguma coisa, não sei se nos falta um conhecimento mais profundo, porque nós somos seres humanos que queremos o básico e vamos, as vezes não é nem só por uma questão de querer, mas por diversas outras ocasiões, diversos outros motivos e a gente pega o básico ali e toca o barco, e as vezes quebra o remo, as vezes tem hora que precisa de uma ajudinha, então assim, acho que não foi o suficiente, acho que a prática contribuiu bem mais, aquele convívio com aquele que já tem um olhar mais antigo das coisas. Eu costumo dizer que a própria palavra de Deus diz que nós devemos aprender com os idosos, e a fé, ou seja as pessoas mais velhas, por mais que as vezes eles pensam “ai mas eles são muito tradicionais”, mas eles tem um conhecimento de vida e de vivencia que é importante a gente aprender com ele, as vezes não mais velho em idade, mas mais velho em prática.

### **Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa? Quais documentos normativos você usa?**

Primeiro não adianta a gente dizer que a gente não tem um plano a seguir, mas eu procuro adequar segundo a realidade da turma, segundo a necessidade da turma, porque cada turma de cada ano que entra é uma turma diferente, as vezes você tem uma turma que gosta muito de cantar, aí a gente trabalha e explora os conteúdos que precisam ser ministrados, porque eu acho que eles são importantes sim, eu sou meio tradicional nesse sentido, eu acho que eles são importantes sim porque hoje se fala muito que o menino aprende muito brincando, e eu concordo, e ele até precisa disso, mas a gente não pode deixar também que eles compreendam, que eles sejam conhecedores daquilo que é necessário para eles terem essa crítica, as vezes ele precisa ler, precisa escrever, ele precisa falar, ele precisa de um todo, não dá só pra mim ficar

brincando e cantando com ele, ele precisa e quando eu me volto muito pra isso, e as vezes as pessoas tem muito essa visão da educação infantil, a fica lá só brincando, ele aprende com o brincando sim, e concordo e acho que ele é necessário porque são crianças, todavia no entanto, eu também preciso desde já trabalhar essa maturidade que eles estão crescendo para um mundo adulto, e se eu não fizer isso, amanhã eles serão adultos que não conseguem lidar com as suas responsabilidades, então assim, eu procuro adotar aquilo que é necessidade da sala, por exemplo esse ano eu tenho uma criança bem agitada na sala, tem muita coisa que eu fiz no ano passado, que esse ano não funcionaria, em momento nenhum, porque ele agita a sala então eu tenho que ter sempre uma cartinha na manga, pra ele não agitar a sala, não atrapalhar a turma, mas que ele também adquira algum conhecimento que eu sei que não vai ser o mesmo dos outros, porque ele não consegue por ele ser muito agitado, eu falo com a menina do apoio que me ajuda na turma que quando ele está agitado, ele agita até nós duas, a gente também fica super agitada.

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda pra vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

Documento não, porque todos os projetos e planejamentos são feitos na escola, nós temos um roteiro e a nossa escola mesmo a gente se junta no início do ano geralmente e vai incorporando aquilo que a gente vê que não deu certo, procura melhorar, atender a necessidade da clientela da escola, provavelmente não seria essa palavra, mas é mais ou menos isso. Mas algo pronto não, a rede não exige, pelo menos aqui, eu já tenho muitos que eu trabalho na mesma instituição, a gente tem essa liberdade de flexibilizar muita coisa, lógico que tem algumas coisas que vem, que a gente é obrigada a trabalhar, alguns projetos, ahhh esse projeto está no município vem e traz, mas não é um projeto da rede.

**É feito formação com vocês?**

Fazem! Sempre que possível sim, pelo menos no início dos semestres, mesmo que eu acredite que essas formações, muita das vezes elas se tornam um pouco repetitivas, voltadas sempre aos mesmos temas e que as vezes não atenda tanto a nossa prática, mas isso aí é uma realidade que a gente sabe que não é só aqui, é geral, só de ter uma formação a gente já tem que ter um conhecimento de que já é um bom andamento. Apesar de que a gente sabe que os fundamentos né, são financeiros, porque se faz formação tem, mas isso aí... talvez pra mim pela quantidade de tempo que eu já estou na rede não seja tão enriquecedor quanto eu esperaria, por já ter assistido várias vezes, mas para os novos que estão chegando atende eles, apesar de que esse povo novo que está vindo não tem muita vontade de... são poucos. A maioria quer só passar pelo estágio mesmo, quer que passe o mais rápido possível.

**Pra você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

Primeiro que a gente tem as anotações pessoais, o que a gente faz, as vezes acontece alguma coisa em sala de aula por trabalhar em educação infantil, quando você vê que alguma necessidade de trabalhar algum tema exclusivo, por exemplo gula, que são coisa que a gente trabalha, eu sempre anoto e vejo o que dá pra encaixar de acordo com os conteúdos que estão no nosso planejamento anual, aquele que nós enquanto instituição organizamos no início do ano, foi trabalhado junto, foi feito em reunião, foi feito um levantamento junto e todos os anos no caso quando a gente vê que precisa de uma adequação a gente tem a flexibilidade, aquilo é só um roteiro, a gente tem a flexibilidade de estar trabalhando atendendo a necessidade da sala.

**Nesse caderno é anotado o que?**

Eu anoto nele, anoto no celular, anoto as observações na minha agenda e como eu faço tudo no computador, eu sempre vou lá e vejo o que eu já fiz e o que ainda pode ser feito, meu material é meu mesmo e dentro daquilo que eu vejo que é necessário eu vou seguindo o planejamento e atendendo as necessidades com as minhas observações, então quer dizer que a gente tem os cursos de formação, tem o AlfaMais, tem a questão da internet que ajuda, que a gente procura ver o que está funcionando, vê se funciona porque nem sempre o que está ali bonito funciona, você tem que dá uma... aqui a gente tem muita troca uma com a outra, tudo que a gente vai fazer geralmente a gente troca ideia uma com a outra.

### **Quais são as finalidades da educação infantil?**

A finalidade é fazer com que essa criança se torne um adulto, dotado de alguns conhecimentos, porque todo dia a gente aprende um pouquinho, ele se torna um adulto crítico, um adulto que tenha criatividade, que desenvolva habilidades, que conquiste, que tenha vontade de ver um mundo melhor, na minha opinião e dentro da proposta que eu trabalho seria mais ou menos isso. Auxiliar no crescimento e no desenvolvimento das outras áreas, que vão vir pela frente, é começar a dar uma base, um alicerce.

### **Quantos alunos você tem na sua sala? 21**

#### **O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

Que a gente tem que estar sempre buscando conhecimento, porque cada dia é uma nova, você tem que estar procurando sempre aprender um pouquinho, sempre buscando com o outro, tem hora que a gente tem que pedir socorro, porque a gente não sabe como lidar com aquela situação, e ter a humildade de reconhecer isso, porque muita das vezes a gente acha que é só seguir aquela sequência e pronto, se aprender quem quiser e vamos e pronto, não é bem isso, a nossa preocupação com o outro vai além, muito além.

#### **O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

É esse crescimento, todo dia um pouquinho, tanto físico, como emocional, mental, o ser humano ele vai aos pouquinhos, com o meio em que ele é cercado, o estímulo que ele recebe ele vai se desenvolvendo, ou para coisas boas, ou para coisas ruins, por isso que eu acho que a gente é tão importante, e o ambiente contribui. E isso é tão interessante, porque quando a gente pega uma turma no início do ano, nossa turma se forma com alunos de uma sala de outra e cada um fala de jeito, e eles vem também com a cultura de casa, e na semana passada a menina que fica comigo no apoio a gente tava conversando, a quantidade de coisas que eles falam que a gente fala, o nosso repertório vocabular reflete sobre a vida deles, então é um trem muito interessante. Eles são espelho, eles repetem muito o que a gente fala, são coisas que acontecem e assim o meio influencia, o que você fala, o que você vive, tanto é que se a gente tiver com algum problema, automaticamente a sala também fica apática, ou agitada, e eles percebem, talvez eles não conseguem diagnosticar o que verdadeiramente seja, mas eles chega e pergunta “o que foi?”, assim eles percebem que tem alguma coisa que não está dentro do âmbito normal, talvez eles não conseguem descobrir que a tia está é triste, ou nervosa, alguns até sim, eles comentam “a tia está nervosa hoje”, reflete sim neles. E a gente passa bastante tempo com eles né, eles chegam as 7 e abre o portão as 11 e 15, até 11 e meia eles ficam com a gente, então isso na vida da criança representa muito.

#### **O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

Eu me voltar pra necessidade dele, atender a necessidade da criança, da turma, porque no caso eu não trabalho com uma, eu trabalho com muitas, mas atender essa necessidade, é igual eu falei, tem turma que as vezes ela precisa ser estimulada a oralidade, e geralmente a maioria as

vezes, outros precisam dos movimentos motores, outras habilidades, de acordo com o tempo eu costumo dizer que a gente começa a conhecer a turma depois de março pra frente, que é quando eles começam a se revelar pra gente, porque tudo pra eles também é novo, assim como pra gente. Mesmo você tentando ter um olhar constante pra tentar conhecer eles, são muitos, tem que criança você só vai conhecer ele no finalzinho do ano, porque ele demora a dar abertura, e sempre tem aqueles que destacam, então assim, acho que um fator importante, é atender as necessidades da criança, e as vezes eles nos surpreendem também.

### **Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

Percebo pelas rodas de conversa, nas atividades diagnósticas, as vezes a gente faz uma atividade querendo diagnosticar o que que teve de crescimento de um bimestre para o outro, porque a gente tem pontos que a gente adota como pontos avaliativos, então vamos supor, a gente tem o projeto de psicomotricidade, eu quero ver o desenvolvimento da criança no pular, então naquele momento ali, eu vou visar essa área, ou uma atividade específica pra visar uma outra, e nas rodas de conversa, da forma como eles se expressam, da forma como eles desenharam, a forma como eles trocam conhecimento um com o outro, então é um olhar atento constante.

### **Como é esse projeto de psicomotricidade?**

A gente desenvolve ele dentro da sala de aula e uma vez de quinze em quinze dias por turmas no pátio, aí junta umas três salas, a gente vem pra fora e desenvolve, e as três professoras entram em um consenso de atividades que a gente pode estar fazendo com as três turmas e a gente vem pra fora e faz com eles.

### **Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

É a base, eu fui uma pessoa que não teve educação infantil no meu processo de ensino aprendizagem, e eu sempre brinco com a minha mãe que eu tenho dificuldade com direita e esquerda, e eu fala que a culpa é dela, porque ela não me deixou fazer educação infantil, ela não sabe o que é a educação infantil, e a gente não sabe as vezes a dimensão da importância disso, em coisas muito pequenas, mas é muito importante.

### **Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

Desde o desenvolvimento motor, ao mental, ao convívio, a troca, tudo é importante, é ali que ele começa a aprender dividir, é ali que ele começa a entender que é uma organização de espaço, os desenvolvimentos motores, principalmente porque o ensino fundamental já volta muito ao conteúdo, e o motor reflete no desenvolvimento de conteúdo, as habilidades, aprender a se concentrar, aprender a prestar atenção, a organizar o seu espaço, a cuidar, tudo isso é importante para que ela receba os demais, e isso é necessário principalmente, mesmo que isso não seja feita de forma não tão frequente no ensino fundamental de primeira fase principalmente, mas na educação infantil a gente preocupa muito com isso, se identificar.

### **Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

A minha sala é organizada atendendo a necessidade do dia, e eu quase não trabalho de forma tradicional com aquelas carteiras enfileiradas para o cotidiano, as vezes quando tem reconto, eu gosto de colocar eles em círculo, sentados no chão mas na verdade eles costumam sentar em duas mesas maiores, no início do ano a sempre tem aqueles meninos que estão mais adiantados e aqueles que precisam ser acompanhados com maior constância então costumo fazer uma separação para atender com maior facilidade, principalmente quanto a gente está sozinha na sala, então você sabe que aquela turma daquela mesa precisa de um tempo maior, e outros não,

e aí sempre eu pego dois ou três que fazem mais rápido e jogo lá pra poder me ajudar, porque depois que a gente identifica eles você sempre tem aquele aluno professor na sala, e eu costumo usar ele e identificar o corpo da criança como parte integrante do conhecimento dele, e o que seria isso, ele tem que estar confortável, tem atividades que requer que ele sente no chão, requer que ele esteja junto com outro e eu não gosto muito da forma tradicional, mas hoje na minha sala de aula o que eu mais adoto são eles sentados de três em três, por conta da minha criança agitada, é a forma que eu tenho de fazer com que ele não atrapalhe tanto os outros. No ano passado por exemplo eu trabalhei praticamente o ano todo com duas mesas grandes, porque a turma era diferente, essa já não me dá essas condições, porque ele agita a mesa que ele está.

### **Você usa outros espaços dentro da escola?**

Eu uso outros espaços sim, mas esse ano estou usando menos, porque o meu menino se eu venho pra fora ele é aquele que sabe... e aí acaba que eu não sei se a gente fica atrás dele, então assim eu tenho usado mais o espaço da sala, depende muito da turma as vezes a gente tem que adaptar aquilo que a gente gosta de fazer pra atender a necessidade da turma.

### **O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

É o que eu te falei, eu sou um pouco tradicional em algumas coisas, e eu vejo que eles tem buscado constantemente deixar alguns valores como escrita muito para depois, e eu acho que a criança tem capacidade, eu acredito que isso são as políticas públicas que estão tentando fazer com que as nossas crianças fiquem mais tarde pra isso, o corpo é importante tudo, mas a gente abrir os horizontes com uma boa leitura, e uma boa escrita, ajuda muito, eu sou fruto disso, então assim, eles dizem muito que eles tem que brincar, as vezes a fala, a forma como se coloca, faz com que muitos profissionais levam a coisa assim, acho que tem que ter uma valorização quanto a criança, tanto é que essas formações de alfabetização, tentando desinfiltrar aquilo que eles colocaram primeiro “a criança precisa brincar”, teve uma época que a gente só escutava isso, aí parece que a coisa não foi fluindo muito bem, e agora eles vem com essas formações de que a criança aprende brincando, eles falam e se contradizem, ou não sabem falar aquilo que verdadeiramente eles querem construir. E eu acho que a gente precisa explorar um pouco mais, eu não sou contra, eu acho que eles precisam, mas a gente não pode deixar de lado. Eu já vi profissionais que ficam a manhã inteira só... Ah a criança aprendeu, aprendeu sim, mas ela tem condições de ir muito além, muito além.

### **Para você hoje no seu trabalho, o que é mais importante?**

Além dos desenvolvimentos emocionais, o desenvolvimento motor, é ela conhecer um pouquinho do mundo da escrita, da leitura, não sei se é porque eu já fui professora de primeiro ano, e eu vejo o quanto é importante pra criança quando ela chega lá e ela já conhece alguma coisa, porque a gente lida com a realidade que é o seguinte, a escola pública não pode isso, a escola particular pode, aí quando chega lá muitas vezes eles se misturam e aí vem aquela coisa frustrante pra criança, porque aquela criança que você trabalhou a questão crítica nela ela se pergunta, mas porque eu não aprendi isso, as vezes ela nem fala, mas o inconsciente dela fica ali, eu acho muito importante trazer o máximo de conhecimento possível, em todas as áreas pra criança, porque ela tem capacidade. Eu não posso simplesmente olhar um ângulo que é mais fácil as vezes até pra mim.

## **ENTREVISTA 2**

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 39 anos

**Qual gênero você se identifica?** feminino

**Qual a sua formação?** Formada em pedagogia pela UEG, especialização em psicopedagogia

**Qual o seu regime de trabalho?** Concursada

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

**Quanto tempo de trabalho?** 17 anos

### **Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Na verdade, eu tinha escolhido outra coisa pra fazer, mas como a minha mãe sempre trabalhou com a educação e ela trabalhou na educação infantil, na verdade foi ela que fez minha inscrição no concurso, e aí eu acabei passando, e aí eu vim e me apaixonei, e estou aqui até hoje.

### **Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

Na educação, principalmente na educação infantil por muito tempo ela foi banalizada, foi vista como assistencialista como todo mundo já sabe, só que hoje ela ganhou uma força muito grande, e eu vejo principalmente neste decorrer dos anos que eu trabalho, como ela pode mudar e como ela pode impactar a vida da criança, da pessoa. Eu tenho vários ex alunos inclusive que foram cursar pedagogia porque fez a diferença na vida deles, tem muita criança que chega aqui e o único amparo que elas tem infelizmente somos nós professores, porque a família não dá amparo, infelizmente a sociedade também não dá, e o lugar onde eles se sentem acolhidos é aqui dentro da escola, então eu vejo como uma peça fundamental na formação desses cidadãos.

### **O que você entende por educação?**

Não é só uma questão cognitiva, aqui na escola principalmente a gente trabalha muito a questão do social, a questão da formação mesmo, do respeito, porque hoje infelizmente porque hoje as famílias estão deixando tudo por conta da escola, então eu acho que a escola transpassou essa questão do cognitivo, hoje em dia ela é social, questão de saúde mesmo, porque muitas vezes as crianças recebem orientações básicas de saúde em escola, aqui principalmente na educação infantil. Educação é isso, é acolher, é instruir, é educar cognitivamente, é educar socialmente também.

### **O que você entende por escola?**

Escola por muito tempo foi só um lugar aonde se ia para aprender alguma coisa, eu acho que entra essa questão da educação que a gente falou agora, não é só mais um espaço físico de aprendizagem cognitiva, como eu disse tem muitas crianças que vem aqui pra poder comer, tem muita criança que vem aqui porque a mãe não tem lugar para deixar a criança, ela precisa trabalhar, ou quer se ver livre da criança. A escola hoje em dia ela infelizmente ela acaba perdendo a sua identidade que deveria realmente ser, mas por outro lado ela abraça outras questões que a criança poderia estar marginalizada, sem um amparo.

### **O que você entende por criança?**

Criança é tão pura, é tão simples e a gente vai complicando as coisas porque quando a gente vai ficando bobo, eu falo que a gente nasce tão lindo e vai ficando bobo. Criança é pureza, é aprendizado, criança é criatividade, é curiosidade, é movimento, Ahhh eu gosto demais. Eles se entregam.

### **O que você entende por infância?**

Infância é a mesma coisa, a gente quando é menino a gente fica tão louco, eu vivo falando para os meus alunos, que a gente fica tão louco pra crescer, que saco que é crescer, é bom faz parte da vida, mas quando a gente é criança é tudo tão lindo, eu lembro que quando eu era criança, a minha infância foi em roça, você imagina que delícia, na casa do vô e de vô, eu subia em pé de

manga, eu cresci em pé de goiaba, eu acho que infância quando você tem tudo pra viver de mais mágico, mais maravilhoso, de mais sensacional acontece na infância da gente, era pra ser pelo menos, a gente sabe que algumas crianças infelizmente não passam por esse processo. Mas eu acho que a infância ela tem que ser muito, cuidada, tem que ser muito preservada, tem que ser muito estimulada, porque é muito mágico.

### **O que é uma criança bem-educada pra você?**

Eu estou passando por esse dilema, porque a gente acha que a criança bem educada é aquela que fica sentadinha, quietinha, fala baixo, e eu estou aprendendo que a criança que é bem educada é aquela que ela tem os direitos dela respeitados, é lógico que você tem que conduzir, eu falo que criança é igual um cavalo selvagem, ou então igual a uma locomotiva sem freio, você adulto ali que vai, conduzir a locomotiva e adestrar o cavalo, agora a criança educada é aquela criança que sabe perguntar, mas também ela é ouvida, é respondida, criança não pode ser quieta, ela é barulhenta por natureza, mas é uma criança que sabe respeitar, é uma criança que tem os direitos dela garantido, que ela sabe que é amada, que ela é importante. Isso é uma criança bem-educada, não só a questão cognitiva novamente.

### **Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Base suficiente não, mas me mostrou os passos, isso aqui é no dia a dia, aí a gente tem que ir atrás, porque cada dia acontece um evento novo, as crianças são totalmente diferentes de quando eu e você éramos crianças, eu era uma menina bobinha que se me falassem que essa garrafa aí era de ouro, eu acreditava, hoje em dia eles... batata... e você tem que estar acompanhando pra você poder entrar na roda de conversa deles ali, então... a formação ela planta a semente, aí dali pra frente é a gente que vai, vai por adubo e vai regar e vai colher na época... mas depende da gente, acreditar que só isso está bom, você vai ficar estagnado.

### **Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

Geralmente a gente tem um planejamento anual que a gente faz com antecedência, e aí todos os meses a gente senta e faz o cronograma mensal, em cima disso a gente lança lá no início do ano quais são as primeiras atividades e em cima do que que as crianças vão demonstrando, interesse, e do que que a gente vai conseguindo com os objetivos traçados lá no início e durante o ano, aí eu vou planejando semanalmente, eu sento geralmente ou na sexta ou no sábado, ou até aqui na hora do recreio eu já faço um esquema da semana, vejo o que deu certo, o que precisa ser refeito, o que precisa ser reforçado, e já lanço ali e a gente vai... aí eu monto o planejamento semanal. Para as escolhas das atividades, ou a gente senta as três professoras do segundo período matutino ou a gente tem os grupos aqui na escola, a gente lança... por exemplo, dia da criança, aí a gente senta “o que que a gente vai fazer?”, a gente vai fazer tal coisa, o que a gente vai dar de lembrancinha, a nós do segundo período vamos dar tal coisa, e aí a gente trabalha em cima daquilo, aí as meninas do primeiro período fazem do jeito delas, ou faz tudo junto, mas geralmente ou a gente pensa... assim cada sala tem a sua realidade, mas geralmente a gente pensa em coletivo e cada um desenvolve do seu jeito. Sobre os recursos, eu uso muito a internet, eu uso muito o Pinterest, o google, eu tenho muita coisa já impressa, que eu vou acumulando ao longo dos anos, muita coisa a escola fornece também, eu uso muito o quadro, eu ponho os meninos muito pra escrever, ou então com os cartazes da sala, a gente utiliza os computadores, cada sala tem um computador quando precisa, tem televisão, tem caixa de som, são os recursos que a gente tem, a gente usa muita tampinha, os bloquinhos, massinha. Sobre os computadores o município ganhou para cada sala de aula um computador, mas é um computador para o matutino e o vespertino, eu tenho o meu também, quando eu preciso geralmente eu trago ele, porque as coisas que eu preciso estão lá no meu HD.

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda pra vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

No início do ano e geralmente para o retorno depois das férias, ela oferece um curso de formação continuada e todo mês nós participamos do projeto AlfaMais Goiás, e aí sempre tem um curso de capacitação, sempre que a gente procura alguma coisa o (\*) ele está sempre disposto, a tia (\*) também está sempre disposta, mas a maioria das coisas que a gente consegue, é coisa nossa mesmo aqui, é questão de orçamento, é muito burocrático e tal, mas em questão de quando a gente precisa eles sempre dão um jeito de ajudar a gente. Sobre o documento, eles mandam toda semana, e geralmente o negócio é pra hoje a tarde eles mandam agora, mas eles fornecem bastante coisa pra gente.

**Pra você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

Eu tenho um caderno que as meninas deram no início do ano, que é onde eu vou rascunhando as coisas que eu quero fazer, por exemplo eu estou lá trabalhando a letra P, que foi a última que nós trabalhamos, aí eu quero fazer um palhaço, aí eu anoto lá palhaço, porque aí eu sei o que eu vou fazer, aí eu pesquiso, igual eu te falei no Pinterest eu tenho muita coisa que eu sigo lá, então eles me fornecem e eu tenho todos os meus planejamentos salvo no meu HD, então eu pego o da semana passada, copio ele e jogo lá, aí em cima dele eu planejo o próximo, porque aí eu vejo “eu já trabalhei isso”, então eu posso da continuidade, posso trabalhar agora a letra Q, posso trabalhar o numeral 10, porque aí eu vou dando continuidade naquilo que eu já trabalhei, ou então eu reforço o que eu preciso reforçar. Sobre as crianças, eu tenho algumas crianças que elas tem mais dificuldade, essas ficam meio que separadas “tal criança conseguiu, tal criança não conseguiu”, mas geralmente eles estão no mesmo nível, eu acho que eu tenho umas quatro crianças que tem mais dificuldade e eu sempre anoto elas separado, “conseguiu fazer tal letra, não conseguiu fazer tal traçado, conseguiu andar... porque a gente pensa que não, mas até pular amarelinha pra eles é meio complicado, tem uns que não consegue, então aí a gente anota lá, andar sobre linha, tem uns que não conseguem, a gente pensa assim: “meu Deus, mas é só... mas eles não conseguem, enquanto não é muito trabalhado, a questão da massinha, do enrolar papel, do sentar direito, não conseguem, é difícil.

**Quais são as finalidades educativas da educação infantil?**

Garantir que a criança tenha acesso a questão cognitiva, social, da forma mais lúdica possível e garantir isso para todas as crianças desde a que não anda, a que põe fogo no parquinho, e assim né, eu acho que é isso, o nosso trabalho aqui na educação infantil garantir que ela viva a infância dela, com uma educação de qualidade, mas sem que perca essa doçura, essa ternura, esse encantamento que precisa ter para que eles aprendam. Apresentar as noções básicas que a criança vai ter lá no ensino fundamental, é igual eu te falei àquela hora, os papéis foram invertidos né, hoje em dia ela é essencial, ela é o que orienta a criança ao que ela vai aprender, infelizmente a gente ainda vive em pais que acha que a educação é só uma questão de você saber ler e escrever, e que só o português e a matemática é que tem importância, e a educação infantil ela vem antes disso, ela vem pra mostrar que é mais do que isso, é mais do que saber ler, escrever e contar.

**Quantos alunos você tem na sua sala?**

22, mas frequente fica entre 18, 17 e tem um que nunca vem, a escola já entrou em contato de tudo quanto é forma, mas ele não vem, conta ele porque ele está matriculado, mas ela nunca vem.

**O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

Lá dentro da faculdade eu já percebi que a pedagogia ela não era só uma formação pra se trabalhar, como eu disse eu sempre quis ser mãe, e eu vi que aquilo ali já me ajudaria bastante, eu sempre tive muito tato com criança, tanto é que minhas tias, meus primos vinham e era tudo eu que cuidava (risos), trazia tudo pra mim, eu era a baba da família, mas ela me ajudou, depois que eu virei mãe então a gente abre o olhar para algumas coisas que aí a gente entende. Por exemplo, quando eu comecei, primeiro eu passei no concurso pra depois eu passar no vestibular e começar a cursar o curso. Eu não entendia por que eles saiam gritando daquele tanto pra ir para o recreio, eu pensava assim “gente, mas não justifica (rs...)” e aí lá eu comecei a pegar essas coisas, hoje em dia eu entendo, de bater o olho na criança a gente vai aprendendo, e a pedagogia me ajudou, enquanto pessoa, me ajudou enquanto mãe então nossa Deus, é outra realidade. A prática é tudo, é igual eu te falei lá é uma sementinha que vai ser plantada, aí você chega aqui em escola pública de periferia, é uma realidade totalmente diferente, a comunidade aqui é bem simples, é igual eu te falei, tem criança que vem aqui pra comer, tem criança que vem aqui para ser cuidada, que não tem outro lugar pra ficar, principalmente as crianças da tarde, as da manhã ainda tem uma condição melhorzinha, mas as crianças da tarde são crianças muito carentes, eu já trabalhei durante muitos anos de manhã e a tarde, mas agora eu estou só no matutino, mas a minha prática ela me... hoje em dia por exemplo, antes eu era muito rígida, aquela coisa, porque eu gosto de disciplina, eu acho que com disciplina eu acho que tudo da certo, disciplina a questão de... respeito as normas, regras e combinados e essas coisas, eu acho que tem que ter, menino que torce o pepino que o povo fala né, então eu não deixo correr solto, mas tem coisa que a gente tem que deixar, por exemplo eu tenho uma criança com necessidades especiais na minha sala, ele é autista e tem alguns outros transtornos, se a gente tentar prender ele demais, ele vai espanar, não vai dar certo, então a gente sabe que tem hora que tem que deixar ele sair pra ele ter o tempinho dele, tem hora que a gente tem que deixar os meninos sentar no chão e brincar, não vai adiantar eu ficar querendo que eles fiquem ali só sentados, eu posso fazer o planejamento mais lindo do mundo, se eu perceber que aquele planejamento ali não está dando certo, eu tenho que ter ele bem flexível pra poder fazer outra coisa pra poder envolver os meninos, e a prática ela traz isso pra gente, lá na escola na faculdade, eles não ensinam isso pra gente, é no dia a dia que a gente pega.

**O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

São os processos que a gente passa né, seria bom se eles não fossem pulados, porque muitos deles são... enfim as exigências da vida né, os acontecimentos, mas eu acho que são as etapas, as fases e eles precisam ser trabalhados, principalmente a questão, acho que a questão emocional ela é a mais... que precisa ser levada em conta e é igual eu falei àquela hora, geralmente a criança ela... não é levada em conta nisso, eu mesmo vira e mexa eu me pego pensando assim “meus alunos não vão dar conta disso, a gente tem a mania de achar que criança não dá conta de fazer as coisas” e eles dão show, e a gente precisa respeitar isso né, propor a possibilidade da pessoa se desenvolver, dela trabalhar aquilo e ir pra frente.

**O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

Eu acho que é a questão do acreditar, do respeito, da gente não ficar achando que... uma coisa que eu brinco muito com meninos aqui, as vezes o menino tá dando muito trabalho e aí a gente tem a mania de achar que porque a gente é adulto o santo não bate, mas menino tem que bater com todo mundo, só que a gente tem que olhar isso aí também, as vezes o santo da criança não bateu com o santo da professora (rs...), e isso influência no desenvolvimento da criança, entendeu? Então eu acho que a gente tem que ter esse olhar, tem que saber escutar, as vezes você está sem paciência ali, você precisa desenvolver uma coisa e o menino está lá... tia... e aí

ele vem te contar uma outra coisa que não tem nada a ver. E as vezes você para e prestar atenção naquilo ali, vai fazer a total diferença no desenvolvimento dela né, até no nosso, então eu acho que isso é importante. No meu trabalho para que o desenvolvimento aconteça, eu converso muito com os meninos, muito, todos os dias tem roda de conversa e a gente conversa sobre tudo, eu converso desde sexualidade com os meninos, não a questão de gênero, mas eu converso a questão do... por exemplo teve a questão do projeto faça bonito, que é o combate a exploração sexual, eu converso com eles abertamente, tem colega que fala pra mim assim “nossa eu acho tão complicado”, mas a gente precisa... principalmente pra eles que são pequeninhos e eles estão aprendendo tudo muito rápido, eu converso com eles desde isso, eu estava tendo uma conversa com eles ali agora sobre o trânsito, eu converso sobre alimentação, eu converso sobre bebida alcoólica, porque já aconteceu de criança chegar e relatar que o pai e a mãe brigaram, porque o pai estava bebendo, ou o pai foi para o bar e bebeu e a mãe ficou brava e teve que levar... enfim eu converso sobre tudo, e eu acho que isso é importante, porque tem gente que acha que é só fazer tarefa, fazer tarefa, fazer tarefa, fazer tarefa e não é, a tarefa ela é importante? Ela é importante, ela é necessária, mas não é isso que vai garantir que eles estejam aprendendo, então eu acho que a roda de conversa, a questão do brincar mesmo, desenvolver brincadeiras que envolvam respeito, saber esperar, o saber ouvir, o saber falar, eu acho que isso faz total diferença, na minha prática pelo menos, eu acho que é isso que faz a diferença com eles.

### **Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

É igual eu te falei, a gente tem um planejamento se eu vejo que a criança alcançou aquilo ali, por exemplo a educação infantil não tem obrigação de alfabetizar, mas a gente apresenta todas as letras, todos os numerais e conceitos, enfim, se eu vejo que a criança está bem, eu vou sempre buscando mais, por exemplo a gente apresenta a letra bastão, que é aquela bastão e depois a gente apresenta a letra cursiva, a maioria dos meus alunos já sabem fazer a letra cursiva, mas eu tenho crianças que não sabem, e aí o que a gente faz, a gente intensifica com essa criança e aí a gente vai vendo se ela está conseguindo, se aquilo ali é uma preguicinha, observa se é algum problema de vista, se é algum problema em casa, e aí eu sempre pergunto “Oh mãe está acontecendo alguma coisa, porque o fulaninho hoje ele ficou fora do que é o normal dele aqui na sala, e aí assim a gente vai observando, tem esses objetivos, dentro dos objetivos a gente vê o que a criança alcançou, por exemplo, fazer o traçado, enrolar bolinha, porque tem criança que nem enrolar elas tem dificuldade pra isso né, e é dentro desse sentido que a gente observa.

### **Como é esse projeto de psicomotricidade?**

Antes era todo mundo junto, os primeiros e o segundo período, e aí a gente desenvolve essas atividade psicomotoras, andar sobre linha, dar cambalhota, escalar alguma coisa, passar por baixo, por dentro, aí agora a gente dividiu porque estava estendendo muito, porque as crianças perdem o interesse muito rápido, aí agora a gente separa o primeiro período e o segundo período, da última vez que nós fizemos com o segundo período, como está muito quente, a gente fez atividades com água, com balão, pra pular, tem as pessoas que ficam jogando água, aí eles tinha que pular pra lá e pra cá, a gente senta e vê o que vai fazer e desenvolve as atividades, passar debaixo das coisas, cambalhota, amarelinha esses circuitos que a gente faz pra desenvolver com as crianças.

### **Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

Eu geralmente falo para os pais quando a gente tem reunião, toda reunião eu resalto isso com eles, que a educação infantil ela é o alicerce, se você tem uma casa que ela tem um bom alicerce ela vai permanecer firme e vida toda né, até acabar como diz o povo, mas se ela foi feita de qualquer jeito infelizmente em algum momento ela vai ruir, ela vai rachar, ela vai... enfim, vai

cair, e eu falo que a educação infantil ela é a mesma coisa, se você faz uma educação infantil, eu enfatizo muito isso com eles, ainda mais agora no final do ano, porque no ano que vem eles vão para outra escola, porque aqui é só primeiro e segundo período, se os pais estiverem juntos trabalhando e reforçando, incentivando, o ano que vem eles não vão ter muita dificuldade, porque muitas vezes quando chega no ensino fundamental tem uma quebra, porque aí eles vão começar a estudar de verdade, infelizmente eles ainda tem essa visão, mas isso é a sociedade, então se aqui for bem feito, se aqui foi bem acompanhado, se aqui a criança foi assistida pelos pais, porque eu posso fazer o melhor trabalho do mundo, se eu não tiver o apoio dos pais vai ter uma quebra, não vai ser... né... então eu acho que é o alicerce e se ele foi bem construído, tanto da minha parte quanto da parte da família a criança vai desenvolver, vai continuar, é rara a criança quando chega lá na frente dá um “BO”, mas se ela não tem isso aqui, no ano que vem... aqui ela já começa a dar uns probleminhas, demonstrar as dificuldades.

### **Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

É total! Eu não passei pela educação infantil, a minha mãe como eu já falei no começo ela é professora até hoje, mas ela trabalhou no município muitos anos, e aí ela me ensinou a ler e a escrever e a fazer as coisa que precisavam, e na minha época a gente começava a estudar com sete anos, como a gente morava na fazenda, não tinha educação infantil lá, agora que foi levado, bem recente, então eu já comecei e fui direto pra primeira, porque eu já tinha sido alfabetizada em casa, eu lembro assim de... porque criança tem muito aquela coisa de apegar com o professor, e quando me tiraram do pré, pra passar para a primeira série, aquilo pra mim foi a morte, então eu vejo assim que é muito importante, eu tenho criança que passaram por mim e que estão na faculdade e me chamam de tia até hoje, então eu vejo assim que a gente contribui, que faz a diferença na vida deles, é aqui que aprende a socializar, os meus meninos por exemplo, eu tive o meu mais velho na pandemia, então ele não socializava praticamente com ninguém, só com o pessoal de casa, ele tinha dificuldade na fala, e aí agora que ele foi pra creche, é outra criança, o (\*) que é o caçula, ele come sozinho, ele não aceita que dá nada pra ele, é outra criança, são outras crianças, então eu vejo a importância desse ambiente aqui na vidinha deles.

### **Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

Eu tenho dificuldade com as coisas meio que rígidas, eu não gosto muito não. Mas geralmente eu coloco, não gosto de fila, eu coloco em grupos, eu deixo eles escolherem o lugar onde eles vão sentar, é lógico que a gente faz uma interferências ali né, porque geralmente eles fazem as panelinhas e as panelinhas geralmente são bem agitadinhas, alguns caldeirões fervem mais que os outros, então eu reorganizo com a (\*), que é minha professora de apoio, mas eu deixo bem livre, eu sento muito com eles no chão, a gente vem muito pra fora, geralmente eu coloco as mesinhas umas de frente para as outras e é isso, é assim que eu organizo. Eu deixo ela sempre muito arejada, muito aberta, mas nesse calorão aí, a gente liga o ar e fecha a porta, porque se não... infelizmente está muito quente. A gente sempre sai da rotina da sala de aula, não fica só preso lá.

### **O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

As leis elas não asseguram os professores, a gente teve caso de invasão na escola, invasão em creche, assassinato, eu acho que as leis deveriam assegurar melhor, mas não só os professores, as pessoas que trabalham na escola, as crianças também, eu acho que isso que tinha que ser. Porque falam educação, educação, mas a gente sabe, por exemplo na nossa cidade um dos primeiros cortes que teve foi na educação e saúde, quando aperta, e é o básico, e assim é o essencial, então eu acho que são coisas que deveriam ser repensadas, aí fica floreando com tanta coisa mas na hora que precisa ser realmente levada em conta a gente é meio que banalizado,

meio que esquecido, eu acredito que faculdade ela não te garante nada, você sai de lá você está mais perdido que cego em tiroteio, você tem que dar seus pulo, e muitas pessoas, principalmente nesse mundo que a gente anda vivendo hoje em dia que é muito de empreender, não é uma faculdade que vai te garantir isso, mas eu acho que tem que ter educação sim, tem que ter orientação, tem que ter conhecimento, tem que ter esclarecimento das coisas e é isso.

**Pra você hoje no seu trabalho com as crianças, o que é mais importante?**

Eu acho que o contato, eu sou muito beijoqueira, eu sou muito de pegar e eu acho que isso faz diferença demais na vidinha deles, então eu acho que a questão do respeito que eu te falei aquela hora do saber ouvir e do contato, porque criança é muito contato e o contato físico mesmo e eles precisam.

**ENTREVISTA 3**

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 35

**Qual gênero você se identifica?** Feminino

**Qual a sua formação?** Pedagoga, especialização em gestão e coordenação escolar pela Faveni

**Qual o seu regime de trabalho?** Concursada

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

**Quanto tempo de trabalho?** 11 anos

**Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Porque era a vaga que tinha e aí eu assumi o concurso e me mandaram para a escola de educação infantil, eu já tinha sido contrato também como professora de educação infantil.

**Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

Desenvolver a habilidade da criança como um todo como ser social, eu vejo o papel da educação na educação infantil esse, do lado da aprendizagem da criança como um todo, o seu lado físico, emocional, socioafetivo, cognitivo.

**O que você entende por educação?**

Educação ela é uma área que tem que desenvolver a aprendizagem do ser, nas suas especificações, na educação infantil a criança como um todo, depois já vai para o ensino fundamental um e dois na parte mais cognitiva da aprendizagem do mundo, dos conhecimentos diversos, e assim o ensino médio aí depois o superior as especificações, o direcionamento já para uma profissão, então eu vejo a educação mais como um olhar de aprendizagem, de ensino, porque a questão de valores, morais, eu creio que tem que ser passada também na educação, mas eu acredito na família, no papel da família.

**O que você entende por escola?**

É o espaço onde tudo tem que acontecer na educação, é o espaço onde a aprendizagem acontece.

**O que você entende por criança?**

Um ser em desenvolvimento, uma carta em branco, que as vezes vem já com alguns dizeres, com a cultura ali da família, da genética.

**O que você entende por infância?**

Ahhh por infância (se emociona). É a melhor parte da vida da gente e a gente não sabe, só vai saber depois que cresce.

### **O que é uma criança bem-educada pra você?**

É uma criança que já consegue respeitar as normas de convivência ou de repente não sabe as normas, mas, porém, apresenta ali um bom comportamento, uma criança que consegue seguir as regras combinadas, não é uma criança quieta, não é uma criança que fica calada.

### **Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Não mesmo! Porque a formação em pedagogia, pelo menos na que eu formei, ela vai mais nas teorias, nos estudos dos filósofos, estudos da educação, a história da educação, e não na prática, principalmente de educação infantil, não me deu base pra lidar com a prática. Os estágios ajudaram e quando a gente ingressa na escola sem saber do que espera, por fim a gente conta com a equipe que vai dando assessoria, que vai conversando a equipe pedagógica, que é a coordenação, direção.

### **Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

A gente assim, tem um planejamento anual que tem que seguir, e de acordo com o planejamento anual a gente vai traçando o semanal, e que por fim é o diário. Aí eu sento, olho os objetivos que eu trabalhei e os que eu não trabalhei, pra dar ênfase nos que eu ainda não trabalhei porque as vezes acaba que os objetivos sendo trabalhados várias vezes, eu sento geralmente uma vez na semana pra digitar o plano, mas durante a semana eu vou fazendo um rascunhozinho. Eu olho o gosto da minha turminha, porque eu sempre gosto de partir de uma história, de uma brincadeira ou de uma canção, geralmente eu tento trabalhar os três os três juntos em uma semana bem direcionado, aí eu vou olhando o gosto deles, das histórias. Igual esse ano eles estão gostando muito de histórias de monstros, de folclore, essas histórias, chamam mais atenção deles, já teve um ano que se falasse monstro a criança chorava, é assim nesse sentido. Eu uso muita pesquisa na internet, gosto muito de pesquisar na internet antes de fazer minhas aulas.

### **Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda pra vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

Eles dão os cursos de aperfeiçoamento, tem aí o do governo o AlfaMais, tem o plano municipal de formação, mas as vezes é pra gente não é novidade né, porque já temos muito tempo na área, mas não é porque não é novidade na nossa realidade, na nossa escola que não é nas outras.

### **Para você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

Eu uso muito o bloco de nota do celular, devido a minha rotina, mas eu sempre gostei muito de trabalhar com agenda, esse ano que eu saí fora da agenda, esse ano que eu saí fora da agenda, mas vire e mexe eu ainda anoto alguma coisa, e não se faz nada sem o computador. Da criança aí eu já tenho uma agenda para essa avaliação, para depois a gente fazer a ficha avaliativa delas.

### **Quais são as finalidades da educação infantil?**

Eu creio que também é quase igual a resposta daquela lá, da educação infantil é desenvolver a criança como um todo, o todo é desenvolver a coordenação motora, a aprendizagem, desenvolver nela o lado socioafetivo, ajudar a criança a compreender suas emoções, não só a aprendizagem. É para que os objetivos da BNCC sejam cumpridos e esses objetivos geralmente

são feitos para o desenvolvimento amplo da criança, aí envolve o conhecimento do mundo, natureza, da sociedade, o desenvolvimento de conhecer os números, apresentar os números, as escritas e gênero, as culturas, as músicas, as artes, a finalidade educativa vai nesse contexto, de apresentar essa parte para as crianças. As músicas, as obras de arte, os números, as letras, os gêneros literários, as escritas, o relacionar, a autonomia, a identidade da criança, ela perceber que é um ser vivo.

### **Quantos alunos você tem na sua sala? 20**

#### **O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

As experiências, a teoria não nos permite. A experiência da diversidade das crianças, a teoria não nos ensina, geralmente engessa as crianças em um comportamento ali esperado pelas maiorias, aí na prática que a gente vai ver que cada criança tem o seu tempo, cada criança tem a sua maneira de agir e isso na teoria não nos é passado, é passado mas bem superficial, também a prática, quando eu me formei em 2014, na época não se falava muito em crianças com dificuldade de aprendizagem, é algo que a gente também busca depois que a gente vai para a sala de aula, em trabalhar com essas crianças, a maneira de trabalhar, crianças especiais, com algum transtorno também, não nos falam na teoria.

#### **O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

O desenvolvimento humano começa lá desde bebê, desenvolvimento humano é isso, todas as etapas da vida do ser humano, desde o nascimento até sua morte. Desenvolvimento humano é quando uma pessoa realiza aquilo que foi proposto na sua criação, na sua infância, na sua adolescência, na sua fase adulta, na sua velhice, eu creio que todas as etapas da vida da gente têm um propósito, tem uma função, e quando a gente fala em humano, a gente não consegue não falar só em humano, vai mais para o lado da humanidade que é o coletivo, e pra gente viver em coletivo a gente precisa de muitas características pra conseguir viver em sociedade, então é isso.

#### **O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

Eu pra mim a parte principal é que elas compreendam o que elas estão fazendo, o porquê de tudo que elas estão fazendo, a partir do momento que elas compreendem o porquê delas ficarem em silêncio, pra explicar uma tarefinha, ou passar a orientação de alguma brincadeira, ou de um jogo ou de uma atividade, começa a fazer sentido, o porquê dela ficar em fila, as vezes pra ir para o recreio, ou para o momento cívico, aí começa a fazer sentido, tudo porque, pra não machucar, as vezes pra conseguir ouvir melhor.

#### **Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

Esse desenvolvimento se dá a partir de uma avaliação, avaliação que a gente faz visual, sem ser de nota, diante ali do objetivo que foi proposto, se ela conseguiu realizar, se ela não conseguiu, e as vezes a gente também leva nessa avaliação a maneira dela, o jeito dela.

#### **Como é esse projeto de psicomotricidade?**

Ele é um projeto da escola que a gente, nós professores temos que desenvolver nas crianças o lado psicomotor, a gente elabora atividades voltadas nesse sentido, nesse objetivo da criança desenvolver sua coordenação ampla, desenvolver o visual o motor. As atividades a gente pesquisa muito na internet, temos que colocar no plano e uma vez a cada quinze dias tem que juntar as turmas aqui fora para realizar, porém qualquer professor pode realizar todos os dias, seja na sala de aula ou aqui fora.

**Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

Eu acho a educação infantil muito importante, porque é ela que vai dar a base para o ensino fundamental, eu creio que sem a educação infantil o ensino fundamental pode acontecer claro, mas com mais dificuldade, porque é na educação infantil que a criança é pré-preparada para uma alfabetização, pré-preparada para estar em uma escola com outras crianças, ela é pré-preparada para saber ouvir, ter aquela rotina escolar mesmo.

**Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

Eu vejo como muito importante, porque a educação infantil é o primeiro contato da criança com a sociedade sem ser a família, é na educação infantil que elas começam a desenvolver a noção do respeito pelo coletivo, é na educação infantil que elas começam a compreender que tem uma rotina, tem regras, compreender o mundo de uma maneira mais resumida na escola, o mundo não a sociedade.

**Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

Eu me organizo de acordo com a minha necessidade, se eu preciso contar uma história eu vou abrir o espaço pra mim sentar no chão com elas, se eu preciso dar uma atividade em folha, que não é sempre, não é diário, mas acontece, uma atividade direcionada para o individual da criança, eu ponho ela individualmente, mas quando eu quero proporcionar uma atividade que as crianças interajam e troquem seus conhecimentos, eu costumo colocar de dois e de três, devido, também as agitações das crianças de hoje, hoje as crianças estão muito agitadas, e quando eu preciso de uma atividade de grupo eu também gosto de deixar a sala em “U”, geralmente a minha sala você vai encontrar ela em “U”, eles estão sempre sentados na carteira ou no chão. A gente explora sempre o espaço externo, antes era mais, agora como é no final do ano, já vai ficando mais na sala, devido a inquietação deles, aí eles começam a ter dificuldades em ouvir, aí a gente vai fazendo mais atividades reservadas na sala, mas no início do ano que é tudo muito novidade pra eles explorarem o espaço, aí a gente costuma deixar eles bem à vontade na escola.

**O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

Geralmente eu sou muito insatisfeita com os espaços escolares, eu acho que toda escola tinha que ter um espaço para o teatro, uma arena para o teatro, uma quadra de futebol, ou uma quadra de areia, um laboratório de informática, de ciências, robótica.

**Para você hoje no seu trabalho, o que é mais importante?**

Comunicação, comunicar muito, histórias, brincadeiras, músicas, lúdico.

**ENTREVISTA 4**

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 71

**Qual gênero você se identifica?** Feminino

**Qual a sua formação?** Pedagoga, sem especialização

**Qual o seu regime de trabalho?** Concursada

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

**Quanto tempo de trabalho?** 22

### **Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Eu já comecei mais idosinha, parece que eu comecei com quarenta e tantos anos, mas se eu soubesse que eu iria gostar tanto eu já tinha começado antes, mas eu acho que eu escolhi na hora certa que os meus meninos já estavam grandinhos, porque a gente iria precisar de baba e quando eu peguei já não precisei de babá, eu já me dedicava aquilo, porque escola a gente precisa se dedicar.

### **Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

Tem tantas, mas o mais importante é o ensinar, transmitir o seu conhecimento.

### **O que você entende por educação?**

É a mesma coisa né, é ensinar, é educar e eu acho que na educação você tem dois papéis, professora e mãe, baba (rs...) baba nem tanto, mas professora e mãe, porque tem muita coisa que a gente sente como se fosse filho da gente, é o cuidar, por isso que toda vida eu fiquei na educação infantil, eu nunca fui para o ensino fundamental.

### **O que você entende por escola?**

A escola é um complemento para a mãe, para a família, é uma ajuda, pra você dá mais conhecimento para a criança e é muita coisa e aí vai.

### **O que você entende por criança?**

Ai é tudo de bom, ser criança é um anjo, então por isso que você tem que cuidar bem, porque eles são muito inocentes, então você tem que transmitir muito amor, ser criança é isso aí.

### **O que você entende por infância?**

A infância você tem que levar mais para o lado do brincar e educar ao mesmo tempo, não ficar cobrando demais uma coisa que não há necessidade, é naquela fase que vai passando que você vai cobrando da criança, gradativamente, porque tem gente que quer puxar tudo de uma vez, e não é, é por etapa, então isso que eu acho que é infância, porque a infância é muito bonita, a criança precisa de aprender, mas ela precisa brincar também

### **O que é uma criança bem-educada pra você?**

É aquela criança que tudo que você faz pra ela, ela faz com boa vontade e responde com educação, que saiba responder na íntegra, apesar que criança ainda está aprendendo, mas ela já sabe o que é certo e o que é errado dentro das possibilidades dela.

### **Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Na íntegra não, eu acho que tem que ter mais convívio dentro da escola, pra você saber, porque lá na faculdade você não sabe direito o que é a realidade de uma sala de aula, porque tem gente que está fazendo, que chega aqui, tem muita coisa que eles não sabem como é que é, eu mesma entrei aqui crua, eu fui aprendendo e estou aprendendo até hoje, ela não dá aquela base que a gente pensa... ela te ajuda, mas não total, dá uma basezinha, você consegue entrar dentro daquele ramo, mas você vai aprendendo mesmo gradativamente com seus próprios alunos.

### **Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

Dentro dos planejamentos anuais, a gente vai seguindo os meses, os dias da semana você faz dentro do planejamento, porque tem o planejamento anual e você segue por ele, que é o conteúdo que você vai dar. Esse documento anual nós planejamos aqui na escola no início do ano, depois manda pra coordenadora geral, dá uma... e repassa pra gente de novo, pra gente...

aí a coordenadora encaderna e tal... e dá um para cada professora. Para os planejamentos a gente usa livro, mas agora a gente quase não está usando livro mais né, a gente vai direto no computador e já vem as tarefinhas tudo planejado, primeiro período, segundo período, hoje está muito fácil, as coisas estão mais... está te dando mais oportunidade. Eu vou no planejamento, olho o que vou dar hoje, se eu vou introduzir a vogal A, eu vou lá dentro dos livros didáticos e vejo qual tarefinha que cabe ali dentro.

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda pra vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

Temos o PPP, projeto político pedagógico, que toda escola é obrigada a fazer todo início de ano, porque tudo que for feito dentro daquela unidade tem que tá ali dentro, tem que estar registrado, caso aconteça alguma coisa tá registrado lá, horários, horário de recreio, tudo.

**Pra você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não foi feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

Tem o caderno de planejamento, só que eu não uso porque tem a professora regente, mas qualquer coisa a mais tem a observação lá que você anota, o que deu certo o que não deu.

**Quais são os objetivos da educação infantil?**

Essa pergunta eu já respondi, mas é ensinar brincando, você ensina não só, você tem que aprender, e ensina tudo, ensina brincadeiras, jogos, se eu vou dar um jogo de matemática, eu vou dar sobre os numerais, então pra ele saber reconhecer números e quantidades, se eu vou dar de português, pra ele saber reconhecer o alfabeto, que através do alfabeto que vem a leitura, vem a introdução das famílias e aí vai.

**Quais são as finalidades da educação infantil?**

É ensinar, é a base que vai começar a ensinar a criança.

**O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

A prática é tudo, sem a prática você não dá conta, você fica perdida, a prática é tudo, é experiência. E não adianta a gente falar que está aposentando que eu sei tudo, não sabe não. Cada dia é uma coisa diferente, as vezes é uma pessoa que fala algo e você fala, ah é mesmo, eu não sabia disso, são trocas de conhecimento.

**O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

Uma ajuda, uma auxílio para que aquela criança tenha o seu desenvolvimento com ajuda dos pais.

**O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

O conteúdo, dentro do planejamento que você vai introduzir, porque sem o planejamento você fica perdida, porque dentro do planejamento você vai dar sequência, você não pode pular, então é o conhecimento, é através disso que a criança vai adquirindo o seu também.

**Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

Com as atividades do dia a dia, das leituras, da comunicação dele comigo, só dele comunica, dele ler, dele falar, dele se expressar, você sabe que ele está aprendendo e desenvolvendo. Os nossos meninos aqui do segundo período, de cinco anos, já estão lendo, você precisa ver que gracinha

**Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

É muito importante né, é o meio que ela tem para se, eu acho que é de pequenininho que você começa, a educação da criança, se ele vai ser um menino, ela é muito importante para o desenvolvimento da criança, o desenvolvimento dele é que vai ser a peça chave, a educação.

**Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

Se não tivesse a educação infantil ela faria muita falta, porque ela é importante em todo sentido, ela é a base de tudo, o desenvolvimento da criança começa na educação infantil, na idade da educação infantil eles já falam o que querem ser quando crescer, então é tudo, é o início de tudo.

**Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

Uai, é normal! Dependendo do que a professora vai produzir as vezes a gente pode mudar o estilo, pode trazer pra fora, fazer uma brincadeira, uma atividade diferente, diferenciada, na sala de aula um dia você põe redondinha, em círculo, outro dia você põe sentada, outro dia em filinha, depende do tipo da atividade que você vai dar naquele dia.

**Você usa outros espaços dentro da escola?**

Sim!

**O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

Eu posso te falar a verdade, dentro na nossa unidade não. No geral eu colocaria mais exigência, porque hoje em dia eles colocam tudo dentro do lúdico, tudo dentro de uma ludicidade e isso atrapalha muito, porque essas crianças de quatro e cinco anos tem capacidade de aprender e dentro do que é proposto da BNCC é muito dentro de uma ludicidade a criança aprende no tempo dela, aprende brincando, não que isso não aconteça, sendo que ela tem competência pra aprender, mas não tinha que ser colocado dessa forma, porque que criança de escola particular, no primeiro período ela já escreve, ela já lê, porque que pode? E porque que isso lá fora quando eles estiverem adulto, isso faz toda uma diferença, por causa dessa questão, porque na escola pública você não pode cobrar da forma que a escola particular, por tem um regimento próprio faz, a maneira de ensinar e diferente, então eu acho que tinha que ser mais cobrado, porque capacidade eles têm, porque a educação infantil muitas vezes ela é vista como uma creche, até na visão dos pais, Ah eu vou mandar ela pra lá, pra brincar! Não é só brincar, eles têm maturidade, já pra começar, eu mostrei pra você, os menininhos ali já estão lendo. Ainda mais essas crianças de hoje, talvez lá na nossa época a gente não conseguisse, era diferente, a evolução mudou, muita coisa mudou de lá pra cá. Agora parece que as coisas mudaram e a educação não acompanha, eles engessam a gente, as crianças aqui da nossa unidade do segundo ano, eles saem lendo, por isso que dentro da minha unidade eu não mudaria nada, ai se perguntar dentro da BNCC é certo, é certo e não é, porque a gente pode afirmar que tudo aconteceu de forma lúdica, mas a gente sabe que não é, então a gente acaba burlando o sistema pra poder favorecer, então eu mudaria essa questão se eu tivesse o dom da caneta, vamos colocar esses meninos pra aprender, porque capacidade eles tem. O problema é que cada um que entra quer colocar de um jeito, aí acaba prejudicando as crianças, o trabalho pedagógico precisa ter uma continuidade, uma sequência,

**Para você hoje no seu trabalho com as crianças, o que é mais importante?**

Ensinar! Porque você está dentro de uma sala e qual quer é o seu objetivo, ensinar, ensinar com amor.

## ENTREVISTA 5

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 38

**Qual gênero você se identifica?** Feminino

**Qual a sua formação?** Em pedagogia na UEG de Inhumas e pós em educação inclusiva

**Qual o seu regime de trabalho?** Efetiva

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

**Quanto tempo de trabalho?** 17

### **Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Quando eu passei no concurso eu já fui lotada na educação infantil, mas eu gostei muito e fiquei, não pedi pra sair não.

### **Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

O principal, não sei se é a visão que eu tenho por estar na educação infantil, a primeira é a convivência, a socialização, o aprendizado, o aprender e o ensinar.

### **O que você entende por educação?**

É um conjunto de ensino, de aprendizado, porque eu acho que não é só o professor que ensina, ele também aprende, eu entendo como uma preparação para a vida, para o trabalho, para a vida em sociedade, eu entendo a educação como a base para qualquer ser poder um dia se desenvolver além do que ele se desenvolveria sozinho, se ele tivesse só em casa.

### **O que você entende por escola?**

Eu acredito que a escola é o lugar onde são sistematizados esses conhecimentos, onde são organizados esses desenvolvimentos, as categorias, o que se deve aprender, o que não se deve aprender de acordo com a faixa etária, não dá pra falar que a educação ela vai ensinar o que eu quero aprender, então ela vai ensinar para todos, o que se convencionou que seria importante para cada um. Eu encaro a educação infantil como uma escola, como um início para tudo.

### **O que você entende por criança?**

Um ser que chega pra gente cheio de conhecimento, cheio de questionamento, cheio de desejo de aprender, cheio de desejo de ensinar, cheio de desejo compartilhar, eu entendo a criança como um ser que deseja afeto, que deseja conviver, com um ser que deseja socializar com as pessoas, que deseja brincar, que deseja aprender brincando e cheio de potencial, ele tem muito a oferecer e tem muito ao que aprender. Quando eu pego esse ser, ele teve quatro cinco anos em uma família, com aprendizagem, vamos dizer pronto, porque aquela família tem um ritmo, tem a cultura dela de ensinar, aí quando ele vem pra mim, aí que a gente vai ver os desejos e o que a gente pode interferir de um modo diferente do que essa família interferiu.

### **O que você entende por infância?**

Uma fase da vida, onde está os anos iniciais dessa criança, é a parte mais vulnerável da vida do ser humano, é a fase mais espontânea do ser humano.

### **O que é uma criança bem-educada pra você?**

É a criança que já compreendeu que algumas coisas ela pode fazer, e algumas coisas ela não pode fazer, porque como eu disse, a criança que ela chega pra mim com cinco anos, ela teve uma vivência na casa dela entendeu, talvez lá ela aprendeu que não pode, por exemplo bater,

que não pode xingar, talvez ela não aprendeu, talvez assim aqui que eu vou ensinar pra ela né, porque aqui que a gente vai tá convivendo com ela, com mais gente, é aqui que ela estará convivendo com mais crianças, muitas crianças acontece dele ser a única criança dentro de casa, por exemplo ele não vai morder o pai, não vai bater na mãe, ele não vai entender o que é só dele e o que é dele, mas é do outro, e tem o que é do outro.

**Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Não deu base, eu acredito que a experiência me deu isso, a faculdade me deu muito embasamento teórico, sim hoje eu entendo que para eu compreender o aprendizado de uma criança eu preciso entender em que fase ela está para eu saber o que convém a ela aprender naquela fase, aí quando eu digo que a formação não deu, eu acredito que a fase do estágio na minha época, porque hoje eu vejo o estágio diferente, porque eu acredito que sim, a faculdade tem que dar todo esse embasamento teórico, mas eu acredito que na minha, no meu estágio faltou mais contato com a criança.

**Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

Como eu te disse, quando eu fiz o meu estágio eu não tive tanto contato com as crianças, e eu acabei aprendendo quando eu fui concursada, com os outros professores, aí quando eu entrei eu acabei seguindo o ritmo das outras professoras, mas eu acredito que foi muito bom, porque eu acredito que elas tinham muita bagagem para me ensinar, então desde lá, eu planejo minhas atividades voltadas... é como se eu já tivesse o roteiro pro ano, o que eu vou ensinar no primeiro bimestre, no segundo bimestre, no terceiro bimestre, mas esse roteiro é mais ligado a alfabetização, mas nas minhas aulas quando eu vou planejar, por exemplo se essa semana eu vi que a criança teve uma necessidade de conversar um pouco mais sobre os pássaros, na outra semana eu já trago uma tarefinha, ou um diálogo, ou um filme que vai falar um pouco mais sobre aquilo, eu não parto do princípio de que eu ensino de acordo com o que eles querem aprender, como eu disse eu tenho um roteiro pro ano, um planejamento aí quando eu vejo que sempre acontece, da criança ter uma necessidade maior de falar sobre algum assunto, porque isso acontece muito, que seja na hora, em uma aula dialogada, ou que seja planejada com filme ou com alguma outra coisa pra gente discutir por mais tempo, isso também acontece. Eu uso a internet para pesquisar os recursos para as minhas aulas.

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda pra vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

Não porque ele unificou, a gente tem a BNCC, então a gente segue a documentação da BNCC.

**Para você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não foi feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

A gente tem o planejamento que agora ele é só online, ele é impresso e fica na documentação da escola, até então ele fica no meu celular, mas suponhamos que para eu não esquecer durante a aula, ou quando a criança pergunta alguma coisa e eu tenho que trazer alguma coisa, aí eu anoto no meu celular para eu não esquecer de depois fazer isso, a minha anotação ela é feita basicamente só assim, nada muito formal.

**Quais são os objetivos da educação infantil?**

Hoje eu acho que a criança tem muito a desenvolver, e o que eu puder fazer, que a gente sabe que cada criança tem um tempo, cada criança tem uma história, tem um desenvolvimento, mas eu tento desenvolver a oralidade dela, capacidade dela de falar, pra mim, a capacidade de falar

com todo mundo, falar em grupo, expressar os sentimentos dela, isso na educação infantil é muito necessário, é na expressão dos sentimentos que a gente descobre se ela está em um dia bom pra aprendizagem, descobre se ela está em dia que não está muito legal, que aconteceu alguma coisa em casa, eu acredito que ela prende a conviver, aprende a ser, ela aprende a complexidade do mundo alfabetizado, do ler, do entender os números, como algo que ele precisa pra vida, a contagem, quando está em um supermercado em algum momento pra contar os objetos que ele tem, é tudo muito simples mas é aquela vivência que ele precisa fora da escola, então acredito que a educação infantil ela colabora para que a criança já inicie esse processo de mundo de informações, esses símbolos que existem em todos os lugares e ele poder ler aqueles símbolos pra ele se ajudar no mundo.

### **O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

Quando eu falo que a experiência ela ajudou muito depois desses 17 anos, eu acho que é entender um pouco sobre os sentimentos, não sei se é uma coisa que me toca igual, as vezes a pessoa entende o choro, só o choro pelo choro, eu não, hoje eu sei conversar com a criança, eu sei que ela não vai parar de chorar a hora que eu quero, eu sei que eu preciso também convencer ela que o choro passa, então assim, algumas experiências que eu peguei ao longo da vida, hoje ela ajuda na minha prática, a lidar com esse ser que as vezes assim tem muitas emoções, as vezes tem muita impulsividade, porque tem criança que é mais impulsiva, eu sei contornar essa impulsividade, ajudo a criança a lidar com essa impulsividade, então hoje as vezes eu pego uma criança no início do ano que é toda impulsiva, que é toda as vezes egoísta, e as vezes o convívio não é tão bom com outras crianças, eu consigo chegar lá no final do ano e ter contribuído para essa criança ter aprendido a ser mais legal com o outro, conviver socialmente.

### **Você acha que a educação infantil é apenas para socializar?**

Por isso que tem que ser pedagogo pra dar aula pra criança, porque ele tem que ter nem que seja breve mas um conhecimento sobre tudo, porque ela chega precisando aprender a socializar, mas ela também está na melhor fase de aprendizagem, eu considero que a criança nessa época é uma esponjinha, ela está húmida, mas se a gente mergulhar ela sai encharcadinha e pingando, porque é a fase assim onde o cérebro está mais na sua fase de absorção na sua fase de aprendizado, de internalizar tudo que aprende, tudo que vê, então eu acredito que por isso eles não estão aqui só para aprender a conviver, junto com isso eles precisam aprender a iniciar o processo de alfabetização, iniciar o processo de raciocínio lógico, iniciar o processo de compreensão da natureza, sobre os seres, sobre tudo, sobre as artes, então eu acredito que a educação infantil ela contempla tudo isso, não dá pra ficar só socializando e brincando.

### **Você acha que a educação infantil é para escolarizar?**

Iniciar o processo de alfabetização por mais que ele esteja brincando, ele também está aprendendo, por exemplo a gente trava brincando com os palitos de picolé, então quantos palitos de picolé tem, quem tem mais? Ele tem mais ou é você que tem mais, vamos ver quantos você tem e quantos ele tem, quantos você tem a mais que ele, então já é um processo pra ele começar a entender essas relações que existem, dos números, das quantidades, porque que a gente precisa de número, o que ele representa, porque que a gente vê nos lugares, o que eles estão indicando, então já são capazes sim de aprender sobre isso.

### **O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

Eu acho que é tudo aquilo que não é bom e que você precisa melhorar, eu acho que isso faz parte do desenvolvimento humano que independe da idade, as vezes você aprende lá com trinta anos que você era uma pessoa muito crítica e você precisa melhorar isso, que você era uma pessoa egoísta, e você precisa melhorar isso, as vezes você aprende que você não ouve o outro,

e você precisa aprender que não é você que só fala que você tem que escutar também, eu acho que o desenvolvimento humano é tudo que você ainda não tem de bom e precisa vir a ter, eu estou falando bem prático assim porque é a linguagem que eu uso no dia a dia, eu estou muito fora de teoria, porque quando eu parei pra ser mãe, então assim eu confesso que eu desliguei de muito estudo pra viver pra mãe, eu quero fazer meu mestrado, preciso ampliar meus conhecimentos porque eles não param, mas assim eu falei que até os doze anos das minhas filhas é um momento de ser professora e ser mãe, mas não ser a professora muito foca nos estudos, então assim a minha linguagem está totalmente fora das teorias, da formalidade.

### **O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

Eu entendo que pra criança aprender, ela precisa estar bem alimentada, eu preciso que essa criança esteja emocionalmente bem, a criança que passa por algumas famílias que não tem estrutura e que não visa o bem-estar dela, ela não vai chegar aqui todos os dias em condições de aprendizagem. Eu acredito que além dela estar como corpo físico bem cuidado bem alimentado, eu acredito que a linguagem ela coopera muito, então se essa criança está bem, ela está bem em casa, ela está bem alimentada, ela está bem emocionalmente, então penso que a linguagem, eu penso que o instrumento, eu penso que a metodologia vai interferir muito, eu penso que se eu usar mais estratégias e estratégias diversas pra ela aprender, eu acredito que vai contribuir para o desenvolvimento dela.

### **Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

Na educação infantil eu vejo isso claramente, porque uma criança que não falava no reconto de uma história, no começo do ano ela ficava mais acoadinha, ao longo do ano eu vou vendo que ela já consegue falar, a criança que não conhecia determinadas letras hoje eu vejo que ela já conhece, ela aponta, ela mostra onde está, a criança que não conseguia fazer o tracejado de uma letra, hoje ela pega o lápis, ela consegue fazer, eu vejo isso de modo muito claro, a criança que não convivía bem, brincava no canto sozinha, ou que o tempo todo ela era mais impulsiva com o colega, ela deixa de ter essas atitudes. Eu vejo de uma maneira muito clara, porque a criança ela expressa muito, as vezes nem precisa falar, é coisa de atitude mesmo que a gente vê.

### **Quais são as finalidades da educação infantil?**

Hoje pra mim é iniciar os saberes, e a convivência.

### **Quantos alunos você tem na sua sala? 23**

### **Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

A gente vê que é muito importante, por exemplo tem amigas minhas lá em Goianira que pegam criança que vem do Maranhão, a criança não fez educação infantil porque lá não era considerado obrigatório, hoje já é considerado obrigatório, fundamental, ela perdeu muito, então ela chega muito aquém das outras crianças, porque ela perdeu não só o momento em que ela vai ser vista, não só como um ser que precisa saber, chegar sabendo, a educação infantil ela proporciona a criança um aprender mais espontâneo, se situar na rotina de uma maneira mais leve, de uma maneira que condiz mais com a idade dela, eu acredito que a educação infantil ela pode explorar mais, com mais liberdade, com direcionamento, porque é momento em que a criança está mais apta a aprender, mas também de uma maneira mais leve em razão da espontaneidade dela.

### **Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

Contribui sim para o desenvolvimento, como eu disse lá atrás a criança que era sozinha, ela não aprendeu a dividir, ela não aprendeu a compartilhar, ela não aprendeu a respeitar, talvez porque

ela não se viu em um ambiente que precisasse disso, então eu acredito que como um ser ela aprende muito sobre ela e sobre o outro.

**Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

Olha, essa questão de organização da sala de aula interfere muito, porque hoje em dia eu acredito que pra você trabalhar de fato na educação infantil, você podendo oferecer qualidade mesmo, você deveria ter no máximo dezoito alunos por sala, então as vezes pela quantidade de alunos é mais complicado você organizar diferentes maneiras no dia a dia a sala de aula, por exemplo, quando acontece de vir menos meninos, dá pra organizar grupinhos, dá pra organizar uma tira maior, as rodas de conversa são mais prazerosas porque não demora tanto, porque a criança tem a questão do tempo, então as atividades voltadas pra ela tem que ser mais rápida porque ela fica entediada mais rápido, então eu acredito que esse fator número interfere muito.

**Você usa outros espaços dentro da escola?**

Tem o corredorzinho de cá que a gente pode usar, já aconteceu esse ano da gente utilizar a praça também, foi muito bom.

**O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

Eu acredito que a gente vê muito falar que não tem verba, eu acredito que precisava muito, porque se o professor quiser oferecer todos os dias algo dinamizado, ele tem que ficar horas em casa trabalhando pra fazer isso, aí bate naquela regra de que a professora normalmente é mãe, ela tem a casa, ele tem os filhos, se ela vai fazer isso sozinha, ela fica muito sobrecarregada. Então eu acredito que tinha que disponibilizar, se a criança aprende muito com o brincar, então assim o ambiente educativo tinha que ter mais verba para que essas necessidades fossem supridas sem tanto esforço do professor, porque muitas vezes sai do bolso dele. Eu acredito que se fosse direcionado para a educação a gente teria muito mais coisas que facilitassem o nosso dia a dia, o aprendizado da criança, o prazer da criança.

**Pra você hoje no seu trabalho com as crianças, o que é mais importante?**

Viver um dia de cada vez, eu tenho pensado muito nisso, mas o que é mais importante hoje pra mim com essas crianças, na individualidade de cada um é eu poder contribuir com o que ela precisa, eu falo muito para as mães, tem mães que ficam muito frustradas, porque eu já inicio o processo de alfabetização e eu tenho criança que já está lendo, eu tenho criança que ainda não reconhece, então eu falo para a mãe “mãe cada criança tem o seu tempo”, mas se eu for comparar ela com a turma, talvez ela esteja aquém, mas se eu comparar ela com ela mesma, você vai vê que ela teve o desenvolvimento dela. Então hoje pra mim o importante é na individualidade de cada um eu ter contribuído para eles terem tido aprendizado no que eles mais precisavam, seja no emocional, seja no aprendizado mesmo de cognitivo.

## ENTREVISTA 6

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 49

**Qual gênero você se identifica?** Feminino

**Qual a sua formação?** Pedagoga (UEG), especialização em educação inclusiva com ênfase no AEE e psicopedagogia

**Qual o seu regime de trabalho?** Efetiva

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

## **Quanto tempo de trabalho? 25**

### **Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Foi uma opção minha mesmo, porque eu me identifico com a educação infantil, eu não gosto do ensino fundamental.

### **Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

Eu acredito que é desenvolver habilidades, mas no geral promover a socialização, a interação desenvolvimento da autonomia, criatividade, desenvolver o ser humano.

### **O que você entende por educação?**

Vamos tirar os muros da escola, educação vem de berço, educação parte de casa e isso é muito evidente, porque tem muitas pessoas os antigos que nunca foram a escola propriamente ditam e têm uma boa educação, que a educação vai desde o convívio de você falar um bom dia, um boa tarde, já é desse princípio básico, e depois pra os muros da escola que é o tradicional.

### **O que você entende por escola?**

Muitos falam que a escola não tem a função de educar, pra mim não, como eu sou educadora, pra mim a escola parte pelo princípio de educar, a gente faz esse papel, e hoje em dia mais ainda porque as famílias hoje em dia estão tão desestruturadas que a gente acaba assumindo mais ainda esse papel, de educar e ensinar, porque lá na sala eu ensino os meninos, a partir do momento que eu ensino os menos respeito, esperar a sua vez, isso aí é educação, pra passar para os conteúdos propriamente ditos, primeiro a gente trabalha o lado educacional mesmo, da educação, de como tratar as pessoas.

### **O que você entende por criança?**

É um ser em formação que aprende muito, e que também nos ensina muito, a gente aprende muito com eles, é uma caixinha de surpresas, eu falo assim que a criança é um ser mágico, hoje as vezes você fala uma coisa ele não te dá retorno, mas daqui um mês te surpreende, ele guarda aquilo.

### **O que você entende por infância?**

É a primeira fase, é a fase das descobertas, é a fase do amor puro, eu falo que na educação infantil as crianças gostam de você de verdade, quando eles falam que gostam é verdadeiro, na infância muitos transferem o amor materno, muitos chamam a gente de mãe, é uma fase muito bonita, do encantamento mesmo. E esse encantamento precisa ser preservado, falta muito isso no adulto hoje, e quando a gente volta lá atrás, no ensino fundamental mais do que nunca eles estão perdendo esse encantamento. Eu falo muito para os meninos que Papai Noel existe, aí eles falam pra mim “tia minha mãe falou que não existe”, e eu falo que é porque ela não acredita e a gente tem que acreditar, aí eu falo “você dorme que ele vai passar”, ele existe, eu escrevo com eles cartinhas, faço desenho, aí eu entrego pra mão. Precisa ter esse encantamento, porque quando vai perdendo eles vão transformando, quando passa a não acreditar mais eles vão transformando, é aí onde começam a falar que isso não existe, ah eu não acredito, eu falo que até a parte do carinho vai acabando um pouco. Isso é importante para a imaginação da criança, já aconteceu da família falar pra criança que isso é bobeira, isso não existe, e a criança chegar pra mim, chorar e dizer “eu vejo tia, mas a minha mãe fala que é bobeira”, e aí você percebe aquela sensação de tristeza, de falar assim, eu queria, mas a minha mãe fala que não.

### **O que é uma criança bem-educada para você?**

Hoje eu dia eu falo assim, essa questão de bem educada, o povo até que fala assim é um rótulo, mas não, eu vejo assim quando uma criança, vamos supor, lá no convívio com os colegas se por um incidente ele machuca o colega, ele vai e fala, desculpa, foi sem querer, as vezes o colega deixa um objeto cair no chão, ele pega e fala, tava no chão é seu, porque tem criança que não faz isso, tem criança que não foi ensinada essa preocupação com o próximo, o cuidado, então eu observo muito isso na sala. Tem criança que com as meninas, já tem menino que fala assim, vamos supor se ela estiver de saia, Oh minha mãe fala que menina tem que sentar com as perninhas assim, então eu falo assim que essa educação vem de berço. É o cuidado, não só cuidado com ele, cuidado com o outro. Esse cuidado, essa socialização, de preocupar-se com o outro, vê se você não está prejudicando o outro, é trabalhado na educação infantil.

**Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Não! Porque na faculdade você vê muita teoria, por mais que você faça os estágios, mas é muito centrada ali na teoria, e aí quando você vem pra prática, é totalmente diferente, e aí o que você faz, você vai em busca, nossa eu vou fazer um outro curso porque eu preciso aprender isso, você erra muito até você acertar, e isso não quer dizer que a gente acerta sempre, mas eu falo assim é muito bom quando você sai da faculdade e você tem uma visão, e quando você chega ali na sala de aula, quando você se depara com a primeira dificuldade, Meu Deus, não me ensinaram isso, e agora? E aí no dia a dia com os meninos, na troca com as outras professoras você vai aprendendo. Às vezes eu estou conversando com outra professora e ela fala assim “aconteceu isso comigo, na minha sala, eu fiz assim que deu certo, tenta na sua sala”, e aí você fala, eu não tinha pensado nisso, e aí você tenta e realmente dá certo, não, não funcionou eu tentei assim, então essa troca é muito importante.

**Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

A gente trabalha a BNCC, e dentro da BNCC a gente coloca o método fônico, que é o trabalhado com os meninos, mas eu não trabalho só o método fônico, o fônico e o silábico juntos, então a BNCC tem muitas brincadeiras, tem muitos jogos, mas ali dentro nós jogamos o método fônico e o silábico, igual eu tenho um aluno autista, ele gosta muito de vulcão, ele fala muito de vulcão, esses dias eu falei assim eu tenho que pensar uma atividade pra trabalhar vulcão, que não seja só direcionada pra ele, mas que eu possa envolver todos, e a escola também tem muitos projetos, nós trabalhamos muito projetos, então a gente faz um englobamento ali da BNCC, do conteúdo mesmo que a gente tem que apresentar pra eles, o alfabeto, as famílias e os projetos. Igual essa semana nós estamos trabalhando a culminância do ano, o projeto de leitura, e aí os meninos meus, vão fazer um teatro e contar uma música, eu escolhi uma música que fala sobre as diferentes, ninguém é igual a ninguém, porque, antes eu contei uma história sobre preconceito pra eles, eles ficaram encantados com a história, aí eu contei bom dia todas as cores, porque eu contei essa, porque eu estava trabalhando a letra B, e aí eles ficam lembrando, tia esse menino da história, esse lagarto, é igualzinho o menino da história que não pode ter preconceito, porque o dia que eu fui trabalhar preconceito eu trabalhei a letra P, então a gente vai fazendo essa associação, e aí eu estou trabalhando a atividades relacionada a letra, nós vamos cantar a música, que já está trabalhando dentro da BNCC que é música, gesto e o teatro, pra desenvolver autonomia, criatividade, comunicação, então acaba que a gente faz um apanhado ali de tudo, faz o planejamento, e dentro do planejamento nós dividimos as atividades, o que vai ser trabalhado, atividade de pintura, atividade de matemática, atividade de linguagens.

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda para vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

Não! Porque a BNCC traz o que vai ser trabalhado, tem os campos, e aí dentro dos campos nós colocamos os projetos nossos, lá dentro da BNCC fala pra gente introduzir o letramento, é onde entra a nossa parte como método fônico, é um pouquinho de cada um.

**Pra você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não foi feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

A escola tem o planejamento anual, quando chega janeiro a gente vai destrinchando ele por mês, o que vai ser trabalhado nele por mês, o que vai ser trabalho no mês de fevereiro, ah tem as datas comemorativas de fevereiro, nós vamos introduzir os numerais vão ser? 1, 2 e 3, o que vai ser trabalhado, as vogais e os encontros vocálicos, então nós temos todo esse planejamento mensal, dentro do planejamento anual, a gente faz o mensal, por exemplo nós estamos no mês de novembro, então eu sei que eu já terminei as famílias silábicas, já foi até o z, aí agora nós vamos trabalhar formação de palavras, revisar as sílabas estudadas, a contagem, se eu contei até 50, agora nós vamos até o 60, 70, então isso é mês a mês. Temos também o planejamento diário que ele é feito por semana, a cada semana eu planejo dentro daquilo que já foi trabalhado.

Sobre o desenvolvimento da criança a gente anota na ficha bimestral, ela é descritiva, aí tem um relatório geral que eu faço no geral da sala, como que está o desenvolvimento dos meninos, aí nesse a gente não cita nome de aluno, só se tiver, igual eu tenho um aluno especial aí eu falo como foi o desenvolvimento dele nesse geral, e tem o individual que é bimestral, aí nesse individual eu vou colocar tudo, o que que ele desenvolveu o que que ele ainda precisa desenvolver, então quando tem reunião de pais eles leem.

**Quais são as finalidades da educação infantil?**

Como eu disse que a educação infantil é a base, e quando a criança faz uma educação infantil bem feita ela está pronta, eu falo que o fundamental pra frente é muito... já vem a questão de nota, é muito cobrado se o aluno realmente sabe ou não sabe, esse lado do pessoal que a gente está falando, do sentimento, no fundamental já vai se perdendo um pouco, porque a cobrança já vem em cima de conteúdo, tanto é que já tem nota, então essa base, essa formação, essa formação do eu, essa autonomia, desenvolvimento da criatividade é a educação infantil que faz, não estou dizendo que as professoras do fundamental não fazem, faz só que o fundamental tem toda uma cobrança, elas tem que esgotar um conteúdo, tem a questão de notas, porque o sistema cobra, porque o aluno tem que alcançar aquela nota, não se sabe como porque tem aluno que tem dificuldade, então vai atropelando, então até esse preparo na educação infantil, como os meus vão para o ensino fundamental no próximo ano, eu faço, então toda essa base, todo esse preparo é feito na educação infantil.

**O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

A gente vê muita teoria, eu não como está hoje, mas na minha época você viu mais teoria, tinha algumas coisinhas práticas, mas nem tanto como é agora. Quando eu comecei era tão difícil, as vezes um aluno com dificuldade eu não sabia o que fazer, as vezes eu pensava “o que que eu vou fazer?” e hoje eu falo assim, meu Deus se eu tivesse lá, a experiência que eu tenho hoje, porque as vezes é uma maneira diferente de você ensinar, as vezes eu estou ensinando para os meninos que o B com o A, BA, porque eu faço o fônico, e ele não vai entender, e aí eu falo “o BA da balinha, o BA do balão e aí ele entende que é quando eu faço uma associação ele entende e as vezes lá você fica muito preso naquilo, e aí hoje eu falo, tem mil e uma formas de ensinar que o B e o A é o BA e que antes eu não sabia, e aí você vai fazendo curso, você vai assistindo palestra, você lê um livro aqui e outro ali, a troca de experiência, as vezes o material da sala, um objeto que a criança trouxe a partir daquilo ali você consegue fazer muito, e antes você não

sabia, eu ficava muito preza, fala que tem que ser assim e nem todos aprendem da mesma forma, as vezes eu falava assim, mas os meninos estão demorando, mas não cada um tem o seu tempo, aí você vai percebendo que cada um tem o seu tempo, cada um aprende da sua maneira.

### **O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

O desenvolvimento humano passa por várias fases, quando a gente fala desde bebê. Eu falo para os meninos aqui “quando vocês estavam lá na creche” e aí os meninos falam “não tia, a gente não conseguia nem pegar no lápis”, então o desenvolvimento humano passa lá do simples da criança aprender a sentar na cadeirinha, da criança aprender que ele vai ficar aqui na escola e que o pai e a mãe vão vir buscar, que esse é o medo de muitos e quando eles falam “ah tia eu já sei, meu pai vem” pra mim já começa aí o desenvolvimento, de quando você ensina alguma coisa e que você olha e ele vai além, quando se fala desenvolvimento humano, eu vou lá do simples das pequenas coisa, tudo começa de uma base.

### **O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

De início a criança tem que ser estimulada, porque eu falo assim, tudo que envolve estímulo, alegria, prazer, ele tem prazer em aprender, pra mim já começa aí. Porque as vezes você chega lá e fala “hoje é isso aqui e pronto”, nesse mundo hoje de internet, das telas que eles têm muita novidade em casa, de repente eles não vão fazer, então conforme a maneira que você apresenta aquilo ali, deixar eles falarem o que gosta, o que fez, é isso, o estímulo o prazer em estar ali aprendendo.

### **Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

Tem criança que demora, tem criança que demora um tempinho pra te dar um resultado de que está aprendendo ou não, tem criança que é mais rápido. Eu falo muito nas reuniões dos pais, a gente não pode comparar, nem os filhos em casa a gente não compara, e aí as vezes a mãe compara, ah mais o dela já aprendeu isso e o meu não, eu falo que tudo tem o seu tempo, vamos supor que eu introduzi uma letra hoje, quando é amanhã eu pergunto quem lembra, tens uns que de cara já falam “eu sei tia, você introduziu o A, você falo que o A é assim, assim e assim”, então você já fica ligado, esse aí já conseguiu abstrair o que eu dei ontem, e tem aquele que fica olhando, olha para o colega, fica esperando o colega falar, e aí eu vou nele e pergunto, você lembra o que que a tia falou ontem. Então quando a criança tem um pouquinho de dificuldade as vezes ele fica calado, as vezes quando você pergunta e ele não quer falar porque ele tem medo de errar, e tem aqueles que já chegar e diz que sabem e pede a fala. Então quando você percebe que ele está mais calado, que ele não quer fazer, que ele não quer envolver na atividade, aí eu já começo a observar e ver que não está certo, aí quando você chama que vai ver é dificuldade porque ainda não desenvolveu, porque eu falo assim que eles estão em período de desenvolvimento o ano todo, mas tem aqueles que tem mais dificuldade e aí o olhar é voltado pra ele, a maneira com ele vai ser diferente, pra que ele alcance os outros.

### **Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

A educação infantil é a base né, é aqui que começa tudo. Eu falo que é aqui que você vai ensinar e incentivar a ser um bom leitor, é aqui que você vai despertar o gosto pelo estudo, eu falo que é aqui que muitas vezes a criança é tímida, e na educação infantil quando ela é incentivada ela vence aquela timidez, tem pai que chega e fala “nossa, foi para o primeiro ano segundo ano apresentou trabalhinho lá na frente e deu conta”, então eu falo assim que a educação infantil é a base.

### **Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

É muito importante para o desenvolvimento da criança, porque tem muita criança que é filho único e convive ali no meio só de adultos, que as vezes é a mãe, o pai, o avô, a avó que ele tem contato, um tio e uma tia, fica muito no meio do adulto, então a educação infantil traz o convívio com as outras crianças, e na educação infantil é aquilo que nós falamos lá atrás, ele aprender tudo, a interação, a socialização, ele vai aprender a dividir, porque tem a criança quando fica em casa ele não quer, ela acha que é tudo só pra ela, é muito egoísta, tem mãe que fala assim “nossa, mas lá em casa ele não come fruta e aqui na escola está comendo”. Nós fizemos um piquenique só com frutas ali na pracinha, aí a mãe falou assim “eu mandei tia, mas ele não vai comer, porque ele não come fruta” e eu falei “tá bom”, colocamos lá tudo, arrumamos bonitinho e ele foi o primeiro que foi lá e comeu. Aí eu contei pra ela, aí ela assim “tia eu não acredito, então é porque ele viu os outros”, isso é o incentivo, é o estímulo, e aí eu falo que quem como fruta fica inteligente, que quem come fruta aprende, então partiu da escola e levou pra casa, aqui a mãe fala assim “nossa, mas eu tinha maior dificuldade pra colocar ele pra dormir cedo”, e aí a criança passa a dizer, a tia disse que a gente tem que dormir cedo pra poder aprender, eu não conseguia isso em casa, mas a tia falou, a gente tem que preocupar com o que fala, a tia falou então é verdade. Quando a mãe vai ensinar uma tarefa e a criança “a tia falou que não faz assim, começa na perninha de cá”, então isso eles levam pra casa, a tia falou que é assim, a tia ensinou que a gente tem hora pra tudo, é isso aí é a importância, porque as vezes a mãe fala que nem tinha percebido isso. Já aconteceu na minha sala, aqui a gente tem o teste do olhinho, as vezes eu falava que a criança estava com dificuldade e mãe perguntava “será tia?”, aí vai ver tem, teve uma que chorou, porque o grau dela era muito algo de um lado e a mãe nunca tinha percebido em casa, então eu falo que isso é na educação infantil, vem da escola e leva pra vida. A educação infantil não é só para socializar, é para o desenvolvimento mesmo, a educação infantil desenvolve vamos começar no lado humano, no desenvolvimento das habilidades da criança e hoje igual a BNCC traz que não precisa iniciar o letramento, pode ser mais no lúdico, mas brincando, só que se a criança tem potencial pra mim, não forçando, você pode sim, quando eles saem daqui sabendo escrever o nome, ler pequenas palavras, contagem, tem mãe que fala assim que a criança chegou no supermercado e leu o nome do sabão em pó, ela sai daqui já lendo o mundo, é a visão de mundo. Eu acho muito interessante quando a gente trabalha os projetos, a questão da água, eles chegam em casa e fala assim “mãe a tia ensinou que não pode deixar a torneira aberta quando vai escovar os dentes”, porque eu falo pra eles assim que a água do mundo vai acabar, então toda essa percepção de mundo mesmo, preparando eles para o mundo, a educação infantil tem essa função também. A educação infantil também é escolarização, é trabalhar as duas coisas juntas, o lúdico e a escolarização, porque eu acredito também que não pode ficar só no lúdico, porque antes foi apresentada uma proposta de só brincar, a criança tem potencial pra mais, brincando ela pode aprender, antes se falava que precisávamos deixar a alfabetização para o 1º ano e que na educação infantil vamos só brincar, eu não concordo, porque eu acho que todo lugar que você vai tem letra, número, ele convive com isso, então eu acho que essa também é uma função da educação infantil o letramento. Na educação infantil tem muito a se aprender além do cognitivo, é igual eu te falei antes, infelizmente tem criança que as vezes chega aqui na escola e não sabe abrir uma garrafinha pra beber água, que é uma coisa simples, mas que ela não sabe, não consegue, tem criança que não consegue tirar a blusa de frio, amarrar o cadarço, aí você vai ensinar, olha a blusa tira assim, quando você tira você dobra, vamos aprender a amarrar o cadarço, então são funções primárias e a gente acaba que ensina tudo, não só o cognitivo. Nós trabalhamos muito o corpo, questão de lateralidade, a noção espacial, quando vai trabalhar as partes do corpo, a questão do projeto do abuso infantil, com musiquinhas com teatro, quando nós estamos trabalhando os órgãos do sentido, é explorado muito corpo, e até a questão da música porque na dança, com gestos, um pé só, trabalha equilíbrio, quando a gente está trabalhando a questão de menino e menina, você tem que ter todo um jeito pra trabalhar, então é trabalhada a criança como um todo. A partir do

conhecimento seu próprio, de você, vamos falar do corpo do pensamento, eu falo assim que quando a criança se conhece já é mais fácil pra ela saber o que ela gosta, o que ela não gosta, eu falo assim que eles sabem quando vocês estão sentindo alguma coisa, passando mal, vocês sabem que está diferente, eu falo pra eles que a gente conhece o corpo, passa desse conhecimento também da gente falar e de ensinar, o que você não pode colocar no nariz, colocar na boca, você tem que manter as unhas cortadas, limpinhas, tudo isso, e eu falo pra eles assim que a gente cuida do corpo, a gente cuida da mente, aí eles pergunta o que é cuidar da mente, e eu falo ler bons livros, ouvir histórias, a gente aprender só coisas boas, aí eu falo pra eles que criança não vê novela, cuidado com o que vê, tudo isso eu falo, no celular é só um joguinho que a mamãe colocou, não vê mais nada, coisas para criança, então você cuida do corpo, você cuida da mente e você cuida do ambiente, aí eu ensino pra eles que eles tem que cuidar do todo é um leque que envolve tudo.

**Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

Como a sala é muito cheia geralmente as cadeiras são enfileiradas, porque são muitos alunos, mas dependendo da atividade a gente desmonta aquilo ali, forma pequenos grupos, igual eu faço atividade coletiva, nós fizemos uma árvore, um cartaz para a sala, nós fomos para a pracinha recolher as folhas, depois nós viemos pra sala selecionar, o que servia para ser colado ou não, fez essa seleção, aí monta os grupos, um grupo vai colorir, outro grupo vai fazer a colagem, então depende da atividade. Por exemplo história, em muitos momentos a gente tira da sala, o momento de brincar as vezes tira da sala, com giz no chão, vai pra fora, área externa, em outros momentos enfileirados também.

**Você usa outros espaços dentro da escola?**

Eu utilizo outros espaços, não ficamos só na sala de aula, aqui tem a pracinha a gente vai pra pracinha, a gente vai para o pátio da escola, vamos para o corredor atrás da escola pra brincar com giz ou pra brincar com blocos, a escola tem projeto que tira da escola, leva para o teatro, leva pra ver palestra.

**O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

Eu falo que eu mudaria a cobrança em cima de nós professores, porque é tanta coisa, é tanta informação, que tem hora que a gente se perde, você fala, nossa mas eu estava pensando em fazer isso, aí chegam e fala, não, mas é de última hora vocês tem que fazer isso e isso porque o sistema exigiu, porque eu tenho que mandar, porque eu tenho que dar uma devolutiva, então eu falo assim que essa cobrança excessiva, é muita burocracia, é muito papel, é muito ter que fazer e a gente se perde um pouco, eu falo que o que eu mudaria era essa cobrança, é muita cobrança e aí a gente tem fazer por fazer, as vezes a prefeitura oferece um curso, e eu estou lá sentada fazendo o curso pensando, mas o que que eu estou fazendo aqui, poderia ter sido diferente, uma coisa que dá com a realidade da nossa sala mesmo, porque tem coisa que não é, tem muitos que são, mas tem coisa que não é. E aí depois cobra, vocês tem que fazer isso, isso e isso, na verdade é muito papel, muita burocracia.

**Para você hoje no seu trabalho com as crianças, o que é mais importante?**

Saber se o aluno está bem, saber se ele está bem se o que eu falo pra ele está tendo significado, porque as vezes você está ali falando, falando e falando e a criança não abstraiu nada daquilo, e aí quando eu sei se ele está bem, saber se ele está bem em casa, saber se ele está desenvolvendo, aí quando chega no final do ano é muito bom quando a mãe fala assim, “nossa tia ele desenvolveu tanto, eu estou tão feliz” e o aluno fala assim “tia eu vou sentir uma saudade de você”, aí eu falo que isso é muito importante, afetividade.

## ENTREVISTA 7

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 43

**Qual gênero você se identifica?** Feminino

**Qual a sua formação?** Pedagoga, egressa do curso de pedagogia de Inhumas, tenho especialização, em gestão, dentro da educação inclusiva e o mestrado em educação com o tema da formação de professores.

**Qual o seu regime de trabalho?** Efetiva

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

**Quanto tempo de trabalho?** 18

### **Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Na verdade eu falo que foi a trajetória que foi nos levando, porque quando eu passei no concurso eu estava no meu terceiro período, da graduação em pedagogia, foi o último concurso que a gente podia até o período probatório apresentar o certificado e aí dava exatamente os três nos do probatório, e aí eu fui e entrei em uma sala, eu só tinha experiência de sala com aluna, nunca tinha entrado na sala como regente, e aí eu entrei e foram seis meses muito conflitantes, porque eu não entendia nada da educação infantil, a graduação a matriz que eu estava estudando não tinha nada referente a educação infantil, era mais voltada para o ensino fundamental e a gestão escolar e aí foi tudo muito tenso, mas essas questões elas me inquietaram, porque eu estava em um lugar, onde eu não tinha uma experiência, mas eu lembrei da minha experiência enquanto estudante, aí o que que eu fiz, eu tive que voltar na minha própria história, e quando eu parei pra pensar assim, o que que não me deixava feliz nesse espaço, aguçou a minha curiosidade, é claro que lá na universidade eu sempre levava e conversava muito com os professores, e esse momento de reflexão ajuda a gente nessa trajetória. Aí quando eu voltei a visitar minha história enquanto estudante, eu fui ver assim o quanto eu tive, e tenho marcas que elas me podaram demais, eu falo que eu fui silenciada até chegar na universidade, e sempre muito inquieta, eu vi que tinha um vazio que eu precisava correr atrás, foi quando no ano de 2009, eu assumi uma instituição na gestão escolar, de educação infantil e aí eu falei “o que fazer dentro desse espaço”, onde as pessoas traziam tantas coisas que eu não via um sentido para aquilo, e aí eu comecei a buscar, a estudar, e assim o meu olhar ele foi ampliando de uma tal maneira, e por isso eu falo hoje que eu não consigo me ver em outra etapa, é porque a gente vai vendo a necessidade e a profundidade da construção dessa história, é um espaço que me encanta, pelas desafios que são, porque não são poucos, quanto mais eu conheço e mais busco da educação infantil, eu vejo o quanto é desafiador trabalhar nessa etapa, hoje eu consigo falar assim com muita segurança, que eu vejo que é uma das etapas mais complexa de ser trabalhada.

### **Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

Eu particularmente tenho a partir daquilo que me constitui enquanto ser humano eu entendo que ela tem um papel de contribuir com a nossa formação humana, eu não consigo ver a educação fora desse processo de uma formação humana, se a gente pauta muito pelo que está sendo ditado agora, pra questão de técnica, essa coisa mais mecânica, isso é muito vazio, fazer a mediação daquilo que eu sou com aquilo que eu tenho que fazer de maneira desconectada de tudo, as coisas parecem que assim, no meu ponto de vista eu não consigo enxergar e não ver sentido nas coisas e quando eu não vejo sentido, eu não me vejo pertencendo aqui, eu acho muito complicado e eu entendo que ela tem o papel primordial dentro da nossa formação humana.

### **O que você entende por educação?**

Eu entendo que é um processo onde nós vamos construir, vamos nos constituindo enquanto ser humano, enquanto sociedade, eu não consigo ver a educação que não seja isso, até mesmo porque ela como a gente sabe que ela está em todos os lugares, não tem como a gente escapar dela, é um processo de construção, ao mesmo tempo que eu interfiro tudo desse meio também interfere de certa forma nesse processo, então é um processo dialético muito tenso, muito denso, complexo, mas desafiador, mas é isso que nos constitui enquanto ser humano, é dentro dessa perspectiva que eu entendo a educação.

### **O que você entende por escola?**

Eu vejo como um lugar, mais um lugar que tem toda uma sistematização pra gente pensar todo esse conhecimento, que a gente tem que entender que ela é mais uma instituição, a gente tem a instituição familiar, as instituições religiosas, tem outras instituições que elas estão dentro desse processo de educação, e a escola ela vem como esse lugar que ele vai contribuir nesse processo, mas de uma maneira mais sistematizada, então o papel da escola é justamente fazer com que a gente tenha a apropriação desses conhecimentos, ampliação pra que a gente tenha uma potencialidade de fazer essas interferências de maneira mais consciente. Eu entendo que o papel da escola é esse mesmo que a própria constituição nos fala, que ela vem pra complementar a ação da primeira instituição que é a família.

### **O que você entende por criança?**

A criança é um ser com imenso potencial, um sujeito de direito, não é porque ele é um bebê, desde a gravidez ele já é um ser de direito, que ele tem uma história, eu entendo que os documentos todos eles nos trazem isso, e isso faz muito sentido pra mim, porque eu não consigo ver uma criança esvaziada, mas eu vejo uma criança que ela está dentro de um tempo específico da vida que é único, que é a infância. Porque pensar uma você está pensando a outra, é esse tempo mesmo, vivenciado, esse tempo da infância, desse ser com potencial, geralmente eu falo para o mês esposo, que eu aprendo muito mais com eles do que eles comigo, mas a verdade é um encontro desses aprendizados, esse encontro de gerações, e eles tem uma percepção de mundo muito aguçada, muito delicada, e esse mundo tem a tendencia de fechar tudo isso, então essa criança, eu vejo como um ser com potencial imenso, dentro de um tempo da nossa vida que é muito específico, e que ele é único, é um tempo que nos traz muitas marcas.

### **O que você entende por infância?**

Eu não consigo ver elas separadas né, porque a criança e esse tempo da infância é vivido justamente por essa criança que é um ser de direito, eu entendo como os documentos ele nos orientam, é sim uma criança cheia de direito, é uma criança cheia de potencial, é uma criança que ela constrói que ela constrói a cultura, nesse tempo específico da vida.

### **O que é uma criança bem-educada para você?**

Eu acho um pouco complexo isso, eu tenho muito cuidado com essas questões assim de definir, porque eu levo muito para essa questão de definir algo a partir daquilo que são as minha construções pessoais, e quando eu vou definir algo, eu preciso ter um cuidado com a história daquela pessoa, eu não posso dizer que de repente que uma criança que ela não sabe se posicionar pra comer por exemplo, eu não posso dizer que ela é mal educada se ela come com a boca aberta, se ela não consegue ter organização do seu espaço, que pega um tanto de comida, que coloca... porque existe uma constituição de uma família de um contexto que u não posso falar que está certo, eu tenho uma norma culta, mas eu também não posso dizer que isso não seja uma criança educada, uma pessoa que fala com um tom mais alto, eu tenho o meu tom

mais brando de falar, mas tem hora que eu elevo também a minha voz diante do momento que está mais eufórico, mas eu não posso chegar e falar que a pessoa que fala alto ela é mal educada, então eu tenho uma certa dificuldade em fazer esses tipos de definições, porque eu acho que a gente tem que ter um respeito, que por traz daquele ser humano tem uma história, e que eu não posso colocar dentro de uma caixinha, eu sou uma pessoa assim com muita dificuldade de viver dentro de caixinhas, apesar de ter vivido assim um longo tempo da minha vida, da minha educação básica eu sempre vivi dentro de caixinhas, muito sufocada né, e aí quando eu descobri que eu podia sair dessa caixa, pensar, falar, me posicionar, eu não esqueço daquele tempo que eu estava dentro da caixinha e eu sei que muitas pessoas ainda vivem nesse lugar.

**Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Eu entendo que sim, porque mesmo quando eu paro e vou olhar o histórico por exemplo da minha graduação em pedagogia que não tem nada referente a educação infantil, mas eu falo que lá foi o lugar onde ampliou a minha visão, me deu a possibilidade de ampliação, então assim foi esse lugar que ampliou de uma tal maneira que a construção dessa autonomia, dessa autoria como a Madalena Freire nos fala e dessa autoridade de docente, hoje eu consigo, buscar caminhos pra eu pesquisar, buscar caminhos, então eu falo que a minha formação inicial, mesmo não tendo nada específico referente a educação infantil, mas ela me ajudou assim dentro da construção desse meu pensamento crítico.

**Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

Eu falo que já tem uns anos que é um dos processos mais tensos pra mim, é como se eu estivesse andando em dois caminhos, tudo referente a educação infantil e o que eu faço com as crianças eu tenho toda uma base teórica que me dá uma tranquilidade para caminhar, mas ao mesmo tempo eu não posso desconsiderar o contexto que eu vivo. Eu vivo em um contexto onde a gente tem um tradicionalismo, a gente tem um pensamento preparatório de educação infantil, a gente tem um pensamento de alfabetização na educação infantil, não que a alfabetização não esteja na educação infantil, mas eu falo como centro, então assim, são coisas muito equivocadas que há anos são feitas, e que é assim que é feito, e assim que deve ser feito e aí dentro desse processo, quando eu olho para as crianças, elas são assim crianças que me instigam pela curiosidade delas, elas me falam e eu vou tentando mediar tudo isso que elas vão trazendo, que elas tem interesse, que elas gostam, como por exemplo esse ano, essa turma que eu estou é uma turma que assim eles são apaixonados por cores, pelas cores, pela descoberta das coisas, eles são assim muito críticos, até mesmo porque é uma realidade que a gente vive na sala deles se posicionarem, deles me questionam a todo momento, eles trazem ideias, então assim, eu tento fazer essa mediação com eles, mas ao mesmo tempo, sofrendo a pressão do sistema que eu tenho que ir para outro caminho, e aí eu tento fazer essas mediações, como que eu faço pra não ser a rebelde, mas aos poucos ir mostrando, ir conquistando esse espaço, porque as pessoas vão vendo e dando a credibilidade, ali tem um trabalho, e não é de qualquer coisa que a gente está falando, mas sempre tentando elevar e potencializar aquilo que é das crianças, então é algo assim muito complexo, fazer essa mediação na hora do planejamento, então eu tenho que viver naquela coisa do equívoco que a gente sabe que as vezes eu sofro, porque quando eu tenho que fazer determinadas coisas onde todos mundo vai fazer e não tem para onde correr, as vezes quando dá pra escapular pelo menos um pouquinho eu sou essa que vou para um outro caminho, apesar que eu estou em uma instituição que ela me dá uma abertura, então é assim, na hora de planejar eu sofro, porque eu tenho muito claro o que as crianças trazem, como eu vou fazer essa mediação, eu sei do meu papel mediador, mas aí não é só essa relação, eu tenho uma outra, que é de um sistema que na verdade ele me oprime, onde ele me exclui, porque muita das vezes o trabalho é solitário, ouvindo os próprios colegas as vezes falando coisas referentes ao trabalho

da gente, mas não que isso me leve a esse constrangimento ou com algo desse tipo, porque se eu entendo e levo em consideração que elas também muitas das vezes cometem algo equivocado pela falta de algo, que não é culpa nosso, mas muito mais de um sistema, como por exemplo eu iniciei falando pra você, que privilégio você estar no mestrado, aqui de qualidade da nossa UEG, porque hoje a gente é podado para que a gente não participe dessas coisas, porque quanto mais a gente amplia, você começa a dar trabalho, a concepção que se tem é essa. É isso então, essa parte de planejamento eu confesso pra você que é um das que assim, eu falo que eu não posso perder de vista o olhar das crianças.

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda pra vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

BNCC nua e crua. É BNCC total, com DC-GO no máximo, e quando você vai para as diretrizes nacionais da educação infantil, no caso pra educação infantil, ela te dá uma liberdade de pensar esse processo, e então eu não posso ignorar aqueles códigos, por exemplo são três campos de experiência, eu tenho dificuldade, porque quando eu vou pra campos, e quando eu penso experiência eu não consigo ver nenhum longe do outro, todos estão entrelaçados, não consigo pegar aqueles códigos que estão lá com aqueles números que quase me matam, aí tem hora que assim, eu fico até meio que incomodada, porque muitas das vezes eu confesso a você que eu pego um código e eu coloco lá, porque é código que eles querem, é muito complicado, mas assim, em meio a tudo isso a gente tem que levar em consideração porque assim, não é de repente de uma pessoal em específica da unidade a gente tem que parar e pensar, que é um sistema que faz isso com a gente.

**O que você entende por alfabetização na educação infantil?**

Por isso que eu falei pra você, quando eu coloquei assim pra você que “pensam o processo de alfabetização na educação infantil”, não é que eu seja contra, porque eu penso a alfabetização como uma leitura do mundo, esse processo se inicia no nascimento, só que eu sei que ele é formalizado, mas na frente mais sistematizado, mas existe um processo de entender a função social, por exemplo das letras e dos números na nossa vida, então é a partir disso que eu trabalho com as crianças na minha turma de pré-escola de cinco anos. Por exemplo, hoje estou encerrando o ano letivo, eu tenho muitas crianças lendo, mas se você for lá na minha sala e perguntar pra eles, ele tem prazer porque eles veem sentido nas letras, nos números e a gente nunca parou para aquela coisa assim sabe, fragmentada, a gente pensa a partir do nome deles, a partir de coisas que estão ao nosso redor, a partir das curiosidades deles, e as letras e os números estão em todos os lugares, então a gente assim, faz de uma maneira, como os eixos nos falam a partir das brincadeiras e das interações que a gente tem, interação como meio, interação como outro, interação de todas as maneiras. A gente está inserido nesse processo, mas ele não pode ser visto e a minha crítica é mais no sentido de quando a gente pega e pensa como algo preparatório para uma etapa seguinte, porque a etapa seguinte precisa disse, eu não posso ficar sujeita aqui na educação infantil porque o fundamental precisa, não, eles se complementam, é algo que vai dar continuidade, porque a nossa vida ela dá continuidade, eu não posso é pegar as caixinhas novamente e colocar tudo separado, aí é a mesma coisa eu querer delimitar tempos, que agora é isso ou agora aquilo, eu entendo que o processo de alfabetização ele acontece desde o nascimento, ele ao longo da vida tem momentos que ele vai ser sim mais sistematizado porque precisa, porque a gente não pode ficar nessa coisa solta na vida também, mas primeiramente é entender esse processo de construção entre nós e esse meio, essas interações e a partir da linguagem deles, que é através do lúdico, da brincadeira, por isso que a gente chega no final do ano eles lendo, eles com tanto interesse por conhecer as palavras. É um processo que eles vivem ali porque é isso, é a vida deles, é a nossa vida, a nossa vida é isso as letras e os números é mais uma forma de comunicar.

**Pra você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

Eu costumo anotar mais assim palavras, coisas que eles trazem, que são palavras norteadoras, quando eu vejo que é do todo, quando eu vejo que é mais específico, mesmo quando é do todo eu tento pegar aquela palavra que está solta mais uma específica e trazer pra fazer contextualização eu gosto muito da foto, do registro de foto, eu registro demais, eu gosto muito da questão do registro, porque geralmente quando a gente faz algum trabalho eu tenho um grupo de whatsapp, eu mando para as famílias pra eles verem, e eu gosto de olhar as fotos porque eu vejo como eles estão, se aquilo foi só algo da minha cabeça, a imagem pra mim é algo assim que eu gosto muito de trabalhar, além dos relatórios que a gente faz, os bimestrais que são pedidos, esses dias a secretária estava até falando, “não sei porque você enche aquela folha”, e aí eu tento trabalhar o meu relatório mais difícil é o primeiro, porque eu estou iniciando com aquela criança e eu tenho assim uma cautela muito grande para eu não rotular e não colocar ela dentro de uma caixinha e a partir daquele primeiro eu vou observando, vou dando continuidade no segundo, é tanto que assim eu não consigo fazer coisas soltas, ele tem uma continuidade né. E quando eu vou fazer esses relatórios eu parto dessas anotações, elas não são assim um caderno específico, elas não mais assim pontuais, o todo, a palavra X, então eu tenho muito mais palavras norteadoras que me dão um norte. Eu já tentei por várias vezes ter aquele diário separadinho, pelos nomes, já tentei digitar, mas a nossa rotina ela nos consome, aí é mais complicado, então o que hoje eu tenho conseguido ter, porque eu entendo que o registro ele é muito importante eu tenho conseguido mais com as palavras, as vezes no plano, meu próprio plano e quando não eu tenho uma agendinha que eu anoto também.

**Quais são as finalidades da educação infantil?**

Eu entendo que ela é pra potencializar esse ser nesse mundo tão difícil que a gente tem, para ele entender esse processo de interação que ele vai ter com esse mundo, para que ele possa ser inserido de uma maneira que ele consiga se situar nesse mundo, não colocando coisas pra eles, mas muito mais desse processo de interação mesmo, que são os eixos que a gente tem, para que ele consiga perceber que ele também contribui nessa construção, para que ele consiga entender que essa construção ela não pode ser só do outro, mas do “nós”, que ele é um sujeito dentro desse processo, mas aí não pode ser qualquer educação infantil. A educação infantil não é só socializar, ela é muito mais, é um processo assim de construção, de relação, de trocas, porque a gente tem sim isso de ser só pra socializar, mas esse equívoco nós temos também na educação especial, não é só para socializar, é para além, ela extrapola essa questão da socialização, até porque a socialização a gente já tem em outras instituições, ela já tem no seu meio familiar, no seu meio religioso, ela vai para além disso, e por isso nós temos coisas tão rasas quando se fala que ela é só pra socializar. A brincadeira por exemplo ela não serve só pra socializar, mas para a criança compreender esse mundo, porque é a linguagem mais próxima dela, em uma brincadeira a gente está aprendendo a compartilhar, nós estamos aprendendo a ouvir o outro, nós estamos aprendendo a construir regras juntos, a brincadeira ela traz muitos temas que a gente precisa trabalhar com a criança, mas pelo fato dela ainda não conseguir ter a abstração desse pensamento, esse concreto pra eles por meio desse lúdico dessa brincadeira a gente trabalha para além da socialização. A educação infantil não é só escolarização, ela está dentro desse processo, eu tenho dificuldade com separar, eles fazem muitas coisas que eles compreendem esse espaço escolar, porque eles estão dentro dessa instituição, dentro desse espaço, então já é um espaço que já vai estar familiarizado para ele e que faz parte do processo de escolarização, mas não pensando ele como algo muito metódico, porque o fundamental trabalha assim, eu não vejo dessa forma.

### **Quantos alunos você tem na sua sala?**

### **O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

#### **O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

Eu entendo como um processo muito individual, apensar da gente ter padrões específicos, mas é algo assim muito individual que ele está no todo, que ele está no nosso físico, que está no nosso psicológico que ele está no nosso espiritual, é o desenvolvimento do todo e que dentro dessa etapa que a gente trabalha eu vejo como um boom desse desenvolvimento, porque de certa forma marcas que a gente deixa agora elas vão nos acompanhar pra nossa vida toda, como por exemplo, hoje eu consigo vim para um lugar onde eu não queria voltar que é a escola, meu sonho era encerrar para nunca mais voltar. Hoje eu consigo voltar para esse lugar e pensar esse lugar de uma outra maneira, mas a partir das marcas que foram me deixadas dentro do meu processo inicial de desenvolvimento humano, foram marcas que foram para a além do meu cognitivo, mas como a gente tem outras instituições que nos constitui e contribui nesse desenvolvimento humano.

#### **O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

Eu entendo que um fator assim muito importante é a gente pensar como que essa criança ela vai se posicionar nesse mundo e pra isso dentro desse processo que ela se encontra, que é um processo de dependência, precisa de uma colaboração entre nós adultos para que nos apresente as possibilidades para que essa criança constitui o seu desenvolvimento integral, porque é ele que eu entendo que vai fazer com que a gente desenvolva de uma maneira onde vai ter um significado para a nossa vida. E aí é claro a gente tem, eu não consigo elencar o nosso desenvolvimento afetivo, no sentido não só do afeto, mas do afeto do sentimento, mas muito mais daquilo que nos toca, do afetar, mas de um sentido pleno mesmo dessa criança uma colaboração entre adultos que nesse momento tem a possibilidade de mediar, aí eu pego algo assim, que a gente trabalha e dá muito certo, eu costumo falar que não é o meu trabalho que eu chego ao final do ano com um resultado que eu vejo que satisfatório para as crianças, porque eu vejo ela dentro de uma sala de aula felizes e aprendendo. E assim não é só um, são todos, e eu não faço sozinha, eu faço com a escola que é no caso essa instituição que eu trabalho ela me dá essa possibilidade de diálogo, eu falo das famílias, cada uma do seu jeito. Eu tenho uma relação de muita proximidade com eles, a gente conversa muito eu oriento muito eles, eles trazem muito do que está acontecendo e eu contribui não só com a criança, mas com o seu contexto familiar e assim tem muitas demandas que as vezes nem me compete enquanto educadora, enquanto professora, mas eu entendo que como ser humano compete e a gente tem essa relação de muitas vezes coisa que estão acontecendo com a criança dentro do seu contexto, e aí está interferindo diretamente aqui a gente consegue conversar, então assim, essas trocas são muito importantes para o desenvolvimento dessa criança e eu só consigo ver o desenvolvimento como um todo.

#### **Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

Eu falo que é na questão do olhar sensível mesmo, um olhar onde de repente uma criança que ficava quietinha no canto dela, não falava e ela já consegue questionar a professora, ela consegue dar a opinião dela, ela consegue verbalizar as suas angustias, ela consegue ter uma autonomia de desenvolver as propostas da sala, ela consegue interagir com os colegas, elas conseguem interagir com o meio, então assim eu vou vendo muitas coisas dessa criança, ela

consegue, fazer desenhos que antes ela não conseguia nem pegar no lápis, ela consegue escrever palavras, ela consegue tanta coisa e aí são todas essas coisas que eu consigo olhar pra ela e falar assim, ela evoluiu bastante e dentro do processo lá do objetivo inicial que é o desenvolvimento integral dela.

### **Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

Eu sempre falo que eu sou suspeita pra falar da educação infantil, eu costumo dar o exemplo da construção de uma casa, no dia em que um arquiteto, um construtor chegar e falar que desenvolveram uma casa que você começa a construir a partir do telhado, eu vou mudar minha concepção, mas até então eu entendo como um alicerce, é o início. A experiência que eu te falei de creche que eu tive, aquele corpo em contato com esse mundo, com aquela curiosidade, é algo assim tão potencial, como aquele corpo ele vai sendo direcionado dentro desse espaço, não pode ser qualquer coisa, porque se não a criança começa a entender que ela tem que limitar, que ela não pode andar, que ela não pode sujar, que ela não pode pegar, que ela não pode falar, que ela não pode manifestar, ela não pode morder, se ela mordeu é porque ela está aprendendo ainda a questão do beijo, do contato com o outro, com outra criança da mesma idade, é um potencial de vida tão grande, mas tão grande que tudo que tem ali naquela base, como foi direcionado, ele reflete lá no telhado. As pessoas chegam na universidade com dificuldade de falar, de se posicionar, vamos pensar na nossa história, eu falo porque esse é o exercício que eu faço sempre, quando eu olho pra minha educação básica, pra minha educação infantil, eu vejo assim a importância, então por isso que eu falo que não pode ser qualquer pessoa e quando eu falo assim qualquer pessoa, eu não estou dizendo que tem alguém melhor ou pior, é preciso alguém que pelo menos tenha a consciência daquilo que ela está fazendo, o que ela está trabalhando com aquela criança, não é só o cuidar, mas aquele cuidar ele está educando diretamente aquele corpo, ela está silenciando aquele corpo ou ela está potencializando aquele corpo. Então assim eu entendo que a educação infantil deixa marcas decisivas, para a gente chegar lá naquele telhado. Um telhado com casas caindo, casas rachadas, casas que não vão conseguir ficar muito tempo de pé, e aí quando você olha como aquela criança foi tratada na educação infantil. Hoje a gente avançou muito com a pré-escola, avançamos, mas a educação infantil não é a pré-escola, a educação infantil ela contempla a etapa desde a creche, então assim as negligências que a gente tem e a gente sabe que é uma constituição histórica isso, é muito grande, enquanto a gente não tiver um projeto pensado a partir dos bebês, a partir de assegurar os direitos para essa mãe que está com essa criança em gestação, eu falo pra você que a gente vai continuar sim com as rachaduras, vamos continuar com esses telhados do jeito que eles estão. Quando alguém me fala que eu não posso ir para a creche, porque eu sou um desperdício na creche, dói a gente ouvir isso, são indignações, a gente sabe que nos países onde ela tem índice elevado, e índice que eu falo são índices de qualidade, não estou nem falando de números, essa é uma etapa das mais valorizadas, mas ao mesmo tempo os lugares onde essa etapa não é valorizada é onde nós temos os maiores problemas.

### **Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

Para potencializar a criança eu penso que o importante é olhá-la e escutá-la, porque elas trazem muito pra gente, só que saber esse papel mediador para que não seja mais aquilo que eu quero, mas partir do olhar dela é um desafio e é onde que eu falo pra você, é mais fácil você estar em um lugar onde já tem tudo prontinho, que você não precisa pensar, vai lá e coloca porque elas não vão te questionar, é um processo mais cômodo, mas aí ao mesmo tempo eu percebo que é um processo muito vazio. Eu entendo e falo para as crianças que vai ter lugar que elas vão ter que ficar quietinhas, que elas vão calar, mas que esse não é o certo e que elas vão falar, que elas precisam se posicionar, que elas tem as vontades delas, que elas precisam aprender a se

posicionar nesse mundo, é isso que eu tento fazer com elas, pra que elas entendam e não só de me verem falando, mas vivenciando isso com elas. Eu sei que elas vão encontrar esses espaços opressores, muitas vezes as escolas são muito bonitas por fora, mas quando você entra é algo totalmente diferente, as vezes tem um projeto ali que ele está bonito, mas ainda não consegue ser aplicado na prática porque ele é pensado só de uma pessoa, ele não é pensado por todos. E eu entendo e quero que isso que fique para elas, que elas podem andar, andar e andar, mas vai ter um momento que elas vão lembrar desse potencial que elas têm. A educação infantil vai ser esse alicerce, mas não podemos esquecer do papel do mediador, quem são as pessoas que estão mediando, quem são as pessoas que estão sendo direcionadas para essa primeira etapa, como que está sendo o trabalho pensado para essas pessoas que estão dentro desse processo de mediação. É preciso perguntar se essas pessoas sabem de qual criança você está falando, com qual criança você está trabalhando e isso me preocupa, porque eu vejo esse potencial sim na educação infantil, mas infelizmente do jeito que nós temos a condução desta etapa e eu falo de forma nacional, os professores que estamos recebendo tem sido desafiador para a gente.

**Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

Ela é organizada sempre a partir da proposta do que a gente vai realizar no dia, e aí como já vem aquela parte do planejamento que é mais sofrido, ou ela vai estar em “U” ou ela vai estar em círculo, ou ela vai estar em grupos, ou até em grupos maiores ou grupos menores, ou ela estará todas as carteiras para o lado e o meio livre, então é conforme a proposta do dia, é uma sala em movimento. Eu lembro que no início, quando eu comecei com as crianças elas ficavam perguntando “porque que a gente não está em fila?”, porque a sala nunca está em fila, eles me questionavam isso, e eu questionei com eles, perguntando “porque a gente vai ficar em fila se hoje a gente vai pensar em tal proposta?”.

**Você usa outros espaços dentro da escola?**

Aqui a gente está tendo a possibilidade de ir para a praça, o espaço externo aqui da escola em si, eu quase não saio porque ele é muito restrito, ele é muito pequeno para seis turmas, é um espaço coletivo pequeno que quando sai muitas turmas tumultua um pouco, então geralmente o nosso espaço em sala a gente movimenta muito ele, porque a gente fica muito nele, mas não só de um jeito. A gente usa o chão da sala pra desenhar, então a gente abre as carteiras pra ter esse espaço.

**O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

Eu começaria pelos prédios, a gente sabe que eles também educam. Para além dos prédios as pessoas, dentro de um processo de formação, porque que esse prédio educa, porque a gente faz o que faz, se questionar e não fazer porque sempre fez assim, nós não somos iguais aos primitivos, teve uma evolução e aí a gente tem que pensar gradativamente. Eu mudaria muita coisa.

**Para você hoje no seu trabalho com as crianças, o que é mais importante?**

As interações, porque a partir das interações, e aí eu penso a interação com o espaço, a interação com pais, a interação com os adultos, a interação com eles mesmos, todos os tipos de processos de interação para que a gente possa ir por meio das brincadeiras que dentro do processo da interação que a gente vai perceber o que que eles gostam mais, e a partir delas a gente abre o leque para esse mundo.

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 53

**Qual gênero você se identifica?** Feminino

**Qual a sua formação?** Pedagogia

**Qual o seu regime de trabalho?** Efetivo

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

**Quanto tempo de trabalho?** 20

### **Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Diante dessa nova sociedade, da sociedade que nós vivemos agora eu me identifico mais com a educação infantil, pela facilidade que eu tenho de lidar com a criança, eu tenho mais facilidade de lidar com a criança nesse começo de etapa, do que com as crianças maiores.

### **Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

Ela visa formar a pessoa enquanto cidadã, visto que quando a pessoa está, a criança ou o adolescente, jovem, enfim, está dentro de uma comunidade escolar, ela está se socializando, não tem como desvincular a formação cidadã da socialização e a formação também intelectual, que é muito importante.

### **O que você entende por educação?**

Educar é ensinar, eu vejo a educação, a educação escola como um lugar de aprendizagem, mas isso como eu já disse anteriormente, não desvincula a formação cidadã e a socialização.

### **O que você entende por escola?**

Escola é um espaço onde as crianças, toda a comunidade escolar tem que ser participativa, que a escola ela não é só feita do aluno, das crianças, dos jovens, dos adolescentes, mas ela é feita pela comunidade como um todo e é uma área de formação tanto cidadã quanto intelectual do ser humano.

### **O que você entende por criança?**

Criança é uma fase muito boa, criança é a base do ser humano, é um ser humano puro que está ali, eu falo que é um diamante a ser lapidado, então isso é o meu entendimento de criança, é uma pedra bruta a ser lapidada.

### **O que você entende por infância?**

Infância é essa fase angelical, essa fase curiosa ao mesmo tempo pelas quais a gente passa enquanto é criança. E criança também a gente não pode desvincular criança de um ser que gosta de fazer novas descobertas, brincadeiras e assim através das brincadeiras elas também aprendem muito, do lúdico.

### **O que é uma criança bem-educada pra você?**

É uma criança que tem uma base familiar sólida, porque esse primeiro contato com essa palavrinha educação, ela é advinda do lar, se a criança tem uma base sólida, se ela tem uma família preocupada com a sua formação futura, ela é uma criança que já vem para a escola bem-educada, pronta para o aprendizado.

**Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Me deu uma base eu digo que gradual, porque a gente estuda a teoria, mesmo com o estágio, tudo que a formação propõe a teoria, mas o que dá realmente o que complementa essa teoria é a prática.

**Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

De acordo com os objetivos da nova BNCC, e de acordo com o planejamento anual, advindo da escola, tem também troca de experiência, como eu sou professora municipal, o município oferece formação continuada, no momento nós estamos fazendo o AlfaMais, que é um encontro que nós temos uma vez ao mês, onde a gente tem uma aprendizagem muito grande, uma experiência, uma troca de experiência pra gente concretizar na sala de aula, é um curso que vem do governo estadual e o município faz adesão, e aí tem a professora formadora, a professora formadora ela tem uma formadora estadual dela, da qual ela vai seguir ali o que é dado pra ela no planejamento dela, é anual, ele é visto como hora atividade. Para a escolha das atividades nós temos o planejamento da escola feito pela coordenadora pedagógica e eu faço o planejamento no caderno semanalmente, acompanhando o planejamento advindo da escola, da parte pedagógica da escola...

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda pra vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

Dentro dos componentes curriculares a BNCC que é a base nacional comum.

**Pra você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

Nós temos o planejamento da escola feito pela coordenadora pedagógica e eu faço o planejamento e encaderno semanalmente, que é o caderno de planejamento semanal, acompanhando o planejamento advindo da escola, da parte pedagógica da escola. Sobre o desenvolvimento das crianças, isso é feito através de um outro caderno e depois ele é passado bimestralmente para uma ficha própria da escola que é bimestral, porque nós não temos avaliação, aliás nós temos uma forma de avaliação descritiva.

**Quais são as finalidades da educação infantil?**

A educação infantil não é só socialização, mas ela é socialização e cognição, ela não é escolarização, como eu te falei, na educação infantil a gente precisa ter parceria com as famílias, porque na escola se aprende e em casa dá continuidade, um é a continuidade do outro, um é vinculado ao outro, eu não vejo um sendo deslocado do outro eu acho que um se associa ao outro. Eu vejo o brincar como o ensinar com ludicidade, por exemplo se eu vou ensinar a letrinha “P”, eu vou contar uma história, eu vou colocar pra fazer uma ilustração, eu vou apresentar aquela letra que eu estou ensinando e só depois a criança vai fazer o seu traçado a sua escrita de forma espontânea. A finalidade educativa da educação infantil, você quer saber da aprendizagem, é uma finalidade que a criança vem a escola para começar a socializar, para começar a aprender com ludicidade e dali em diante ela prosseguir na sua vida escolar. Na parte física com a nova BNCC hoje a gente tem corpo gesto e movimento, então é onde a gente trabalha a psicomotricidade e na psicomotricidade a criança ela tem o seu desenvolvimento corporal, os seus movimentos, seu ritmo, sua lateralidade, a sua capacidade de correr, rolar, saltar, subir e descer tudo dentro da psicomotricidade, então eu vejo esse desenvolvimento físico elabora junto com essa etapa que se chama psicomotricidade e a gente faz a junção do cognitivo, físico e o afetivo é feita através de brincadeiras, de música, de histórias, de parlendas, de lenga lengas, de quadrinhas, são várias coisas feita aqui dentro da próprias instituições a partir do

momento em que a criança está brincando no parquinho a gente está observando a parte psicomotora, a parte da socialização, então é feito como um todo.

**O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

A prática ela ensina a vivência, é na prática que a gente descobre o recurso que usar porque as salas não são homogêneas, elas são heterogêneas, então de acordo com a minha prática, de acordo com aquela vivência que eu tenho com cada criança que eu vou escolher o método de ensino que como a sala ela é heterogênea não tem como a prática também ser homogênea, a prática também é heterogênea.

**O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

Desenvolvimento humano é o mesmo que o desenvolvimento social, a criança por exemplo ela chega na escola se é uma criança sozinha que não tem irmãos, as vezes ela tem aquela dificuldade de socialização e é onde na escola no ambiente escola ela vai aprender o respeito as diversidades, então eu entendo esse desenvolvimento como um desenvolvimento respeitando as diversidades e a individualidade de cada um.

**O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

Acompanhamento familiar, é primordial o acompanhamento familiar.

**Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

Com base nas observações diárias que são feitas, com base na observação do socio afetivo e com base de observação do cognitivo.

**Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

A educação infantil ela é primordial, porque na educação infantil a gente tem uma prática lúdica e com essa prática lúdica as crianças vão aprender. Então na educação infantil elas aprendem movimentos, algumas saem até já iniciando o processo de leitura, mas isso não é regra, uma coisa feita espontaneamente, onde a criança vai aprender espontaneamente, eu vejo a educação infantil como a base de ensino da criança, é da educação infantil que se começa tudo. Eu acho muito difícil uma criança, porque hoje em dia é de acordo com a faixa etária, chegar em uma escola mesmo que tenha as instituições que ofertam a educação infantil já no primeiro ano, com seis anos sem base nenhuma, então a educação infantil ela é realmente a base.

**Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

Ela é importante tanto na parte da socialização como eu disse e repito, quanto na parte lúdica na qual ela vai ter o desenvolvimento cognitivo.

**Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

A minha sala ela varia, as vezes eu organizo em fila, as vezes eu organizo em círculo, as vezes eu organizo em dupla em trio, então assim, eu dou essa mexida no decorrer da semana, depende da atividade que eu vou ofertar.

**Você usa outros espaços dentro da escola?**

Utilizo sim, utilizo essa área aqui que é um galpão fechado, nós temos a área externa que a gente pode brincar também e tem a área do parquinho.

**O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

O modelo de educação infantil hoje é controversa, porque não há um documento falando que não se pode ensinar a escrita na educação infantil, então as vezes as pessoas elas se apegam só na ludicidade e eu me preocupo também com essa parte cognitiva do registro escrito mesmo que de forma espontânea para que a criança chegue no processo de alfabetização que é o primeiro ano, já sendo que ela é capaz, quando ela se demonstra capaz, não é nada obrigatório, já com essa base também do começo da escrita, do registro do nome, de saber a historinha do seu nome, com que letra que inicia, quantas letras tem, porque aí se a criança tem essa base na alfabetização ela terá meio caminho andado, a preocupação maior será lembrar.

**Para você hoje no seu trabalho com as crianças, o que é mais importante?**

Eu não tenho como desvincular uma coisa de outra, primeiro a parte afetiva, a criança igual eu falei a criança tem que ter uma base familiar sólida, para que a criança venha pra escola, preparada e que a gente possa dar a formação esperada, a criança ela precisa ter uma parte afetiva sólida também, porque o que acontece lá na casa, lá na família que é a base, ela reflete dentro da escola, são seres humanos né, então há esse reflexo de uma forma. Então eu digo e repito, uma base familiar sólida, agora quando não há, a gente tenta complementar mesmo que não seja, aquele complemento de pai e mãe, mas a gente tenta complementar essa afetividade aqui dentro da escola, conversando, dialogando, através de historinhas.

**ENTREVISTA 9**

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 38

**Qual gênero você se identifica?** Feminino

**Qual a sua formação?** Pedagogia pela UFG, especialização em psicopedagogia

**Qual o seu regime de trabalho?** Efetivo

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

**Quanto tempo de trabalho?** 10

**Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Por gostar dos pequeninhos.

**Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

Eu acho que contribuir para a transformação da sociedade, transformar o ser humano em um ser humano melhor, acho que só a educação faz isso.

**O que você entende por educação?**

Formação do ser humano, base.

**O que você entende por escola?**

Lugar onde acontece a formação do ser humano.

**O que você entende por criança?**

Um ser em formação, influenciável.

**O que você entende por infância?**

Talvez a parte mais importante da formação do ser humano, porque é lá que o ser humano começa a desenvolver a sua personalidade, o que ele vai se transformar como ser humano, começa na educação, na infância, então é a base de tudo.

**O que é uma criança bem-educada para você?**

Pra mim não diz respeito só ao comportamento, bem-educada significa o todo, relacionado a educação ampla, não só comportamento, aprendizagem, relacionado mais a infância mesmo.

**Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Deu, mas a gente não pode se contentar só com isso, a gente tem que estar sempre buscando tá aprendendo, todo dia a gente aprende, inclusive dentro da sala. A criança você não pode enxergar só ela, atrás dela como diz o outro, tem sempre a família que influencia diretamente na aprendizagem da criança.

**Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

Os meus alunos que me direcionam, então o que eu vejo que eles estão aprendendo, já aprendeu eu passo pra frente, senão eu foco mais naquilo que eles estão precisando. Eu escolho as atividades o dia a dia, nas brincadeiras de forma lúdica, por exemplo com as letras móveis, na dinâmica de competição, eu vou analisando como está a turma, mas claro que a gente tem o conteúdo anual que a gente tem que seguir, por exemplo eu costumo trabalhar uma letra por semana, eu tenho a apostila, eu tenho que seguir pra frente, mas eu sempre estou voltando naquilo que eu vejo que eles estão com dificuldade, então principalmente nas brincadeiras de forma lúdica, nas letras móveis nas competições e várias dinâmicas que eu faço na sala. Eu utilizo a apostila como principal recurso para as atividades, antes era atividades só de folha, como na época da pandemia a gente teve que montar a apostila, eu adotei isso, porque eu achei interessante, ela é semestral e eu uso duas apostilas no ano.

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda pra vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

Tudo na verdade, tem o planejamento anual, o regimento, a BNCC, faz uma compilação de tudo e monta.

**Para você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não foi feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

A gente tem o planejamento semanal que a gente entrega o plano de aula, eu vejo minha apostila, vejo o que vou dar na semana e em cima disso tendo por base os alunos o que eu estou vendo que a turma está precisando ou já andou eu faço as minhas aulas. Para o desenvolvimento eu tenho minha agenda, as vezes a mente da gente é falha, igual quando eu vou fazer o meu conselho de classe então as vezes a gente fica “será que fulano, como a sala está cheia, será que fulano está sabendo a contagem até 50, igual a gente já está até 50”, aí eu costumo antes do conselho de classe uns dias antes, eu formulo umas perguntas e chamo cada criança na minha mesa e faço uma avaliação oral e coloco lá.

**Quais são as finalidades da educação infantil?**

Se a gente for olhar de forma teórica tem tantos tópicos lá pra gente copiar, mas é de forma livre, eu tenho pra mim que a educação infantil é a base do processo de educação do ser humano, que é ali que começa, então se você não tiver uma base bem feita, igual a gente vê que muitos alunos não tem a estrutura da família e que não está conseguindo fazer e que a gente sozinha não dá conta que a gente precisa do apoio da família, então aquelas crianças que não consegue fazer uma educação infantil com uma boa base, isso vai virando uma bola de neve, então lá no primeiro ano ele vai ter dificuldade, porque não teve um pilar bom, que é conhecer as letras os

nomes, já começar algumas leituras, então no primeiro ano não vai conseguir e consequentemente vai virar uma bola de neve no segundo porque as salas são mais cheias, e aí vai essa dificuldade vai evoluir muito, então se a mãe não procurar um apoio se ela não dá conta, se ela não procurar uma professora de apoio pra ajudar e tudo, então é a base, muitos pais não acham que é a base, “ah só vai pra brincar, só pra aprender umas letrinhas, ah não”, e aí a gente manda tarefinha e não está nem aí, não estuda com os alunos. E isso vai virando uma bola de neve depois, então pra mim é a base, é tipo uma casa, se você fala que ela é linda por fora, mas se o pilar não, a base dela não for bem-feita não vai formar. A educação infantil não é só brincadeira, é uma brincadeira intencional sempre, ela é um misto de escolarização e antecipação do ensino fundamental. É você fornecer pra criança uma base estruturada, focando na infância realmente na inocência que não se pode deixar perder, ainda mais nessa faixa que a gente trabalha, quatro e cinco anos, e procurar suprir as lacunas que a família deixa, porque deixa demais, o nosso trabalho não é só ensinar as letras os números, falando mais específico as letras, números, as cores, é tudo uma educação integral, é ensinar que não pode falar mal do coleguinha, que não pode falar do cabelo, é ensinar que criança namora, então assim a gente está abraçando tudo e tem que ser assim, porque hoje as famílias estão se perdendo, são famílias na maioria das vezes desestruturadas, então a gente tem que abraçar tudo e tentar dar o melhor, o amor, o carinho, as vezes o abraço da professora é o único que a criança tem no dia, então a gente tem que ser um pouco de tudo mesmo.

### **Quantos alunos você tem na sua sala? 22**

#### **O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

Que a teoria é claro é necessária, ela contribui, mas assim que o que nos forma professor de verdade é a prática do dia a dia, dos anos, a experiência.

#### **O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

Eu acho que pensando na forma integral da personalidade e tudo, no que a educação contribui, tipo assim? Uma forma de falar que uma pessoa é desenvolvida humanamente é quando se tem empatia, quando se consegue colocar no lugar do outro, então a gente vê que as crianças por mais pequenas que são elas, algumas delas conseguem, como por exemplo a gente tem uma menina especial, uma cadeirante, então a gente vê o cuidado de alguns com ele e outros com nem tanta compreensão, então essa é a questão do desenvolvimento, só que isso leva anos, quando a gente fala em desenvolvimento já é pensando mais em adulto, então quando você pensa em desenvolvimento eu penso muito na empatia, que é uma capacidade belíssima e que muitas pessoas não tem, não conseguem ter, não consegue se colocar no lugar do outro, então eu acho que está ligado a empatia.

#### **O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

A família, a família é a base de tudo a escola sozinha ela não consegue, então a gente, a escola tem que estar sempre buscando a família, chamando pra dentro, pedindo a mão, porque sozinha é impossível, isso cada dia a gente percebe mais, então a família.

#### **Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

É constante, até porque a avaliação na educação infantil é constante, então é no dia a dia, é nas brincadeiras, nos jogos, nas atividades, até quando eu chamo na minha mesa e faço aquela coisa mais ali personalizada, só eu e a criança, então são vários momentos.

#### **Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

Eu acho que eu até já respondi lá atrás, pra mim ela é a base, eu associo ao alicerce da casa, então a educação infantil pra mim é o alicerce da casa, a educação é a casa e a educação infantil é o alicerce da casa, se não for bem-feita, se não for significativo pra criança essa casa lá na frente ela vai estar cheia de rachadura, não adianta estar belíssima por fora e por dentro estar cheinha de problema.

### **Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

Está ligada uma coisa na outra, então assim se a criança não tiver uma educação infantil bem-feita ela não vai conseguir se desenvolver lá na frente como deveria, vai lá frente, por mais que ela tiver lá na universidade na minha opinião vai ter cicatrizes de uma educação infantil malfeita lá atrás. Eu lembro da minha educação infantil até hoje, o tanto que é importante pra criança, marca demais, tudo na infância do ser humano marca muito, pra gente ver que tem coisas que na fase adulta tem coisa que a gente nem lembra, mas se perguntar da infância a gente vai lembrar, então é onde eu falo, que é a base de tudo é o alicerce. E falta muita divulgação dessa importância para os pais, então os professores as vezes tem o curso, aquilo que vai entrar na cabeça da gente, o mestrado da vida, as especializações, mas falta essa conscientização pra os pais, não se tem muito isso na escola. E pra mudar essa realidade é políticas públicas, a gente todo início do ano agora, porque o governo federal cobra dos municípios, e aí os municípios vai lá e põe os cursos pra gente, no decorrer do ano, um tempo atrás já tinha o do início do ano e agora no decorrer do ano tem também, mas aquele sempre do início do ano é pra falar sobre isso, o acolhimento da criança, a importância, a gente já tem essa consciência por causa a Universidade, mas aí falta uma palestra, uma reunião dessa com os pais, para os pais, trabalhar a mente deles também com isso, então eu acho que isso deveria ser um quesito obrigatório para a matrícula da criança, tá aí uma política pública interessante.

### **Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

Na minha sala tem coisas básicas que tem que ter, tem um calendário, livros expostos ao alcance deles, alfabeto, numerais, tem os brinquedos pedagógicos, é organizado de maneira normal mesmo, as carteiras são organizadas de forma tradicional e quando eu vou fazer as dinâmicas as brincadeiras, tem os momentos, pra mim tem muita polêmica nessa questão aí, mas pra mim a questão da disposição das carteiras de forma tradicional é importante, hoje as crianças estão vindo mais agitadas, cheias de coisas aí que estão surgindo, os autismos, os TDAHs, então assim, a gente está com crianças mais agitadas mesmo, então pra mim a disposição das carteiras em forma de círculo, em conjunto de seis em seis, pra mim não funciona, ainda mais aqui por ser uma periferia, a gente não tem tanto apoio dos pais e a gente tem que redobrar o trabalho. Então no momento das atividades pra mim tem que ser as carteiras separadinhas que funciona, então eles fazem as tarefinhas, é claro que eu não sou aquela carrasca, eles trocam, vão na carteira um do outro, pegam lápis, eu não fico carrasca em relação a isso, mas aí nos momentos de dinâmica que eu gosto de fazer competição, por exemplo as letrinhas móveis, os numerais aí eu disponho as carteiras de outro modelo.

### **Você usa outros espaços dentro da escola?**

Eu utilizo, mas as vezes nosso espaço aqui é maravilhoso da grama, mas o sol no decorrer do ano ele muda, agora por exemplo a sombra está ali, mas tem uma época do ano que a sombra está pra lá, então assim nem sempre é possível usar, principalmente por conta do calor, a gente até já cobrou uma área coberta aqui dentro, porque apesar das arvores não dá pra usar. A quadra da escola ao lado dá pra ir pra lá, só que o portãozinho de entrada tem uma grade em uma distância assim uma da outra (ela mostra a distância e dá pra passar uma criança pequena magra pela grade), então por ser crianças que hoje em dia estão muito agitadas, você tomar uma

responsabilidade de levar vinte e duas ou vinte e três crianças, filhos de outras pessoas e de repente você estar lá empolgada, fazendo uma brincadeira e uma criança sai daquela grade sem você perceber, é uma responsabilidade que vai mudar a sua vida aquilo ali, então eu não levo muito, levo por exemplo com a presença da diretora, com a coordenadora, em época do dia das crianças a gente faz uma festa com eles, então está aquele monte de professora pra olhar, se ela fosse toda fechada e tivesse mais segurança um portãozinho todo fechado que a criança não saísse porque está trancado, aí eu levaria mais, com certeza, mas esse motivo eu não levo. Isso é lindo na teoria, você tem que levar a criança para os espaços abertos, você tem que visitar praças para as crianças verem as árvores, ter convivência, mas isso é lindo na teoria, mas e se por acaso, são seres humanos, e se pôr a caso você está lá explicando um bichinho, uma florzinha, e uma criança vira e passa na frente do carro, e aí? Vai explicar que seu trabalho exige aquilo ali para uma mãe que perdeu um filho, mas e a professora onde estava, mas é uma professora pra vinte e três crianças, eu não tenho auxiliar, as minhas crianças eu que tenho que cuidar.

### **O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

Eu acho que faz falta para todo professor, as vezes eu quero fazer tanta coisa para os meus alunos, igual aqui graças a Deus a diretora tenta dar tudo que a gente pede, ela tenta conseguir, a gente ainda tem esse apoio, até mesmo pra tirar essa carga do diretor, se os professores tivessem um incentivo de um valor específico no salário, a gente teria que prestar conta, concordo plenamente, de um valor que seria gasto com a sala de aula, as vezes a gente quer fazer uma lembrancinha, igual toda letra que eu trabalho eu dou uma lembrancinha para os alunos, as vezes a gente confecciona juntos, aí as vezes me dá vontade de comprar uma coisa, mas as vezes é caro, são muitos alunos, então se eu tivesse um valor por mês pra gastar com isso que eu tivesse que prestar conta sem problemas, pra mim era uma coisa que faz muita falta, tem professores que tem ajuda de custo, os lá de cima tem auxílio terno né, então se tivesse um auxílio pedagógico pra gente, pra trabalhar com as crianças, eu acho que seria tão interessante, a gente conseguiria fazer tanta coisa, o que me vem na cabeça agora é isso, seria muito bom.

### **Para você hoje no seu trabalho com as crianças, o que é mais importante?**

Os materiais didáticos são essenciais, tanto os lúdicos quanto os de rotina, acho que os materiais mesmo é quase que impossível abrir mão hoje, por mais que a gente faça brincadeiras, que nem usem materiais no dia a dia, mas assim eu acho que é importante, eu acho que é necessário.

## **ENTREVISTA 10**

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 41

**Qual gênero você se identifica?** Feminino

**Qual a sua formação?** Pedagogia pela UEG, especialização em neuropedagogia e em psicopedagogia

**Qual o seu regime de trabalho?** Contrato

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

**Quanto tempo de trabalho?** 11

### **Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Eu gosto da educação infantil, porque eu acho que é a fase mais importante da educação é a educação infantil, eu me identifico, eu tenho mais afinidade, eu gosto de ver a criança começando a aprender, eu gosto de ver do início.

**Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

O desenvolvimento do indivíduo, em todos os aspectos, cognitivo, vai desde os valores morais, é a formação do indivíduo, da identidade do indivíduo em todos os aspectos.

**O que você entende por educação?**

Um processo de formação do indivíduo em todos os aspectos.

**O que você entende por escola?**

É um local, é uma modalidade de ensino, tem o ensino escolar, tem o ensino na família, tem o ensino hospitalar, tem o ensino de todas as formas, e a escola eu acho que é o lugar onde acontece uma das modalidades de ensino.

**O que você entende por criança?**

Um ser em desenvolvimento constante, um ser incrível que não deveria crescer.

**O que você entende por infância?**

A etapa mais importante da vida de uma pessoa, porque o que acontece na infância vai para a vida toda.

**O que é uma criança bem-educada pra você?**

Pra mim os valores morais são tudo, eu acho que é a parte principal da formação do indivíduo são os valores morais, aqueles que hoje em dia as famílias acreditam que a escola tem que ensinar tudo, mas são coisas que são ensinadas em casa, primeiramente em casa, e que dependendo da estrutura familiar não vai acontecer, então eu acho que uma criança bem educada é uma criança dotada de valores, que sabe respeitar o outro que sabe respeitar o outro, que sabe incluir o outro, que sabe até onde ela pode ir, porque a criança sabe, por mais que ela seja um criança ela sabe.

**Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Sim, eu acho que sim. Apesar de que na faculdade não tem muita coisa voltada pra prática, nos estágios a gente vivencia um pouco, mas você chega ali em uma instituição pra fazer estágio, você vai ver aquilo que eles querem te mostrar, você não vai ver a realidade, você não conhece o aluno que está ali naquela sala, quem conhece o aluno que está ali naquela sala é o professor que está ali todos os dias, muitas vezes nem o professor consegue alcançar, muitas vezes nem o professor conhece de fato o aluno que ele tem ali, muito menos quando você está fazendo o estágio, por isso que eu acho que o estágio não dá muita base. É importante a teoria, mas é na prática ali, no dia a dia, é ali vivenciando que você vai aprender de fato.

**Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

A gente segue um planejamento anual, mas também a gente vai de acordo com a necessidade da turma, de acordo com a curiosidade da turma, aquilo que eles se interessam, o planejamento anual é o da escola, mas cada professora faz o seu. A gente busca as atividades em cima do planejamento anual e por exemplo, a gente sabe que tem que trabalhar o lúdico, em cima daquilo a gente busca nos livros literários, a gente usa a internet pra buscar as atividades, a gente busca vídeos.

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda pra vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

A gente tem a formação, sobre o documento eu não sei dizer.

**Para você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

Eu costumo anotar o que deu certo, o que não deu certo, o tipo de atividade que eles não se interessaram, eu costumo fazer um registro reflexivo, faço em um caderno de anotações.

**Quais são as finalidades da educação infantil?**

O primeiro é a interação, os valores morais que são aqueles que tem que vir de cada, mas que no contato com o outro acaba que muitas vezes a criança, ela é filho único, nunca conviveu com ninguém, a gente tem que promover essa interação, tem que mediar isso. É pontapé no desenvolvimento da pessoa, a criança precisa aprender na educação infantil a conviver, participar, expressar, ser.

**O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

Na graduação são as teorias, aí você chega na escola é totalmente diferente, na prática você conhece a realidade da sala, a realidade da criança, é na prática que você vai ter que buscar metodologias pra inserir o aluno.

**O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

Todas as etapas de desenvolvimento assim, é um processo, é o contato com o outro, são os valores, são as vivências e a partir das vivências a partir do contato com o outro ela vai formando ali sua identidade, é o respeito.

**O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

Direcionamento! Direcionar, mediar. Direcionar a criança, não dizendo que a criança é uma folha em branco, porque não é, mas se você deixar, dar o caminho, não querer moldar ela do seu jeito, mas você dar o caminho.

**Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

Eu acho que de acordo com a convivência, por exemplo, muitas vezes você explica para a criança que o coleguinha dela tem dificuldade, tem as suas particularidades e aí de repente você vê ali todo mundo acolhendo ele, todo mundo querendo ajudar, querendo amparar, é claro que tem as vezes também que, não é que a criança exclui a outra, é que as vezes é alguma característica daquela criança que tem maior dificuldade, afasta a outra. Por exemplo uma criança que bate, que tem algum transtorno, e que fica nervosa de vez em quando, acaba batendo na outra, aquilo ali afasta a outra, só que quando você consegue plantar ali a sementinha do respeito do amor da empatia, aí de repente aquela mesma criança que o coleguinha bateu, por ficou nervoso, vai ali e se senta perto dele pra brincar com a massinha, pra brincar com o bloco, eu acho que as vezes elas passam por cima do conflito que teve pra amparar. Eu acho que é isso, a gente percebe que a criança está desenvolvendo ali com a interação de acordo com as atitudes dela com o colega.

**Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

Pra mim é a etapa mais importante, é a etapa que você vai entender que nem tudo você pode fazer sozinho, que nem tudo é do seu jeito, que você vai encontrar ali as dificuldades e que mais pra frente você vai conseguir vencer essas dificuldades, vai conseguir desenvolver, que cada um tem seu tempo. Pra mim ela é a etapa mais importante, é a base. Ela não é apenas

brincadeira, você vai ensinar através do lúdico, de forma lúdica você vai ensinar, tudo tem que ter um fundamento, não é só você ir ali pegar um saco de blocos pedagógicos jogar no chão e falar pra eles irem montar, não é isso não, a gente está trabalhando com o desenvolvimento da pessoa, não é só o brincar por brincar. Eu acho que ela também não é escolarização, isso na minha concepção, mas a gente acaba introduzindo alguma coisa, introduzindo alguma letra, a partir da história do “Bom dia todas as cores”, do camaleão, mas o principal da leitura e da história são os valores morais, são as entrelinhas, a educação infantil não são letras soltas, essas letras soltas vão começar ali no ensino fundamental, que aí é a parte obrigatória já.

### **Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

A criança que frequentou a educação infantil ela vai ter mais facilidade de interagir, de compartilhar, de compartilhar espaço, objetos. Ela vai ter maior facilidade de interação mesmo, de perceber que o outro também é importante, de conviver com o outro.

### **Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

Na minha sala de aula tem várias crianças que tem dificuldade de aprendizagem e que não tem laudo ainda do transtorno, então eu tento organizar colocando uma criança que está mais desenvolvida, que tem maior facilidade junto com aquela criança que não conseguiu ainda, muitas vezes a criança quer sentar junto com a colega que sabe igual, que faz igual, que capricha igual e não quer sentar com o outro que tem dificuldade, aí entra aquela parte da empatia, muitas vezes ela não quer sentar ali junto, mas acaba que a gente pede, a gente estimula, fala que é porque o colega não está conseguindo, a gente fala “vamos ali tentar ajudar” e acaba dando certo. Eu organizo também de acordo com a aula que eu vou dar, por exemplo hoje mesmo a gente está falando da Proclamação da República, então assim, coloquei em fila, normal, quando gente vai fazer uma atividade de pintura eu coloco de dois em dois, eu coloco em círculo, as vezes dois círculos e eu acho que essa é a forma mais certo de trabalhar com criança pequena.

### **Você usa outros espaços dentro da escola?**

Sim o parque, como aqui ainda não tem uma sala de vídeo, quando a gente vai ver filme a gente vê no data show no quadro, o espaço que a gente tem aqui é a sala de aula e o parque, que acaba funcionando como pátio também, que é onde a gente faz as nossas apresentações, as brincadeiras.

### **O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

Cada lugar trabalha de uma forma, a educação infantil em Goiânia não existe letra, é proibido você dar uma folha para a criança pintar um desenho pronto, eu acho que trabalharia mais o lúdico, embora a gente já trabalhe o lúdico, mas acho que precisaria ser mais voltado para o lúdico. Porque a gente precisa introduzir algumas letras números, mas de uma forma mais lúdica.

### **Para você hoje no seu trabalho com as crianças, o que é mais importante?**

Pessoa, pra mim não tem nada mais importante do que gente, eu gosto de gente, eu gosto de gente que gosta de gente. Pra mim não existe nada mais importante do que a pessoa, a criança.

## **ENTREVISTA 11**

**Nome:** (Por uma questão de ética o nome das entrevistadas não será apresentado)

**Qual a sua idade?** 60

**Qual gênero você se identifica?** Feminino

**Qual a sua formação?** Pedagogia e pós em língua portuguesa

**Qual o seu regime de trabalho?** Efetiva

**Qual a sua função na educação infantil?** Professora regente

**Quanto tempo de trabalho?** 26

**Por que você optou por trabalhar na educação infantil?**

Eu gosto mais da educação infantil, eu já dei aula para o primeiro ano também, eu gosto de ver o rendimento da criança, aprender o nome, aprender a ler, os meus alunos já estão sabendo ler palavrinha, isso me encanta, o rendimento.

**Quais são as finalidades educativas da educação escolar?**

Adquirir conhecimento

**O que você entende por educação?**

Educação é a base de tudo, só com educação que a gente pode transformar o mundo, as ideias vão mudando pela educação.

**O que você entende por escola?**

Escola é onde você vai adquirir o conhecimento, porque em casa é a educação familiar, é a educação do ensinar, do aprendizado do ler e escrever é na escola.

**O que você entende por criança?**

É um ser que está assim pra... que está em branco, como se fosse uma folha em branco, que vai adquirindo conhecimento, a cada dia a gente vai vendo o rendimento deles, é isso que me encanta.

**O que você entende por infância?**

É quase a mesma coisa de criança no meu entendimento, porque é a idade de brincar, de aprender brincando, que a gente usa muito isso, e vai ser lembrado a infância dele, quando ele era criança.

**O que é uma criança bem-educada pra você?**

Aí já é a educação que vem de casa, aquela criança que os pais estão sempre presentes, que sempre está ajudando, ele tem um rendimento bem melhor do que aquela criança que os pais as vezes trabalham muito tempo, não tem o tem mesmo, dá até dó, porque as vezes é falta de tempo e não de vontade deles, mas as vezes não dá tempo.

**Você acha que a sua formação/graduação te deu base suficiente para você trabalhar na educação infantil? Explique!**

Deu! Mas o direto com a criança é que a gente vai moldando, porque o que está lá que a gente aprendeu, pra ensinar pra criança a hora que chega junto com vinte trinta criança, não é pra uma criança e o papel aceita tudo, agora vai tá junto com barulho, e saber lidar com aquilo tudo, já é diferente.

**Como você planeja suas atividades? Quais recursos você usa?**

Eu faço planejamento em casa, diário assim semanal, mas todos os dias já têm a data certa, de cada conteúdozinho, e a educação infantil a gente repete muito o conteúdo pra eles aprenderem por repetição também aquele aprendizado. O planejamento é a base, a gente olha muito na

internet, porque ajuda muito, as experiências da gente, troca experiência, as vezes curso, igual tem o AlfaMais Goiás, ele ajuda muito a gente no conteúdo, ele está sendo anual, mas tem os encontros. As vezes atividade de historinha, alguma coisa, diferente, é um pouco diferente, as vezes é pra ajudar a gente mesmo, é um curso pra ajudar o professor na prática.

**Tem algum documento que a Secretaria de Educação de Inhumas manda para vocês, pra nortear o trabalho de vocês?**

Não, até que não.

**Para você planejar suas atividades você tem as vezes um caderno pra te dar uma base pra você saber o que já foi feito e o que não foi feito, pra ver também o desenvolvimento das crianças, como que é isso?**

É o caderno de plano e o que o aluno aprendeu a gente tem as fichas bimestrais, que aí é individual.

**Quais são os objetivos da educação infantil?**

Eu gosto de ensinar, pode brincar, a gente brinca também, se estamos trabalhando os números a gente joga boliche, qual garrafinha que derrubou, qual número que é esse, eu gosto de trabalhar os números as letras, tudo é mais ou menos assim. No começo é mais trabalhado com brincadeiras, e depois as vezes junta palavrinhas, mas eu escrevo no quadro e eles já vão lendo.

**Quais são as finalidades da educação infantil?**

Eles aprendem na educação infantil as letras os números, a socializar, a criança que nunca estudou ou ela fica tímida ou retraída demais, ou então ela vai ficar custozinha demais, porque está perdidinha, sem ter passado por essa etapa e aí já vai para o primeiro ano, aí ele vai ficar levantando demais, atrapalhando a professora, atrapalhando os colegas. Eu acho que a educação infantil é escolarização sim, já tem um pouquinho, não é nada cobrado, eles aprendem assim tão espontâneo, porque já estão querendo, eles nem percebem quando já estão dando conta. Eu não digo antecipar o conteúdo do ensino fundamental, eu digo letras, porque aí já saem da minha salinha sabendo ler e escrever, aí ele não vai ter dificuldade com os próximos conteúdos, porque aí é conteúdo mesmo, porque a gente ensina mais a ler e a escrever, conhecer os números, então aí lá na frente eles não vão aprender só letras e números, eles vão ter outras coisas pra ver, outros conteúdos, continhas, aqui a gente faz mais ludicamente, não é no caderno, com probleminha, continha, aí já é mais no ensino fundamental. Eu acho que a primeira finalidade é a socialização, porque eles não são obrigados a aprender, eles vêm aqui pra socializar, só que a gente vai trabalhando de um jeito que a criança socializa e aprende, a convivência com os colegas, ser amigo, respeitar o outro.

**Quantos alunos você tem na sua sala? 19**

**O que a prática com a educação infantil te mostrou para além da sua formação inicial?**

A experiência, a faculdade não têm experiência.

**O que você entende como sendo desenvolvimento humano?**

É o desenvolvimento de cada ser, você tem um desenvolvimento, eu tenho outro, a criança tem outro, eu acho que isso é individual de cada um, cada um tem o seu desenvolvimento a sua época o seu estalo, até a gente adulto, tem uns que aprende mais rápido que o outro, da individualidade de cada um, é o desenvolvimento de cada um.

**O que você acha que é um fator importante para o desenvolvimento efetivo da criança?**

Primeiro a gente motivar pra ele ter interesse em aprender aquilo que a gente quer passar pra eles, tem que ter interesse, tem que ter motivação, a gente pode despertar isso com música, pode ser com algum teatrinho, pode ser com alguma historinha, falar a letra. Eu tive uma aluna que chegou na minha sala e disse “oh tia eu quero aprender a escrever igual a gente grande”, eu não esqueço disso, bonitinho demais e saiu escrevendo igual gente grande.

### **Como você percebe o desenvolvimento das crianças na sua sala de aula?**

É pela leitura, é pela atividade escrita, tem uns tem dificuldade, mas a gente vai dar uma ajudazinha, vai tipo moldando ele e ele pega em uma facilidade depois, igual a letra F mesmo, gente que dificuldade o tal do F, saia parecendo um lacinho, agora eu falo pra eles “você lembram como você sofreram pra fazer esse F”, só que eles sofreram dizendo que davam conta, eu digo que nunca fala que não dá conta, eu vou tentar, vou conseguir, se eu não dei conta agora vou tentar de novo, que consegue.

### **Qual a importância da educação infantil dentro do contexto de ensino, dentro da educação básica?**

A educação infantil é a preparação, é o primeiro passo da criança, igual os meus eles saem lendo e escrevendo, então eles chegam no primeiro ano lendo e escrevendo, ali é uma maravilha para eles e para a professora, mas simplesmente tem outras que não conseguem ler e escrever, aí já dá aquele baque, as vezes assusta, as vezes a criança perde um pouquinho o interesse porque vê que todo mundo está dando conta e ela não dá, eles mesmos já vão se comparando, mas quando a criança tem interesse e a professora vai estimulando, logo a criança pega o jeito, porque eu dei aula no primeiro ano do ensino fundamental também, mas eu gosto mais da educação infantil.

### **Qual a importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança?**

Na educação infantil aprende, ele aprende brincando, aprende praticando, eu peguei duas crianças que nunca estudou, que não passou pelo primeiro período, os meus são do segundo período, já entram com cinco e seis anos, eles têm vontade e estão conseguindo, mas o começo foi difícil até pra eles, eles não sabiam nem pegar no lápis, aquela dificuldade. Eu acho que tem que passar pela educação infantil primeiro, porque é etapa, as vezes o pai pensa “não vou por não porque vai sofrer, deixa para o ano que vem, ainda está muito pequeno”, eu acho que aí que está atrapalhando, porque se o pai ajudar, por já no primeiro aninho, a criança já vem sabendo cores, sabendo tanta coisa do mundo deles, então eles não vêm vazio completo, eles têm o aprendizado do dia a dia. A educação infantil não é só brincadeira, tem brincadeira, mas tem que ensinar também, eles aprendem muito, gente a criança tem um potencial que deixa a gente impressionada, tem hora que eu chego arrepiado de ver e é bom demais. Eu acredito que os valores vêm de casa e a gente vai moldando os que já vieram, as vezes não está bem moldado, as palavrinhas mágicas, o bater, o querer, o tomar alguma coisa, já são um dos valores que a gente vai moldando.

### **Como você organiza sua sala de aula? Ela está sempre do mesmo jeito? Como você vê o corpo da criança na sua sala de aula?**

A sala é meio pequena, então não dá pra fazer círculo, fica meio de filinha mesmo, porque é apertadinho, então não dá muito pra pôr em círculo, mas tem material visual na parede, os números, a gente lê, a gente mostra, aí a criança que no começo do ano não sabia o que era o número cinco, aí eu mostrava pra ela, mas é bem uma linguagem infantil mesmo e aí já voltavam e achavam os números. Tem o calendário na parede, tem as palavrinhas mágicas. A organização é mais sentadinhos mesmo, quando a gente vai trabalhar um trabalhinho de grupo já junta os grupinhos.

**Você usa outros espaços dentro da escola?**

Utilizamos o galpão, tem o parquinho lá atrás.

**O que você mudaria no modelo de educação infantil que temos?**

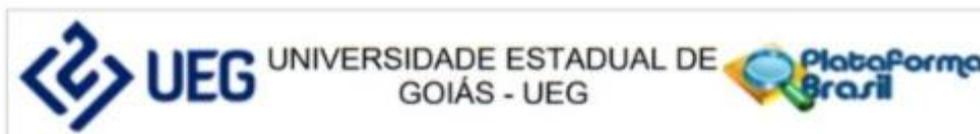
Porque sempre as mudanças é pra tentar melhor, então as vezes esses cursos vêm pra ajudar, pra somar, eu acho que do jeito que tá, está no caminho certo, tem muito pra aprender, pra melhorar, mas está no caminho certo, eu acho que quem está lá em cima está tentando fazer o melhor pra passar pra gente.

**Para você hoje no seu trabalho com as crianças, o que é mais importante?**

A presença delas né, porque as vezes falta muita criança, então eu gosto que venham todas. Às vezes eu falo “nossa hoje vieram tão pouco”, eu já gosto que venha todas, se são meus alunos, porque é uma somatória, o conteúdo por exemplo, mesmo a brincadeira, é uma somatória, as veze brinca hoje pra aprender outra coisa amanhã, então se falta já perdeu, já fica assim meio vago pra eles, acho que faz falta, eu não gosto que falta criança, só quando está doentinho né.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – PARECER COMITÊ DE ÉTICA (CEP) APROVADO



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A EDUCAÇÃO INFANTIL PÚBLICA E AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS COM BASE NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

**Pesquisador:** MAYARA PEREIRA DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 68506023.6.0000.8113

**Instituição Proponente:** UEG - Câmpus Inhumas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.255.088

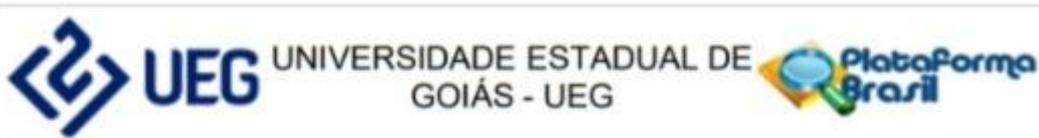
**Apresentação do Projeto:**

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos arquivos Informações Básicas da Pesquisa ("PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2106155.pdf", de 01/06/2023) e projeto detalhado ("Projeto\_comite\_revisado.pdf", de 01/06/2023) e versões posteriores: "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2106155.pdf", de 30/06/2023 e "Projeto\_comite\_versao\_3.pdf", de 30/06/2023.

**Resumo:**

Este projeto propõe questões relacionadas à educação infantil, especificamente, sobre o desenvolvimento humano da criança. Desde a gestação dessa pesquisa os questionamentos são inúmeros, sobretudo pensando em uma educação infantil pública e de qualidade e se propõe a pesquisar: Como podemos caracterizar as intervenções no campo prático da educação infantil e seus processos de desenvolvimento humano integral? Essa pesquisa se justifica para analisar se os documentos norteadores para o trabalho na educação infantil estão contribuindo para potencializar o desenvolvimento humano integral da criança. O objetivo desta pesquisa é caracterizar as intervenções pedagógicas que são realizadas na educação infantil e se estas contribuem para o desenvolvimento humano integral da criança. Pretende-se analisar as influências das políticas educacionais no contexto institucional e refletir se o desenvolvimento da

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Témoo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.255.088

criança está acontecendo, e como está acontecendo a partir dessas novas políticas orientadoras. Inscreve-se esta pesquisa na abordagem qualitativa, ancorando-se na Teoria histórico-cultural que se iniciou com os estudos de Vigotski, portanto é uma pesquisa sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético. Os procedimentos de coleta de dados constituirão de levantamento bibliográfico e de entrevistas parcialmente estruturadas que serão realizadas com os professores e professoras da educação infantil de quatro escolas da cidade de Inhumas em Goiás, estas serão: Escola Municipal Horas Felizes, Escola Municipal Dentinho de Leite, Escola Municipal Roberto Alcântara Bel e Escola Municipal Peralta, para essa pesquisa a prioridade de escolha das instituições, foram para as que atendessem apenas a educação infantil, já que temos na cidade de Inhumas instituições que oferecem as duas fases da educação básica no mesmo lugar, educação infantil e ensino fundamental, portanto essas instituições foram às escolhidas por oferecerem exclusivamente a educação infantil. Considera-se que esta pesquisa poderá contribuir, dentro dos limites de uma pesquisa científica, com a comunidade acadêmica, pesquisadores e também com os trabalhadores e trabalhadoras dessas instituições para que se possa pensar e refletir sobre a prática pedagógica e se esta potencializa o desenvolvimento humano integral da criança, pois terá como objetivo discutir com um maior aprofundamento o processo de desenvolvimento humano da criança e as políticas norteadoras do trabalho na educação infantil da cidade de Inhumas em Goiás.

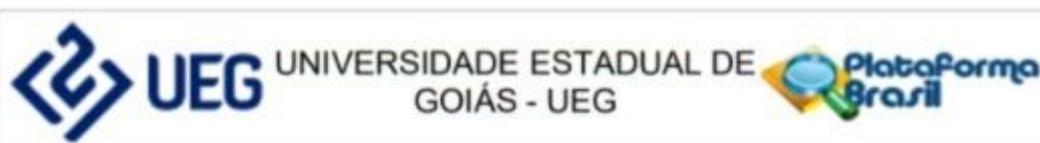
Hipótese:

Não se aplica.

Metodologia Proposta:

Esta será uma pesquisa exploratória [...] terá um enfoque qualitativo com entrevistas parcialmente estruturadas com os professores e professoras da educação infantil para compreender e identificar como estão sendo feitas as intervenções pedagógicas dessas instituições [...]. [...] será feita também uma análise dos documentos pedagógicos orientadores para essas instituições. Para a escolha das instituições, optamos por delimitar as que atendessem exclusivamente a educação infantil [...]: Escola Municipal Horas Felizes, Escola Municipal Dentinho de Leite, Escola Municipal Roberto Alcântara Bel e Escola Municipal Peralta. Para mapear as intervenções pedagógicas dessas instituições será feita a entrevista com quatro professoras/professores de cada Unidade, totalizando dezesseis entrevistados, a prioridade para as entrevistas será para com os professores que atendam as crianças de 4 e 5 anos. As entrevistas compor-se-ão como instrumentos para a

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
 Bairro: FAZENDA BARRERO DO MEIO CEP: 75.132-903  
 UF: GO Município: ANAPOLIS  
 Telefone: (62)3328-1439 E-mail: oep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.255.088

coleta dos dados dessa pesquisa, visando a responder a pergunta norteadora do trabalho que é: como podemos caracterizar as intervenções no campo prático da educação infantil e seus processos de desenvolvimento humano integral? [...] A previsão de entrevistados é de dezesseis professores ou professoras [...]. [...] os critérios de participação [...]: estar no trabalho docente na secretaria municipal de Inhumas, trabalhando em uma das escolas selecionadas e a prioridade é que atendam as crianças de quatro e cinco anos.

#### Metodologia de Análise de Dados:

A análise documental será um recurso utilizado para analisar os documentos selecionados neste estudo, ancorando-se na ideia de Lüdke e André (2013, p. 45) que ela pode "[...] se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema". [...].

#### Critério de Inclusão:

Foi incluído na descrição da metodologia.

#### Critério de Exclusão:

Não consta.

Tamanho da Amostra no Brasil: 16

#### Objetivo da Pesquisa:

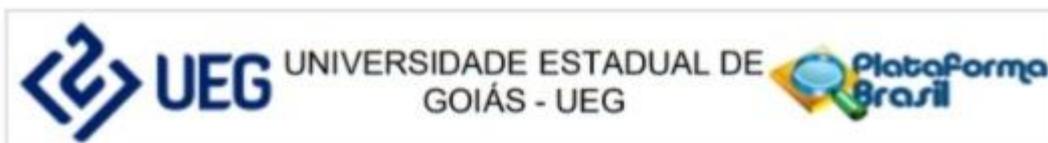
Objetivo primário:

Analisar a percepção dos professores acerca do processo metodológico e didático dos professores da educação infantil e compreender se estes contribuem para o desenvolvimento humano integral da criança.

Objetivos secundários:

- Analisar as diretrizes curriculares nacionais e municipais para a educação infantil.
- Compreender o processo de desenvolvimento humano integral da criança partindo da nossa base teórica.
- Discutir a atividade pedagógica da instituição a partir da entrevista com os professores e sua importância para o desenvolvimento humano integral da criança.

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
 Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO CEP: 75.132-903  
 UF: GO Município: ANAPOLIS  
 Telefone: (62)3328-1439 E-mail: cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.255.088

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

##### **Riscos:**

A pesquisa poderá oferecer risco mínimo de origem psicológica, intelectual ou emocional pela probabilidade de desconforto, estresse, cansaço, possibilidade de constrangimento, disponibilidade de tempo para responder a entrevista e desconforto emocional relacionado a presença do pesquisador. A pesquisadora tentará minimizar os riscos deixando claro ao participante o sigilo em relação as suas respostas, as quais serão tidas como confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos.

##### **Benefícios:**

Irá proporcionar aos participantes da pesquisa pensar e refletir sobre a prática com o pesquisador. Contribuir para uma boa investigação acerca de uma educação infantil pública de qualidade e dentre os possíveis benefícios prevemos a oportunidade de pensar uma educação infantil pública e de qualidade considerando que esta pesquisa oportunizará, dentro dos limites, à comunidade uma discussão mais aprofundada sobre a educação infantil e sobre o processo de desenvolvimento humano da criança.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

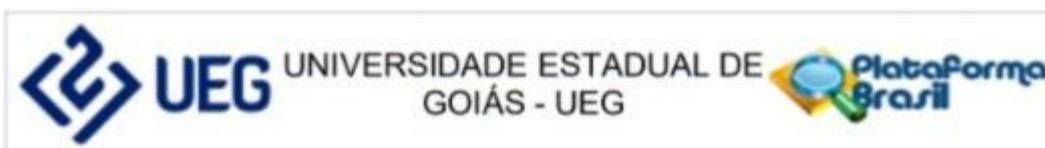
#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Prezado/a pesquisador/a,

Os elementos postos a seguir, como Lista de inadequações e pendências emitidas no parecer CEP nº 6.255.088, visam garantir as exigências legais de integridade do parecer.

1. Quanto ao Projeto Detalhado e às Informações Básicas da Pesquisa – referente aos arquivos "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2106155.pdf" e "Projeto\_comite.pdf", postados na Plataforma Brasil em 05/04/2023 e versões posteriores: "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2106155.pdf", de 30/06/2023 e "Projeto\_comite\_versao\_3.pdf", de 30/06/2023:

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco II, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.255.088

#### 1.1. Critério de inclusão e exclusão

Solicita-se inserir, no projeto detalhado, os critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa devendo estes ser apresentados de acordo com as exigências da metodologia a ser utilizada (Norma Operacional CNS n.º 001, de 2013, item 3.4.1.11).

**RESPOSTA** (referente à versão 2): Os critérios de inclusão foram inseridos na seção que descreve a metodologia da pesquisa.

**ANÁLISE:** PENDÊNCIA ATENDIDA.

#### 1.2 Local de realização da pesquisa

Todos os protocolos de pesquisa devem conter, obrigatoriamente, os locais onde ocorrerão as etapas da pesquisa. É informado apenas que a pesquisa será realizada na cidade de Inhumas (GO). Solicita-se inserir, no projeto detalhado, informações sobre o(s) local(is) específico(s) de realização da pesquisa, isto é, a(s) escola(s) na(s) qual(is) a pesquisa ocorrerá (Norma Operacional CNS n.º 001, de 2013, item 3.4.1.5).

**RESPOSTA** (referente à versão 2): Os locais de realização da pesquisa foram inseridos na seção que descreve a metodologia. Solicita-se a inclusão, no conjunto da documentação, do termo de anuência das instituições assinado pelo responsável.

**ANÁLISE:** PENDÊNCIA PARCIALMENTE ATENDIDA.

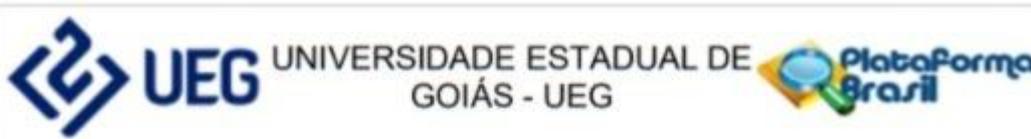
**RESPOSTA** (referente à versão 3): O termo de anuência das instituições assinado pelo responsável foi incluído no protocolo.

**ANÁLISE:** PENDÊNCIA ATENDIDA.

#### 1.3 Metodologia

1.3.1 Solicita-se inserir, no projeto detalhado, a descrição pormenorizada das etapas e procedimentos da pesquisa, com embasamento nas fundamentações científicas (Norma Operacional CNS n.º 001, de 2013, item 3.4.1.8) para que este CEP possa proceder à análise ética. Por exemplo, deve-se descrever de forma detalhada itens como: a) campo de pesquisa; b) entrada em campo; c) potenciais participantes; c) forma de abordagem/recrutamento dos participantes; d) instrumentos de coleta/geração de dados; e) conjunto de dados que será analisado etc.

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco II, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.255.088

**RESPOSTA** (referente à versão 2): A descrição da metodologia foi alterada, de forma a contemplar a solicitação apresentada neste item.

**ANÁLISE:** PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.3.1 O resumo do projeto e o TCLE mencionam "observação" como um procedimento complementar da pesquisa. Nesse sentido, solicita-se esclarecimento sobre a atualização ou não dessa técnica. Caso esse seja um dos instrumentos/técnicas de geração de dados a ser usado, é necessário que conste na metodológica da pesquisa, detalhando-se: a) o espaço social que será observado; b) duração da observação; c) prática social que será observada; d) agentes sociais que serão observados; e) os dados/informações que constarão nos registros da observação. Ressalte-se ainda que, caso a técnica da observação venha ser realmente usada, é necessário acrescentar novos documentos ao protocolo: TCLE aplicado aos pais e TCLE aplicado ao/a professor/a da(s) turma(s) a ser(em) observada(s). Esses novos documentos são necessários porque a observação implica a presença da pesquisadora no ambiente de sala de aula e possível interação com as crianças e com o/a professor. Nesse caso, os pais/responsáveis e o/a professor/a devem assentir com esse procedimento.

**RESPOSTA** (referente à versão 2): A metodologia da pesquisa foi alterada. A observação foi excluída como um dos procedimentos de pesquisa.

**ANÁLISE:** PENDÊNCIA ATENDIDA.

#### 1.4 Objetivos

Os objetivos da pesquisa não estabelecem relação direta com o principal instrumento de geração de dados que será utilizado, a entrevista com docentes. Os objetivos estão relacionados com a técnica da observação. Solicita-se adequação.

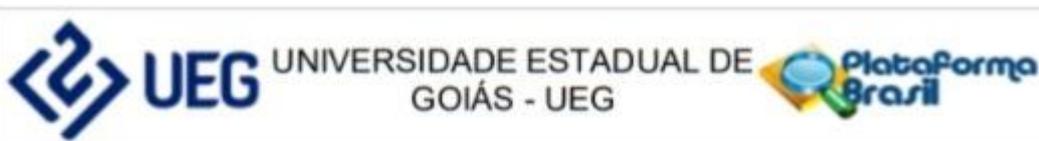
**RESPOSTA** (referente à versão 2): Embora a observação tenha sido excluída da metodologia da pesquisa, os objetivos permanecem associados a esse procedimento.

**ANÁLISE:** PENDÊNCIA NÃO ATENDIDA.

**RESPOSTA** (referente à versão 3): Os objetivos foram alterados conforme a solicitação.

**ANÁLISE:** PENDÊNCIA ATENDIDA.

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco II, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARRERO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.255.088

2 Quanto ao Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE/RCLE) - referente ao arquivo "TCLE\_Comite", postado na Plataforma Brasil em 05/04/2023:

2.1 Quanto ao acesso aos resultados e retorno à comunidade

Solicita-se incluir, no Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, o compromisso do/a pesquisador/a em divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou à população que foi pesquisada (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 3º, Inciso IV; Artigo 17, Inciso VI).

RESPOSTA (referente à versão 2): A nova versão do TCLE ("TCLE\_revisado.pdf", de 01/06/2023) atende à solicitação.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.2 Quanto à linguagem

Solicita-se ainda que todo o texto do TCLE e do projeto (e em especial a seção que trata da metodologia) passe por revisão textual para que haja maior clareza no que se pretende dizer. Por exemplo, o trecho do TCLE, que trata de aspectos metodológicos da pesquisa, não apresenta clareza suficiente: "Os trechos das entrevistas compor-se-ão a estrutura textual vista que para Severino 'o pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam' (2016, p. 131) considerando o intuito de realizar uma discussão, como dados qualitativos para análise complementando com a observação que para este mesmo autor 'é uma etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa' (2016, p. 134), com base sempre no materialismo histórico dialético e com a teoria histórico-cultural" (grifo da autora).

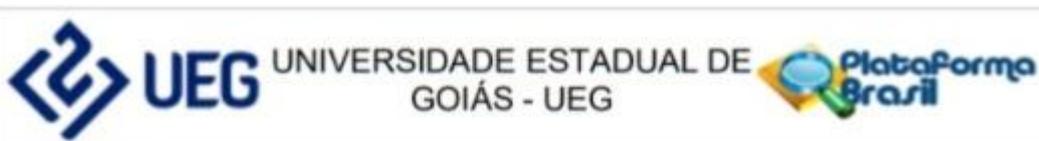
RESPOSTA (referente à versão 2): A nova versão do TCLE ("TCLE\_revisado.pdf", de 01/06/2023) foi revisada. O texto apresenta linguagem aceitável.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.3 Quanto à numeração de páginas

De forma a garantir sua integridade, o documento deve apresentar a numeração das páginas, recomendando-se, ainda, que essa seja inserida de forma a indicar, também, o número total de páginas, por exemplo: 1 de 2, 2 de 2. Solicita-se adequação.

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1430 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.255.088

RESPOSTA (referente à versão 2): A nova versão do TCLE ("TCLE\_revisado.pdf", de 01/06/2023) apresenta o mesmo problema de paginação identificado na versão anterior. Portanto, solicita-se novamente a adequação do documento quanto à paginação.

ANÁLISE: PENDÊNCIA NÃO ATENDIDA.

RESPOSTA (referente à versão 3): A nova versão do TCLE ("TCLE\_revisado\_versao\_3.pdf", de 01/06/2023) apresenta a paginação da forma adequada.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

#### 2.4 Quanto aos procedimentos da pesquisa

Considerando-se que a metodologia da pesquisa deverá ser reelaborada, conforme recomendado acima, solicita-se que o texto do TCLE também seja alterado. É necessário que o texto do TCLE apresente ao possível participante, em linguagem simples, clara e objetiva, como se será a pesquisa e qual será sua colaboração.

Observou-se que o TCLE não apresenta informações suficientes sobre os procedimentos a serem realizados na pesquisa. Assim, solicita-se descrever, em linguagem simples, clara e objetiva, todos os procedimentos envolvidos na pesquisa, com o detalhamento dos instrumentos/técnicas a serem utilizados (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Inciso I).

RESPOSTA (referente à versão 2): A metodologia da pesquisa foi alterada. A observação foi excluída como um dos procedimentos de pesquisa. A nova versão do TCLE ("TCLE\_revisado.pdf", de 01/06/2023) apresenta a descrição da metodologia de modo satisfatório.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

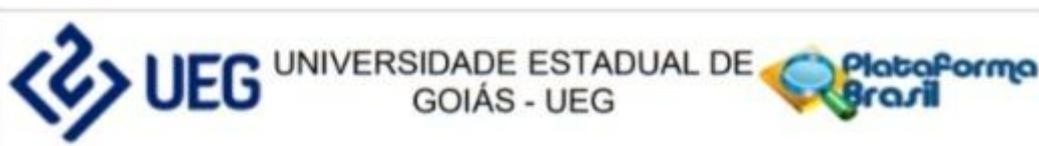
#### CONCLUSÃO DO PARECER: APROVADO

##### Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado/a pesquisador/a,

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP/UEG, considera o presente protocolo APROVADO. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que o relatório parcial de pesquisa deverá ser enviado comunicando ao CEP a ocorrência de eventos adversos

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco II, Térreo  
 Bairro: FAZENDA BARRERO DO MEIO CEP: 75.132-903  
 UF: GO Município: ANAPOLIS  
 Telefone: (62)3328-1439 E-mail: cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.255.088

esperados ou não esperados, conforme disposto na Norma Operacional do CNS nº 001/2013.

O prazo para a entrega do Relatório Final, via notificação na Plataforma Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Os modelos de Relatório Parcial e Final da pesquisa estão disponíveis no site do CEP/UEG.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2106155.pdf	30/06/2023 17:09:43		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_revisado-versao_3.pdf	30/06/2023 17:07:30	MAYARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_anuencia_corrigido.pdf	30/06/2023 17:06:09	MAYARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_comite-versao_3.pdf	30/06/2023 17:05:24	MAYARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Cronograma	Conograma_e_orcamento_Comite.pdf	05/04/2023 11:20:14	MAYARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Instrumento_de_Coleta_de_Dados_Comite.pdf	05/04/2023 11:16:17	MAYARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Termo_de_anuencia_Comiteassinado.pdf	05/04/2023 11:13:29	MAYARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_Comiteassinado.pdf	05/04/2023 11:08:17	MAYARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Comiteassinada.pdf	05/04/2023 11:00:00	MAYARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito

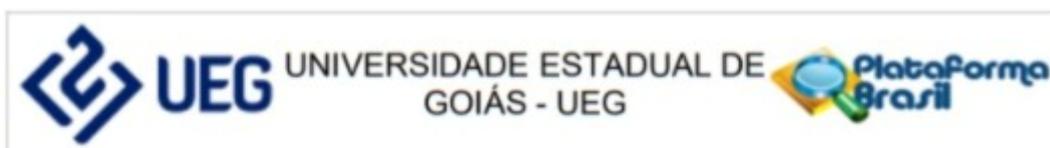
**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco II, Térreo  
 Bairro: FAZENDA BARREIRO DOMEIO CEP: 75.132-903  
 UF: GO Município: ANAPOLIS  
 Telefone: (62)3328-1439 E-mail: cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.255.088

ANAPOLIS, 22 de Agosto de 2023

---

**Assinado por:**  
**PATRICIA FERREIRA DA SILVA CASTRO**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO      **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO      **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439      **E-mail:** cep@ueg.br